



Senhorita **AURORA**

Um romance intenso de
BABI A. SETTE

Senhorita AURORA

Um romance intenso de

BABI A. SETTE

Capa: Marina Avila
Copidesque e Revisão: Carla Santos
Diagramação: Cristiane Saavedra

Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento por escrito da autora.



Companhia de Ballet de Londres *Apresenta:*

Edward Evans, Daniel Hunter: diretores

Numa performance de:

A Bela Adormecida

Daniel Hunter - maestro.

Richard Northon - segundo maestro.

*Nicole Alves, Marie Pizziani, Nathalia Abbey, Catarina Melnikov, Isabella Rizzo,
Ivo Gontcharov, Robert Durven, John Malcom, Dennis Strubel, Kirk Poole.*

Corpo de balé da Academia de Ballet de Londres

PROGRAMA

Prólogo: O Batizado

Ato 2 - A Visão

Ato 1 - O feitiço

Ato 3 - O Casamento

Índice

[Capa](#)
[Ficha Técnica](#)
[Programa](#)
[Prólogo](#)
[Capítulo 1](#)
[Capítulo 2](#)
[Ato 1 - O Feitiço](#)
[Capítulo 3](#)
[Capítulo 4](#)
[Capítulo 5](#)
[Capítulo 6](#)
[Capítulo 7](#)
[Capítulo 8](#)
[Capítulo 9](#)
[Capítulo 10](#)
[Capítulo 11](#)
[Capítulo 12](#)
[Capítulo 13](#)
[Capítulo 14](#)
[Capítulo 15](#)
[Capítulo 16](#)
[Capítulo 17](#)
[Capítulo 18](#)
[Capítulo 19](#)
[Capítulo 20](#)
[Capítulo 21](#)
[Capítulo 22](#)
[Capítulo 23](#)
[Capítulo 24](#)
[Capítulo 25](#)
[Capítulo 26](#)
[Capítulo 27](#)
[Capítulo 28](#)
[Capítulo 29](#)
[Ato 2 - A Visão](#)
[Capítulo 30](#)
[Capítulo 31](#)
[Capítulo 32](#)
[Capítulo 33](#)
[Capítulo 34](#)
[Capítulo 35](#)
[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Ato 3 - O Casamento](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 53](#)

[Capítulo 54](#)

[Capítulo 55](#)

[Epílogo](#)

[Nota da Autora](#)

[Playlist](#)

[Agradecimentos](#)

[Biografia](#)



Prólogo

O Balizado

— Nicole Alves. — Ouvi e respirei fundo antes de me levantar. Fiz um último ajuste nas fitas de cetim que envolviam meus tornozelos. Elas eram como as artérias das minhas pernas. Dei um passo: lembrei dos olhos da minha mãe cheios de expectativa. Mais um passo: todas as bolhas e calos que me levaram até ali. Outro passo dado e minha memória foi invadida pelas horas sem fim diante da barra, em frente ao espelho, as milhares de repetições dos movimentos. Outro passo: o corpo levado ao limite em busca da perfeição.

O caminho até ali não foi fácil. E não estava pensando na distância que percorria até o palco. Como um filme mental, revi minha mãe arrumando meu cabelo em frente ao espelho antes das aulas; as noites em que chorei pensando em desistir, enquanto ouvia o barulho da máquina de costura dela fazer hora extra durante as madrugadas, a fim de que eu pudesse dançar.

Minha mãe dizia sempre e repetia todos os dias e todas as noites: *“Não, você não pode parar. Uma bailarina de verdade não desiste nunca... Você tem que ser perfeita e brilhar”*. No fundo, lá no fundo — e isso eu tentava não admitir nem para mim mesma —, era a ela quem eu queria agradar em primeiro lugar. Era para ela que eu dançaria ali, naquele palco, e não apenas para os jurados.

Parei, sentindo o coração na ponta dos pés. Inspirei o ar denso do teatro, ele pareceu quente e difícil de tragar. De olhos fechados, senti a alma transpirar através da pele. Abri os olhos e notei que alguns dos jurados olhavam para mim, outros ainda viravam as folhas de papel.

“Você tem que ser perfeita”, a voz da minha mãe vibrou dentro de mim.

O silêncio do teatro era ecoado por sons humanos: um pigarrear, o dobrar de folhas e a minha respiração sofrida que, tinha certeza, era ouvida do lado de fora.

Tentava me convencer de que só o fato de estar entre os trinta finalistas já significava tudo. Essa mania meio estranha que temos de buscar consolo com a possível derrota, antes mesmo de ela acontecer. Foram mais de dez mil inscritos espalhados pelo mundo, na luta por quinze vagas.

Quinze sortudos.

Quinze pessoas que ganhariam o mundo.

Quinze é muito?

Parecia tão pouco.

Parecia tudo.

A primeira fase foi feita através de um DVD apresentando uma variação livre de uma lista de clássicos pré-selecionados. Enviei minha gravação há seis meses para a Inglaterra. Então, restaram mil e quinhentos bailarinos.

Esse ano, a fase final acontecia no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. A cada dois anos, a escola da Academia de *Ballet* de Londres elegia um palco do mundo para receber a última fase do seu maior prêmio.

Eu sabia que o fato de estar em casa, no Rio de Janeiro, não significava nada em cima daquele palco, não ajudaria a decidir quem ganharia a chance de andar sobre pontas para sempre. O que, com certeza, uma bolsa de estudo, durante dois anos, em uma das escolas de balé mais importantes do mundo, poderia tornar realidade.

Só quem tem o balé injetado no sangue é que sabe o que isso significa.

Para mim, o balé sempre foi meu oxigênio.

Com quatro anos calcei minha primeira sapatilha.

Com seis, fui aceita na melhor e mais rígida escola do Rio de Janeiro — na época fui considerada uma bailarina prodígio.

Com oito, vesti a peça mais importante do mundo. Não foi o primeiro sutiã, e sim a primeira ponta.

Durante anos, dancei de seis a oito horas por dia.

Eram quinze sapatilhas gastas por mês. Dezenas de meias, *collants*, grampos; agulhas, linhas, fitas. Centenas de ajustes nas mesmas sapatilhas, que eram mais comuns do que escova e pasta de dentes.

Todo o meu mundo era o balé e agora a sobrevivência dele dependia de três fases e nove jurados. Quatro deles foram ídolos do balé mundial, além de serem os meus. Os outros cinco eram do corpo diretivo da escola de Londres.

Nove pessoas e dezoito pares de olhos que julgavam arte, adequação física, coragem e individualidade esperavam uma resposta criativa e sensível à música: a compreensão clara na comunicação de diferentes dinâmicas de movimento. Queriam encontrar facilidade técnica, controle e coordenação.

Uma apresentação de dança clássica, uma contemporânea e uma variação livre.

Essa era a fase final e a minha vida estava na mão de todos esses números.

— Nicole Alves — um dos jurados me chamou. — Você dançará agora uma Variação de Gamzatti¹, certo?

— Sim.

— Está pronta?

— Estou. — Fechei os olhos e ouvi os primeiros acordes da música preencher o teatro.



Capítulo 1

*“How can you see into my eyes
like open doors
leading you down into my core
where I’ve become so numb?”
Bring me to life – Evanescence*

O avião era enorme e as pessoas acomodavam as malas e tentavam se ajustar entre as cadeiras.

Por que em um avião gigante sobra tão pouco espaço para os corpos dos passageiros?

Ao menos na classe econômica. Para alguém pequena e flexível, como eu, ok, dava para passar... Mas para pessoas grandes e tensas... Deus, isso devia ser horrível.

Ah sim, desculpe não ter me apresentado. Sou uma menina de cabelos castanhos, presos em um coque alto, e olhos meio amarelos de cor indefinida, vestindo meia-calça fio 70, polainas de lã e moletom enorme! E estou lendo o livro com a história do balé de Nova Iorque e mascando um chiclete como se ele fosse o bem mais vital do universo.

Eu, Nicole Alves, estou indo a Londres para realizar meu sonho.

Parecia tão maravilhoso que ainda não tinha entendido que era de verdade.

Um mês atrás foi a audição mais importante da minha vida, lembram? Eu consegui. Era uma das quinze sortudas indo para o Reino Unido.

Até então, Rio de Janeiro, Teresópolis e Belo Horizonte tinham sido as maiores viagens que já tinha feito. E agora? Nova Iorque e Londres, minha nova casa.

Tinha acabado de passar uma semana em Nova Iorque. Essa visita me deu o direito de participar das aulas e fazer um tour pela cidade, porque fazia parte do prêmio pela conquista da vaga para estudar na escola da Companhia de *Ballet* de Londres.

Meu telefone tocou e vi no visor que era a minha mãe.

Tinha acabado de falar com ela há dez minutos. Mesmo assim, bufei e atendi.

— Oi.

— *Já está dentro do avião?* — Revirei os olhos com a sua pergunta.

— Já, mãe.

— *Você se lembrou de colocar o agasalho e proteger as pernas com aquela meia de pressão?*

Ah, mas que saco!

— Sim, é claro que lembrei, mãe — respondi tentando soar um pouco ríspida para que ela parasse.

— *E... você conseguiu conhecer alguém nessa semana, aí no balé em Nova Iorque?*

Ela já tinha me feito essa pergunta mais de uma vez e eu sabia o que estava por trás dela: controle. Essa mania insuportável que minha mãe tinha de querer controlar tudo em minha vida e, claro, de julgar tudo como bom ou ruim. Olhei para o lado e vi o grupo de dez bailarinos que viajavam comigo, eles estavam sentados juntos. Eu era a única deslocada da turma e aquilo me irritou.

— Você sabe que eu não ligo para isso, vim aqui pelo balé e não para fazer amigos.

Ela ficou quieta. Acho que respondi de forma grosseira. Eu sacudi a cabeça, arrependida.

— Mãe... só me deixa fazer do meu jeito, ok? Qual o problema que eu não tenha me enturmado ainda? Você acha que não sou capaz nem mesmo de fazer amigos? — murmurei.

Ouvi sua respiração longa do outro lado da linha.

— *Ah, que besteira... é isso que você acha de mim, depois de tudo o que fiz e faço por você?.*

— Não, mãe, eu... me desculpe, tudo ficará bem e... — Parei tentando enxergar as coisas, como sempre fazia em relação a ela: essa era a maneira como ela lidava com as coisas e expressava o amor: cobrando.

— Tripulação, portas em automático. — O som do alto-falante chamou a minha atenção para o avião.

— Mãe, eu tenho que desligar, acho que vamos decolar logo mais.

— *Boa viagem e me ligue chegando lá.*

— Ok. — E desligamos sem dizer “eu te amo” uma para a outra.

Era tão raro ouvir essas palavras dela que, com o passar do tempo, se tornou difícil para eu dizê-las também. Por que será que dizer “eu te amo” para as pessoas que mais amamos na vida pode parecer difícil, ou até mesmo desnecessário?

Mergulhada nos pensamentos, acho que demorei mais do que as outras pessoas para reparar no cara que estava quase gritando com alguém no telefone e que naquele instante parou na frente da minha fileira, me olhou com cara de “mastiguei um limão” e disse ao aparelho:

— Eu já ligo de volta, vou tentar colocar minha mala dentro de uma caixa de fósforos.

Então ele começou a empurrar a mala para dentro do bagageiro como se estivesse cometendo um homicídio. Parou, encarando o tal bagageiro como se o mesmo fosse um monstro, com as mãos na cintura e ofegante, voltou a tentar, tentar não, a surrar a porta com porradas para baixo para que a mesma fosse fechada — ou morta. Ele era um cara grande, não do tipo gigante, mas muito forte. A camiseta branca, meio justa, escondia um pouco os músculos nos braços e, conforme ele nocauteava o bagageiro, ela subia e...

Sabe aquele V?

Aquele por qual todas as meninas morrem em um homem? Ele estava lá.

Como bailarina, conhecia homens fortes, mas esse cara não era nada parecido com a força que eu entendia. Ele tinha uma aura meio bruta e selvagem!

Talvez fosse a tatuagem: um tribal largo circundando os bíceps que era a causa desse astral bad boy. E se não fosse pela barba tipo Moisés que ele usava, até daria para ver como era o rosto do motoqueiro.

Por que motoqueiro?

Sei lá, estereótipos que a sua mente cria e pronto. Despertei do meu transe em cima do assassino de compartimentos em aviões, com a quarta porrada dele no mesmo e, enfim, uma comissária de bordo com pena da porta, veio interceder:

— Senhor, me deixe fazer isso, está bem?

Ele parou sem dizer nada, nem um “obrigado”. Eu estava na janela e ele ficaria no meio, o cara do corredor teve que levantar para ele passar. E, mais uma vez, não rolou um “obrigado”, nem um “com licença”. Nada. E se ele não tivesse sido tão grosso eu até sentiria pena, porque as pernas dele mal davam naquele microburaco entre as cadeiras, os joelhos esmagavam a mesinha da frente.

— Alô! — Era ele ao telefone de novo. — Você tem alguma maldita ideia do que é ter que fazer uma viagem de oito horas entalado entre duas pessoas que você nunca viu na vida?

Ui, isso foi rude, né? E acho que era só o começo.

— Não, é claro que você não sabe, porque neste momento deve estar sentado na sua poltrona confortável, tomando um cafezinho e olhando a porra de alguma janela, não é verdade?

Silêncio. O cara ao lado do corredor mexeu-se, parecendo desconfortável. Na verdade, eu não me preocupava com o problema do corpo-espaco daquele homem das cavernas.

— Eles alegam a porcaria de *overbooking* na executiva — o barbudo continuou ao telefone —, e como eu cheguei com a bosta desse avião quase saindo e tenho que estar em Londres amanhã, não tive escolha... fui obrigado a aceitar o último lugar de merda que eles tinham e um pedido de desculpa, dizendo que o valor da diferença da passagem seria reembolsado no meu cartão.

O cara do corredor se encolheu um pouco e eu quase ri — o grandão do meu lado ia viajar de executiva e...

— Eu pago uma fortuna de taxa a vocês, para não ter que lidar com esse tipo de... Faz o seguinte, não peça desculpas... medite, reze, faça qualquer prece e peça para que ninguém fungue no meu cangote a noite inteira e que eu consiga descansar ao menos um pouco... Eu me apresento em uma orquestra amanhã à noite para mais de mil pessoas, que pagaram o dobro do seu salário em um ingresso, e adivinhe? Elas querem uma pessoa na frente da orquestra e não um zumbi. — E desligou.

Meu Deus, não podia ser! O motoqueiro era o quê? Um tipo de maestro ou um músico louco? Eu nem percebi que o encarava, possivelmente com cara de idiota, só notei o que fazia quando ele ergueu as sobrancelhas e me desafiou com o olhar, como quem quer dizer: *O quê?*

Dei de ombros, desviei o olhar e peguei meu fone de ouvido; item quase tão substancial quanto água e meu *iPhone*. Era incômodo ter esses aparelhos pequenos e caros, quando eu levava na mala despachada vinte quilos das poucas roupas que juntei na vida, a maioria delas costuradas pelas mãos da minha mãe.

Esse disparate era culpa do meu pai, que vivia em uma mansão e pagava somente a minha escola, meu

curso de inglês e mais nada, era o responsável por presentes caros como esse *iPhone* que segurava. Uma vez por ano ele me visitava e fingia não ver o apartamento de um quarto caindo aos pedaços e minha mãe desmontada de tanto trabalhar para trazer alguma comida em nossa mesa enquanto sustentava meu sonho de dançar. Sonho que meu pai só soube que existia, há pouco tempo, logo depois que venci o concurso pela disputada vaga na Companhia de *Ballet* de Londres.

O aparelho moderno que segurava, era a prova de como as pessoas podiam ser estranhas e mesquinhas além também de ferrar com a sua cabeça. Meu pai nunca me deu nada além de uma visita por ano, alguns telefonemas impessoais e esse tipo de presente caro, que ele devia julgar ser tudo o que uma menina precisava para crescer.

Olhei a pista de decolagem que era deixada para trás. Ri para a capa da Bela, a princesa da Disney, que vestia meu aparelho caro. Minhas amigas do balé diziam que eu me parecia com ela, então, me deram de presente de despedida.

Capítulo 2



*"I don't know you
But I want you
All the more for that
Words fall through me
And always fool me
And I can't react"*

Falling slowly – The Swell Season

O voo já acontecia há quinze minutos, por aí. Não contei o tempo, na verdade, a música no meu fone era muito boa para contar qualquer coisa. Tinha ido assistir em Nova Iorque um musical novo, *Always*, e simplesmente me apaixonei pelas músicas. Tentava me controlar para não cantar em voz alta *Falling slowly*, quando senti um toque no meu ombro direito.

Era o maestro-motoqueiro.

Tirei só um fone e levantei as sobrancelhas naquela expressão que pergunta em silêncio: *Oi?*

— Por favor, será que a senhorita se importaria de parar de fazer bolinhas com seu chiclete, que estou tentando me concentrar aqui?

Então ele olhou para um monte de papéis nas próprias mãos e me encarou de novo. Era uma partitura, cheia de uns rabiscos tenebrosos. Nos cantos tinham várias anotações e todos aqueles símbolos, parecia um hieróglifo impossível de traduzir. Virei para o cara e ele já não me olhava mais.

Minha mãe sempre disse que fazer bolas com chiclete era falta de educação, mas pedir para outra pessoa parar de fazer bolas também não me pareceu muito educado. Então, coloquei de volta o fone e esqueci do assunto. A música era muito mais legal do que a necessidade de concentração do cara ao lado.

Um tempo depois senti outra batida no ombro.

Meu Deus, que neurótico! O que seria agora?

Tirei o fone e ele respirou fundo.

— Senhorita, por favor, você poderia ter a educação de mascar de boca fechada? Ou de cuspir esse chiclete? — E terminou com uma careta como se sentisse nojo.

Eu achava que nem estava mascando de boca aberta, achava... Então, me senti muito mais irritada do que envergonhada.

— Me importo, sim, em parar de mascar, porque a pressão do avião entope meus ouvidos. — Bati de leve em cima deles para enfatizar o que dizia e concluí com ironia: — Mas já que você insiste.

Sem pensar em nada, a não ser em dar uma lição no maestro-motoqueiro-grosso, enfiei dois dedos na boca e pincei o chiclete. Estiquei o braço e coleí a goma grudenta no monitor ao lado, em cima da TV dele, mais precisamente. Olhei para o cara que encarava o chiclete como se ele fosse uma lesma se contorcendo e enfiei os fones outra vez. Não voltei a encará-lo, mas tive certeza de que se os olhos dele tivessem braços eu estaria apanhando. Aumentei o volume ao máximo. Foi aí que o impensável aconteceu: o cara, o maestro-eu-sou-louco-e-famoso, resolveu brincar de doze anos comigo. Senti a mão dele agarrar a barra do meu moletom folgado e puxar para o lado e para cima com tudo. Resultado: meu corpo meio que foi junto e num movimento rápido de confundir, aquele animal pegou o chiclete com o meu moletom e só então me soltou.

Então, eu explodi. Quando era criança, minha mãe me chamava de pimenta de sapatilhas, ela dizia que quando eu estourava, quem estivesse perto sentia na hora.

— Você é um grosso, seu brutamontes! — gritei emputecida.

— E você, senhorita, não tem educação.

Ri, debochando.

— Aposto que dentro deste avião todos concordariam que é ao contrário... não é verdade? — Apontei para o cara do corredor, aquele que levantou para ele passar e que nos encarava com cara de sei lá o que, e perguntei: — O senhor não o achou um grosso?

— Eu? — O homem quase encolheu na cadeira, o motoqueiro ao meu lado respirava de maneira pesada.

— Eu não disse nada — ele continuou na defensiva.

— Certo, pergunte então para a aeromoça que veio socorrer a porta do bagageiro... ou quer saber?! Que se dane você e a sua grosseria.

Peguei minha bolsa com movimentos atropelados e comecei a tirar todos os objetos de dentro. No nervoso e na emoção da pressa, nem percebi o que saía de lá. Só parei quando minha mão alcançou o que procurava: lenços umedecidos. Então, dediquei a minha atenção a desgrudar a bola de chiclete amassada do meu moletom e... merda! Não foi fácil.

Isso porque quando a goma seca, ela gruda e aí acabou. Desiste. Aquilo vira um tipo de fóssil que só gelo pode extrair. Eu esfreguei várias vezes e a prova da anormalidade daquele imbecil continuava ali, estampando o meu moletom. Fechei os olhos resignada, amassei o lenquinho com o que saiu dos restos mortais do chiclete e joguei tudo no saquinho de vômito à frente.

A *nécessaire* voltou para a bolsa, o pacote de lençinhos também, creme hidratante, óculos escuros, pacote de absorvente, escova de cabelo e fechei a bolsa.

— Aham, senhorita.

— Ah, meu Deus, o que é agora? — Me sentia tão brava, que saiu mais como um resmungo do que como uma pergunta.

— Oi? — grunhi e olhei para ele tentando deixar claro que eu não queria mais conversa.

E não queria mesmo. Até que eu vi. Uma coisa facilmente identificável, com uma frase legível para ele, já que era escrita em inglês. Para minha tristeza, eu também entendia e falava muito bem o inglês. E ali estava a besteira das minhas amigas na mão daquele troglodita.

Dias antes de eu ir embora, as meninas da minha turma no balé me deram presentes criativos, a capa do celular da Bela foi um deles e o outro balançava pendurado no indicador do louco ao meu lado exibindo uma frase na parte da frente: “Você vai me ligar, né?”.

— Por que você pegou isso? — Saiu antes que eu pudesse pensar. Agarrei a calcinha e enfiei dentro da bolsa em um tempo tão assustador que o dedo do cara continuou esticado.

— A sua calcinha pulou no meu colo — ele respondeu com uma expressão absurda de tão prepotente.

— Não é minha, quer dizer, é, mas não por escolha minha, eu nunca compraria uma calcinha ridícula dessas. — Ai, meu Deus, eu estava conversando sobre calcinhas com esse... esse... e meu rosto ferveu. Merda! Devia estar vermelha que nem uma pimenta. Pimenta de sapatilhas, era por isso também.

— Ok — ele disse me olhando bem sério, como se isso não fizesse a menor diferença na sua existência intocável; em seguida, virou, pegou aquela bosta de partitura e começou a ler.

Continuei olhando para ele, é claro, ao menos por um tempo. Afinal, não é todo dia que um homem que você nunca viu divide experiências que, às vezes, um... namorado leva muito tempo sem fazer, como... pegar em um chiclete que você mascou e logo em seguida na sua calcinha. Na mais ridícula de todas elas.



— Aceita o café da manhã?

O meu entorpecimento foi se desfazendo conforme as luzes se acendiam, janelas abriam e aeromoças perguntavam, até mesmo para os mortos, se eles queriam tomar os seus cafés.

Respirei fundo, estiquei as pernas, abri os olhos e...

Merda! Meu coração foi parar na cabine do piloto em um segundo.

Mas que porcaria!

Fechei os olhos. Me mexi disfarçando. Abri-os outra vez só para comprovar, horrorizada, se o motoqueiro também dormia.

Ele abriu os olhos, se esticou e tirou o braço que estava em volta dos meus ombros. Virei o corpo em um movimento pouco calculado, de olhos fechados, para fugir da situação mais absurda da minha vida.

Nós dormimos abraçados que nem um casal de pombinhos.

Por quanto tempo?

Será que ele ainda estava acordado quando isso aconteceu?

Não, impossível, ele teria chutado minha bunda até eu pedir perdão por ter tocado nele. Sempre soube que me mexia muito enquanto dormia, mas daí a acordar montada em cima do... do...

— Senhorita, aceita o café?

Sacudi a cabeça em uma afirmativa e abri a mesinha da frente, rezando para que o cara não...

Ouvi o barulho da mesinha ao lado abrindo.

— Senhor, aceita?

— Sim, hum-hum... — o motoqueiro pigarreou. — Aceito, por favor.

Suspirei e peguei a minha bandeja.

Talvez ele nem tivesse sentido ou notado o que aconteceu. É capaz que nem mesmo tenha...

— Senhorita? — O cara tocou no meu ombro, ele encarava a aeromoça.

— O que vai beber? — ela perguntou.

— Ah, desculpa, um.. um... suco de laranja.

— Eu também — o troglodita-travesseiro respondeu.

Tomei o café rezando para que nada mais acontecesse entre mim e o motoqueiro até o avião pousar, porque no ritmo que as coisas andavam, se eu tentasse sair para ir ao banheiro, cairia sentada em cima dele, ou sabe Deus o que mais poderia ir parar em cima daquele cara.

Rafael Carla - All my love; Raquel Dantas - Because the night

Claudia Chacón - Silent Lucidity; Juliano Malta dos Santos - Is this love

Daniela Fleury de Souza - Black; Lisandra Vieira - Just give me a reason

Samantha Pinho de Sousa - Here Without You; Caio Sales - Black

Elisângela Tortato - Nothing Else Matters; Gisete da Silva - Never let me go

Marta Paulucci - Smells Like Teen Spirit; Viviane Cruz - Can't stop lovin' You

Érika dos Anjos - Break on Through; Bárbara Nogueira - Bitter Sweet Symphony

Act 1 - O Feitico

Andressa Gomes - My heart; Kamila Villarreal - Spending my time

Rejane Silva - Always; Vanessa Warwar Archanjo - Closing Time

Anelty de Souza - All I Need; Keylla de Lucena - A thousand years

Mara Sopp - Kiss with fist; Giovana Vecchi - Listen to your heart

Tatiane De Rossi Moza - Forever; Marta Gomes - The Unforgiven

Cláide Natal - Secrets; Karina Kremer - Free Fallin

Roberta Odrigues - Dear God; Fran Silva - Humans

Camila Alkimim - Yes; Isabelle Ribeiro - Use somebody



Capítulo 3

*“London calling to the faraway towns
Now war is declared and battle come down
London calling to the underworld
Come out of the cupboard, you boys and girls
London calling, now don't look at us
Phony Beatlemania has bitten the dust
London calling see we ain't got no swing”*

London Calling – The Clash

Londres

Três anos depois...

Tantas pessoas do mundo fazem essa minha casa ter a cor de todos os lugares. Às vezes me perco por ruas que parecem todas iguais, tão perfeitas, de jardins recortados por flores e tão cheias de casas com tijolos, portas escuras e maçanetas douradas. Uma simetria de invejar teias de aranha. O fantástico de Londres é que você espera encontrar pessoas iguais, em ternos bem passados, com camisas simétricas. Logo então, da porta mais certinha e idêntica, sai de casa uma senhora com cabelo azul e monta em sua bicicleta dourada para desfilar no Hyde Park. Isso sempre me fez sorrir para Londres.

Alguns dias atrás, almocei ao lado de uma mesa cheia de senhoras inglesas. Velhinhas que você acredita que só tomam chá com biscoitos ingleses. Elas esvaziavam a segunda garrafa — não de chá — e riam mostrando fotos umas as outras. Uma delas contava com orgulho na voz, que o neto tinha entrado para a guarda real. Acho que eram amigas há tempos... Fiquei com lágrimas nos olhos de realização por elas... Bobagem? Pode ser, mas certas coisas eram tão humanas que sempre me deixavam assim, meio boba.

Quando vim para Londres é claro que eu sonhava com muitas coisas maravilhosas.

Ninguém sonha em sair de casa e ser atropelado por um ônibus, ficar sem emprego ou ser traída pelo namorado.

Há um ano, nunca sonhei com a cirurgia que tive que fazer no tornozelo. Nada muito grave, uma coisa

rápida para corrigir um tipo de calo ósseo que se formou devido à sobrecarga no local. Na época, minha mãe quase enlouqueceu porque eu tive que diminuir o ritmo de treinos por três meses, mas logo tudo voltou ao normal. Bom, também não sonhava com as tendinites, nem com as joanetes. Porém, isso parecia que vinha no pacote dos sonhos de ser bailarina, então... tentava não dar um valor a dor. Sempre soube que ela me acompanharia durante a minha profissão. O balé era o espaço da minha alma... Então, se dissesse que nunca sonhei com o que aconteceu comigo, estaria mentindo. É claro que fazia isso, dormindo ou acordada, mas não tinha nenhuma garantia de que aconteceria, algum dia.

Só que aconteceu.

De verdade.

Há um ano faço parte do corpo de balé profissional da Companhia de *Ballet* de Londres, o principal da cidade e um dos primeiros do mundo! E agora estava indo para a audição do papel principal da peça, que seria montada dali a alguns meses.

E não era uma audição qualquer, já que fazíamos testes há mais de trinta dias.

Era a parte final. Aquela que definiria quem iria calçar nuvens nos olhos daqueles que nos veriam alcançá-las. Essa era uma frase da Nathalia.

A Nathalia era meu palco nos dias cinzentos. Mais essencial que sapatilhas novas.

Ela foi a minha melhor amiga desde que cheguei, era minha colega de quarto durante os dois anos na escola e também foi aceita na Companhia de *Ballet* de Londres há um ano. Eu sei que parece exagero da boa vontade Divina, mas a Nathalia ter sido aceita na mesma companhia que eu não era algo tão impossível assim de acontecer, já que era da nossa escola que saíam boa parte dos bailarinos que compunham o corpo profissional da Companhia.

A Nathy, como eu a chamava, não disputava o primeiro papel junto comigo, mas teria um solo bem legal na peça — ela seria a fada da alegria.

Andei em direção ao local onde aconteceria o teste, lembrando de quando fui convidada para a seleção principal. Naquele dia, a minha amiga olhou para mim e disse com uma fingida gravidade:

— Sabe, eu tenho raiva de você por te amar tanto e por você ser uma pessoa tão incrível... Bem que você podia ser uma vaca insuportável e aí eu poderia te sacanear, sabotar suas sapatilhas, ou secar você nos testes... mas não posso contar com esse clichê da companheira de quarto invejosa, porque, às vezes, eu sinto por torcer mais por você do que por mim mesma...

Nathalia era assim o tempo todo.

Esse teste era para conseguir o papel da Aurora, no balé *A Bela Adormecida*. O teatro completava 150 anos e para comemorar o cenário e o figurino seriam totalmente renovados. Porém, o que tornava esse balé tão celebrado era o fato de que um maestro famosíssimo aceitou, pela primeira vez em sua carreira, reger a orquestra e, claro, fazer a variação da composição de Tchaikovsky.

Ele, o tal figurão da música, estaria lá na última audição. Parece que exigiu ter a liberdade de opinar, escolher, mudar e aceitar como uma das condições por ter aceitado participar. Traduzindo: ele seria quase um diretor junto com o senhor Evans, que era nosso diretor artístico.

— Oi. E aí, muito nervosa? — perguntou Nathy, que me esperava na entrada do local do teste.

— Um pouco — menti, estava uma pilha de nervos.

— Você já testou a sapatilha?

— Sim, estão perfeitas. Obrigada.

Além da fada da alegria, Nathy era a minha fada das sapatilhas. Normalmente cada bailarina é quem ajusta as suas próprias sapatilhas. Após alguns meses observando como eu gostava das minhas, Nathy se ofereceu para arrumar uma para mim... E, meu Deus, elas ficaram tão perfeitas que nunca mais a deixei em paz. Então, sempre que dava, era ela quem fazia isso para mim.

— Você já viu o tal do Hunter? — Nathy chamou minha atenção.

— Não.

Daniel Hunter era o maestro, o tal figurão da música.

— Dizem que ele é meio... hum... esquece.

— Tudo bem, Nathy, já me falaram que ele é mais mal-humorado do que o senhor Evans. — Se é que isso era possível.

— Parece que perfeccionista ao extremo é o nome do meio dele.

Cruzei as portas duplas e acústicas.

— Boa sorte. — Nathy veio atrás de mim. — Vai ser moleza, acredite, você é extremamente perfeita.

— Obrigada. — Respirei fundo e fui me arrumar. Eu ia apresentar uma variação do solo do primeiro ato.

Restavam dez finalistas, dessas apenas eu e mais duas éramos principiantes. O senhor Evans dizia que o papel principal em uma peça tão importante só seria disputado por três novatas (como profissionais, é claro), porque essa foi outra exigência do maestro, do senhor Hunter. Então, mesmo tendo ouvido tantos comentários estranhos a respeito dele, eu nutria uma espécie de gratidão involuntária ao maluco regente.

Rótulos não são coisas idiotas? Eles deviam vir apenas em garrafas e potes de geleias, não em seres humanos.

Eu não me sentia bem rotulando uma pessoa que nem conhecia.

Decidi que o senhor Hunter não seria um rótulo para mim e nem mesmo motivo das minhas mãos estarem um pouco mais trêmulas do que normalmente estariam, enquanto prendia o cabelo em frente ao espelho.

— Senhorita Alves — ouvi o alto-falante interno dos camarins anunciar minha vez —, candidata número 9.

A cada passo que eu dava em direção ao palco, deixava Nicole para trás. Quem surgia no lugar era Aurora, e adivinhem? Ela só sabia se expressar através da dança.

Depois de dançar, fazer uma série de piruetas e a variação, finalizei com os últimos passos, antes de lentamente a Nicole entrar em cena. Através dos braços, pernas, respiração, suor e cada célula do meu corpo, senti o êxtase que ficava após uma fusão completa da minha alma com a dança.

Respirei fundo e olhei para frente. Encontrei o senhor Evans, o diretor artístico da peça, as três assistentes de coreografia do balé e mais dois diretores do corpo artístico da Companhia. Continuei seguindo as cadeiras vazias com o olhar atento, até que o vi: o famoso maestro. Só podia ser ele. Meu coração disparou. Ele estava sentado umas três fileiras na frente das outras pessoas, como se fosse bom

demaís para se misturar com o resto dos mortais.

Minha respiração voltou a acelerar.

O maestro tinha o cabelo escuro, comprido, e o usava preso em um coque desalinhado no topo da cabeça. Ele também tinha uma barba longa, daquele tipo que estava na moda e, apesar do teatro estar apenas com a iluminação do palco acesa, o homem vinha de óculos escuros no rosto. Ele não se parecia em nada com os maestros da minha imaginação. Vestia um blazer justo e moderno demais e uma camiseta branca por fora da calça jeans desbotada. Maestros deviam ser velhos, com cabelos gordurentos, usar roupas fora de moda e mofadas. Aquele homem parecia um músico de um editorial da Vogue e não um regente inglês empoeirado. E como se soubesse que eu o observava, o futuro-diretor-maestro-famoso tirou os óculos escuros, semicerrou os olhos, cruzou os braços sobre o peito e me encarou com tanta intensidade que me senti um para-raios.

Desviei os olhos rapidamente ao sentir uma estranha sensação de já ter visto esse cara em algum lugar. Possivelmente, ele se parecia muito com todo tipo de músico famoso. Pisquei devagar e saí do palco, estranhamente mais nervosa do que antes da audição.

Capítulo 4



*“Tonight I’m gonna have myself a real good time
I feel alive and the world is turning inside out Yeah!
I’m floating around in ecstasy
So don’t stop me now don’t stop me
‘Cause I’m having a good time having a good time”
Don’t stop me now – Queen*

— Hoje a gente vai encher a cara para comemorar. — Eu, a Nathy e Ivo tínhamos acabado de sair do balé. No meio do dia recebemos a notícia de que eu seria a nova Aurora da peça, uma semana após a última apresentação. Nathy disse que precisávamos comemorar e por isso eu concordei.

Fomos a um bar underground, com uma mistura de novos punks e motoqueiros. Isso era coisa do Ivo. Ele saía do balé e vestia calças rasgadas, bagunçava os fios longos do cabelo loiro e parecia mais um baterista de uma banda punk do que um bailarino clássico. Ele era engraçado.

Sentamos em uma mesa em um dos cantos, perto do palco.

— E aí, começamos com uma rodada de tequila para cada? — Ivo perguntou.

Eu neguei com a cabeça.

— Sim, uma dose para cada — Nathy falou antes de mim.

— Eu não bebo tequila.

— Hoje você vai beber, querida.

— Eu não... — Ivo já tinha levantado e saído em direção ao bar.



— Ivo, já disse que você tem cara de príncipe? — perguntei com uma risada exagerada, culpa da

dose de tequila que tinha acabado de virar.

Ivo ia ser o Florimundo, meu príncipe no balé.

— É, acho que é por isso que eles me escolheram — ele respondeu com uma falsa modéstia.

— Ah, sim, claro, o seu talento e o fato de você ser o primeiro solista da companhia não quer dizer nada — Nathy contrapôs com a boca torcida em uma expressão caricata.

— E aí, Ivo, quando você começou a dançar? — perguntei depois de dar um gole na água, queria tirar o gosto ruim da tequila.

— Quando eu entendi que a rigidez e a disciplina do Bolshoi, eram melhores que os porres que meu pai tomava e as surras que ele me dava depois que bebia.

— Nossa! — Nathy disse olhando para as próprias mãos.

— E você, Nicole, de onde a dança te resgatou? — Ivo perguntou.

— O balé me tirava de uma realidade onde muitas vezes tínhamos que comer na casa de parentes ou vizinhos, porque nossa geladeira era vazia demais, mas, principalmente, enquanto eu dançava, sentia ser de um mundo onde não existem problemas.

— Como assim? — Ivo não tirou os olhos de mim.

— Minha mãe amava o Fred Astaire e a Ginger Rogers. Dizia que eles eram como anjos, eu queria ser como eles, sempre pareciam tão leves e felizes enquanto dançavam... Então, comecei a dançar. Meu pai morava em outra cidade, nunca quis que eu fizesse balé profissionalmente, ele é um figurão do exército brasileiro, metido com política. Quando soube que venci o concurso, quase enlouqueceu. — Eu dei mais um gole na água antes de acrescentar: — Só assinou a papelada para eu vir porque minha mãe o chantageou com uns papéis que guardava em um banco. — Dei de ombros, fingindo uma indiferença que não sentia. — Parece que ele pode ir para a prisão pela maneira como ganhou rios de dinheiro, minha mãe tem provas, o ameaçou e...

— O pai da Nicole é um belo filho da puta! — Nathy me interrompeu. — Mora em uma mansão de cinema, é um multimilionário e nunca pagou para ela mais do que a escola.

— Pelo que eu entendi, ele queria atingir minha mãe através de mim.

— A mãe da Nicole é uma batalhadora, trabalha como secretária e como costureira. — Nathy sabia a minha história de trás para frente, como eu sabia a dela.

A voz da minha amiga se misturou com as minhas lembranças. A casa pequena que eu cresci, os pôsteres do Fred Astaire e de bailarinos famosos disfarçavam a pintura rala e velha da parede. Na cabeceira da cama, as fitas das minhas sapatilhas gastas, amarravam uma a uma, o número de pares trocados até aquele momento. Lembrei-me do guarda-roupa com a porta quebrada. Ele vivia muito bagunçado para ficar aberto o tempo todo. A voz da minha mãe entrando no quarto.

— *Filha, ainda acordada? — Eu tentava dar um jeito na sapatilha que parecia estourada demais, para merecer socorro.*

— *Você não precisa fazer isso, estou com o dinheiro dos seus pares novos.*

Olhei para ela, que tinha cabelos cacheados escuros dentro de uma bagunça cansada, olhos fundos e corpo pequeno para ser de alguém que trabalhava dois turnos.

— Eu não quero mais que você costure noite afora para poder pagar por minhas sapatilhas... eu quero dar um jeito.

Ela respirou fundo e disse:

— Você tinha sete anos quando decidiu que seria bailarina, eu me lembro da primeira vez que calçou uma ponta. Lembro que o seu sorriso era maior do que o seu rosto.

Eu ainda tentava remendar um furo do lado esquerdo da peça e ouvi a minha mãe continuar:

— Quando eu te vi dançar naquela audiência, só com seis aninhos — A voz dela saiu embargada. —, não foi o fato de você ter sido aceita na melhor escola do Rio de Janeiro que fez o meu coração encher de alegria, foi você, Nicole, a sua dança. Você tem algo especial e nem que eu tenha que passar a minha vida em cima de uma máquina de costura para que você não desista, a fim de buscar seus sonhos, eu farei isso.

Larguei as sapatilhas no chão e admiti para mim mesma: ela dava tão duro para que eu conseguisse, trabalhava dezesseis horas por dia, sonhando com o momento em que eu seria reconhecida. Admiti que tinha medo de decepcioná-la. De que talvez, tudo aquilo fosse para provar que eu era capaz. Naquela noite, compartilhei um pouco da minha insegurança:

— Estou com medo, acho tão improvável que tenha sido selecionada para a fase final do concurso. — Engoli em seco. — Acho que não sou boa o bastante, as bailarinas das melhores escolas do mundo estão disputando essas mesmas vagas, eu... acho que não vou conseguir.

— Filha, olha dentro dos meus olhos — minha mãe sentou no chão à minha frente —, você dança mais de sete horas por dia, seis vezes por semana, há anos... Eu acompanhei cada uma de suas bolhas, de suas dores, das vezes em que você chorou pensando em desistir, ajudei você amarrar cada uma dessas centenas de fitas que estão em sua cabeceira, e quero que você saiba que tem algo que nem mesmo a melhor ou a maior companhia de balé do mundo, as técnicas mais perfeitas e a variação mais impecável podem dar...

— O quê?

— Você dança com o coração e com a alma, isso nenhuma escola, por melhor que seja, pode ensinar... Você nasceu bailarina.

— Obrigada, mamãe — eu disse e a abracei.

Hoje, mais de três anos após aquele dia, eu comemorava em um bar o fato de ter sido escolhida como a solista principal da peça *A Bela Adormecida*, dentro de um dos maiores balés do mundo.

Eu consegui, mãe. Nós conseguimos.

Senti a mão da Nathy no meu ombro me trazer de volta para o bar punk e para a mesa com a garrafa de tequila pedindo para ser esvaziada. Ouvi-a continuar:

— Aí, a mãe dela fez o mesmo jogo sujo que o pai usou a vida inteira, ameaçou-o com esses tais documentos.

— Mas, se sua mãe tinha esses documentos, por que nunca usou para conseguir mais dinheiro do seu pai? — Ivo perguntou após virar outra dose de tequila e encher, mais uma vez, o meu copo e o da Nathy.

Lembrei da noite em que saímos de casa, quando eu tinha cinco anos. Respirei fundo.

— Ela disse que nunca quis se meter com ele desse jeito, acho que tem medo dele, e talvez tenha razão em ter. Ela disse que só usaria esses papéis em caso de vida ou morte. — Virei a minha dose e concluí: — Graças a Deus, porque sem isso o meu pai nunca assinaria a autorização para eu vir para cá e acho que teria morrido. Foi um caso de vida ou morte.

— E você, Nathy, qual a novela da sua vida? — Ivo perguntou.

— Minha mãe me abandonou quando eu tinha oito anos, ela dizia que eu era desengonçada e que não seria uma boa bailarina... Esse era o sonho que ela nunca realizou, eu quis provar que estava enganada a meu respeito... e acho que consegui, por mais que eu nem saiba se ela está viva ou morta para comprovar. — Nathy encolheu os ombros e completou: — Hoje eu danço na maior companhia do mundo, ela nunca saiu da escola medíocre em que dava aulas.

— Parece que estamos fazendo uma competição de quem tem as maiores merdas para colocar em cima da mesa — Ivo disse, sorrindo, talvez querendo recuperar o bom humor da conversa.

— E o que vocês acharam do tal senhor Hunter? — Nathy perguntou em um tom de voz um pouco alto e cheio de ironia. Sem entender o porquê, olhei para os lados procurando instintivamente por alguém. Nathy perguntou isso porque o maestro tinha sido oficialmente apresentado hoje a todos.

— Acho muito louco esse cara ter autorização de se meter desse jeito na parte artística do balé, e achei-o um cretino, arrogante e mal-educado — Ivo respondeu.

— Eu também — Nathy emendou —, não cumprimentou ninguém pelo nome, fez questão de se dirigir a todos pelos seus papéis... ainda faz absoluta questão de chamar todos por senhor, senhorita, como se estivéssemos no século passado. — Ela torceu a boca para baixo. — Surreal.

— Acho que a fama de grosseirão chega antes dele... sei lá, devíamos dar um crédito antes de julgarmos. — Ergui as sobrancelhas. — Afinal, mal o conhecemos!

— Ah, pelo amor de Deus, um cara que fica quase uma hora analisando todas as pessoas como se elas estivessem em uma lâmina de laboratório do jeito que ele fez, não é normal — Nathy completou.

— O papel dele é analisar as pessoas — disse ainda, tentando suavizar o retrato pintado do maestro.

Quando fui analisada por ele na hora da apresentação, senti uma incoerente moleza nas pernas e uma ridícula aceleração cardíaca. Como queria tirar o peso colocado na imagem dele, eu continuei:

— Fiquei com a estranha sensação de já ter visto o senhor Hunter em algum lugar.

— Onde? — Nathy perguntou.

— Sei lá, acho que foi na viagem, você sabe como sou péssima em lembrar rostos.

— Não acho possível que já tenha visto ele em algum lugar — Ivo disse depois de virar outra dose, eu o segui e virei mais uma. Começava a me sentir leve, solta e... nossa, até que tequila não era tão ruim.

— Por quê? — Olhei para o Ivo.

— Porque ele é conhecido por ser um ermitão, parece que ninguém nunca o vê em qualquer lugar sem ser na frente das orquestras que ele rege e dentro da academia de música.

— Com uma barba daquele tamanho — Nathy falou —, ele anda camuflado na rua.

Capítulo 5



*“There’s a club, if you’d like to go
You could meet somebody who really loves you
So you go, and you stand on your own
And you leave on your own
And you go home, and you cry
And you want to die”
How soon is now? – The Smiths*

A Nathy bêbada era alguém que se divertia e que mantinha o mínimo de noção em suas ações, movimentos e palavras, enquanto eu era uma pessoa tonta, lerda e desprovida de senso de consciência. Era uma merda e odiava. Por isso nunca bebia. Depois da conversa em trio, fomos para a pista. Nathy se empolgou bastante com Ivo. Apesar de ele afirmar que gostava mais de meninos do que de meninas, ele também disse que gostava de sair com umas meninas, vez ou outra. Pelo jeito que dançavam, Nathy seria uma dessas meninas. Mais bêbada do que me divertindo, acabei beijando um cara que usava lápis preto na pálpebra inferior e que cheirava a cigarro de cravo. Na metade do segundo beijo, antes que vomitasse, porque estava tonta demais, resolvi ir embora.

— Eu vou com você — Nathalia disse, não demonstrando a menor vontade de ir. Ela queria ficar mais com o Ivo.

— Não. Fica tranquila, Nathy, vou ficar bem, saio e pego um táxi direto.

— Não vou deixar você voltar sozinha.

— Nathy, pelo amor de Deus! — eu disse irritada. Quando bebia, minhas emoções ficavam meio bagunçadas. — Eu posso pegar um táxi e voltar para casa em segurança.

— Deixa, Nathy. — Era o Ivo com as duas mãos na cintura dela. — Ela vai ficar bem.

— Pede um táxi assim que botar os pés na rua, entendeu? — minha amiga exigiu, sacudindo o dedo indicador.

— Sim, senhora.

— Vamos colocá-la em um táxi, Ivo — Nathalia pediu outra vez.

— Tchau, Nathalia, isso daqui está um inferno de cheio, se vocês saírem não vão mais conseguir

entrar, e se conseguirem, terão que pagar o couvert duas vezes.

— Ela tem razão — Ivo apontou.

— Me manda uma mensagem assim que chegar, está bem? — ela disse com a voz meio arrastada, ou o mundo todo para mim parecia arrastado?

— Sim, pode deixar e aproveitem.

Eu só queria sair dali, da música alta, pessoas se esfregando pela falta de espaço, brigando pelo pouco de oxigênio que restava embolado com a fumaça de cigarros e gás carbônico.

Uma vez na rua, enchi o pulmão de frescor noturno e liberdade de ar.

Só então, me dei conta de um incômodo que já tinha percebido há tempos, lá dentro: xixi.

Eu me esqueci de fazer xixi.

Mas que merda!

Estava segurando há quase duas horas por preguiça de lutar com bêbados e suor a fim de chegar ao banheiro. Tinha resolvido que iria quando fosse embora, mas, talvez pelo esforço que foi alcançar a saída, esqueci. A dor na bexiga era a certeza de que a falta de espaço não existia somente dentro do bar. Nessas horas, eu odiava quando ficava apertada. Dizem que a bexiga dos homens é muito maior do que a das mulheres. Uma viagem de vinte minutos para casa seria como declarar guerra contra a sanidade e possivelmente, no meio do caminho, teria que pedir ao taxista que parasse em qualquer buraco, a fim de que eu pudesse fazer minha bexiga “calar a boca”.

Olhei a fila enorme da entrada. Mesmo que eu tentasse explicar que tinha acabado de sair e que só queria usar o banheiro, o segurança, se fosse simpático, iria rir da minha cara.

Olhei ao redor. Toda e qualquer espelunca que pudesse oferecer um banheiro de graça devia estar fechada. Notei que a região, tirando o movimento em frente ao bar, parecia bem vazia.

Muito vazia.

Afastei-me da frente do bar na esperança de encontrar um lugar aberto que desse para usar ou... uma rua tipo essa; olhei à direita e encontrei uma viela sem saída, deserta e escura. Aquilo pareceu tão perfeito como morangos com chantilly depois de uma semana em jejum.

Quem achava isso era a bexiga gritando por alívio.

Apesar da minha razão gritar por prudência, ela achava que podia ser perigoso baixar as calças e sentar atrás do latão de lixo em uma viela escura, eu estava bêbeda demais para ouvi-la. No lugar, só conseguia enxergar morangos com chantilly e como o mundo era um lugar mais fácil para bêbados do sexo masculino.

Entrei na viela. Olhei ao redor, não tinha ninguém. Tentaria ser o mais rápida possível. Dei a volta na lata de lixo. Ela devia ter quase a minha altura por uns dois metros de comprimento. Sentindo-me segura com o tamanho que barrava a vista para quem estivesse na frente da rua, abaixei a meia-calça, a calcinha, subi o vestido, agachei e...

Alívio era o meu nome do meio.

Morno e com barulho de torneira.

Alívio total. Estava quase no fim do meu ritual de bêbada quando ouvi passos ecoando na viela.

Merda, merda, merda!

Fiquei sem raciocínio, quem raciocina em uma hora dessas? É impossível. Subi a meia-calça rapidamente, os passos ficaram mais altos e próximos. Entrei em um pulo atrás da lixeira. Só queria me esconder. Colei o corpo na parede às minhas costas e congelei ao perceber que quem quer que fosse, parou a poucos passos da entrada, ou da saída de trás da lixeira, já que o outro lado, o que dava acesso para a rua, vinha bloqueado por umas cinquenta garrafas de vidro. Se tentasse escapar, seria ouvida com certeza.

Comecei a implorar mentalmente: “Saia logo, acabe logo com isso, não me veja”.

Esperava ouvir o barulho de torneira, mas o que eu ouvi não tinha nada a ver com alguém fazendo...

— Você é tão gostoso — afirmou uma voz feminina.

Ouvi respirações rápidas e barulho de... de... beijo. Era um casal se pegando.

Ahhh, nããããooooo!

o homem gemeu ou rosnou. Que gemido era aquele?

Meu coração disparou.

— Meu Deus, você é tão forte — a mulher disse sem fôlego e ouvi mais sons de beijos.

Minha respiração acelerou.

— Qual o seu nome mesmo? — ela perguntou.

— Daniel — ele respondeu.

Ahhh, meu Deus, vão embora, acabem com isso e vão fazer sexo em casa.

— Sabe, Daniel — disse ela —, eu nunca peguei no pau de um maestro.

O quê? O quê? O quê?

Ouvi um gemido seguido de um rosnado novamente.

Santo Senhor. Será? Minhas pernas amoleceram. Não podia ser. *Simplesmente não, entendeu, Deus?*

Meu coração pulou em todo o corpo. Impulsiva, olhei para o lado e, apesar da luz meio apagada, comprovei que o homem no beco, em pé ao meu lado, separado por poucos metros, sendo apalpado e comido vivo por uma mulher, era o meu maestro. Não o meu maestro, mas um dos meus diretores e... que merda!

Merda!

Bosta!

Merda!

Ivo não disse algo sobre ele ser um ermitão? Que só era visto nos concertos? Acho que ele se esqueceu de acrescentar ou em becos sem saídas fazendo sexo na rua.

Merda!

— Eu exagerei no uísque... Acho melhor pararmos. — A voz de trovão pediu.

Isso, parem! Parem agora! Agora mesmo.

— Não — a mulher gemeu seguida por um rosnado dele.

Lutava para manter a respiração no lugar dela, devagar e pouco afetada. Quase impossível. Sem perceber mordeu os dedos das mãos enluvadas com força, movida por histerismo, vergonha, calor, ridículo de situação descabida.

Ouvi outro grunhido de prazer masculino.

— Você tem camisinha? — a mulher gemeu.

E meu rosto transpirou de calor. Quase murmurei um protesto de horror junto com mais um gemido da mulher ao perceber que o calor das minhas bochechas se espalhou no meu colo, desceu pela barriga e, em seguida — ah, não! —, entre as pernas.

Eu estava excitada. Que bela merda!

— Escute — ele começou sem fôlego —, eu não tenho camisinha, exagerei no uísque e isso não vai rolar.

— Podemos fazer outras coisas... eu posso fazer você gozar.

Não, não, não e não! Por todos os deuses do recato e da moral. Não!

— Não, meu bem, realmente estou muito tonto... E... eu vou para casa, sozinho — o maestro falou.

Graças a Deus. Ele tem bom senso. E vergonha na cara. Agora, apenas deem o fora!

— Eu não acredito — a mulher protestou.

— Acredite — ele disse mais enfático.

Ouvi respirações bruscas.

— Seu... babaca!

Em seguida, ouvi passos rápidos se afastando e uma respiração profunda, provavelmente do meu diretor.

E então, outros passos mais pesados também se afastando.

Estava sozinha. Obrigada, meu Deus! Eles foram embora.

Meu corpo inteiro vibrava de tensão. Fiquei sóbria em cinco minutos.

Cristo!

Voltei para casa abalada, sem conseguir tirar a voz de trovão do meu diretor da cabeça.



Capítulo 6

*"I don't care if Monday's black
Tuesday, Wednesday - heart attack
Thursday, never looking back
It's Friday, I'm in love"*
Friday I'm in Love – The Cure

Por que, meu Deus? Por quê?

Foi com essa dúvida que eu acordei na manhã seguinte, ao porre de tequila. E não era só por causa do gosto de bode velho na boca que essa pergunta voltava uma e outra vez à minha mente. Havia outro barulho zumbindo na consciência: uma voz que estourava nuvens de chuva.

Andava em direção à sala de ensaio, onde encontraria a prova viva de que maestros podiam sim, quase fazer sexo e rosar em lugares estranhos. Enchi o pulmão de ar, porque toda vez que eu trazia a figura do senhor Hunter, desde que eu acordei, ela vinha acompanhada da lembrança do som da voz dele e de uma falta de oxigênio incoerente e irritante.

Abri a porta da sala de ensaio. Nathy foi dormir com Ivo e, pelo que tinha visto no quadro de horários logo que cheguei ao prédio, ela teria aula agora. O ensaio nessa sala seria só para mim e para o Ivo. Ele seria o meu príncipe Florimundo no balé. Quando batizou o par da princesa Aurora, a Disney colocou o nome dele de Felipe. Disney esperta!

Ivo já se aquecia.

— Bom dia — disse e fui direto para a barra. Uns quinze minutos depois, a porta da sala abriu e o senhor-rosno-Hunter, entrou junto com o senhor Evans, nosso diretor artístico.

— Bom dia! — senhor Evans cumprimentou.

— Bom dia! — Ivo respondeu.

— Bom dia! — Foi a minha vez de responder ao nosso diretor artístico. Entretanto, eu não olhava para ele e sim para o senhor Hunter.

Ele mexia dentro de uma pasta de couro marrom surrada, retirou de lá um bloco de papel. Abriu, folheou algumas páginas, levantou o olhar, passou pelo meu rosto, depois pelo do Ivo e perguntou:

— Já se aqueceram? — Foi cru e seco, sem nenhum cumprimento antes, nem mesmo aqueles cumprimentos silenciosos feitos com a expressão.

— Sim, senhor — Ivo respondeu.

O senhor Hunter rosnava com aquela voz de tempestade. Só que na minha mente ele rosnava gemendo de prazer.

— Senhorita Aurora? — ele disse em um tom nada fálico. Despertei dos seus gemidos imaginários e voltei à sala.

— Quantas vezes vou ter que repetir a mesma pergunta? — ele indagou em um tom duro e ríspido.

— Desculpe, senhor.

E o senhor grosseria em pessoa era a porcaria do meu diretor.

— E então?

— Oi?

Assisti-o respirar devagar duas vezes e semicerrar os olhos azuis fundos.

— A senhorita já se aqueceu? — o maestro perguntou entredentes.

“Sim, desde ontem”, pensei, mas sacudi a cabeça e respondi:

— Sim, senhor.

— Podemos começar? Ou será que a senhorita prefere continuar me encarando como se no lugar da barba houvessem dedos no meu rosto?

Acho que a minha boca abriu, como se realmente houvessem dedos no rosto daquele homem e como se eles tocassem Bach.

— Em suas posições, por favor — senhor Evans ordenou.

Senti a mão do Ivo tocar o meu ombro. A música preencheu a sala e nós começamos a dançar. Cerca de meia hora depois, senhor Evans havia corrigido alguns dos nossos movimentos enquanto dançávamos e o senhor Hunter seguia em silêncio apenas anotando o que quer que fosse no papel.

— 1, 2, 3, 4 e... mão mais baixa, Ivo — ordenou o senhor Evans. — Outra vez, mais devagar e...

— Pare! — explodiu o senhor Hunter. — *Merde!*² — gritou em francês e continuou soltando fogo pelo nariz. — Quantas vezes o senhor Evans terá que repetir mais devagar nessa entrada, senhor Florimundo? E você, senhorita Aurora, esteja com ele quando te encontrar.

Ficamos parados em silêncio, horrorizados, entreolhando o senhor Evans e o maestro louco.

— Vamos parar de perder nosso tempo — prosseguiu rosnando —, e acertar alguma porcaria de coisa hoje?

Ele bateu palmas três vezes, parecia querer fortalecer o que acabara de dizer ou talvez desejasse espantar as moscas ao seu redor

— Retomar — concluiu.

Engoli em seco, respirei fundo, não queria perder a calma. Se perdesse, com certeza, perderia o emprego. Entendi os rótulos e toda a fama que o senhor Hunter carregava de ser um animal, e não apenas

porque a voz dele fazia tudo tremer, e sim porque ele era um ogro estúpido.



No final dos ensaios, eu, Nathy e Ivo saímos juntos do balé. Eles queriam passar em Brick Lane para comprar algumas coisas. Aquele era o lugar certo para isso.

Imagine um bairro cheio de mercados, cafés, pubs, galerias, grafites, gente do mundo inteiro, lojas vintage, modernas, coisas de todos os preços, e para todos os gostos de livros e antiguidades, de móveis e brechós. Brick Lane era um bairro pequeno com uma mistura de comida de todos os cantos e peças para multigostos étnicos. Era uma bagunça deliciosa.

— Você não teve o desprazer de ensaiar com o maestro ainda — Ivo disse para Nathalia. Nathy e ele não estavam mais juntos como ontem. Ela explicou, quando ficamos a sós, que eles conversaram e resolveram parar as coisas em uma noite apenas, mas continuariam sendo amigos.

— Ele passou metade do ensaio anotando tudo em um bloco ridículo — continuou Ivo. — e a outra metade gritando palavrões em francês.

— Em francês? — Nathy perguntou, levando a cabeça para trás em um movimento de incredulidade.

— Sim, acredita? — Ivo bufou. — Se todos os ensaios forem como o de hoje, teremos que ter paciência.

Eu olhava para um grafite incrível que cobria um muro, mas as cores e as formas não tinham o menor sentido, porque a minha cabeça viajava no que aconteceu depois dos primeiros gritos do maestro. Fiquei tão confusa e atordoada que não queria nem comentar.

— A Nicole que o diga. — Ivo não concordava comigo.

— O que aconteceu? — A curiosidade da Nathalia não deixaria passar.

Respirei pela boca.

— Nada de tão impressionante assim que justifique essa expressão do Ivo — falei apontando para a cara passada dele.

— Como não? — Ivo cuspiu sem dar tempo de resposta. — O maestro caminhou em silêncio até Nicole, segurou na cintura dela e murmurou no seu ouvido.

— Murmurou instruções. — Sacudi a cabeça. — E não foi no meu ouvido ele só... falou próximo. — “Tão próximo que a respiração dele ficou gravada no meu tímpano”, pensei.

— Você ficou pálida — Ivo confirmou.

— Não se alimentou direito de novo? — Nathy me salvou.

Isso era verdade, alguns dias eu simplesmente não sentia fome. Quando ficava muitas horas sem comer, às vezes tinha hipoglicemia, principalmente nos ensaios. Era o álibi perfeito.

— É, foi isso — suspirei. — Você me conhece.

— Ah, Nicole, você não pode ir ensaiar sem comer!

— Eu sei, mas estava atrasada para o ensaio e não deu tempo de comer nada.

Ivo nos entreolhava com uma interrogação no rosto.

— Achei que tinha ficado pálida por causa do jeito que ele foi te orientar. — Ele franziu o cenho e completou torcendo a boca: — Meio assustador aquilo.

— E o que ele disse? — Nathy perguntou.

— Ele disse...

Respirei fundo, não queria transparecer o quanto tudo o que vinha acontecendo relacionado à pessoa do senhor Hunter mexia comigo. Forcei uma voz desinteressada:

— Ele disse: *Eu não quero perder a paciência, é o nosso primeiro ensaio, então, por favor, senhorita Aurora, entenda e repita o que estamos lhe pedindo. Quando o senhor Florimundo chegar às suas costas assim...* Foi aí que ele segurou a minha cintura e completou: *A senhorita deve virar e... e logo que finalizar o movimento, não perca o contato visual com ele, entendeu?* — Encolhi o ombro. — Aí ele me soltou e acho que acertamos o que estavam pedindo, porque depois da última repetição não fomos mais interrompidos.

— Ou isso, ou porque o senhor Evans ficou tão chocado pelo maestro ter ido chamar sua atenção ao pé do ouvido, que não quis falar mais nada.

— Meu Deus, o cara é louco — minha amiga afirmou e nós entramos em uma loja.

Ela desviou a atenção de mim para a primeira arara de roupas à sua frente.

Graças a Deus por isso.

Eu tinha resolvido que não contaria de ontem, como poderia contar? Esses dois me enlouqueceriam. Possivelmente morreriam de rir e depois a Nathy me enlouqueceria. Como fui inconsequente, como pude fazer uma coisa arriscada dessas? E se o senhor Hunter tivesse me visto? Já estava mexida demais, precisava e queria manter a cabeça longe de qualquer coisa com o maestro estranho.



Capítulo 7

*“Somewhere in her smile she knows
That I don’t need no other lover
Something in her style that shows me
I don’t want to leave her now
You know I believe and how”
Something – The Beatles*

Estávamos sentados em uma mesa grande do café que ficava dentro da companhia de balé. Depois do ensaio, o senhor Evans pediu uma reunião com os quinze principais bailarinos da peça. Achei que seríamos apenas nós e o nosso diretor artístico, mas estavam presentes as duas sub-coreógrafas e, lógico, o assassino da gentileza: o senhor Hunter.

— Como sabem, esse balé é um grande marco na minha carreira e na de todos vocês... Chamei-os aqui, hoje, porque já estamos ensaiando há pouco mais de uma semana e acho que muitos talvez se perguntem, por que temos o privilégio de contar com a presença do Daniel Hunter — Ele apontou para o maestro antes de concluir: — em nossos ensaios.

Privilégio? Meu Deus, me segurei para não rir. Nathy, que estava sentada ao meu lado, me cutucou, e segui a direção em que ela apontava com o olhar.

Engoli em seco.

O senhor Hunter me encarava sem piscar e fazia isso com uma expressão tão fechada, que senti as mãos dele apertarem meu estômago. Soltei o ar devagar, olhei para baixo. Tentei voltar minha atenção para o discurso do senhor Evans.

— Ele não é bailarino, nem um coreógrafo, mas conhece bastante do balé clássico e é um dos maiores gênios da música que já pisaram nesse planeta.

Olhei para ele porque meus nervos se sentiam analisados e tinham razão, já que o maestro continuava me olhando de um jeito nada educado ou natural.

Senti-me uma menina de seis anos, participando das aulas de balé com a professora mais rígida que já tive: a madame Vivan. Ela não admitia erros, não queria saber se éramos crianças ou se sentíamos medo dela. Eu tinha muito, na verdade. E o senhor Hunter me fazia sentir igual à menina tímida do subúrbio do

Rio, que, por mais que quisesse, nunca acreditou que chegaria tão longe. Ele me fazia sentir pequena e inadequada.

— Entendeu, Nicole? — Ai, meu Deus, era o senhor Evans e eu não tinha a menor ideia do que ele falava.

— Hum-hum... — Sacudi a cabeça.

— Então, como dizia... ele não está nos ensaios para corrigir a parte técnica, apesar de poder me ajudar quando achar necessário... O senhor Hunter é responsável pela parte da dramaturgia... e acho que vocês já perceberam que ele pode ser até mais exigente do que eu. — Senhor Evans riu e foi seguido por um coro de risadas do grupo.

Eu não ri, porque o maluco do senhor Hunter não desviava os olhos do meu rosto.

— Quer falar algo, meu amigo? Fique à vontade — senhor Evans sugeriu.

Ele respirou fundo, parando de me encarar e me deixando respirar.

— A única coisa que quero que vocês não esqueçam — ele começou com aquela voz que fazia os músculos do meu corpo vibrarem —, é que o balé não é apenas disciplina e perfeição técnica, o balé é contar uma história com os movimentos... sendo assim, o que eu vou exigir durante os meses de ensaio em que ficaremos juntos, é que deem a maior entrega possível de suas emoções, de seus corpos... — E ele voltou a me olhar e completou: — de suas almas. E quero que vocês entreguem tudo isso à minha música, que é na peça a fala dos seus movimentos.

Silêncio. Ele ainda me olhava e minha espinha era percorrida por um milhão de ondas elétricas.

— Vamos arrasar! — senhor Evans falou e todos bateram palmas, menos eu e o senhor Hunter, que continuava me torturando com um par de olhos azuis inquisidores.



Sentia dor nas panturrilhas. Não era uma dor estranha, já que ela sempre acontecia depois de um treino longo. Depois daquele dia no café, quando o maestro foi apresentado, e me encarou querendo tirar minhas roupas com os olhos, nos encontramos apenas nos dois ensaios seguintes.

Naquela tarde em especial, tinha me entregado ainda mais para o balé. Cada dia era uma nova superação e eu treinava com a certeza de que podia dar algo a mais, sempre. Era um tipo de desafio interno; até onde eu conseguia deixar o balé entrar, quanto mais seria possível me entregar para a dança?

Estava sentada afrouxando as fitas das sapatilhas no chão da sala de ensaio. Todos já haviam saído, apenas o senhor Evans ainda guardava suas coisas.

— Poxa, Nicole! — ele me chamou.

Desviei os olhos das sapatilhas para o meu diretor.

— Hunter esqueceu o celular dele aqui, em cima do piano. — Ele sacudiu a cabeça enquanto pegava o aparelho. — Eu tenho uma reunião, estou superatrasado, você se importaria de deixar na sala dele...

Acho que ainda está no prédio.

Fiquei em silêncio, o encarando, sem saber o que dizer e meu diretor explicou:

— A sala nova dele é ao lado da minha, você sabe onde é.

Engoli em seco sentindo o coração disparar. Não queria ir até a sala do senhor Hunter, não queria encontrar com ele e o que era pior, a sós dentro do espaço reduzido de uma sala.

— E então? — Evans esperava minha confirmação.

— Tudo bem, eu levo.

Como eu podia dizer não a um pedido inocente desses?

Tirei as sapatilhas de pontas e me aproximei do meu diretor artístico pegando o aparelho da mão dele.

Ele não sabia que para mim aquele pedido não era inocente.

Saí da sala de ensaio e calcei o tênis com o coração na boca.

Não surta, Nicole, é somente entregar um celular para uma pessoa.

Fui em direção ao andar de baixo, onde ficava a parte administrativa e as salas dos diretores. Passei pelas primeiras portas, a sala do Evans era uma das últimas do corredor. Segurava o celular dele entre os dedos um pouco trêmulos.

— Sua ridícula! — me xinguei em voz baixa.

A tela do celular acendeu com a entrada de uma mensagem, não devia nem mesmo olhar. Era errado. Mas não consegui evitar.

“Não faça nenhuma besteira, sei como esse dia é pesado para você e...”

Isso foi tudo o que apareceu.

Que coisa mais estranha. Sacudi a cabeça e voltei a andar. A mensagem era de uma tal de Jéssica.

O que será que ela quis dizer com o dia de hoje é pesado e não faça nenhuma besteira?

Esqueça essa mensagem e tira o senhor Hunter da cabeça agora.

Passei pela sala do Evans, parei em frente à porta vizinha e li a confirmação.

Daniel Hunter.

Meu coração disparou outra vez. Pisquei lentamente e murmurei:

— Chega!

Levantei o braço decidida e bati na porta três vezes. Para minha surpresa, ela abriu sozinha. Estava apenas encostada.

Meu coração acelerou um pouco mais.

— Senhor Hunter? — Arrisquei colocando metade do rosto para dentro da sala. — O senhor Evans me pediu para... — me detive quando entendi que o maestro não estava ali.

Respirei fundo sem saber se aliviada ou um pouco desapontada. *Aliviada, é claro, sua tonta!*

Entrei na sala. Seria mais simples do que havia imaginado. Tinha apenas que deixar o celular, sair dali e...

Meus olhos pararam em cima de um livro sobre a mesa: “O diário de Jack, o estripador”.

Meu estômago gelou.

Cruzes! Que leitura.

Deixei o celular com os dedos ridiculamente mais trêmulos. Já ia virar para sair da sala quando outra coisa em cima da mesa chamou a minha atenção.

Saia, saia, saia!

Porém, minhas pernas idiotas não obedeceram. Quem mandava nelas era a curiosidade anormal que sentia por tudo relacionado ao mistério que o senhor Hunter se tornara para mim.

Atenta aos barulhos do corredor e sem pensar muito, avancei alguns passos e abri a agenda. Folheei rapidamente algumas páginas: anotações de horários de reuniões, alguns desenhos de notas musicais, mais registros de compromissos. Até que cheguei onde queria, no dia de hoje. Meu coração batia rápido demais. Se eu fosse pega... Meu Deus!

Tinha apenas uma frase escrita, com a letra mais caprichada do que nas outras anotações:

Hoje é o dia em que a morte se apaixonou por mim, mais uma vez.

Meu Deus! O que ele quis dizer com isso? Que coisa mais estranha. Minhas mãos molharam de suor.

A porta da sala abriu de uma vez. Fechei a agenda de maneira tão abrupta que ela caiu no chão. Senhor Hunter parou com a boca meio aberta e ficou me encarando em silêncio.

— Eu... eu... eu... — engoli em seco e prossegui desesperada. — eu vim devolver seu celular.

Ele olhou para a o celular sobre a mesa, e então, para a agenda no chão. Um vinco enorme se formou entre as sobrancelhas negras.

— Você estava mexendo nas minhas coisas? — perguntou em um tom de voz tão frio que gelou meu corpo inteiro.

— Não, eu não e...

— Não minta para mim — ele afirmou sombrio e deu dois passos para dentro da sala.

Eu me encolhi.

— Desculpe, eu não... me desculpe, eu só coloquei seu celular na mesa e então...

— Então resolveu ler a minha agenda. — Senhor Hunter olhou para o caderno caído no chão.

— Não, é só que... — Não tinha o que falar, o que eu podia falar? Ele havia me flagrado. Minhas bochechas arderam de vergonha. Que coisa mais estúpida que eu fui fazer. — Me desculpe.

Assisti o senhor Hunter apanhar a agenda, dar a volta na mesa e sentar.

— Senhorita Aurora — ele respirou três vezes antes de acrescentar: —, está tudo bem, você pode ir.

Abri os olhos, surpresa.

— Mesmo?! Quer dizer, obrigada, senhor, e desculpe, eu não quis ver e...

Virei o corpo aliviada. Graças a Deus, tudo ficaria bem. Ele não era o monstro que todos diziam — concluí e inspirei o ar devagar já com a mão na maçaneta da porta. — Intrigante, sim. Misterioso, com certeza. Continuava mexendo comigo de maneiras inexplicáveis também. Até agora meu coração acelerado e minhas pernas bambas provavam isso. Mas ele não era o monstro que aparentava ser e que...

— Senhorita Aurora — meu diretor chamou e eu me virei para encará-lo.

— No final da próxima semana, quero que você apresente sua variação do terceiro ato.

Escancarei minha boca, não consegui evitar.

— Inteira — ele concluiu e o ar do mundo evaporou.

— Mas... mas... nós ainda estamos ensaiando o segundo ato.

— Nós temos algumas bailarinas que não teriam problema nenhum em apresentar a peça inteira na semana que vem, se eu pedisse. Você tem algum problema com isso? — Ele lançou um olhar desafiador.

— Não — murmurei com a voz falha.

— Que bom! — disse e cruzou as mãos sobre a mesa.

Eu fiquei encarando-o sem conseguir falar nada, nem me mexer. Filho da mãe, essa era a “vingancinha” dele. Com ou sem razão de tentar me castigar, ele devia saber que isso exigiria que eu treinasse muitas horas a mais durante os próximos dias a fim de conseguir atender ao que ele pedia. Ao contrário das outras bailarinas, eu nunca dancei nesse papel antes. Desgraçado!

— Agora você pode ir. — E apontou em direção à porta.

Assenti em silêncio e saí de perto daquele... daquele... Apesar de ele ser um ogro, não me sentia no direito de xingá-lo mentalmente, sabia que tinha errado antes e tinha errado bem feio. Saí de lá com dois problemas para lidar: a certeza de que estava ferrada e que teria que me dobrar em duas nos próximos dias. A minha curiosidade psicótica só aumentava em relação ao maestro.

Hoje é o dia que a morte se apaixonou por mim, mais uma vez.

O que ele quis dizer com isso?



Sentada no café principal da Academia, enquanto esperava por Nathy, tinha acabado de fazer uma pesquisa enorme no celular sobre o maestro. Duas semanas após o encontro vergonhoso na sala dele, eu tinha certeza de que a frase naquela agenda era de verdade: o maestro era o crush da morte. Por causa dele ou junto a ele, eu sempre me sentia morta.

Na primeira semana, ensaiei dobrado a fim de apresentar a variação do terceiro ato que ele exigira e fiquei morta de cansaço.

No dia em que deveria apresentar a dança em sala, pelo menos era o que eu imaginava que aconteceria, o maestro entrou, não cumprimentou ninguém, colocou a pasta dele sobre a mesa lateral e caminhou em minha direção.

— Você está pronta para apresentar a variação do terceiro ato? — perguntou baixinho, com os olhos cravados nos meus.

— Sim — respondi e ergui o queixo, orgulhosa, tentando disfarçar o quanto a proximidade dele mexia comigo.

— Ótimo — ele respondeu sucinto —, assim quando Evans começar a ensaiar o terceiro ato, você estará adiantada.

Virou as costas e saiu. Encarei-o incrédula com as mãos na cintura. Sentia o meu corpo inteiro dolorido por causa das horas a mais que estive ensaiando e aquele desgraçado não iria pedir para eu dançar?! E, então, dali em diante, fiquei morta de raiva.

E foi assim até o último ensaio junto ao maestro naquela tarde de sexta-feira, quando ele me matou de calor, de nervoso e de um milhão de sensações descontroladas.

— *Senhorita Aurora — senhor Hunter me chamou no final do ensaio —, eu quero falar com você. Por favor, espere todos saírem. — E aí eu comecei a morrer.*

Quando ficamos a sós, ele cruzou os braços sobre o peito e disse:

— *Eu quero uma reação diferente sua quando estiver dançando com seu príncipe. — E deu alguns passos se aproximando.*

Meu coração acelerou enquanto o maestro se aproximava cada vez mais.

— *Quero que você olhe para ele assim — pediu e apontou com a cabeça em minha direção.*

Minha garganta secou.

— *Assim... assim como? — me esforcei para perguntar e baixei o olhar sem graça.*

Os dedos dele ergueram o meu queixo. O senhor Hunter estava tão próximo que eu sentia a respiração dele no meu rosto.

— *Assim — explicou ele, me encarando com intensidade. O polegar deslizou pelo meu queixo desenhando a linha do maxilar. — Assim — murmurou baixinho —, olhe para ele desse jeito que você está me olhando agora.*

O que ele quis dizer com isso? Ele percebia o quanto mexia comigo?

Nossas respirações estavam aceleradas. Hunter ainda me olhava intensamente. E quando achei que ele fosse me beijar ou me matar, o maestro se afastou de uma vez, virou as costas, pegou a pasta dele e saiu. Simplesmente saiu sem dizer mais nada.

— Oi... e aí? — Nathy acabara de sentar à minha frente e eu voltei para o café.

— O que o senhor grosseria Hunter queria com você? — perguntou e se recostou na cadeira.

Senti o coração disparar ao lembrar o que aconteceu, a maneira como ele me olhou e tocou no meu

rosto.

— Nada de mais, me pediu para interagir com Ivo de uma maneira diferente — omiti. Não queria falar sobre o que tinha acontecido, ainda me sentia abalada demais.

— Cruz credo — Nathy rebateu —, três semanas e ele faz questão de não cumprimentar ninguém e de se dirigir a todos só pelo nome dos personagens na hora de rugir as suas grosserias. — Ela levantou a mão para chamar a garçonete. — Sabe o que mais me irrita? O que esse cara entende de balé, para opinar com tanta propriedade?

— Eu não aguentei e acabei de fazer uma pesquisa pela internet. — Se ela soubesse quanto tempo gastava pensando nesse cara e tudo o que vinha acontecendo, talvez ficasse preocupada. Bom, eu estava.

Ela abriu mais os olhos perguntando com a expressão: e aí?

— Ele é um monstro.

— É claro que é.

— Não, não de verdade, um gênio, um ser desses que a gente acha que só existem em filmes... Quer ver?

Ela concordou.

Abri a internet no celular e a pesquisa saltou, não tinha fechado o ícone. Comecei a ler:

— Daniel Elton Hunter, nasceu em 1989, em Londres. Cresceu na casa da família em North York. Aos quatro anos, tocou o piano pela primeira vez, desafiando a todos que lhe assistiam a não acreditar. Aos seis, já tocava como se soubesse desde antes de nascer. Aos nove, compôs sua primeira sinfonia. Aos doze, se apresentava pelos palcos do mundo aclamado como um novo gênio da música. Formou-se na escola real de música, em Londres; e, aos vinte anos, já era um dos maiores maestros do mundo contemporâneo. A música e a arte o acompanharam dentro e fora de casa. Filho de pai desconhecido, perdeu a mãe aos seis anos e foi criado pela tia e madrinha: a senhora Olívia Scodelario.

— A Olívia Scodelario? — perguntou Nathy e parou com a boca meio aberta.

— Sim, ela mesma!

A garçonete chegou e pedimos dois cafés e duas quiches com salada. Iríamos sair de lá direto para a estação de trem com destino a Oxford, onde o pai da Nathy, que era professor de Física, morava.

— Meu Deus! — Minha amiga suspirou. — Ele é sobrinho de uma das maiores bailarinas da Inglaterra, uma das mais influentes diretoras artísticas da Companhia de *Ballet*?

— Sim... mas ela se aposentou há três anos. — Eu disfarcei. Tinha a sensação de estar presa na arena dos Jogos Vorazes. Era isso que a imagem do Daniel Hunter fazia em meus sentidos. *Sentidos loucos*.

— A mulher é endeusada por todos lá dentro — Nathy afirmou parecendo meio chocada.

— Eu sei.

— Então é por isso que acham que ele entende... quer dizer, que ele entende tanto de balé.

— É provável, continuo, quer ouvir?

Não esperei a resposta e prossegui:

— Hunter é convidado frequentemente para ser jurado dos principais prêmios de música e balé ao

redor do mundo. Apesar do forte vínculo familiar e grande conhecimento artístico com o balé clássico, o maestro nunca participou ativamente do cenário da dança, recusando sempre os inúmeros convites que surgem para ele reger os principais balés do mundo. Assim ele mantém os fãs da modalidade ansiosos por uma junção do seu genial talento com a música em um clássico da dança.

Nathy massageou o pescoço com as mãos, ela só fazia isso quando ficava nervosa.

— Ah, meu Deus, estamos tão ferradas, ele é tipo... filho da Olívia Scodelario?

— Sim.

— Por que ninguém nunca comentou conosco? Será que todos são tão alienados como nós duas?

— Acho que não. — Eu ri sem achar muita graça. — Acredito que todo mundo imagina que todos sabem e aí... ninguém comenta o óbvio.

— Bom, para mim não era nada óbvio.

— Nem para mim. — Encolhi os ombros e tentei esticar as pernas, senti um puxão na panturrilha e devo ter feito uma careta de dor.

— Dolorida?

— Um pouco.

— Trocamos massagem na casa do meu pai.

— Fechado.

Apesar de contarmos com seções diárias de massagem e fisioterapia dentro do balé, às vezes, isso parecia não ser o suficiente para diminuir o desconforto do corpo.

Os pratos chegaram e comemos por um tempo em silêncio.

— Você ainda acha que o conhece de algum lugar? — Nathy perguntou depois de dar uma garfada na salada.

— Quem?

— O senhor Hunter — ela respondeu como se fosse óbvio.

— Não, foi só uma impressão passageira.

Eu menti, era uma impressão que não passava, já que o maestro vinha ocupando muito os meus pensamentos e a força deles acabara de evocar a figura do senhor Hunter. Engoli em seco ao vê-lo se sentar em uma das mesas do café. Senti minhas bochechas arderem dessa vez, por raiva.

— O que foi? — Nathy percebeu minha cara.

— Você viu a Marie hoje, durante o ensaio? — perguntei sem esconder a irritação.

— Não... Por quê?

— Ela faltou se jogar em cima do senhor Hunter, aliás, ela tem feito isso bastante nos ensaios... e agora eles estão aqui... tomando um cafezinho. — Olhei discretamente em direção à mesa que eles ocupavam.

— Nada diferente do que ela faz com todos os bailarinos que gostam de mulher.

O senhor Evans se juntou a eles e acenou em minha direção, eu retribuí o cumprimento e Nathy

também. Movida por um impulso idiota, eu acenei e dei um sorriso tímido para Daniel Hunter, que franziu o cenho e ignorou o cumprimento.

— Ele é nosso diretor, pelo amor de Deus! — rebati ainda mais irritada com a grosseria do maestro.
— Ela não tem limites?

— Acho que é por isso mesmo que ela está tão entusiasmada... porque aparentemente ele não dá a menor atenção para ela... e, sinceramente, com todo aquele cabelo na cara, me dá arrepios só de imaginar um beijo nele. Não consigo nem pensar... essa moda de homens com barbas. — Ela torceu os lábios antes de acrescentar: — Ele levou a coisa a sério.

Só que eu imaginei o beijo do senhor Hunter com a Marie e senti ciúmes. Que coisa mais estúpida de se sentir.

Bufei e afastei a cena da minha cabeça, enquanto mexia na salada quase intocada no prato.

— Você devia sair com alguém. Desde que acabou com o Richard, não esteve com mais ninguém. — Nathy deu um gole no suco.

O Richard foi meu primeiro e único namorado, ficamos juntos por quatro meses. Quase um ano atrás, eu tinha dezessete e ele vinte e cinco. O problema era que por ser professor universitário, ele tinha uma agenda cheia, mas muito certinha; e eu por ser bailarina, tinha uma agenda cheia e esse era o único adjetivo que cabia ali. Quando ele podia me ver, eu não podia e vice-versa. Nós ainda éramos bons amigos. Nos víamos sempre que possível.

— É, você deve estar certa — concordei e arregalei os olhos, Marie estava debruçada sobre a mesa sorrindo de um jeito absurdo, como se o homem de barba fosse feito de chocolate e *waffle*.

— Vai ter uma festa incrível do College de medicina hoje, vamos? — Minha amiga me encarou com os olhos brilhando, alheia ao meu ciúme.

— Não sei, estou tão...

— Ah, pare com isso, vai. Vamos aproveitar que temos três dias inteiros de descanso e nos divertir... vamos dançar como garotas normais, encher a cara e fumar um...

— Nem pensar, a última vez que você me convenceu “a fumar um” passei dois dias sem sentir as pernas direito.

Nathalia gargalhou.

— Que exagero. — Ela me cutucou com o ombro. — Vamos, vai? Aquele gatinho do último ano vai estar lá... e quem sabe você não conhece alguém por lá.

Essa era a Nathy, sempre de olho em alguém e como tinha um rosto que completava mil personagens clássicos e corpo de bailarina, sempre tinham muitos de olho nela também.

— Está bem, querida, eu vou.

— Ahhh... — Ela me abraçou, comemorando com uma dancinha. — O que seria da minha vida sem você?

— Não sei o que seria de mim — respondi e vi que o senhor Hunter agora olhava para mim, daquele jeito que fazia tudo no mundo passar mais devagar.



Capítulo 8

*“Cut open my heart right at the scar
And loosen up
Gonna do what I’m told go where I’m told
And loosen up
Take a shot in the rain one for the pain
And loosen up
I tried all the way”
Wait for me – Kings of Leon*

— Comportem-se! Hoje o senhor Hunter vem assistir ao ensaio — Nathy disse ao entrarmos na sala.

Depois de nossa última viagem para Oxford, vínhamos treinando seis dias por semana direto e após o ensaio de hoje, teríamos a nossa primeira folga de dois dias seguidos: sábado e domingo, em quatro semanas.

Nathy, que começou a namorar desde que estivemos em Oxford pela última vez, estava muito bem-humorada. Apesar do Paul, o namorado dela, ter vindo vê-la algumas vezes nesses últimos dias, ela parecia eufórica com a folga um pouco maior e eu também. Se eu sentia que estava precisando de descanso, meus músculos sentiam muito mais.

— Viemos mais cedo, temos algum tempo antes do exército alemão chegar — afirmei entre risadas e o Ivo me acompanhou.

Apesar de russo, Ivo era um bailarino experiente e dançava no balé de Londres há mais de cinco anos. Ali a novidade era eu. Sabia que eu era a aposta não somente do senhor Evans, mas também do balé. Por isso, não podia falhar. Não tinha o direito de falhar. Ivo me ajudava muito. Não foram poucos os dias em que ficamos além do horário, repassando uma centena de vezes todos os passos.

Olhei para os meus dois amigos, que brincavam entre si.

Ivo tinha uma mania estranha de estudar o significado do nome de todas as pessoas, disse que a origem do nome Nicole era grega e que significava vitória. Disse também o significado do nome de todo o corpo do balé. Inclusive do grupo de quatro bailarinas que eram as queridinhas do cenário. Antes me olhavam como se eu fosse uma catadora de merda de pombos, mas, depois que consegui o papel principal na peça, passaram a me olhar como se eu tivesse queimado a casa onde os avós delas dormiam.

Era engraçado porque o nome de nenhuma dessas meninas significava inveja, veneno ou que queria que você quebrasse a perna. Então, depois de debater sobre nomes e suas possíveis influências com Ivo durante algumas noites, enquanto ensaiávamos, eu entendi que os nomes não tinham poder nenhum sobre o que as pessoas se tornavam.

Nathalia ria de algo que o Ivo falou e, como eu perdi a piada, resolvi fazer a minha própria:

— Fada da alegria! — falei enfática.

Esse era o personagem da Nathy, ela e o Ivo pararam de rir e me olharam. Fiz a cara mais carrancuda que consegui e continuei:

— Lembrou quantos anos tem? — continuei dando ênfase a um sotaque inglês forçado. — E você, senhor Florimundo? — disse sem olhar para o Ivo. — Faça alguma coisa direito, eu tenho mais o que fazer do que assistir a isso... Ninguém aqui parece ouvir uma palavra do que pedimos.

Eles sentaram de frente à porta e começaram a rir.

— É o senhor Hunter — Nathalia me incentivou. — Bom dia, senhor Hunter. — Ela entrou na brincadeira e eu virei a cara fingindo não ter ouvido.

— *Cést pas possible, incompetents!*³

Os meus amigos entraram direitinho na minha, porque me encaravam com os olhos e as bocas meio abertos em uma expressão de... medo? Era isso que o troglodita provocava ao seu redor, ou tentava provocar. Medo!

— *Merde*, o que vocês estão olhando? Vamos, senhor Florimundo, faça algo de útil no seu dia e tente me provar que todo esse tempo gasto valerá a pena... Você parece que está com dor de barriga e não sofrendo por amor.

Nathalia fez uma negação com a cabeça e olhou para minhas costas e o Ivo continuava me encarando como se eu fosse criar dez pares de tentáculos e o devorar em uma mordida.

— O que, senhor Florimundo, não se lembra como se faz nem ao menos o *grand plié*⁴? Ou lembrou que eu sou o único ser do mundo que posso soltar palavrões em francês e ainda assim ser aclamado com bons aplausos ingleses?

Então eu ouvi, em alto e bom som, alguns aplausos às minhas costas. Senti o estômago contrair por puro instinto de sobrevivência, como se ele pudesse prever o que eu encontraria. E, em seguida, me virei.

E lá estavam o senhor Evans, que me olhava como se eu fosse um alien, e o homem que gritava palavrões em francês, que continuava a me aplaudir com os olhos... O que era aquele olhar? Será que eu poderia morrer por efeitos colaterais daquele olhar? Talvez sim. Engoli em seco.

— Muito bem, senhorita Aurora — disse o maestro —, agora que já provou saber falar francês e ser uma ótima palhaça circense, demonstre metade dessa habilidade no ensaio de hoje ou, com certeza, eu lhe darei algumas aulas a mais da língua, para que você continue treinando a sua fluência.

Eu tinha parado de respirar.

Oh, meu Deus, isso realmente estava acontecendo?

Meu coração dançava um *pas de deux*⁵ junto com as costelas. Engoli em seco outra vez, quer dizer, tentei engolir. Mas não consegui.

Culpa do chiclete que eu mascava, que pareceu absorver toda a saliva do mundo. E antes que conseguisse me recuperar ouvi:

— E descarte esse chiclete, eu nem deveria estar pedindo tal coisa, afinal não sou sua professora de pré-escola.

Eu assenti muda porque o chiclete também removeu todas as palavras da minha cabeça. Virei em direção ao cesto de lixo que ficava em um dos cantos da sala, ainda não sentia o corpo. Aquele homem conseguia me desestruturar.

Todo o bom humor do início do dia, resolveu se fechar de uma única vez em nuvens cinzentas e pesadas que despencavam na minha cabeça. Tive certeza disso quando a voz do senhor Hunter ecoou em cima de mim:

— Não cole esse troço grudento nas tevês em sua frente, nem nas paredes da sala, faça o favor de lembrar que aqui, na “Inglaterra” — ele fez o favor de dar ênfase na palavra, como se o fato de ser estrangeira fosse uma justificativa para toda a falta de civilidade do mundo e prosseguiu: —, nós jogamos esse tipo de coisa mascada no lixo... Já que não temos a pressão do avião, acredito que seus ouvidos vão sobreviver sem que você precise mastigar isso.

O trovão e o raio da compreensão e da lembrança explodiram.

Meu Deus, esse... esse senhor... o senhor Hunter era... eu mal conseguia me manter em pé. Era o motoqueiro, o selvagem, o ogro que sentou ao meu lado no avião há três anos e que... ai... meu Deus!

Tudo ficou escuro e tive que me apoiar na barra lateral, por sorte estava apenas a dois passos. O senhor Hunter era o motoqueiro que pegou no meu chiclete mascado e na minha calcinha!

Como que eu não lembrei?

Como?

Talvez por isso a minha obsessão por ele. Alguma parte da minha mente devia saber quem ele era e queria me avisar desesperadamente. A outra parte, a consciente ou idiota, deletou por completo todo o episódio do voo. Mas, pelo visto, ele lembrava disso e lembrava com detalhes.

Ai, meu Deus, Cristo amado, eu estava ferrada!

O resto do ensaio aconteceu em total ausência de qualquer normalidade. Não conseguia nem lembrar direito do meu nome, quem dirá que dançava balé há anos e que eu executava os passos melhor do que conseguia andar.

Desastre.

Ensaíamos o Adágio da Rosa, a parte em que dançava um *pas de deux* com quatro bailarinos: os quatro príncipes pretendentes. Eu errei muitos passos, e agora, por exemplo: errava de novo. A minha concentração virou um chiclete mascado e o humor sarcástico do senhor Hunter mascava o resto de tudo dentro de mim.

— Ou a senhorita Aurora vai lembrar o porquê dela estar aqui hoje, ou acho que devemos sentar e esperar o próximo número dos palhaços que ela está querendo nos presentear desde que entrei. — Isso, é claro, ele falou em francês, quase rosnando e sem olhar para mim.

O meu futuro seria escuro ao lado do maestro louco.

E ops, merda, ou *merde*, mais um passo errado.

Olhei para a Nathalia, que me encarava incrédula, a sala já tinha mais de cinco pessoas do corpo treinando. E *merde*... mais um passo em falso e quase derrubei o John.

— Nicole — Evans falou. — parece que não está em condição de realizar nenhum movimento hoje, sem se colocar em risco ou ao seu parceiro. Sugiro que sente e descanse um pouco para que encontre a sua concentração, por favor. — Em seguida, virou-se para a vaca da Marie, que era a Carobasse da peça, a fada má, e pediu: — Assuma o lugar da Aurora.

Marie era uma das bailarinas mais experientes da companhia, já devia ter dançado no papel da Aurora umas cinco vezes, só na última temporada. Quando eu passei pelo senhor Hunter, ele disse em um tom de voz baixo e controlado, acho que queria que só eu escutasse:

— Da próxima vez que quiser se divertir com seus amigos, acho que deveria mostrar suas roupas íntimas, garanto que dará melhor resultado.

Eu gelei e virei para olhá-lo, bem irritada. Tudo naquele homem me descompensava, odiava isso. Quando o olhei enfurecida, porque queria deixar claro que tinha um limite, ele já não me olhava mais. *MERDE!*



Capítulo 9

*“Cause you’re a good girl and you know it
You act so different around me
‘Cause you’re a good girl and you know it
I know exactly who you could be”
Hold on we’re going home – Arctic Monkeys*

Acordei com o calor do sol no rosto. Briguei um pouco com os raios e meus olhos se entregaram à manhã que crescia na janela. Depois do ensaio e da lembrança do episódio do avião, viemos para Oxford. Durante a viagem de trem, eu contei tudo para uma Nathalia chocada e, em seguida, descontraída. Ela riu durante a viagem inteira do que tinha acontecido há três anos e eu acabei rindo junto.

A vida e o mundo podem ser muito loucos. Como esse tipo de coincidência existe? O que faz duas pessoas que nunca se viram, viverem momentos como aqueles dentro de um avião e o que leva essa mesma pessoa, anos depois, a virar seu diretor, e então... o beco, o amasso, a voz, as instruções na orelha...

Contei sobre isso também. Ela quase surtou de tanto rir. Eu tentei rir, fingi que me divertia, só que nessa parte, especialmente quando lembrei tudo o que a presença dele fazia no meu corpo, não consegui achar graça.

Olhei o quarto, estávamos outra vez, na casa do pai da Nathy. Antes de conhecer aqui, achava que Oxford era uma universidade com um prédio único e enorme. Ri por dentro ao entender que a cidade era toda cercada de prédios, que eles chamavam de *colleges*.

Sabem Hogwarts?

Alguns prédios daqui foram usados nas filmagens da escola de bruxaria.

Nathy ainda dormia. Levantei e abri a porta do banheiro devagar porque não queria acordá-la, a sua noite foi mais longa do que a minha. Eu encontrei o Richard na festa que fomos e conversamos até uma da manhã. Quando eu bocejava mais do que respondia, ele me trouxe em casa. Não vi a hora que a Nathy voltou, mas acho que, pela empolgação que ela demonstrava com Paul, seu novo namorado médico, devia ser muito tarde.

Escovei os dentes e bochechei ainda com o gosto da pasta de hortelã na boca. Penteei os cabelos que

viravam uma coisa inominável depois de uma noite de sono sem prendê-los. Vesti uma roupa de ficar em casa. Quando saí do banheiro, minha amiga tinha acordado e passava uma camiseta pela cabeça.

— Bom dia — disse e sentei na beira da cama.

Os pássaros cantavam muito pela manhã, especialmente depois de um cumprimento ignorado.

— Brigou com o Paul?

Um sopro forte pela boca, foi a minha resposta dessa vez. Através da janela, o dia ainda nos lembrava de agradecer à vida. Dentro havia silêncio, mau humor do paraíso e olhos cansados que agora enxergavam nada além do espelho.

— Nathy, se você vai continuar me ignorando, eu vou sair e fazer qualquer coisa.

— Faz o que você quiser. — Eu sabia que ela queria ou precisava brigar. Talvez eu desse isso para ela, porque a Nathalia mal-humorada conseguia irritar até os pássaros depois da janela.

— Quando acorda assim, você só é melhor do que o senhor Hunter.

Pronto, como a boa amiga que era, iria dar a briga que a Nathy queria.

— Vai passear, sua virgem da autocomiseração antiprazer.

Dei uma gargalhada irônica.

— Está de mau humor, né? Mas a criatividade para as ofensas continua igualzinha.

— Melhor mal-humorada pela manhã do que mal comida, ou melhor nunca comida.

— Sabe, Nathalia? Vai à merda! Você é uma grossa quando precisa descontar as suas frustrações, eu não tenho culpa se o Paul te deu um pé na bunda ou dois. Fui! — disse agarrando minha bolsa de cima da estante e, virando em direção à porta, eu senti a mão dela fechar em meu ombro.

— Eu acabei tudo. Desculpe, Ni, eu estou arrasada. — Apesar deles estarem juntos há um mês, já tinha percebido que Paul era um cara muito ciumento.

— Ah, Nathy, o que aconteceu? — Eu virei de frente para olhá-la.

— Ele quase me arrastou para fora do bar, porque um carinha veio me perguntar que horas eram.

Eu a abracei e passei a minha mão nas costas dela, um gesto de apoio e carinho. Os cabelos loiros acobreados da Nathalia entraram nos meus dedos. Ela era uma Barbie bailarina.

— Talvez tenha sido melhor assim, amiga, Ele... bom, você sabe que eu acho que o Paul é muito ciumento e...

O telefone da Nathalia tocou, eu me afastei enquanto ela pegou o aparelho de cima da penteadeira.

O quarto tinha uma decoração romântica provençal. As janelas inundavam tudo de luz. Ela tocava primeiro as cortinas de renda, depois o papel de parede azul com motivos florais e logo todos os móveis brancos estavam contornados pelo sol. Olhei para ela, que encarava o celular com o cenho franzido.

— É ele?

— Hum-hum... — Nathy afirmou com a cabeça.

— Igno... — não consegui terminar.

— O que você quer? — ela disse seca ao telefone, eu suspirei. — Não, nós não vamos voltar.

Em silêncio, eu encarava a Nathy com esperança de que ela me olhasse, mas ela não me olhou. Ao contrário, virou de costas em direção à janela.

— Por que, às vezes, você tem que ser tão idiota? — Agora ela chorava.

Idiota um milhão de vezes. Que raiva sentia de quem deixava minha irmã de coração partido.

— Você sabe que eu disse que seria a última vez, eu te avisei... mas você... O quê? É um descontrolado, não quero.

Sentei na cama outra vez.

A conversa era entremeada de silêncio e soluços.

— Está bem, eu só vou comer alguma coisa e saio.

Ela desligou sem me ver e enfiou um casaco.

— Ele está aí fora, ele... — Nathy suspirou com lágrimas nos olhos. — está chorando muito e eu... O que eu faço?

— O que o seu coração disser que é certo, minha amiga. — Eu queria dizer acaba com ele logo, mas como? Dentro do amor que sentimos uns pelos outros, está também o respeito com as escolhas dessas pessoas e existe um limite até onde a nossa opinião deve e pode ir.

— Que merda estar apaixonada, você não faz ideia como ficamos burros assim.

— Não, eu realmente não faço a menor ideia. Só tenho certeza de que quero ver você feliz. Com ou sem paixão.

Achava que nunca iria me apaixonar, porque o balé sempre foi meu primeiro e único amor. Eu beijei a testa dela.

— Que bom que tenho você, cheia de tanta paixão por um carinha, convivendo comigo; de certa maneira, vivo um pouco isso sem viver.

— Não, não vive — ela disse limpando as lágrimas e dando um sorriso com o nariz franzido.

— Vai logo, senão o Romeu pode cometer uma loucura por amor.

— Quer saber? Sorte sua ser imune a isso.

— É, talvez — disse sem ter muita certeza se era isso mesmo que eu queria. Por mais que a dança ocupasse quase tudo em mim, existia um lado pequeno que insistia em ficar curioso com o tão sonhado amor romântico. Eu enfiava esse lado bem escondido embaixo de uma pilha de fitas de cetim, toneladas de sapatilhas, com litros de *pas de bourrée*. Os únicos romances que me faziam suspirar eram os livros da Jane Austen e os musicais de Fred Astaire. Esse era todo o romantismo que cabia no meu mundo.

Capítulo 10



*“If you say run, I’ll run with you
If you say hide, we’ll hide
Because my love for you
Would break my heart in two
If you should fall
Into my arms
And tremble like a flower”
Let’s dance – David Bowie*

— Tem certeza de que vai ficar bem? — Nathy me perguntou na porta de saída da Companhia. Havíamos acabado um dia longo de ensaios.

— É claro que sim, eu já fiquei sozinha antes e me alimentei direitinho. — Empurrei ela com o ombro e sorri.

— Tem certeza de que não quer ir para a casa do meu pai? Podemos sair juntas, se você for.

Nathalia iria passar o feriado em Oxford, na casa do Paul.

— Não, querida, obrigada. Vou dar uma folga para vocês e para as minhas mãos também nesse feriado.

— Mãos?

— Elas não aguentam mais bancar o candelabro.

Nathalia abriu a boca zombeteira e horrorizada.

— Não sabia que você se sentia assim conosco.

— Depois da última briga de vocês há um mês, parece que estão sempre se reconciliando.

— Ahhh, que exagero! E, além disso, tem o Richard, que quase sempre está junto a nós.

— O que só piora a situação, porque enquanto vocês estão trocando beijos — sacudi a cabeça —, aliás, quando vocês se engolem, o Richard me olha com cara de cachorro abandonado.

Ela olhou para baixo.

— Nossa, desculpa, não sabia que era tão ruim.

— Estou brincando, Nathalia... — Suspirei. — Mesmo dividida, a sua companhia jamais me deixaria deslocada.

Ela passou o braço em cima dos meus ombros enquanto caminhávamos em direção ao nosso apartamento.

— Sabia que eu te amo? — Nathy disse sem me olhar. Ela tinha a maior dificuldade em falar sobre qualquer sentimento, mesmo em uma amizade tão simbiótica como a nossa.

— Sabia, mas esse feriado a sós no apartamento eu serei do senhor Darcy e do Fred Astaire.

— Ai, que medo que eu tenho de você com esses dois.

— Shhh... fala baixo — eu pedi com ênfase. — Eles são meus amantes, o balé me mataria se soubesse e nós ainda estamos muito perto do prédio.

Nathalia gargalhou.

— Não ria, o senhor Hunter pode ouvir que temos senso de humor e nos castigar por causa disso.

Ela gargalhou outra vez, ainda mais alto.

— Ele estava quieto hoje, não é? Não abriu a boca durante todo o dia de ensaio, nem um mísero palavrãozinho em francês ele soltou — ela disse.

— Acho que a mãe dele não teve tempo de dar a educação devida.

— Ai, que maldade, Ni.

— Tem razão. — Suspirei com o peso na consciência pelo comentário.

Desde o episódio “eu sei o que você fez no voo passado”, a minha obsessão pela figura do maestro não diminuiu. Ele continuava sendo um pessoa intrigante e continuava mexendo comigo de uma maneira também intrigante. Porém, de um tempo para cá, tentava empurrar a minha curiosidade e as reações estranhas do meu corpo diante dele, para longe da tentativa de compreensão.

Parei de andar de uma vez. Culpa de uma sensação de esquecimento. A Nathy parou também.

— O que foi? — ela perguntou.

— O meu celular. — Eu já mexia dentro da bolsa. — Falei com minha mãe no vestiário e acho que não guardei de novo. — Sentei no chão e comecei a revirar a bolsa. — Ah, meu Deus, que saco, acabei de comprar, inferno!

— Deixa eu ligar pra ele — Nathy sugeriu, já com o celular dela na mão. Parei de procurar e levantei rezando para ouvir o toque da salvação. Coloquei a bolsa no ouvido.

— Nada, né? — minha amiga perguntou.

— Não, com certeza ficou lá... Mas que bosta! — Fechei a bolsa e coloquei no ombro. — Vou ter que voltar para pegar.

— Ah, querida, que droga!

— Pois é.

— Desculpe, nem poder te acompanhar eu vou, senão perco o horário do trem.

— Fica tranquila, Nathy.

— Tem mesmo certeza de que não vai?

— Absoluta, vou deixar vocês se curtirem a sós um pouco. — Encolhi os ombros. — Vai ser bom para mim. Acabei de comprar *Razão e sensibilidade* naquele sebo, lembra? Estou louca para reler.

— Não esquece de ligar o aquecedor e de se manter bem quentinha, hein?

— Recordes de frio e neve nesse inverno, né?

— É, e você tem mania de andar mal agasalhada.

— Não sou muito friorenta, com exceção das mãos — Mexi os dedos enluvados e concluí, sorrindo: — sempre geladas.

A Nathy me lançou um olhar de repreensão.

— Está bem, mãe.

— Se a dona Silvana estivesse aqui, ela me agradeceria.

— Ela te agradece mesmo sem ver o que você faz por mim. Agora vá, antes que nós congelemos aqui fora.

Nathalia me abraçou e eu corri de volta para o balé.



Depois que o expediente acabava, a área de ensaios me dava um certo calafrio interno idiota, mas involuntário. Acontece que ali era tudo muito maior do que dava para imaginar. Era quase como entrar em uma fábrica ou um shopping durante a noite. O cenário perfeito para um filme de terror ou de suspense. Meu coração bobo tinha certeza disso, porque, apesar da razão falar a todo instante para ele: “Se acalma, para de atropelar as costelas, o Jigsaw não vai se materializar aqui”, nada parecia acalmá-lo, então, eu fingia não sentir medo enquanto cruzava alas, corredores pouco iluminados e sem movimento em passadas rápidas, bem rápidas.

Alcansei o vestiário e encontrei o celular em segurança. Lá dentro com tudo aceso o medo ridículo sumiu e dei risada da minha cara no espelho.

Guardei-o na bolsa e resolvi fazer o retorno com mais tranquilidade. Para espantar os pensamentos ruins, lembrei do ensaio de hoje e de como foi intenso. Havia feito e repetido algumas vezes os principais *pas de deux*.

Não lembrava mais de psicopatas e nem do medo. Ria satisfeita comigo mesma. Recebi mais de um elogio do senhor Evans, hoje.

Cruzava o local perto do palco montado para os ensaios finais das peças. Nunca deixava de me impressionar com o tamanho e a estrutura de tudo ali. Ia sorrindo entre impressionada e realizada, quando um som me tocou.

Não qualquer som, e sim uma música sendo tocada no piano.

Quando percebi, fui levada em direção a ela.

Conforme os passos estreitavam a distância entre meus ouvidos e a melodia, eu reconhecia aquela que era uma das músicas prediletas da minha mãe — *I want hold your hand* — sendo colocada sobre a teclas de tal forma, que parecia renascer e... deixar todo o mundo do avesso, em um bom sentido.

Sem que eu soubesse, as lágrimas tocaram meus olhos junto com o som. Sentia saudades de casa e dos braços da minha mãe, saudades até mesmo das nossas brigas e da exigência quase exagerada dela. Tudo era diferente. Mesmo nos falando todos os dias, ela estava longe. Após três anos fora de casa, eu entendi muitas coisas: é mais fácil criticarmos as pessoas que estão perto e que sempre vão nos amar incondicionalmente. Mãe é uma dessas pessoas que parecem que nunca vão deixar de estar presentes em nossas vidas, como se elas não tivessem o direito a isso, até que você percebe que não. A vida muda, milhares de quilômetros de distância dificultam e afastam. Não foram poucas as vezes em que, nesses três anos, eu me peguei com vontade de ouvir a voz dela, de ir para a casa dela, de recorrer a ela por uma ajuda que só quem está próximo poderia dar, que só uma mãe poderia dar e que ela sempre me deu. Fazia um ano que eu não a via e dois desde que eu visitei o Brasil. Entretanto, a minha saudade era tanta, que naquele momento, eu jurava que havia passado dez anos sem casa e vinte sem mãe. Já estava a dois passos dentro do palco, o piano de cauda ficava em cima dele e o dono daquela alma na música era... Meu Deus!

Retrocedi para fora da área visível, porque o assassino dos Jogos Mortais não estava no teatro, mas o senhor Hunter sim.

Meu coração, que já estava acelerado pela música, quase colapsou quando se deu conta de que minha obsessão particular era quem animava aquela melodia com tamanha entrega, emoção e vida.

Encostei na parede junto a uma das entradas nos bastidores e fiquei ouvindo a conclusão da música. Não perguntem, não saberia responder porque não saí de lá correndo.

A melodia, com certeza, era culpada.

O senhor Hunter estava de costas para mim.

A música entrava e respirava o ar do meu corpo.

Por isso ele era considerado um monstro da música. Eu... não fazia ideia.

Nunca o tinha visto tocar assim.

A respiração acelerada podia entregar minha presença. Me esforcei para manter o oxigênio no lugar dele. Fechei os olhos com um misto de sensações estranhas, chocadas, entre as saudades de casa e a surpresa por me emocionar tanto enquanto os dedos dele tocavam as teclas do piano.

E então, nada no meu mundo, ou no dele, me prepararam para o que ouvi em seguida.

A música foi diminuindo até as últimas notas. Depois veio o silêncio e, logo após, ouvi um soluço seguido de outro mais alto.

Santo Deus!

Abri os olhos confusa e ouvi um urro de dor vindo do peito do senhor Hunter, que apoiou a cabeça sobre as teclas. Ele criava música junto ao piano. Os sons eram regidos pela convulsão do seu corpo em choro.

Tapei a minha boca com as mãos trêmulas.

O senhor Hunter continuou chorando de uma maneira... que nunca tinha visto, principalmente um homem.

Por que eu não saía de lá?

Não sei.

Estava paralisada com a dor daquele ser humano. Não um motoqueiro malvado, nem um monstro ou um gênio, apenas um homem sofrendo muito.

Será que aconteceu alguma coisa? Ou será que ele guardava essa dor dentro de si?

Que tipo de sofrimento fazia alguém se fechar em uma carapaça de grosseria para não mostrá-lo aos outros? Por que o senhor Hunter escondia isso, talvez até dele mesmo? Por que a nossa dor sempre parece maior que a dos outros?

Até que o choro do senhor Hunter veio me lembrar que não. Talvez ele também sentisse que não havia amor o bastante no mundo. E que esse mesmo mundo nunca o entendeu. Todos nós sentimos isso em algum momento de nossa vida.

Ouvi os soluços que diminuía.

O banco do piano se mexeu. Virei para sair do alcance de sua visão, caso ele tomasse a minha direção. Ouvi passos sobre o palco, que se distanciavam. E de novo veio o silêncio.

Meu Deus! Nem percebi que segurava o ar.

Como fui egoísta e insensível ao julgá-lo pelo monstro que todos diziam que ele era. E o pior, ele fazia questão de provar a todos que estavam certos a seu respeito.

Olhei para o palco outra vez, agora vazio. Dei alguns passos tímidos e confusos até o piano. Toquei no banco que transpirava o calor perdido do corpo dele. Toquei de leve nas teclas e senti meus dedos molharem. Lágrimas. Meu coração encolheu. Engoli o choro. Senti vontade de consolá-lo, ajudá-lo, de entender o porquê daquele choro, daquela dor. Senti uma vontade tão grande que era quase inexplicável. A não ser pelo fato de que sempre me comovi com a dor dos outros. Já ia sair quando vi ao lado do piano a pasta de couro do senhor Hunter, uma que ele carregava para cima e para baixo, como se levasse a vida dele ali dentro.

Guiada pelo segundo impulso mais estapafúrdio da noite, eu peguei a pasta para tentar devolver a ele.



No meu quarto sozinha, encarava uma pasta em cima da poltrona ao lado da cama, como se ela pudesse desenvolver olhos e boca.

Eu corri para tentar devolver a ele, mas o instinto de sobrevivência agiu antes do impulso e me fez parar.

O que eu pensava fazer?

O que diria ao encontrá-lo?

— Oi, senhor Hunter, acabei de presenciar o ataque de choro mais comovente da minha vida e...

Que idiota!

Depois de parar e pensar por um tempo sobre o que devia fazer, resolvi tentar levar a pasta até o achados e perdidos. Logo após resolver, lembrei-me de que o mesmo estaria fechado. Desisti antes de tentar. Não havia quase ninguém na área interna do prédio, só alguns seguranças, que possivelmente nem saberiam onde deixar a tal pasta. Era noite de apresentação de uma ópera enorme e não haveria ninguém na área administrativa.

Quando tentei voltar e deixar a pasta onde estava, adivinhem? Acesso trancado, luzes apagadas e o medo do Jigsaw e do senhor Hunter voltou. Mais do senhor Hunter do que do assassino imaginário, claro!

O que ele falaria se me visse com essa pasta na mão?

Parecia muito importante porque estava cheia de partituras e anotações.

E agora ela descansava na minha casa, no meu quarto, ao lado da minha cama para ser mais precisa.

Não, eu não fui uma boa menina. Quando cheguei em casa, abri todos os compartimentos da pasta.

Além das partituras, encontrei algo que fez meu orgulho e preconceito em relação ao maestro-louco-Hunter desmontar um pouco mais. Era uma foto antiga, dessas que só existiram na minha infância.

Era um menino de cabelos castanhos dourados, no colo de uma mulher que estampava no rosto o amor de mãe. Os olhos dela eram iguais aos do senhor Hunter. Um verde-claro quase azul. Eram os olhos mais bonitos que já tinha visto.

Ele levava na pasta a foto da mãe?

A mãe que morreu quando tinha seis anos.

Isso poderia parecer meio doentio, mas só consegui enxergar a tristeza naquilo.

Essa foto devia ser bem importante para ele, não devia? Assim como as partituras.

Onde o senhor Hunter morava mesmo?

Pesquisei na internet e vi que ele morava na casa da família próximo a Derbyshire, em North Yorkshire.

Isso é longe.

Entrei, fucei, abri, li e reli dez, vinte páginas, até que encontrei um site que mostrava as mansões históricas da região.

Mansão da família Hunter de 1809.

Lá estava o endereço completo do maestro.

Movida pelo terceiro impulso estapafúrdio da noite, me convenci a ir entregar a ele no dia seguinte. Isso porque o senhor Hunter não ficaria nada feliz sem a pasta dele e, claro, isso porque se descobrisse que essa pasta ficou comigo durante dias, ele ficaria muito, muito bravo comigo e rosnaria. Aqueles rosnados imaginários me perseguiram desde a noite no beco.

Um frio ondulou a minha espinha.

Quem eu queria iludir?

Iria devolver a ele porque queria vê-lo, porque o meu coração imbecilizado não sossealaria até entender que ele estava melhor daquela tristeza. Porque o meu coração ainda mais imbecilizado queria poder ajudá-lo de alguma maneira.

Então, movida pela certeza da boa ação e da curiosidade anormal a respeito dele, que antes já era grande, agora foi triplicada depois do que assisti, inventei uma desculpa que me pareceu bem convincente de como aquela pasta tinha ido parar comigo. Fui dormir ouvindo os soluços do senhor Hunter, algo muito diferente dos rosnados da minha imaginação.

Capítulo 11



*“When you are with me
I’m free
I’m careless
I believe
Above all the others we’ll fly
this brings tears to my eyes
My sacrifice”
My Sacrifice – Creed*

Uma mansão coberta de neve estava diante de mim como um sonho. Parecia uma pintura removida de um dos livros que tanto amava da Jane Austen. Em estilo georgiano, logo reconheci pela cor das pedras amareladas, pela simetria das janelas e portas e um portão enorme de ferro oxidado que estava aberto. Fizemos a rotatória e subimos uma ladeira de paralelepípedo. O carro tentou subir, mas, devido à neve forte que caía desde cedo, não conseguiu.

— Pode me deixar aqui que eu subo a pé. Volto em cinco minutos, não se preocupe.

Entretanto, o homem de pele azeitonada e sotaque indiano parecia preocupado. Ele veio rezando e xingando o caminho todo. “Acho que eram xingamentos em hindu”. Bom, não eram em francês, então eu não entendia. Tinha tentado uns vinte táxis antes dele, nenhum aceitou me trazer até aqui. Quando eu mostrava o mapa, eles diziam com toda a polida educação inglesa:

— Não, senhorita, está nevando bastante e não posso arriscar uma viagem dessas.

É claro que arrisquei, afinal, qual era o problema desses motoristas ingleses que tinham medo de um pouco de neve?

Entrei no táxi, que não era um dos pretos tradicionais, e dei graças a Deus por ele ter aceitado a viagem. As duzentas libras que ofereci fizeram toda a diferença.

Tirei o dinheiro das minhas economias para vir até aqui. Duzentas libras era muito dinheiro. Pelo menos, para mim era.

Já me sentia louca antes mesmo de chegar na metade do caminho. Quando entramos na pior parte do trajeto, em uma subida sinuosa e estreita, que fazia o pneu do carro deslizar e cantar junto com a neve a cada cem metros, eu comecei rezar junto com o motorista. Entendi todos os taxistas sensatos que não me

trouxeram, meu medo de morrer só acabou quando o quadro da mansão se abriu à minha frente.

Valeu a pena.

Maravilhoso.

Era uma casa no meio da natureza branca, agora no inverno. Na primavera, devia ser o retrato de qualquer coisa dos contos de fadas. Foram mais de três horas de viagem. Que loucura, meu Deus!

O último ponto de civilização foi deixado para trás há mais de vinte minutos.

Depois de várias subidas, me deparei com esse lugar mágico.

— Senhorita... — Ouvi a voz cheia de sotaque do motorista.

Abri porta e disse outra vez:

— Me aguarde, eu já volto.

— Acerte a corrida agora, senhorita.

Fiquei em dúvida, mas não discuti, afinal ele também teve medo de morrer.

— O senhor vai me esperar para voltar, não é?

— Sim, sim, sim, mas volte logo, essa neve está piorando e a descida vai ser pior do que a subida.

— Ah, meu Deus! — Corri para fora do táxi e comecei a subir.

Vi uma fonte de dar alegria a pássaros e toda a família de bichinhos das fábulas infantis, continuei subindo e...

Ai, merda, um escorregão! Apoiei as mãos enluvadas no chão.

Dei graças a tantas roupas. Levantei e continuei andando decidida até a casa, que ficava maior a cada passo. Ela queria engolir minha determinação.

O que estou fazendo aqui?

Por que, Cristo, eu estou aqui?

Na porta principal, a maçaneta e a campainha eram douradas. Fiquei sem fôlego pela subida, sem ar pelo entendimento tardio do ridículo que aquilo seria.

Toquei a campainha.

Toda a minha resolução lógica escorreu como gelo no contato com o fogo.

Pelo amor de Deus, não esteja em casa. Não esteja em casa.

Alguém me tira daqui.

Por que eu fui fazer isso? Ai, meu Deus!

Assim que a porta se abriu vi um senhor de meia-idade, com bigode branco e paletó estilo inglês.

— Bom... — A voz ficou em algum lugar entre a subida e a resolução escorrida.

Limpei a garganta.

— Entre, senhorita, por favor.

Apenas assenti e dei alguns passos tímidos para o interior da mansão.

Meu Deus todo-poderoso.

Um lustre de cristal maior que o Tamisa pairava sobre a minha cabeça. Meus olhos embasbacados percorreram com agilidade o que conseguiram alcançar: cortinas de seda, papel de parede de tecido? Sim, iguais aos do Palácio de Buckingham.

Respira, respira, respira.

Escada circular alta. Portas, corredor, uma sala entreaberta e ouvi o som de um piano.

O mestre estava em casa.

Somente após o tour visual é que lembrei que tinha uma pessoa na minha frente, possivelmente aguardando. Foi só aí que reparei que não tremia de frio e sim de nervoso, porque eu não queria mais estar ali.

Estava me achando meio bipolar.

Eu também estava. Quem enfrenta tudo o que eu tinha enfrentado para chegar ali e ser tragada por um buraco e expelida para fora, só pode sofrer de algum transtorno.

Engoli em seco outra vez e resolvi fingir que ainda tinha um pouco de normalidade naquela situação.

— Eu... só... vim entregar... — Estendi a pasta e, merda, minhas mãos tremiam.

— Que bom, Daniel ficará muito feliz em saber que a senhorita... — O senhor ergueu as sobrancelhas, aguardando.

— Alves — eu disse ao mesmo tempo que afirmava com a cabeça.

— Encontrou a pasta dela — ele completou. — Vou pedi-lo para vir recebê-la. A propósito... — Ele estendeu a mão. — eu sou o secretário dele, pode me chamar de Clark.

— Muito prazer — eu disse e apertamos as mãos.

— Agora, vou avisar que a senhorita está aqui e...

— Não! — Quando percebi já tinha gritado. O homem deu um pulinho para trás e tentei corrigir. — Hum... quero dizer, muito obrigada, senhor, mas não incomode seu mestre, quer dizer, o seu sen... o senhor Hunter... Ele parece que está... — Bati no ouvido. — tocando.

— Sim, ele sempre está — ele disse, já se virando de costas e completou: —, mas tenho certeza de que fará questão de lhe agradecer pessoalmente — dizendo isso, o senhor Clark desapareceu.

Fiquei sozinha com o lustre do tamanho do rio sobre a minha cabeça e com o som do piano que parou, porque o senhor Hunter foi interrompido.

E cadê a porcaria do buraco da fuga dos desenhos animados?

Eu também podia fugir pela porta, sair correndo, entrar no táxi e... Não! Seria ainda mais ridículo ser pega fugindo, rolando ladeira abaixo, até o táxi. Não, isso estava fora de cogitação.

Eu olhava para os meus pés, para as botas de neve neles, elas estavam... cheias de folhas e...

— Senhorita Aurora? — Essa voz de barítono que fez o lustre e os cristais, talvez até mesmo a escada tremer, era do senhor Hunter. Então, a desculpa maravilhosa de como havia encontrado a sua pasta e que passei um tempão ensaiando antes de chegar ali me pareceu a coisa mais ridícula que alguém poderia contar. Até mesmo o senhor Hunter, que nunca deve ter rido na vida, gargalharia na minha cara.

Sorri com os lábios trêmulos, não restava o que pudesse ser feito e disse:

— Eu...vim trazer sua pasta.

— Sim, eu soube, o senhor Clark me entregou. — Ele estreitou o olhar. — A senhorita veio de Londres até aqui?

— Não, quer dizer... sim.

O cenho dele franziu ainda mais, se é que isso era possível.

— E onde a senhorita encontrou a minha pasta?

— Bom, eu estava no ensaio... é claro que sim, porque o senhor também estava lá ontem e... quando acabou, eu logo vi que não estava com a minha corrente de ouro.

Por acaso fazia um frio de menos de dez graus lá fora? Por que todos os meus poros suavam, enquanto eu lutava para encontrar as palavras? Os dois homens me encaravam aguardando, eu respirei fundo e prossegui:

— Quer dizer, quando cheguei em casa, me dei conta de que ela devia ter caído em algum lugar do balé, essa daqui, olha. — Enfiei a mão por dentro do blusão e puxei a correntinha...

Sabe a teoria daquele filho da mãe do Murphy? Eu comprovei que ela podia ser real, porque a merda da corrente enganchou na minha blusa e não conseguia puxá-la para fora das dez camadas de tecido que vestia. Tentei, puxei, virei e senti o rosto arder.

— Está bem, senhorita, não precisa se enforcar para mostrar a corrente, eu já entendi.

Eu quis sorrir em uma tentativa inútil de demonstrar simpatia, mas não consegui.

— É uma bailarina de ouro que eu ganhei da minha mãe... É muito importante pra mim. — Encolhi os ombros. — Aí, eu fui até a sala de ensaio procurá-la, que por sorte ainda estava aberta, apesar de não ter quase ninguém no prédio e... *voilà*, encontrei a corrente e a sua pasta. — Fechei os olhos ao perceber que tinha soltado uma palavra em francês e, ao entender que ele poderia achar que eu fui irônica com a mania dele, abri os olhos e encontrei o senhor Hunter me encarando sem emitir som nenhum, nem em francês, nem em inglês. Tentei me corrigir:

— Não foi uma provocação, senhor, quer dizer... não o fato de estar aqui com a sua pasta que eu sabia que era sua, porque o senhor vive agarrado com ela, mas a última palavra em francês... não foi uma provocação... eu sempre falo *voilà*. Falo demais, aliás, eu gosto de usar algumas palavras em francês. — *Porcaria! Que horror. Nunca, nunca, nunca tentem corrigir um fora, fica muito pior.*

— Na sala de ensaio? — o maestro perguntou.

— O quê?

— A minha pasta. — Ele me lançou um olhar curto, parecia desconfiado.

— Sim, senhor.

— Tinha certeza de que havia deixado em outro lugar.

— Não, senhor, a não ser, é claro, que ela tenha andado de alguma maneira até lá... Porque, como eu disse — bati no peito para dar força às palavras —, foi na sala de ensaio que a encontrei.

— Por que a senhorita não entregou para alguém ou simplesmente não esperou até o próximo ensaio

para me entregar?

— Não tinha mais quase ninguém no balé, e porque imaginei que a pasta fosse importante para o senhor.

— E aí fez uma viagem de três horas, embaixo dessa nevasca, só para me trazer?

— Sim, senhor.

— Senhorita Aurora, eu não sei o que pretende com isso, mas saiba que não foi nada sensato vir dirigindo até aqui em uma condição dessas. — Ele apontou para a janela onde a neve se acumulava.

— Ah não, não — Abanei as mãos no ar em um gesto displicente. — Não vim dirigindo, vim de trem e de táxi.

— A senhorita veio de trem e de táxi? — Ele arregalou os olhos.

Ah, meu Deus, dava para ficar pior? Acho que não.

— Eu não tenho carro.

Ele abriu as duas mãos no ar como se tivessem um milhão de perguntas não respondidas na mente e devia ter. Ao menos, elas estavam na minha. Um milhão de vezes a mesma pergunta repetida. *Por que eu estou aqui?*

— Então é isso, tenha um excelente dia e feriado e até a próxima.

Até a próxima? Até a próxima o quê? Até a próxima vez que eu vou bancar uma completa idiota na sua frente? Sacudi a cabeça. Olhei para a porta e o senhor Hunter se aproximou.

— Eu vou acompanhá-la até o táxi e olhar a cara do maluco que aceitou te trazer até aqui embaixo dessa neve.

— Não, não precisa.

— Eu quero fazer isso — disse ele —, não estou perguntando se você acha que é preciso.

Engoli em seco e sorri. Acho que metade da minha boca sorriu, porque a outra ficou petrificada por absoluto e puro constrangimento.



Após descer parte da rampa sem encontrar o táxi, meus olhos não acreditavam no que viam e meu coração já estava em Londres de tão rápido que surrava o peito.

— Onde ele está? Eu deixei ele bem aqui, pedi que me esperasse... ele, ele... — falei olhando para todos os lados e desci rapidamente a rampa até alcançar o portão.

Ouvi os passos do senhor Hunter atrás de mim. Foquei na estrada, que era visível abaixo uns bons quilômetros, e adivinhem? Nem sombra do táxi-bordo que me conduziu até a maior estupidez da minha vida. Sem saber o que fazer ou falar continuei procurando.

— Senhorita Aurora — senhor Hunter disse com o tom de voz que extrapolava a prepotência. — O táxi não está atrás das árvores... Ele não caberia aí.

O meu rosto deve ter ficado no tom mais vermelho de todo o cosmos. O que eu estava fazendo? Procurava o carro como uma alucinada, como se o táxi, aquele veículo enorme e chamativo, pudesse ter virado um carrinho de brinquedo ou uma joaninha.

— Não, é claro que não, eu sei disso, é somente que...

Parei ao ver o senhor Hunter abaixar no chão e mexer na neve e nas folhas secas.

— Como pode ver, o táxi também não está coberto pela neve, nem embaixo das folhas, sendo assim, acredito que ele foi embora.

Esse cara barbudo aí na minha frente era bem irônico.

— Tudo bem — eu coloquei as mãos na cintura um pouco ofegante —, eu chamo outro.

O maestro estourou em uma gargalhada, mas não achou a menor graça.

— Inferno — ele murmurou —, você não vai conseguir. — E praguejou de novo. — Nenhuma pessoa inteligente se arriscará em dirigir por essa estrada embaixo de uma nevasca dessas.

Ele tinha me chamado de burra, ou foi impressão minha?

— Eu sei que vou conseguir, *humpf* — bufei, inconformada. — É claro que algum táxi vai poder me buscar...

— Se você não vê ou escuta a previsão do tempo, deixa eu te informar.

Ele, que estava de costas para mim, virou-se para me dizer com os olhos brilhando.

— Há dias, todos os veículos de informação do Reino Unido alertaram para a maior nevasca dos últimos cem anos, e adivinhe qual a área mais atingida? — Ele não esperou pela resposta. — Essa daqui — concluiu e girou o corpo subindo em direção à casa. A neve que caía forte já tinha coberto nossos ombros de branco e...

— O que isso significa? — perguntei zozza de puro nervosismo.

— Eu vou pegar o carro do Clark e te levar de volta.

E subiu grunhindo uma frase que me pareceu: — Puta que pariu, mas que saco!

Engoli a vontade de chorar e o que restava do meu orgulho e fui atrás dele.



Capítulo 12

*"I hope you have found a friend
Closing time, every new beginning
Comes from some other beginning's end"*
Closing time – Semisonic

Já estávamos há mais de dez minutos dentro do carro. Os pneus gritavam contra o asfalto e derrapavam a cada meio metro que descia. O senhor Hunter xingava em francês e em inglês toda vez que o carro derrapava. E nos últimos quinze minutos contei uns trinta palavrões. Minha respiração estava curta e eu lutava contra a vontade de chorar.

— Me desculpe — pedi pela décima vez, mas o senhor Hunter não respondeu.

Olhei para fora e o dia começava a fugir do céu. No inverno na Inglaterra, quatro horas da tarde já era noite. Que depressão. A neve só piorava, o asfalto já estava praticamente coberto de branco.

— Se você... — comecei com a voz falha, respirei fundo e acrescentei mais decidida: — Se você preferir, podemos voltar e eu espero a neve passar para conseguir um táxi.

Dessa vez, ele me olhou e ficou me encarando emudecido em silêncio por uns dois minutos.

— Pode demorar dias até essa estrada ser liberada — ele afirmou entredentes.

— Ainda bem que não temos ensaio pelos próximos quatro dias — tentei trazer algum humor para a conversa.

Ele deu uma risada horripilante.

Não funcionou.

O senhor Hunter voltou a tentar descer com o carro devagar. O pneu derrapou e fez um barulho alto, como um grito, e tudo passou muito rápido. Em um abrir e fechar de olhos estávamos girando uma, duas, três vezes... até o carro parar. Tirei os braços de cima do rosto e abri os olhos: além da neve, vi fumaça da borracha e senti cheiro de queimado. Toquei no meu corpo em um gesto instintivo. Eu estava bem. Olhei para o lado. A cabeça do senhor Hunter estava apoiada no volante. Gelei.

Ele havia desmaiado?

Ele estava bem?

Cheguei a erguer a mão trêmula no intuito de tocá-lo, o senhor Hunter levantou a cabeça e a fúria que vi dentro dos seus olhos azuis era capaz de derreter toda a neve do mundo.

— Entendeu agora por que ninguém dirige em uma tempestade dessas, sua desmiolada?! — ele gritou.

Eu me encolhi.

— E agora? — ele continuou enfurecido. — Como você vai embora?

Mordi os lábios por dentro, nervosa, machucada e irritada. Afinal, qual era o grande problema se eu não pudesse ir embora naquele momento? O que tinha de tão errado em ter que esperar algumas horas, até a tempestade de neve diminuir? Ele me tratava como se o fato de ter que ficar no mesmo espaço que eu — apesar de ser uma casa enorme, aliás — fosse o fim do mundo, a coisa mais insuportável ou até mesmo um tipo de tortura.

Coloquei a mão na maçaneta da porta, abri e saí do carro sem pensar. Comecei a descer a ladeira a pé. Não ficaria dentro daquele carro nem mais um minuto. Preferia descer a pé até a cidade, chegar lá congelada, ou nunca chegar, do que ter de aguentar as grosserias daquele homem.

Ouvi a porta do carro batendo, porque ele saiu também.

— Onde você pensa que vai? — ele esbravejou.

— Eu vou embora.

— Você vai congelar.

Senti as lágrimas escurecerem os meus olhos e virei para ele.

— Eu não dou a mínima.

— Sabe o que eu acho? — Ele cruzou os braços. — Acho que a senhorita não tem maturidade e nem controle emocional para assumir o papel que lhe foi confiado. Eu sou o primeiro a insistir com o senhor Evans para tirar você do elenco principal e lhe colocar em uma ponta qualquer, que é onde os bailarinos inexperientes e desequilibrados devem estar, mas ele insiste em mantê-la em destaque.

Quando percebi, as palavras dele já tinham causado o estrago e eu provava para ele que não tinha mesmo inteligência emocional, já que senti o meu rosto ensopar de lágrimas.

Resolvi falar tudo, já não aguentava mais, não tinha mais nada a perder.

— Você quer saber por que eu vim? Quer? Vim porque ontem fui buscar meu celular esquecido e não a minha correntinha, como te contei, e fui atraída para o teatro de ensaios pelo som da releitura mais linda dos Beatles que eu já tinha ouvido sendo tocada em um piano.

O olhar dele aumentou, eu continuei sentindo as lágrimas escorrerem pelo meu rosto.

— Então, quando a música acabou, ouvi o choro mais doloroso que já presenciei em toda a minha vida... Acreditei que talvez tenha uma dor tão grande aí dentro e que por isso afasta as pessoas do seu lado, por medo dessa dor. — Abaixei o olhar e suspirei devagar antes de acrescentar: — Fui uma boba mesmo, ao achar que o senhor precisava de um pouco de calor humano e se sentir acolhido. Mas sabe de uma coisa?! Acho que o senhor realmente merece viver isolado do mundo e das pessoas e sei que eu vou me arrepender até a morte por ter achado que você merecia qualquer gesto de bondade.

Levantei o rosto e olhei-o da maneira mais profunda que consegui e que ele me permitiu alcançar. Ele

apenas me encarava mudo e, pela primeira vez desde que eu o conheci, acho que alguém o deixou sem palavras.

— Agora, eu vou embora. — Virei o corpo e comecei a descer outra vez. Porém, em seguida, senti a mão dele fechar no meu braço.

— Espere! — disse ele. — Isso é uma loucura, você não pode descer embaixo dessa neve e... e... Me desculpe — sussurrou. — é só que a sua presença nessa casa é errada, eu sou seu diretor e não é certo.

Ele tinha razão. Sabia que ele tinha razão.

— Me desculpe, eu não queria. Eu não pensei que...

— Tudo bem — ele me interrompeu e puxou o meu braço. — Vamos, a neve está piorando e estou gelado, você deve estar também.

Concordei com a cabeça.

— E se... — Parei de andar e olhei para ele. — E se a neve não melhorar logo?

— Você pode ficar aqui pelo tempo que for preciso.

Senti as bochechas arderem e olhei para baixo.

— Mesmo que isso demore mais de um dia. — Ele sacudiu a cabeça.

— Mais de um dia? — murmurei nervosa.

— Vai ficar tudo bem.

Voltamos para casa sem o carro, voltamos o mais rápido que conseguimos, a nevasca estava tão forte que não conseguia nem enxergar direito. O senhor Hunter tinha razão, seria impossível ir embora dali com aquele tempo. Meu coração disparou diante dessa certeza, minha respiração também. O que eu pensava fazer quando fui até lá?



Capítulo 13

*“Wheels are turning
I remember when you were mine
Just to reach you
Baby, I’d stand in line
There’s another world
We’re living in
Tonight”
Here with me – The Killers*

Assim que entramos na casa, o meu diretor chamou a esposa do senhor Clark, que era a caseira, e pediu para ela me mostrar o quarto em que eu ficaria. Quase morri de vergonha umas dez vezes. Mas o que eu podia fazer?

Devia ser umas oito da noite quando eu chamei a Nathy no Skype. Lá fora, a neve piorava a cada olhada que eu dava pela janela. Os flocos pareciam bolas de tênis, que caíam juntas aos milhares. Olhar para fora era ver apenas branco. Uma triste confirmação de que talvez eu não conseguisse ir embora amanhã.

— Oi, querida — ela atendeu. — E aí? Como está o senhor Darcy?

— Acho que está bem, talvez se sentindo um pouco abandonado.

— Abandonado?

— Você não vai acreditar no que aconteceu...

Contei passo a passo desde a minha chegada até a entrada no quarto, então peguei meu *iPad* e desloquei ele pelo ambiente deixando a Nathy ter uma ideia da suntuosidade de tudo por ali. Quando eu voltei a olhá-la, encontrei uma Nathalia com a boca meio aberta, me encarando sem reação nenhuma.

Ela piscou fundo.

— O senhor Hunter? De verdade?

— Não, Nathy, o clone dele. É claro que é ele.

— Meu Deus, tadinha de você, isolada, com um maníaco — ela disse com o tom de voz

exageradamente tenso.

— Calma, Nathy, não é bem assim.

— Mas o que deu em você, Ni? Onde você estava com a cabeça para ir devolver a pasta pessoalmente?

Omiti a parte do choro, achei que era algo particular demais para sair falando, mesmo que fosse para a minha melhor amiga que não parava de falar:

— Ir para a casa do homem das cavernas, ou pior, gastar suas economias para isso. Só você mesmo, Madre Nicole de Calcutá, nesse caso, de North York.

Revirei os olhos e ela ignorou.

— Sempre querendo salvar as pessoas, não é? Mas, dessa vez, acho que você foi longe demais, em milhas também. Além dele ser nosso diretor, é o cara mais insuportável que eu já tive o desprazer de conhecer.

— Nathy, maneira, vai? — Sem saber o porquê, eu defendia o maestro louco.

— Ah vai, Nicole, desde quando você defende o troglodita esmagador de ossos?

— Sei lá — encolhi os ombros —, nem o conhecemos direito.

— O monstro foi um estúpido com você desde sempre, inclusive hoje, pelo que você me contou. Então pare, pode parar com esse excesso de bondade, está me irritando.

Soltei o ar pela boca um pouco impaciente.

— Depois ele me convidou para ficar pelo tempo que fosse preciso e foi até meio gentil.

Nathy sacudiu a cabeça, descrente.

— E se ele ainda fosse atraente, você podia achar alguma vantagem em estar confinada em uma mansão com a *figura*? — Ela fez uma pausa pensativa antes de acrescentar: — Está certo, ele parece ser bem gostoso.

— Nathalia! — protestei em voz baixa, como se as paredes tivessem ouvidos. — Para, sua maluca, ele é nosso diretor.

— E qual o problema? Dá para ver que ele é muito forte e tem uma bundinha ajeitada, mas o problema é aquela barba. Deus, que horror, quantos metros tem aquilo?

— Não sei. — Ri baixinho.

— Se ele fosse o Conde Drácula, talvez valesse a pena estar presa aí, mas ele está mais para um lobisomem.

— Chega, Nathy! — pedi sem conter as risadas.

— Não, é sério, às vezes eu penso que deve ter alguma civilização que nunca teve contato com os homens vivendo dentro da barba desse sujeito.

Não aguentei e gargalhei.

— Agora que já jogou todo o veneno da Inglaterra no senhor Hunter, vai dormir melhor? — Vi ela abrir as mãos em um gesto de dúvida.

— Acho que sim... e você dê notícias, se não conseguir sair daí até manhã, eu mando o resgate... — Ela abriu mais os olhos. — E se o senhor Hunter for um psicopata que mata e enterra as mulheres no jardim? Ou um que coleciona esqueletos em um quarto, tipo... tipo o Barba Azul?

— Chega de pirar, Nathalia.

— É sério, Ni, estou preocupada, não é normal o cara se esconder no meio do nada... Ele deve ter algum motivo sombrio para isso.

— Sombrio vai ficar o meu humor se você não parar com essa brincadeira boba.

Ela ficou quieta, me olhando por um tempo através da tela.

— Ni, eu nunca falei nada porque não queria te deixar ainda mais encucada com o senhor Hunter, mas o jeito que ele te olha me dá arrepios.

— Não seja tonta, Nathalia, ele olha todo mundo desse jeito intenso.

— Não, amiga, ele te olha como se... como se... quisesse comer você e não digo isso no bom sentido do sexo e sim como se você fosse a próxima refeição dele... O prato principal, entende?

Por um ridículo segundo senti meu coração disparar com as palavras da Nathy; eu estava sozinha e presa no meio do nada, com um... um... estranho, que sempre fez o meu corpo ter reações tão estranhas quanto.



Meia hora após eu desligar, eu roía as unhas, não de fobia, mas de peso na consciência por ter rido das ofensas dirigidas ao maestro e, principalmente, por ter sentido medo dele. Um pouco, mas senti. Isso era ridículo. Ele podia ser tudo, mas não era um assassino “enterrador” de mulheres. Queria ir procurá-lo para pedir desculpas pelo que falei mais cedo. Se o senhor Hunter me ofendeu, eu retribuí e... não foi certo, eu sempre acreditei que toda agressão é um pedido distorcido de amor, compreensão, e o que eu fiz no lugar? Me senti ofendida, quis atingi-lo da mesma maneira. Esqueci tudo o que me trouxe até essa casa e... duas batidinhas na porta entreaberta me trouxeram de volta.

— Entre — disse e me ergui da cama deixando o livro que eu não lia, na mesinha de cabeceira.

— Senhorita Alves, com licença — disse o senhor Clark. — Minha esposa pediu para eu lhe avisar que tem um prato com o jantar separado para você no micro-ondas, é só apertar o botão iniciar para aquecê-lo.

— Obrigada.

— Boa noite, senhorita.

— Senhor Clark... — O homem se deteve antes de sair.

— Sim, senhorita?

— Onde está o senhor Hunter, eu... é... queria dar uma palavrinha com ele.

— Ahn — o homem pigarreou —, ele está se exercitando.

— Onde?

— No andar de baixo, mas se posso dar um conselho, não vá até lá, deixe-o quieto hoje.

— Por quê? — Curiosidade, esse era o outro motivo da minha ida até aquele fim de mundo. Quem era o senhor Hunter de verdade e o que ele escondia de todos? E por quê?

— Ele... hum, não gosta muito que o interrompam quando se exercita, hum... lá embaixo.

— Mas, e se... — Ele ergueu as duas sobranceiras fazendo uma curva na testa, eu continuei fingindo não ter visto o gesto. — e se eu quiser falar com ele mesmo assim, onde é lá embaixo?

— Não posso lhe dizer, senhorita, Daniel não ficaria feliz comigo.

— Vamos, vai, senhor Clark, estou presa aqui, isolada por uma tonelada de neve e milhas de qualquer civilização, e o senhor acaba de me dizer que a mansão tem uma espécie de ala secreta do senhor Hunter, onde ele pratica qualquer ato estranho... não sei se dou risada ou se saio correndo e chorando daqui.

Ele ficou em silêncio por um tempo apenas, me encarando como se pensasse se deveria ou não me contar.

— Não é segredo muito menos estranho, é que... é só que... ele apenas se exercita como está se fazendo agora, quando está bravo com algo ou alguém.

Engoli em seco. Será que eu era o motivo da irritação? Respirei fundo e me convenci de que iria de qualquer jeito vê-lo, a minha curiosidade não me deixaria em paz. Além disso, eu não tinha medo do senhor Hunter, claro que não! Pensar assim era ridículo. Assassinos de barba ou seres mitológicos que vivem em mansões só existem dentro dos romances. A teimosia e a obstinação eram dois defeitos ou atributos que me faziam conseguir tudo o que eu queria.

— Ele costuma receber muitas visitas?

— Não, senhorita, quase nunca, para falar a verdade.

— Essa é a casa da família dele? — Eu olhei para as unhas a fim de disfarçar minha curiosidade estratosférica.

— Sim, essa casa é uma herança de família.

— E a senhora Olívia, a tia dele, que é bailarina, ela não mora aqui?

O senhor Clark abriu um pouco mais os olhos antes de responder:

— Não, senhorita, ela mora em Londres desde que o senhor Hunter completou vinte anos.

— Deve ser bem solitário aqui, não é verdade?

— Ah, bastante.

— Ele, o senhor Hunter, tem amigos?

— Sim, senhorita, ele tem alguns amigos, fico triste que eles se veem pouco... afinal, eles moram em Londres e não é sempre que encontram tempo ou disposição de fazer uma viagem até aqui.

Neguei com a cabeça.

— Como ele aguenta fazer essa viagem todos os dias?

Um fio de sorriso apareceu nos lábios do homem que até então parecia imune a qualquer emoção.

— Eu insisto que ele fique mais em Londres, especialmente quando trabalha até tarde, algumas vezes por semana ele acaba ficando, mas na maioria dos dias vem para cá. Acho que ele só se sente em casa aqui, apesar de ter um apartamento confortável por lá.

Então, ele tinha um apartamento em Londres. Isso me pareceu mais humano, pelo menos mais saudável. Uma viagem tão longa assim de ida e de volta, todos os dias. Quem aguentava isso? É claro que ele era tão mal-humorado.

— O senhor o conhece há tempos?

— Desde que me casei com a senhora Nora, há uns quinze anos.

— E trabalha com ele desde então?

Ele riu outra vez.

— Na verdade, primeiro trabalhei com a tia dele e, desde que ela se mudou, eu ajudo ao Daniel.

Achei que o senhor Clark devia sentir falta de conversar com alguém e isso me animou a continuar. Mentirosa, queria mesmo era matar um pouco da minha curiosidade, já que tinha certeza de que com o dono da história, o senhor-maestro-misterioso-Hunter, não encontraria muitas respostas.

— E ele morou aqui mesmo enquanto estudava em Londres?

— Não, nessa época ele vinha apenas nos finais de semana, ele morava em Londres.

— Quem mais mora aqui, senhor Clark, além da sua esposa?

Muito mais relaxado, ele respondeu:

— Mora aqui também o jardineiro, a senhora Evans, a cozinheira, e mais três mulheres que cuidam da limpeza da casa.

— É uma casa muito bonita, e a sua esposa maravilhosa, mantendo tudo isso funcionando e em ordem há tantos anos... — Fui sincera.

Como o sorriso dele se espalhou por todo o rosto anguloso aproveitei.

— O senhor não acredita que talvez um pouco de boa companhia poderia melhorar o humor do seu patrão?

Então, o impensável ocorreu: o senhor Clark gargalhou.

— Sim, senhorita, tenho quase certeza de que poderia ajudar.

— E ainda é um segredo a posição do “lá embaixo” onde o senhor Hunter está?

— Eu jamais poderia dizer que o acesso é pela sala particular de música dele.

Senti o coração dar um pulo e consenti com uma expressão de fingida seriedade.

— É claro que não, o senhor está apenas cumprindo ordens, não é mesmo?

— Certamente compreendeu... e acho que entenderá também que jamais poderia dizer que a parede forrada de tecido verde-musgo em frente ao piano é, na verdade, a entrada para “lá embaixo” e que, para acessar as escadas, basta empurrar a mesma, um mecanismo bem simples, na verdade.

— Lógico, eu entendo — afirmei, sorrindo. — Bom, então acho que vou descer e jantar e nunca,

jamais, encontrar qualquer parede ou entrada secreta.

— Eu sei que não, senhorita.

Já tinha levantado e me dirigia para a saída do quarto quando ouvi a voz do senhor Clark.

— Senhorita Alves — olhei-o —, apesar do mau gênio que demonstra, Daniel é uma pessoa muito bondosa e sensível.

Sorri porque, no fundo do meu coração, eu tinha certeza disso.

— Eu sei, por isso estou aqui hoje, é porque eu já sabia que era verdade o que o senhor acaba de me afirmar... E, senhor Clark, Nicole. Me chame de Nicole.

O homem curvou os lábios para cima.

— Eu sei que você sabe, Nicole.



Capítulo 14

*“Don’t need another perfect lie
Don’t care if critics never jump in line
I’m gonna give all my secrets away”
Secrets – One Republic*

A sala de música do senhor Hunter era... Nossa, o piano de cauda mais absurdo de toda vida na Terra se exibia lá. Um sofá e duas poltronas de couro caramelo fechavam o ambiente da lareira. Havia uma guitarra encostada em um dos cantos da parede e uma caixa de violino largada em cima da poltrona. Meus pés pisavam em um tapete de lã bege, acho que era um tipo de lã macia que me dava vontade de ter um igual só para poder deitar, dançar, rolar e... pisquei fundo com a imagem do senhor Hunter por cima de mim e eu deitada em cima do tapete.

Que loucura!

Afastei a imagem com uma sacudida de cabeça. Olhei para longe da lã e das cenas que ela trouxe. Vi uma mesa de madeira e um milhão de partituras espalhadas no tampo dela. Em cima da lareira havia algumas fotos.

O senhor Hunter criança, ele tinha um olhar que parecia feito de algodão e gotas de chuva e a tia, Olívia Scodelario, segurava a mãozinha dele; em outro retrato, o senhor Hunter regia uma orquestra.

Vi a parede de tecido verde e enchi o pulmão de ar e de toda a resolução que cabiam. Empurrei-a de uma vez e ela cedeu, abrindo a passagem. Notei uma escada e o acesso para o “lá embaixo do senhor Hunter” me aguardava. Senti o coração na garganta. Desci.

Era um galpão. Um porão de uma fábrica, foi o que me ocorreu. Continuei percorrendo o espaço com atenção. Não haviam mulheres enjauladas, nem camas de tortura sadomasoquistas, ou chicotes, muito menos aparelhos medievais ou esqueletos pendurados na parede. Havia apenas equipamentos de musculação, esteira, bicicleta. Um ringue. Um ringue de boxe? Sim, com um saco daqueles de areia pendurado no meio dele e o senhor Hunter... Meu Deus!

O coração socou meu peito ainda mais rápido com a imagem dele só de calção e luvas de boxe, surrando, não, querendo extrair os órgãos do saco à sua frente. Ele parecia virado em um terremoto de raiva e murros, raiva e mais socos e grunhido de força. Meu coração bombeava no peito, conforme eu me

apossava de algo além dos movimentos ríspidos e violentos dele: o seu corpo.

Seus músculos torneavam e contornavam cada pedacinho de pele molhada de... suor.

Não era aquele exagero de força monstruosa, era... sim, perfeito. Ele tinha dois tribais bem grandes fechando os bíceps. Minha respiração ficou presa na garganta. Difícil respirar no “lá embaixo” do senhor Hunter.

Então, ele me viu.

Queria voltar, sair dali, fugir.

Meu instinto autopreservação entendeu a mensagem e me fez dar dois passos para trás.

— Não mexa um único músculo do seu corpo, fui claro? — ele disse isso naquele tom de mágico de OZ: “Quem ousa perturbar o magnífico mágico de OZ?”. E tudo tremeu ao redor. Paralisei como uma presa rendida, só não me fingi de morta porque petrifiquei.

Ele saiu do ringue, passou uma toalha no rosto, jogou-a no chão. Achei que os olhos dele me matariam, antes das mãos me alcançarem. O senhor Hunter parou a escassos centímetros do meu rosto. Senti uma mão enlaçar a minha cintura e me puxar até estar colada nele.

Respirar? Devia ser fora das leis do “lá embaixo”.

Ele também sentia isso, a outra mão cavou meu cabelo por trás. As minhas pernas fraquejaram, mas o braço envolto na minha cintura me manteve em pé.

Ele veio no meu ouvido, segurando com mais força o meu cabelo.

— Com medo? — perguntou ele.

Tive que engolir três vezes para conseguir responder:

— Nã... Não.

— Parece que está. — A voz dele agora era baixa e controlada, quase um sussurro. Ela esmorecia os meus ossos e tudo em mim liquefez.

— Não — disse mais resoluta.

— Você está tremendo?

Estava? Eu já não sabia, nem sentia nada além da voz e do corpo dele que queimava o meu. Nem mesmo lembrava o que eu tinha ido fazer ali.

— Eu... — ofeguei. — não...

— Parece uma menininha amedrontada.

Senti o ar quente da boca dele entrar e sair rápido do meu ouvido, do meu cérebro, da minha alma.

— Não estou — disse com a respiração ainda mais sofrida.

— Você me assusta, senhorita Aurora.

— Eu... eu? — Inspirei o ar com dificuldade. — Por que assusto?

A mão dele torceu um pouco mais o meu cabelo e provocou uma... não chegava a ser dor, era um incômodo, mas não era ruim. Quando percebi, gemi baixinho. Notei o corpo dele enrijecer contra o meu. Os lábios do senhor Hunter contornaram a minha orelha e eu me perdi, acho que gemi de novo, não sei.

Não sabia, nada mais fazia sentido. Então, quando acreditei que fosse deixar de existir e me perder nos braços, no corpo, na boca dele colada na minha orelha, as palavras dele me puxaram de volta à realidade:

— Sabe o que faço com meninas assustadas?

Apenas neguei com a cabeça, não tinha mais voz.

— Eu devoro elas no jantar como prato principal e depois as enterro em meu jardim. — Dizendo isso, ele me soltou de forma tão abrupta e seca, que perdi o equilíbrio quando ele se afastou. Caí sentada de bunda no chão.

O senhor Hunter andou até o ringue, segurou a corda com as duas mãos e falou de costas para mim:

— Mantenha-se longe. Se você sente medo, escute os seus instintos, porque eles têm um motivo muito certo para isso.

Então, ele virou com os olhos escurecidos, o rosto transfigurado de emoções que ninguém quer ver, em um misto de ódio e dor.

— Corre, senhorita Aurora, suma daqui! — ele gritou isso com tanta raiva e com tamanha força que eu obedeci. Fiquei em pé sem saber como, encontrei minhas pernas perdidas e corri escada acima, como um coelho fugindo de uma raposa ou de um leão. Cheguei no quarto com a mente em branco. Estava com o corpo trêmulo de pavor, desejo, confusão, incerteza, ansiedade e tristeza. Dormi de roupa por cima da colcha, sem conseguir deixar de pensar um só segundo.

Ele ouviu a conversa que tive com a Nathalia mais cedo e ficou muito, muito bravo. O senhor Hunter conseguia mexer com o meu equilíbrio de bailarina, quase perfeito.



Capítulo 15

*“Never said I’d lie and wait forever
If I died, we’d be together now
I can’t always just forget her
But she could try”*

The Ghost of You – My Chemical Romance

Tomava café da manhã no dia seguinte a toda aquela loucura no “lá embaixo”. Comia uma torrada que ficou preta demais e que, sem sucesso, tentei raspar a parte carbonizada com a faca. O senhor Clark me trouxe até aqui e disse que o seu amo — o senhor-maestro-louco — não costumava tomar o café da manhã. Quase agradei de joelhos. Não, isso era mentira, eu queria sim ver o senhor Hunter, olhar na cara dele e perguntar se ele tinha algum distúrbio de comportamento. Depois pediria desculpa pelo que ele ouviu ontem à noite. Talvez fosse melhor pedir desculpas antes de perguntar do distúrbio.

Mordi o pão seco e duro demais. Dois dedos de geleia não foram suficientes para disfarçar o gosto preto do carvão.

Tinha certeza de que não veria mais o senhor Hunter pelo tempo que ainda fosse obrigada a ficar ali.

Depois que ele me botou para correr do “lá embaixo”, eu apostaria até as pontas dos meus dedos dos pés, que ele sumiria dentro daquela mansão.

Como ele aguentava ficar em uma casa tão grande, a sós?

Agora, por exemplo, o barulho dos ponteiros de um relógio enorme tirava sarro dos meus nervos junto ao eco.

E os vinte lugares dessa mesa, vinte? Acho que sim, porque não contei, eles cresciam a cada tique-taque insistente.

A neve parou durante a madrugada, mas era provável que caísse ainda mais hoje do que ontem, não fiquei acordada olhando para fora contando os flocos. O *Weather Channel* virou a minha nova compulsão de cliques no celular.

Nada feito.

Hoje eu ainda ficaria por aqui.

Dei um gole no leite quente e tentei tirar o queimado do pão da minha boca.

Teria tempo para ler e...

— Bom dia. — Eu encarei a fatia tostada no pratinho à minha frente, foi um reflexo de defesa, ou talvez algo em mim torcia para que o pão tivesse desenvolvido a capacidade de falar. Respirei fundo e decidi rápida pelo pedido de desculpas. Porque, como as louças tremeram, aquela voz só podia ser dele. Olhei para cima e minha boca abriu. O problema é que o som que devia sair dela ficou preso em algum lugar entre a surpresa, o deslumbramento e o choque que correu em minhas veias.

Por um segundo, cinco ou seis, sei lá, eu não o reconheci. Por mais uns quinze ou vinte, após o reconhecimento, fiquei catatônica, com a boca aberta e os olhos deviam estar arregalados também. Perceber isso fez meu rosto arder de calor.

Ele puxou a cadeira de frente para a minha e sentou.

Continuei olhando-o como se... como se ele fosse o homem mais bonito de todo o universo e era.

Ele se serviu de chá e pegou um pão da cesta.

— Você quer alguma coisa quente da cozinha? — o maestro perguntou com toda a calma, parecia que não havia nada diferente ali, exceto pelos meus órgãos vitais que inverteram todos de lugar.

— E então? — Ele me olhava intensamente. — Quer ovos ou alguma outra coisa? Eu posso pedir.

— Barba. — Foi mais forte que a minha razão.

Ele deu um gole no chá.

— Oi?

— A barba — eu apontei para ele —, você tirou?

— Ah, sim — o senhor Hunter bateu no rosto —, isso aqui... fui aparar hoje de manhã e errei a mão, tive que tirar.

Alguém podia devolver o ar para o mundo, por favor? Aquele rosto, meu Deus! Quadrado, maçãs marcadas e o maxilar firme eram um berço perfeito para a boca. O senhor Hunter tinha boca, afinal. Que calor fazia nessa sala! E ele tinha uma boca realmente, bem, muito... muito mais do que beijável. Eram lábios cheios, mas não eram exagerados ou... eram lábios bons e muito...

Olhei para a torrada, senti o rosto esquentar ainda mais. Se ele pudesse queimar estaria mais preto que o pão rejeitado à minha frente.

Olhei de novo para o senhor-gato-Hunter, quer dizer, Hunter... Hunter.

Se comporte, Nicole!

Como eu nunca tinha visto o nariz reto e a profundidade desses olhos que não tinham cor? Porque eles mudavam conforme o humor dele.

Como ninguém via que esse homem era... simplesmente perfeito? A barba escondia tudo isso? Ela se misturava com o cabelo, castanho-escuro, que agora estava preso em um coque tipo... ai, meu Deus, tipo aqueles modelos gays maravilhosos — ele usava um coque tipo samurai. Só que o senhor Hunter parecia mais um samurai de tão homem do que um modelo magro e... pisquei fundo e a minha boca secou.

O tique-taque do relógio espremia tudo dentro de mim.

Ele tinha também um vinco no meio das sobrancelhas, acho que era tão sério, tão carrancudo ou tão assustador que o vinco era parte permanente na sua expressão, mesmo enquanto ele parecia relaxado como agora, abrindo um iogurte. Só que ele era jovem, muito mais jovem do que parecia com aquela barba e...

— Você gostou? — A pergunta me fez piscar fundo outra vez.

— Do café?

— Da mudança.

Contudo, parecia ter um sorriso ali, naqueles lábios, que eu nem sabia que existiam.

— Do clima? — Eu não conseguia mais entender nada.

Ele olhou para baixo e negou com a cabeça. Eu peguei a primeira coisa que vi na minha frente e enfiei na boca. Era uma tortinha de rim. Eu odiava torta de rim. Queria cuspir. Senti os olhos encherem de aflição, o estômago revolver. “Cuspa, sua idiota!”, o estômago gritou. Como? Engoli sentindo ânsia e busquei o meu suco, desesperada. Tomei meio copo em um gole.

— Senhorita Alves.

Depois que eu respirei com os olhos cheio de lágrimas pelo gosto ruim que ainda estava na boca, olhei para o senhor Hunter.

— Me desculpe por ontem — ele disse.

Não sabia se o meu horror era maior pelo pedido de desculpa ou se pelo fato de ele ter me chamado de senhorita Alves e não Aurora. Com certeza, era culpa de tudo. Principalmente da boca. Não, eram os olhos sem cor, quer dizer... foi meu nome naquela boca. Inspirei o ar com dificuldade e ele continuou tomando café da manhã, calmo e relaxado, como se nada no mundo estivesse fora do lugar.

Me servi de mais suco e só então vi que as minhas mãos tremiam. Larguei o copo e desisti de beber. Fiquei seca com vontade de molhar a boca... na boca do senhor Hunter. Pisquei e cobri os olhos com as mãos. Sacudi um pouco a cabeça na esperança de colocar as coisas no lugar. Inspirei o ar com força.

Calma, Nicole!

Nada precisa ser tão intenso e insano. Exceto pelo fato de que o senhor Hunter era o irmão gêmeo bom e gentil dele e parecia na mesma medida o homem mais irresistível que os meus hormônios já viram ou sentiram. Olhei para ele.

— Senhor Hunter... eu... é quem peço desculpas, acho que ouviu uma conversa ontem e...

— Conversa? — ele indagou em dúvida.

— Eu disse ontem no Skype com a... ela disse que o... medo do jardim e...

— Senhorita Alves, está tudo bem? — Ele pareceu confuso.

Não, não estava. Mas tinha que fingir que sim, então tentei de novo.

— O senhor sabe... a conversa sobre o medo e o senhor lá embaixo. — Lembrei da maneira que ele me pegou e da forma como tudo em mim reagia a ele e...

Levantei. Ele levantou em um pulo junto comigo.

— Com licença — pedi quase sem voz, tomei impulso para me mover.

— Senhorita Aurora!

Ao menos, voltei a ser o personagem.

— Sente-se e termine o seu café — pediu ele.

— Eu... eu já terminei.

— Não, não terminou. — Apesar da exigência explícita, a voz dele era suave como se eu fosse uma criança pequena. — A senhorita quase cuspiu a torta de rim e deu duas mordidas na torrada queimada. — Ele apontou com os olhos para o pão, culpado. — Então, coma, por favor, é uma bailarina e não pode se alimentar mal.

Eu o encarei em silêncio e consenti. Pela expressão dele, não adiantaria discutir.

— Agora, peço alguma coisa quente da cozinha para a senhorita?

— Ovos. — Saiu em um fio de voz.

— O quê?

— Ovos mexidos.

Ele pegou um aparelho sem fio próximo ao aparador nas costas dele, discou e levou à orelha.

— Oi, senhor Clark, bom dia, traga, por favor, ovos mexidos para mim e para a senhorita Alves, obrigado.

E lá estava o Alves de novo e eu sem ar outra vez.

— Você se alimenta sempre mal desse jeito?

Eu só encolhi os ombros.

Por algum incoerente motivo fiquei com vontade de chorar, como uma criança mimada e repreendida.

— Você não pode fazer isso, tem que pensar em sua saúde, em seu bem-estar... É por isso que, às vezes, fica pálida nos ensaios e precisa respirar com cara de quem vai desmaiar, não é verdade?

Ele notava? Meu Deus, ele notava?

— Eu vou observar — continuou ele — e se acontecer outra vez de você quase desmaiar nos meus ensaios, vou mandá-la sair da sala e se alimentar, entendeu?

Aí aconteceu, culpa da TPM. Ou dos olhos sem cor nenhuma, ou daquele rosto de um deus lenhador falando como se realmente se importasse comigo. Quando notei, as lágrimas rompiam a barreira da autopreservação e desciam pelo rosto.

— Você está chorando?

Cobri os olhos rapidamente e limpei a vergonha das lágrimas com as costas das mãos.

— Não, não estou, está tudo bem.

Voltei a encará-lo e a expressão que encontrei acabou de me desmontar. Era de dor, ele olhava para baixo.

— Eu não — disse ele. — Desculpe, senhorita, eu não... quis, eu peço perdão, eu não tenho nenhum jeito para lidar profissionalmente com as pessoas, sou doente de perfeccionismo, impaciente, perco a cabeça, xingo em francês, não sei lidar com erros, tenho dificuldade em ser calmo enquanto cobro e

realmente posso parecer bastante assustador... Entenda, vamos conviver por um tempo e... não quero que você fique assustada. Eu posso ser grosso, eu fui um estúpido ontem e em mais de um momento, mas... — ele bufou. — eu só não quero que você tenha medo ou que ache que não sei falar sem gritar... Agora mesmo, eu... eu tentei ser...

— Educado? — completei por ele.

— Acho que sim, ou pelo menos não deixar você com medo de ser enterrada em meu jardim...

Ele ergueu as sobrancelhas em um arco, isso era a prova de que tinha ouvido a conversa, não era?

— Agora o senhor foi bem educado, eu é que... estou sensível e um pouco confusa, estar aqui é meio... bem estranho e desculpe, senhor Hunter, parece que estou lhe provando que a ideia que faz de mim, da minha falta de maturidade e de controle emocional, é certa.

Ele negou com a cabeça. O senhor Clark entrou trazendo os ovos mexidos em uma baixela. Após a saída do mordomo, nós comemos por um silencioso momento com os garfos tocando nos pratos, o relógio tocando no ar e meus nervos tocando tudo em mim.

Por quê? Por que o senhor-gato-Hunter era o homem mais... era o homem mais... o quê? Irresistivelmente contraditório? Tentadoramente atraente? Perigosamente estranho ou misteriosamente encafifador? Uma mistura de tudo isso junto a dois pares de olhos que pareciam sugar a razão da raça humana e o ar da Terra inteira eram iguais ao novo senhor Hunter que tomava o café junto comigo. E ele era o meu diretor, um deles. Isso... essa confusão de sentidos não era nada boa. Porque ele continuava sendo o meu diretor e eu continuava sendo a senhorita Aurora, Alves para o novo maestro. Era como tinha que ser. Era mais que certo que fosse assim.

Tire essa mistura de coisas da cabeça agora, Nicole, desde quando uma barba tem o poder de mudar tanto as coisas?

Não daria esse poder para a barba do senhor Hunter. Resolvido. Ele era apenas o meu diretor grosso, tendo um ataque de gentileza em uma de suas crises de bipolaridade, e só...

— Foi o aniversário de sua morte.

Ouvi a voz um pouco abafada do maestro que não teria poder algum sobre mim e olhei-o. Ele encarava a parede às minhas costas. Senti que os olhos dele me convidavam a buscar o que olhava com tanta atenção. Virei e encontrei um porta-retrato da mulher de olhar triste, com o senhor Hunter no colo. Era a mesma das outras fotografias, aquela jovem que eu supus ser a sua mãe.

— Anteontem fez dezenove anos que ela morreu.

O senhor Hunter falava isso mesmo? É claro que sim. Meu Deus, ele realmente se abria comigo de maneira espontânea? E se eu achava que nada mais poderia me surpreender ou me abalar, ele acabou de provar que eu era uma inocente e não sabia de nada sobre abalos e surpresas em alta velocidade.

— Eu sempre fico triste no dia da sua morte... — ele continuou. — É algo muito difícil para mim... e não apenas porque foi o dia em que eu perdi minha mãe, mas por tudo que isso me lembra e por toda a realidade que isso traz.

Eu não entendi direito o que ele quis dizer com essa parte de toda a realidade que isso traz, mas decidi rapidamente que não devia forçar perguntas e sim oferecer o apoio que talvez ele estivesse buscando.

— Eu sinto muito.

Ouvi ele respirar longa e lentamente. Não queria acabar com a única conversa que já tínhamos tido tão cedo, tentei não acabar.

— De verdade, imagino como deve ter sido difícil crescer sem uma mãe e... bem... eu não sei o que seria de mim sem a minha, então só consigo dizer: “eu sinto muito mesmo”.

Fui sincera. Só de lembrar o choro que eu presenciei dele aquela noite e de imaginar a dor que eu sentiria em perder minha mãe, toda a vontade que tinha tido de chorar voltou ainda mais forte. Senti que as lágrimas tornaram a encher meus olhos. O senhor Hunter olhava para a toalha e não mais para o retrato às minhas costas.

— O que dói mesmo, além da ausência dela, é algo que eu carrego dentro de mim mesmo quando não penso nisso.

Eu não entendi novamente, só que, dessa vez, não consegui manter a minha fingida imparcialidade.

— O que é? — perguntei.

O maestro piscou fundo e me olhou como se estivesse assustado, como se tivesse despertado de uma espécie de transe. Eu sabia porque também estava envolta nele, porém, diferente dele, não queria acordar antes de ter mais respostas.

— Com sua licença, senhorita, eu vou trabalhar em uma composição.

Ele ficou em pé e as minhas palavras saíram mais rápidas do que a sua intenção de fuga:

— Posso ir com você? Quer dizer... Hum.. posso ficar na... na sala de música enquanto o senhor compõe?

Ele me olhou em silêncio e notei o vinco entre as sobrancelhas ainda mais fundo. Me apressei, queria tentar justificar a minha vontade incoerente de estar mais tempo junto a ele.

— Eu quero ler e... acho que seria interessante fazer isso ao som do seu piano.

Silêncio.

— Vou trabalhar, senhorita Aurora, não realizar a trilha sonora do seu romance.

E o cínico, mal-educado, voltou. Sem a barba, é claro, ainda muito irresistível, isso é claro também, mas o distanciamento frio tinha sido erguido outra vez.

— Eu vou ler, senhor Hunter, e não recitar o livro como em um ensaio de dramaturgia.

E então... ele riu.

Riu de verdade. Uma risada macia e quente, que fez a pele da minha nuca arrepiar. O som me fez notar outra coisa também: havia um espaço vazio em meu coração e por algum motivo assustador, parecia que esse espaço só seria preenchido por aquela risada. Respirei fundo a fim de não mostrar o quanto aquilo me afetou.

— O senhor ri?

— Sim, senhorita Aurora... Você pode ler na minha sala de música enquanto eu componho.

Dizendo isso ele virou as costas e saiu.

Me deixou com a sensação de que o espaço recém-descoberto em meu coração me daria muito, muito

trabalho.



Capítulo 16

*"I can be tough
I can be strong
But with you, it's not like that at all"
Wish you were here, Avril Lavigne*

Eu me larguei na poltrona em frente ao som do piano que abraçava o ar.

Com o senhor Hunter tocando, tudo ficou quieto. Nunca tinha escutado uma composição dele e o que eu sentia era difícil de entender. Quando alguém faz algo com a alma, quem percebe é a nossa própria alma, e então, somos tocados pelo outro intimamente de uma maneira profunda.

Demorei uns vinte minutos para conseguir passar do primeiro parágrafo. Sempre me surpreendia com a capacidade que a arte tem de aproximar as pessoas. É uma linguagem universal que entendemos sem perguntas ou respostas. E ali, a alma do senhor Hunter flutuava sobre as teclas e fazia o meu coração entender tudo... Lembrei o porquê viajei horas com uma pasta ridícula embaixo dos braços e porque não me detive antes de chegar até aqui, com essa ideia louca e descabida. O motivo era a música. Foi ela que me contou que a alma do senhor Hunter era linda!

Perceber isso fez um frio cobrir o meu estômago e minhas mãos suarem.

Quase trinta minutos, foi o tempo que levei para arrumar minhas ideias e conseguir me concentrar na leitura. Uma vez dentro do livro, sempre fui eu e as páginas.

“Não tenho medo de mostrar meus sentimentos e de fazer coisas imprudentes, pois acredito que o que não se mostra, não se sente. Coisa que talvez surpreenda muito a você, pois os seus sentimentos são tão guardados que parecem não existir realmente.”

O senhor Hunter tinha medo de mostrar os sentimentos, mas na música não.

Somente quando parei de ler para pensar nisso é que me dei conta de que ele não tocava mais. Levantei os olhos das páginas e encontrei os olhos dele nos meus.

Não sei quanto tempo passou, até ele quebrar o silêncio.

— Você faz caretas enquanto lê.

— Eu?

— Sim, senhorita... morde o lábio, franze o cenho, sorri e lê mexendo a boca.

— Eu não faço nada disso.

— Sim, faz — ele disse isso rindo e o meu coração ficou preso naquela risada.

— Volte ao seu trabalho, senhor Hunter, não quero ser alvo do seu mau humor por não conseguir compor. — Ele ficou mais um tempo em silêncio, apenas me olhando, e eu tive que apertar o livro contra o estômago por causa dos choques que subiram em minha espinha.

Assisti, intrigada, ele levantar e caminhar em direção à porta. Antes de cruzá-la, o senhor Hunter parou e perguntou:

— A senhorita não vem?

Como se tivesse explicado qualquer coisa antes, ele cruzou a porta. Demorei alguns segundos para entender que devia me mexer e ir atrás dele. Tive que correr um pouco para alcançá-lo, ele tinha duas pernas enormes de mil quilômetros e, apesar do meu alongamento de bailarina ajudar, um passo dele devia ser igual a cinco passos meus. Aquele homem de ombros largos e sem barba, parou na frente de uma porta dupla, colocou as mãos nas maçanetas douradas e abriu-as em apenas um movimento.

Então, o mundo ganhou vida e cor. O branco lá de fora não existia mais, tudo era sol e encantamento. Meu Deus, aquilo era a definição de um lugar perfeito.

— Meu Deus! — murmurei e mordi as pontas dos dedos sorrindo como uma criança em uma casa inteira feita de doces. Meus olhos subiam e desciam através dos espelhos enormes, pelo teto abobadado com afrescos, pelas portas duplas francesas que davam acesso ao jardim. Um piano de cauda em um dos cantos da sala e barras de apoio rodeavam todas as paredes. Era uma sala de dança, mas não uma sala qualquer, era uma das coisas mais lindas que eu já havia visto.

— Minha tia transformou o antigo salão de baile em um estúdio de dança. — O senhor Hunter olhou ao redor. — Ela ensaiava horas por dia aqui.

— É lindo, muito obrigada por me mostrar. — Os pelos do meu braço arrepiaram quando entendi que, dentro daquela sala, uma das maiores bailarinas do mundo havia, talvez, aprendido a dançar.

— Você pode usar, se quiser — ele afirmou com um olhar perdido e se virou para deixar o estúdio, sala de ensaios, salão de baile... tudo junto.

— Toca para mim — droga, o que acabei de pedir? Tentei me corrigir rápida —, quer dizer, você pode ensaiar aqui e eu posso dançar e...

— Não! — ele rugiu de costas.

Eu dei um pulo para trás com o coração acelerado.

— Eu quero ficar sozinho. — E saiu sem olhar para trás.

Sacudi a cabeça, rindo, sem achar nem um pinguinho de graça. Ele me trouxe até aqui, não para ser gentil, mas porque queria se livrar da minha companhia. Que idiota! Que homem mais antissocial. Que pessoa complicada.

Bufei e fui até uma das barras de apoio. Tirei as botas de neve, o casaco mais pesado e me entreguei ao meu maior vício. A única coisa capaz de me levar até as nuvens e que nunca, nunca me desapontava:

comecei a dançar.



Estava na sala de dança há umas três horas, tentava inutilmente afastar os pensamentos do senhor Hunter e de toda aquela loucura: estar presa ali, na casa dele, as mudanças de comportamento, a barba, ou melhor a falta de barba, a maneira como meu corpo era afetado com a sua presença. Eu já dançava há algum tempo, então estava com o corpo quente. Tentava ensaiar um dos *pas de deux* da peça, mas não conseguia me concentrar muito nos passos e tive que recomeçar algumas vezes. Culpa do senhor Hunter.

— Culpa dele! — repeti um pouco irritada.

— Senhorita Alves. — Era a voz do senhor Clark, que acabara de entrar na sala de dança. — Hum... — ele pigarreou parecendo um pouco desconfortável. — O senhor Hunter pediu para eu ver se estava tudo bem e também para perguntar por que a senhorita está demorando tanto a voltar para a sala de música.

O quê? Que homem complexo, Jesus!

— Ele espera que eu volte para a sala de música?

— Ahn... acredito que sim, senhorita, ele pediu que eu viesse buscá-la e...

— Eu vou até lá.

O coitado do mordomo não tinha culpa do mestre da casa ser descompensado.

— Obrigada, senhor Clark — agradei e saí do salão.

Atravessei os corredores decidida a perguntar para o senhor Hunter por que ele era tão louco. Cruzei a porta da sala de música, ele parou de tocar quando me viu e abriu um sorriso que fazia tudo perder ou ganhar sentido.

— Você pediu para me chamar? — perguntei.

— Achei que você fosse morar na sala de dança. — O sorriso que alargou seu rosto aumentou o palpitar do meu coração e a decisão quase morreu. O que mesmo eu queria perguntar para ele?

— Achei que você queria ficar sozinho — disse e cruzei as mãos na frente do corpo.

— Não, não quero mais. — E exalou o ar de maneira audível. — Eu... Aquela sala me traz recordações... muitas recordações. Algumas delas... eu prefiro não lembrar.

— Ahhh... — murmurei entendendo que quanto mais eu o conhecia, mais distante estava de realmente o conhecer.

Ele recomeçou a tocar sem dizer mais nada e fui surpreendida por uma música diferente das que ele tocou durante aquela manhã.

— Kings of Leon? — disse sem esconder minha surpresa.

— Muito bem, senhorita Aurora — ele respondeu com um riso de diversão nos lábios e começou a cantar com uma expressão caricata.

Quando dei por mim estava ao lado dele. Sem que eu pensasse, a música *Sex on fire* saiu da minha boca e nós dois cantamos juntos.

— Não sabia que gostava desse tipo de...

— Eu gosto de música boa, de qualquer uma, também não imaginei que a senhorita gostasse de...

— Rock? — perguntei e já não estava mais nem um pouco irritada com ele.

— Sim. — Ele encolheu os ombros. — Você parece... meiguinha demais.

— Oi? Meiga?

— É... tipo uma bonequinha de porcelana.

— Hum, tenho certeza de que posso dar aula de rock para você.

— É mesmo, senhorita Aurora? Essa eu pago para ver.

— Paga?

— Sim. — Ele parecia muito convencido de que não precisaria pagar o que quer que fosse.

— Uma pergunta. — Eu lancei o desafio e ele me encarou sério.

— Se você vencer eu respondo, se eu vencer quero lhe pedir algo. — Ele olhou a minha boca e eu senti que perdia as pernas novamente. Será que ele pediria um beijo? *Não, não viaja, Nicole.*

— Está bem! — aceitei sem pensar e me arrependi em seguida. Aceitei pensando no beijo, quer dizer, não pensando em nada por estar pensando no beijo. E se ele pedisse algo que eu não pudesse cumprir, ou não quisesse? Mas o que ele poderia pedir que pudesse me deixar nervosa? Nada. Afinal, ele era meu diretor e... lógico que não seria um beijo, então o quê? Que estúpida. Como pude lançar um desafio para competir sobre músicas com um maestro?

— Pronta? — ele perguntou.

— Sim. — Já tinha aceitado e minha curiosidade não tinha nenhum senso de autopreservação.

Ele começou a tocar.

— Metallica, *Nothing else matters.*

— Muito bem, você foi rápida.

Ele iniciou outra. Sentia o coração brincar de baqueta contra o peito.

— Pearl Jam, *Even Flow.*

Ele apenas abriu os olhos em sinal de concordância e iniciou outra.

— Snow Patrol, *Open your eyes.*

— Certo — ele concordou, fechou os olhos e começou outra.

— 4 Non Blondes... *What's up* — eu disse dando um pulinho.

Ele fez uma expressão engraçada com o cenho franzido e eu cantei:

*“Twenty-five years and my life is still
Trying to get up that great big hill of hope
For a destination...”*

Ele parou de tocar e eu continuei cantando:

— *I said hey, what’s going on?*

— Muito bem, espertinha... Estava pegando leve, vamos dificultar um pouco as coisas.

Vários minutos depois, já tínhamos passado por Mother Love Bone, Violent Femmes, Nirvana, My Chemical Romance, David Bowie, Fever Ray... E no fim de umas vinte músicas, eu tinha acertado mais ou menos a metade delas.

— Acho que eu ganhei — ele falou com toda a arrogância de maestro que conseguia sustentar.

— Não, senhor, acho que eu ganhei...

Ele abriu as mãos no ar.

— Empate — disse com um sorriso torto.

— Está bem — eu respondi sentindo o rosto esquentar.

O beijo, o beijo, o beijo... As minhas células queriam isso, descontroladas.

— Pergunte — ele disse me puxando de volta para a realidade. Respirei fundo. Tinha não uma, mas um milhão de perguntas, fiz a que passou primeiro à minha cabeça.

— Por que você tocava Beatles naquela noite em que eu te vi no balé?

Ele olhou para as teclas.

— Foi uma das primeiras músicas que eu aprendi no piano. Minha mãe pedia sempre para que eu tocasse.

— Você lembra muito dela?

Ele abriu a boca como se fosse responder e, então, parou.

— Era apenas uma pergunta, senhorita Aurora.

— Tudo bem. — Eu sorri e devo ter feito aquela expressão de “não custava tentar, né?”, porque ele riu junto comigo. Os risos dele estavam ficando frequentes e o meu coração bobamente feliz com esse resultado.

— Agora é a minha vez. — O senhor Hunter olhou os meus lábios, que queriam ser beijados, acho que olhou. Estava meio perturbada com tudo o que vinha sentindo. Respirei, tentei respirar fundo, precisava recobrar a sensação do corpo.

— Se não quiser... tudo bem, eu entendo — ele murmurou.

O beijo, o beijo, o beijo... Todo o meu corpo estava querendo isso.

Eu consenti, porque já não tinha mais voz.

— Eu...

Deus, se ele enrolasse um pouco mais, acho que cairia sentada outra vez.

— Estou trabalhando em uma composição e gostaria de te ver dançar... queria entender como ela vai ficar no corpo de uma bailarina.

Tudo bem, não era o beijo. Ainda bem que não era o beijo. Ainda bem nada, eu queria o beijo. Mas, na verdade, que homem pede um beijo como um pré-adolescente? Homens, homens mesmo, ao menos aqueles que a gente quer que nos beije, eles vêm e tomam o beijo, não pedem por ele. Na verdade, eu adoraria que ele tomasse ou pedisse, contanto que me beijasse. Fechei os olhos. Realmente estava fora de controle e muito ferrada. Que porcaria era essa de querer ser beijada desse jeito pelo senhor Hunter?

— Então? — A voz forte dele me fez abrir os olhos.

— Claro que eu danço.

— Amanhã?

Concordei e não parei de querer os lábios dele depois disso. Olhava fixamente para a boca do senhor Hunter. Ele levantou. Até os elétrons dentro de mim ficaram sem ar. Umedeci os lábios. “Por favor, por favor, me beije”.

Acho que só um imbecil não perceberia a energia estalando entre nós, eu percebia. Queria que ele percebesse e queria tanto ser beijada, que até doía. Entreabri os lábios, ele deu dois passos vencendo a distância entre nós. Fechei os olhos rendida.

— Senhorita... Não faça isso. — A voz dele saiu baixa e rouca.

Não sei quanto tempo demorei para entender que não seria beijada.

— O quê?

— Apenas... não faça.

Abri os olhos e o vermelho do mundo inteiro ardeu em minhas bochechas.

— Eu... eu... preciso, preciso tomar um banho. — E foi com essa frase idiota que eu saí quase correndo da sala de música do senhor Hunter. Nunca quis ser beijada assim por ninguém, acho que eu nunca desejei tanto alguma coisa. Meu Deus, que merda estava acontecendo comigo?



Capítulo 17

*“Stay with me
Let’s just breathe”*
Just Breathe – Pearl Jeam

Tinha acabado de sair do banho e vesti a mesma roupa outra vez. Me recusei a fazer isso com a calcinha, que agora estava pendurada no boxe secando. Antes, falei com a Nathalia, ou melhor, briguei com ela, que continuava insistindo que o senhor Hunter queria me matar.

Depois que eu consegui convencê-la de que eu estava bem e fora de perigo, pude tomar o meu banho em paz. Sequei o cabelo com a toalha e liguei meu *iPad*. Queria ouvir um pouco mais de música.

Tentaria falar com a minha mãe. Sentei na cama e uma batida firme na porta desviou minha atenção.

— Pode entrar — disse tendo certeza de que era o senhor Clark, meu coração louco e o frio na barriga que seguiram à abertura da porta provaram que eu estava enganada. Era o senhor Hunter e ele segurava uma pilha de roupas.

— São minhas... Sei que vão ficar grandes, mas... — Ele estendeu o monte de peças dobradas em minha direção.

— Obrigada. — Eu levantei da cama e me aproximei, pegando-as.

— Eu me liguei quando você disse que ia tomar banho que estava sem roupas... Então... — Ele olhou para o monte de peças e continuou: — tem um moletom, camisetas, meias, uma malha e, desculpa, só não tenho calcinhas criativas para emprestar.

Antes de conseguir sentir vergonha, eu me diverti com a sua brincadeira.

— Vai lembrar disso para sempre, né?

— Difícil esquecer.

Coloquei as roupas sobre a cama e ouvi:

— O que dizia mesmo? Ah sim... “Você vai me ligar, ou me ligue”.

— Se quer me envergonhar, não vai conseguir — eu menti, já estava envergonhada.

— Isso funcionou alguma vez?

— O quê? — “Por favor, pare com isso!”, implorei mentalmente.

— Alguém te ligou por causa da calcinha?

— Senhor Hunter, não quero analisar as minhas peças íntimas essa noite, se o senhor não se importa

— eu disse, sorrindo, enquanto tentava inutilmente disfarçar a vergonha em meu rosto.

— É que você fica linda quando está com vergonha... eu... não resisti.

Senti o ar ficar preso entre o meu sorriso desfeito e o olhar intenso que voltamos a trocar.

— O que é isso? — ele disse apontando para o meu *iPad*, em cima da mesinha de cabeceira,

Eu ainda estava tonta.

— Um *iPad*.

— Eu sei o que é um *iPad*, pergunto sobre a música.

Música, que música? Como ele conseguia ouvir qualquer coisa além do meu coração esmagando o peito? Inspirei o ar devagar e notei que realmente o som estava lá. Me esforcei para parecer natural.

— É forró, uma música típica brasileira.

— *Follrrol*? — ele perguntou com todo o seu sotaque britânico.

Eu achei graça.

— Na verdade, tem uma lenda urbana que diz que o nome original em inglês é *for all*. — Me senti satisfeita por lembrar.

— Para todos?

— Sim, para todos dançarem... Eu adorava dançar, às vezes ia em lugares que só tocavam isso e dançava a noite inteira.

— E como se dança essa música?

— É uma dança de dois — disse com o meu coração enlouquecendo outra vez.

— Você me mostra?

Eu assenti e me aproximei. Dei um passo, seguido de outro, enquanto meu coração seguia contra as leis da gravidade. Peguei a mão direita dele. Um choque percorreu toda a minha pele. Guiei a mão esquerda até a minha cintura e tudo passou a ser aquela mão forte tomando posse da minha vida. Coloquei a outra mão no ombro masculino.

— Me segue, são dois passos para cada lado — pedi com o pouco de voz que restava.

Ele arriscou e eu o segui sem deixar de conduzi-lo. Poucos passos meio perdidos depois, ele já tinha entendido e talvez, pelo excesso de ritmo que tinha no sangue, o senhor Hunter aprendeu muito rápido, parecia que havia nascido dançando em qualquer pé de serra. A música acabou e eu me afastei, sorrindo. Ele não soltou a minha mão.

— Só que no Brasil, a gente dança um pouco diferente — escapou, porque veio da minha parte meio louca, uma que eu nem sabia direito como usar.

— Como, diferente? — Ele me olhava sem deixar nenhum espaço de olho descoberto enquanto olhei

para baixo.

— Mais próximo.

A mão do senhor Hunter me puxou até não restar espaço nenhum entre o meu corpo e o dele. Conforme nos encaixamos, eu perdi o ar dos pulmões pela boca de uma só vez.

A música que tocava era um forró um pouco mais lento. O senhor Hunter me conduzia por completo. Todo o meu corpo respondia através da presença dele. E senti-lo assim, ter ele inteiro em mim daquele jeito, foi demais em todos os sentidos. Ali, naquele quarto, com a neve branqueando tudo lá fora, ao som de um xote, eu tive certeza: nada nunca pareceu tão certo. Nem o balé, nem a dança, nem Fred Astaire ou Jane Austen. Entendi, e já não sabia ou entendia nada.

A música acabou e a que começou em seguida foi *Night and day*. Meu corpo não queria me desfazer do dele e talvez ele sentisse o mesmo porque continuamos juntos, ainda dançando. Dançando? Não, o mundo é que dançava aos meus pés e tudo existia pelo centro daqueles olhos azuis em cima dos meus. Deixei minhas pálpebras fecharem, me sentia muito afetada. Acho que foi isso que fez a realidade voltar. Devagar, ele se afastou. Voltei a encará-lo. Ele parecia sem graça, eu estava desnorteada. Ofegante e abalada demais para raciocinar.

— Frank Sinatra — ele disse e apontou para cima, talvez querendo devolver a razão para o mundo.

Não funcionou.

— Você gosta? — O senhor Hunter já tinha dado alguns passos para trás, aumentando a distância entre nossos corpos.

— Fred Astaire e Ginger Rogers — saiu automaticamente da minha boca. — Eles dançando essa música foi o que me fez querer dançar. — Meu coração disparava tão rápido que precisei sentar na cama às minhas costas. Tinha certeza de que se não fizesse isso, eu cairia.

— É sério? — Ele parecia inabalável, isso era um pouco irritante.

— Sim, assisti tantas vezes esse número de dança que sei de cor os passos até hoje.

Sorri com a lembrança e finalmente consegui voltar a respirar. Me sentindo um pouco mais calma e controlada, continuei:

— Sonhava um dia dançar com alguém, igual aos dois... Minha mãe sempre dizia que eles pareciam anjos. Eu era criança, tinha uns quatro anos quando vi pela primeira vez... Acho que ensaiei mais esse número do que qualquer outro até hoje.

O senhor Hunter aproximou-se para sentar na beira da cama, ao meu lado.

— Posso? — ele perguntou.

— Sinta-se em casa.

E o sorriso dele preencheu o meu coração.

— E realizou seu sonho?

— O de dançar? É claro, o balé é a minha vida.

— Não o de dançar balé, mas o de dançar com alguém, igual ao Fred Astaire e a Ginger.

— Ainda não. — Curvei os lábios soltando o ar pela boca. — Na verdade, acho que nem sonho mais

com isso, é claro que sou louca por eles, tenho até pôsteres dos dois no meu quarto.

Vi os olhos do senhor Hunter se arregalarem. Seria de surpresa? Imaginei que sim.

— Você é muito... — ele fez uma pausa antes de acrescentar: — curiosa.

— Curiosa?

— Sim, não é comum meninas da sua idade gostarem de Jane Austen e Fred Astaire.

— Eu também gosto de rock.

— Como disse, é uma menina curiosa.

— Menina? Falando assim, você parece que tem o dobro da minha idade.

— Às vezes, é como me sinto.

— Velho?

Ele respirou fundo.

— Não... cansado.

— Você ficou bonito sem a barba. — Merda! O. Que. Eu. Acabei. De. Falar?

O olhar intenso do senhor Hunter estava em mim outra vez.

— Ahn, quer dizer... ficou jovem, parece jovem, não que seja velho, mas agora...

— Sou bem mais velho do que você, senhorita, não tem problema você ter notado isso.

— Ah vai, você tem o quê? Vinte e cinco anos? É claro que se sente cansado, fala como se tivesse cinquenta e cinco.

— Tenho vinte e seis.

— Bem mais velho. — Usei um tom irônico. — Até parece.

Com o silêncio, a música no *iPad* ficou mais alta.

— Você está com fome? — ele perguntou.

— Não, comi um pouco antes de subir.

Ele concordou com a cabeça.

— Você não se sente muito só aqui? — perguntei olhando ao redor.

— Quando estou com a música, eu não estou sozinho.

— Eu te entendo. — Entendia mesmo, porque quando eu dançava, nunca sentia nada a não ser a dança.

— E você, sente muitas saudades do seu país?

— Sinto saudades, mas não muita, a dança não deixa.

Ele olhou para o livro da Jane Austen na cabeceira.

— Desde quando você gosta de ler clássicos?

— O primeiro livro que li dela, tinha uns doze anos.

O maestro me lançou um olhar divertido.

— Alguns anos lendo e você só lê romances?

Lembrei do livro que estava sobre a mesa dele, naquela tarde em que fui devolver o celular.

— Melhor do que ler diários de estripadores.

Ele me olhou novamente dessa vez, parecendo surpreso.

— Aquele dia, na sua sala, eu vi o livro sobre a mesa — expliquei um pouco sem graça e me acomodei recostando nos travesseiros. Era uma cama de casal com dossel, o senhor Hunter estava sentado com as pernas para baixo e as costas na cabeceira.

— Ah não — ele começou mais descontraído. — Mas eu também leio livros de outros tipos de assassinos e não apenas os que estripam e também de homens bombas e torturadores.

Olhei-o com um assombro forçado.

— Eu devo ficar com medo agora?

— Eu tenho uma coisa com a morte — ele disse com um sorriso contido.

Eu quis entrar na brincadeira, ignorando meu coração acelerado.

— Então, por isso a morte te ama, entendi, você é o garoto da morte.

Virei para o teto absolutamente sem graça. Acabei de lembrá-lo que eu tinha lido a agenda dele. *Que estúpida!* Olhei-o de lado e Daniel me encarava com um vinco enorme entre as sobrancelhas. Cobri o meu rosto com as mãos.

— É agora que você vai me tirar da peça? — perguntei sem descobrir os olhos.

Senti os dedos mornos e compridos dele tirarem as minhas mãos de cima do rosto.

— Está tudo bem — o senhor Hunter confirmou.

E eu voltei a respirar.

— Desculpa, eu realmente não sei o que me deu aquele dia... eu estava curiosa sobre... sobre você e...

— Naquela agenda não tem escrito nada de mais.

— Bom — tentei sorrir —, então se não é nada de mais, o que significa aquela história da morte?

Minha curiosidade sobre Daniel Hunter seria o meu fim. Eu já devia saber disso.

O maestro ficou me encarando por mais um tempo em silêncio, possivelmente pensando se me respondia ou se me mandava embora no meio da nevasca. E então, o impensável aconteceu: ele pegou uma mecha do meu cabelo entre os dedos e a colocou atrás da minha orelha.

— Ao contrário do que muitos acreditam, eu acho que a morte é uma mulher.

Precisava me esforçar para responder qualquer coisa, só queria fechar os olhos, abraçá-lo e ficar ali com ele em silêncio.

— E então, a morte se apaixonou por você.

Ele deu de ombros.

— Só que ela não sabe amar sem destruir — respondeu sombrio e desviou os olhos para o dossel.

— E você a ama de volta?

— Eu só acho que ela é o maior mistério com o qual temos que lidar e também o maior desafio... Às vezes, sinto que, enquanto não aceitarmos a verdade de que todos aqui morrerão um dia, nunca seremos capaz de vivermos sem medo — disse e continuou olhando para cima.

Tive que me segurar para não avançar em cima dele com um milhão de outras perguntas. Sabia que talvez se eu passasse do limite, ele iria se fechar e se afastar outra vez.

— Eu, por exemplo — comecei querendo desconstrair o clima da conversa —, sinto que nunca poderia viver sem chocolate, nem sei para onde estou indo quando fico muito tempo sem chocolate.

— Chocolate? — ele perguntou com diversão.

— Sim.

— Qualquer tipo?

— Não, ao leite em primeiro e absoluto lugar.

— Então, chocolate nunca pode fazer mal?

— Nunca, na verdade acho que o governo devia distribuir uma cota diária de chocolate de graça que nem remédio.

— Sim, para as mulheres — ele provocou.

— Ai... que comentário mais óbvio.

— Que as mulheres devem tomar diariamente?

— Não, que os homens acham que somente as mulheres precisam disso para alívio mensal.

— Alívio dos homens?

Eu gargalhei.

— Não, seu idiota, alívio dos sintomas. — Prendi o ar horrorizada, tinha acabado de chamar o meu diretor de idiota?

— Vocês são muito sintomáticas, instáveis e talvez o governo devesse mesmo entregar chocolate de graça às mulheres para a saúde dos homens. — Ele pareceu não notar, porque continuava com a brincadeira.

— Olha quem fala! O homem que grita como uma louca em TPM eterna.

Pronto, agora me internem, passei de todos os limites e o senhor Hunter percebeu, pois ficou sério, apenas me olhando.

— Desculpa.

— Acho que eu vou pegar chocolate para você. — Ele forçou uma voz grave e raivosa. — Tem uma torta de chocolate com laranja lá embaixo, vou pegar agora.

— Ai meu Deus, que horror! — A frase pulou da minha boca.

— Oi?

— Quem é o assassino de chocolate que coloca laranja nele? Tinham que mandar prender! — A minha língua solta não atrapalhou o bom humor da conversa e eu começava a me questionar: “Será que

ele era tão mal-humorado assim, como fazia questão de parecer? Acho que não, ou só profissionalmente como ele mesmo disse”.

Vi-o pegar o telefone e discar alguns números.

— Tome. — Ele me passou o aparelho. — Resolva isso direto com a senhora Evans, a cozinheira, ela só não é mais perfeccionista do que eu, acho que vai adorar ouvir a sua opinião.

Desliguei o aparelho o mais rápido que consegui. Mas, para fazer isso eu quase montei em cima dele, resultado: o senhor Hunter em grandes quantidades embaixo e eu em cima. Enquanto ele me olhava, eu ficava sem ar. Virei o corpo rapidamente e disse ainda sem graça.

— A minha avó fazia o melhor bolo de chocolate do mundo... E a tentativa de me deixar sem graça com a sua cozinheira não funcionou.

— Não?

— Talvez só um pouquinho — eu respondi com um fio de sorriso na voz, tinha me afastado dele, mas não fiquei tão longe como antes. Ele também não se afastou.

No *iPad* começou a tocar *I can't help falling in love*, a versão da Haley Reinhart, fui surpreendida pelos dedos do senhor Hunter desenhando círculos na minha cabeça, entre o meu cabelo. As batidas do meu coração subiram alguns graus dentro do peito.

— Você gosta dessa música? — ele perguntou no meio dela.

— Amo... acho que é a minha preferida na vida

— Então você também gosta do rei?

— Elvis é o cantor favorito da minha mãe, ela me colocava para dormir cantando aquela música dele: *Bridge over a...*

— *Troubled water* — ele completou com um sorriso na voz.

— Sim, essa mesma, ela cantava especialmente quando eu me sentia triste com alguma coisa — disse e senti que os meus olhos começavam a pesar, pois o cafuné sempre foi o meu ponto fraco para o sono.

Acho que eu bocejei porque ele parou o carinho e se levantou da cama.

— Você está cansada, eu... vou deixá-la dormir.

— Não, não vá... não quero ficar sozinha.

Ele me olhou, parecendo pensar e eu insisti:

— Por favor.

— Está bem. — Vi que ele tirou o sapato e se recostou outra vez na cabeceira, dessa vez jogou as pernas em cima da cama e voltou a fazer o cafuné sem que eu precisasse pedir, eu suspirei com o conforto que isso trazia.

— Descanse, quando você dormir eu vou para o meu quarto.

— Obrigada.



Acordei com o quarto ainda escuro e com uma sonolência difícil de vencer. Senti um calor bom e um aconchego familiar. Fui devagar, meio torpe, recobrando a consciência. Notei o quente e macio do cobertor, o travesseiro morno subir e descer em um embalo...

Travesseiros não sobem e descem.

Claro que não.

Passei a mão ao meu lado, encontrei músculos relaxados que faziam parte de um... braço masculino?

Achei que sim.

Meu Deus, era...

Eu estava?

Ele estava?

Dormi abraçada com ele?

Não.

Ele dormiu aqui, isso era claro, mas por que a minha cabeça usava o peito do senhor Hunter de travesseiro?

Ai, meu Deus, a minha cabeça estava no peito do senhor Hunter e meu o corpo todo junto à lateral do seu corpo. Isso era tão certo mesmo parecendo proibido. Mesmo sendo errado. Tudo em mim encaixava nele de uma maneira mais do que perfeita. Era tão maravilhoso que eu queria ficar assim para todo o sempre possível, amém.

Por que que eu vinha sentindo essas coisas junto a ele?

Dane-se, eu não precisava entender nada disso.

Só precisava ficar um pouco mais ali e talvez... Eu passei o meu braço direito por cima do peito dele e fechei-o em um meio abraço. Isso fez com que ficasse ainda mais próxima. Ele tinha um cheiro bom de carvalho, de sabonete e... dele.

Como será que era a pele do rosto do senhor Hunter?

Eu só precisaria chegar um pouco mais perto e... fiz.

Levantei o rosto e deixei os meus lábios tocarem de leve no maxilar dele. Então... a respiração masculina ritmada acelerou. Em um movimento nervoso e instintivo, eu virei o rosto para baixo encaixando-o novamente na curva do seu braço. Meu coração ia solto no corpo de tão rápido que batia. Será que ele notou o que eu fazia? Estava acordado? A respiração dele voltou ao mesmo ritmo profundo e relaxado. Suspirei e fechei os olhos, pouco depois o sono e aquela estranha sensação de estar em casa venceram a minha consciência e eu dormi.



Capítulo 18

*"I was upset you see
Almost all the time
You used to be a stranger
Now you are mine"*
Regret – New Order

Tinha acabado de tomar o café da manhã sozinha. Acordei também sozinha, já passava um pouco das dez. Fiquei dividida entre a confusão e a ansiedade. Não tinha certeza se o que eu lembrava foi real ou um sonho. Quando acordei, cheirei o travesseiro ao meu lado para confirmar. Me senti meio ridícula fazendo isso, mas encontrei o cheiro irresistível do senhor Hunter na fronha. Então, ele realmente dormiu parte da noite ao meu lado? Tinha certeza de que sim, eu lembrava muito bem do calor do seu corpo junto ao meu, o ritmo da respiração e o coração dele imprimindo algo dentro do meu peito.

Ouvi o som de um piano tocando.

Respirei fundo antes de entrar na sala de música.

Assim que eu cruzei a porta, ele levantou os olhos das teclas e sorriu.

Meu Deus! O que tinha esse sorriso que fazia o meu coração dar pulos?

— Bom dia, Bela Adormecida. — O meu coração acelerou ainda mais, senhorita Aurora virou Bela Adormecida.

Umedeci os lábios.

— Bom dia, senhor Hunter.

Ele parou de tocar e ficou mudo me olhando com aquela intensidade que desmembraria até um soldado alemão.

— Nicole?

Estava tão afetada que demorei alguns segundos para perceber que ele acabou de me chamar de Nicole. Puro e simples, meu nome de batismo. Sem nenhum senhorita antes. Nunca achei que escutar o meu nome podia causar tudo isso no meu corpo.

— Você dormiu bem? — ele continuou.

— Sim, dormi. E você? — ele respondeu e... ah, Deus, o sorriso outra vez.

— Muito bem — ele respondeu.

— Você dormiu... — parei.

Como eu iria perguntar ao meu diretor se ele tinha dormido comigo? Não podia. O que era meio ridículo, já que eu sentia que estávamos ficando amigos. Amigos podiam dormir uns com os outros sem que isso significasse nada. O problema era que o meu corpo não deixava acreditar que aquilo, isso, o senhor Hunter, significava nada. Talvez o meu coração também não.

— Vamos trabalhar?

Lembrei do pedido dele de ontem, à tarde. Ele queria que eu dançasse a música. Percorri os olhos pela sala e notei que o jogo de sofá, que ficava em frente ao piano, tinha saído dali. Isso deixou um bom espaço livre.

— Sim, claro, o único problema é que estou sem sapatilhas.

— Descalça? — Ele me lançou um olhar sugestivo.

— Ok. Que tipo de música é?

— Você verá.

Ele começou a mexer em umas partituras, eu precisava tirar um pouco da roupa que vestia.

— Me dê um minuto, eu preciso tirar essa quantidade de roupas.

Ele assentiu.

Tirei o casaco de couro, a blusa de lã dele, a calça jeans e fiquei somente com a blusa e a calça térmicas. Eram de um tecido justo e confortável. Daria para me movimentar melhor assim.

— Pronto, senhor Hunter — eu disse após arrumar as roupas descartadas na poltrona à minha frente.

— Me chame de Daniel, Nicole. — Ele encolheu os ombros. — Isso se você quiser, é claro.

Senti a garganta secar. O que devia ser considerado ridículo, porque era só o nome dele.

Eu não mandava mais em porcarias nenhuma dentro de mim.

Meus lábios se moveram em um sorriso bobo.

— Muito prazer, Daniel, eu sou a Nicole, mas acho que você já sabe disso.

Ele concordou com a cabeça parecendo se divertir.

— Pronta?

— Sim. — Respirei fundo e me posicionei no meio da sala. Fechei os olhos e ouvi os primeiros acordes do piano.

Inspirei o ar devagar e deixei a música entrar no meu sistema. Era uma composição intensa, que seguia um ritmo crescente e, então, a progressão voltava a cair. Me deixei levar pela evolução da música. Ela fazia o meu corpo ficar sem tamanho. Não lembro direito em que momento o olhei. Lembro sim, com detalhes, o que aconteceu no meu corpo e no mundo. Ou o que não aconteceu porque...

Que olhar era aquele?

Dizer que ele me encarava com sincera admiração não chegaria nem perto de definir o que acontecia.

Enquanto as mãos do senhor Hunter corriam livres pelas teclas, os olhos dele corriam em mim com mais liberdade ainda. Era tocada em todas as partes pelo olhar dele em cima de mim. O Daniel soltava as notas como o ar e meu corpo pegava, porque respirava o som.

Senti um arrepio percorrer a minha nuca com os olhos dele em meu pescoço.

Então, olhou no meu colo e o ar faltou.

Uma, duas, três piruetas, eu me entreguei a um êxtase sem dimensão. Muito além do olhar, as notas conversavam com meu corpo e ele notava. O Daniel entendia o que estava acontecendo. Nunca uma música falou tanto comigo, de maneira tão íntima e avassaladora.

Nos braços e nas mãos, os músculos perderam parte da sustentação e por pouco os joelhos não me deixaram sem apoio.

Os olhos dele subiram junto a escala — dos pés às pernas e através da barriga e um choque gelado subiu em minha espinha. Enquanto eu dançava, os toques do Daniel moviam as minhas sensações. Ofegante, eu lutava para não me render, ir até lá e cair de verdade em cima dele. Ele também ofegava e o que parecia algo muito além do desejo, desenhava uma expressão quase primitiva em seu rosto. A eletricidade que se instalou entre nós era tão intensa, que qualquer pessoa de fora que nos assistisse morreria eletrocutada. Eu estava a ponto disso. A composição foi diminuindo e meus movimentos lentos, acompanharam o fim da música.

Parei de olhos fechados e com o rosto molhado, encharcado de lágrimas.

No tempo de uma piscada, ouvi o banco do piano ser afastado. Na pausa de uma batida do meu coração, as mãos dele estavam sobre mim, envolvendo a minha cintura e me puxando para o seu corpo. Eu respirava com dificuldade e ele ensaiava o mesmo ritmo da minha respiração. Estávamos tão próximos que eu senti o ar das narinas dele marcarem a minha face.

— Nicole — ele ofegou —, nós não deveríamos fazer isso.

Eu apenas assenti, mas meu corpo não. Umedeci os lábios que pararam entreabertos buscando algo que eu queria mais do que o ar ou do que a música: o beijo do Daniel.

— Foda-se! — ele disse e desceu a boca sobre a minha.

Não tiveram anjos descendo, nem sinos tocando, nem fogos estourando não, porque fora a minha a boca na dele e a boca dele buscando a minha não sobrava espaço para notar mais nada.

Os seus lábios tocavam os meus gentis e suaves indo de um lado a outro reconhecendo e pedindo permissão para avançar. Abri a boca. Antes da invasão física, senti o ar do corpo dele me preencher e algo além disso, como se fosse possível duas pessoas trocarem parte dos seus corações em um beijo.

Podia parecer uma cena cotidiana na Terra, mas não era. Não era nem um pouco comum para mim a língua dele incendiar a minha alma. Nem os lábios que cresciam e diminuía junto com o ritmo da posse que o senhor... que o Daniel tomava.

Ele levou as duas mãos até a minha nuca e exigiu um mergulho maior. Pegou todo o ar do meu corpo com aquele beijo que ficava a cada instante mais profundo e entregue.

Eu estava entregue, porque não tinha mais um corpo só meu.

Daniel mordeu levemente o meu lábio inferior e o sugou. O pouco de equilíbrio que ainda tinha foi perdido. As suas mãos largaram a minha nuca e me sustentaram pelas costas. E... meu Deus!

O frio no meu estômago aumentou quando perdi o chão dos pés. Estava no colo dele. A boca do senhor Hunter... do Daniel, não parava de se mover sobre a minha pedindo, exigindo, que desse mais. Muito mais.

Será que era possível?

Ele me colocou sentada em algo... O quê? O piano. O Daniel se encaixou no meio das minhas pernas e tomou a minha boca com a mesma insanidade que ele possuía a música. Entendi que sim, era possível dar mais.

Sem respirar, sem razão e fora de mim por completo, me ouvi gemer quando as suas mãos percorreram as minhas costelas com uma força calculada. Ouvi ele gemer quando as minhas mãos enroscaram nos seus cabelos e o trouxeram para um beijo mais profundo.

Depois de ofegos, mordidas, senti o Daniel em todas as partes da minha pele.

— Nicole — ele ofegou —, que loucura... Eu quero tanto... você.

Eu o puxei com força para retomar o beijo. Também o queria, desci minhas mãos da nuca para o peito dele e, então, para a barriga, para o cóis da calça e mais abaixo. Senti algo bem diferente da braguilha e ouvi-o gemer com mais vontade e me beijar mais, muito mais. Tudo em mim queria esse mais, em todos os lugares e...

Fomos interrompidos por batidas na porta.

— Senhor Hunter. — Era a voz distante e apagada de um homem. — Oh desculpe, senhor.

Era a mesma voz que se tornava um pouco mais nítida. Parecia a voz do senhor Clark. Percebi os braços dele me envolverem em uma postura protetora.

— Eu sinto muito. É que... hum... eu consegui o telefonema que o senhor pediu, eles estão na linha, senhor, e... hum... desculpe, achei que gostaria de saber.

Sentia o peito dele descer e subir rápido, duas respirações mais longas depois, ele respondeu:

— Peça um minuto, eu já vou falar com eles.

Ouvi a porta se fechar. As mãos dele subiram e desceram pelas minhas costas e ele deu um beijo na minha frente.

— Nicole, é da empresa que remove a neve das estradas dessa região, eu preciso atender.

A minha respiração ia muito além da sofrida.

— Está bem — eu disse olhando para a sua camiseta. Senti o polegar dele erguer o meu queixo.

— Vou resolver isso e depois... nós... conversamos.

Eu assenti em silêncio.

Conversamos? Isso não era muito bom, era?

Depois nós continuamos seria bom.

Tentei sorrir, mas não consegui.

Vi ele se afastar e sair da sala de música.

Olhei para os lados, ainda sentada sobre o piano. Senti um calafrio que espalhou uma onda de arrepios em meus braços. O calor da dança ia embora e também o calor dos beijos que trocamos. Fechei os olhos e respirei devagar. O cheiro do Daniel estava em todos os lugares. Me abracei com força tentando me manter aquecida, protegida, sei lá. Pisquei lágrimas de confusão e cobri os olhos com as mãos espantando a vontade de chorar. Meu Deus, eu estava ferrada!

Esperei-o por meia hora ali, antes de resolver subir para o quarto, com uma angústia meio inexplicável e uma ansiedade que beirava os limites do suportável.



Capítulo 19

*"I don't mean to run
But every time you come around
I feel more alive than ever"*
Adore – Paramore

Três horas se passaram desde que eu subi para o quarto.

Já tinha olhado pela janela durante um bom tempo, lido parte do livro, liguei para a Nathalia e avisei que estava viva, escrevi para a minha mãe e para o meu pai, o que foi um milagre, porque eu quase nunca tinha paciência de escrever para ele. Isso era o que o resto de tempo fazia.

Agora, eu olhava pela janela outra vez. A neve tinha quase parado de cair. Floquinho, floquinho, floco...

Tinha visto há um tempo um coelhinho preto correndo pela neve, achei aquilo tão...

Oh, que coisa mais bonitinha.

Agora eu procurava as pegadas do coelho na neve. Onde será que era a toca dele? Será que tinham filhotes ali?

Ai, que tédio deprimente.

A neve realmente tinha quase parado de cair.

Então, talvez amanhã eu conseguisse voltar para casa.

Não entendia direito, porque essa ideia passou a vir com um incômodo junto.

Devia estar dando um milhão de piruetas com a possibilidade de sair dali.

Só que não era assim.

Depois do que aconteceu mais cedo, eu não queria voltar para casa amanhã.

Eu queria que...

O que eu queria?

Não saberia nem começar a explicar o que eu queria de verdade.

Só tinha certeza de uma coisa: eu queria mais beijos do senhor Hun... do Daniel.

Era ridículo continuar pensando nele como o senhor Hunter depois dos beijos.

E talvez fosse ainda mais ridículo sentir o coração trocar de lugar com o estômago toda vez em que eu pensava nele, mais precisamente nos beijos.

Como será que ele iria reagir?

Será que fingiria que nada aconteceu? Ou será que eu iria embora daqui amanhã sem nem ao menos vê-lo outra vez?

Ele falou “depois conversamos”, não falou?

Diante do sumiço de mais de três horas, a ideia da conversa que antes tinha parecido ruim... agora parecia ser tudo de bom.

Queria conversar com ele, talvez até precisasse disso para organizar os meus órgãos.

Mesmo que ele não venha me procurar, eu vou atrás dele.

Essa ansiedade era ridícula, nós não éramos mais crianças.

Por que, porcaria, ele demorava tanto a aparecer?

Será que tinha ido retirar a neve da estrada junto com a empresa que fazia o serviço?

Bufei impaciente com o rumo neurótico dos meus pensamentos e ainda mais inconformada, porque todos eles eram dirigidos ao senhor-Daniel-maestro-Hunter.

Peguei o livro para ler. Nada como a leitura para fugir da realidade. Através de um romance perfeito melhor ainda, graças a Deus.

Ouvi uma batida firme na porta.

Era a batida de ontem do sen... do Daniel.

Minhas vísceras contraíram antes que eu confirmasse.

— Oi. — Ouvi a voz dele e fechei o livro.

— Oi — eu disse com o coração nos ouvidos, ele estava parado com o ombro apoiado no batente da porta e o cabelo molhado. Merda, ele era tão lindo! Por quê? Por que ele teve que tirar a barba? As coisas seriam bem mais fáceis se continuasse com aquele cabelo no rosto.

— Desculpe... Depois que eu falei com a empresa que retira a neve, o pessoal da academia de música me ligou e fizemos uma teleconferência, demorou bem mais do que eu imaginava.

— Tudo bem.

— Para mim não.

Eu o olhei sem entender. Ele explicou:

— O senhor Clark me disse que você não almoçou e já é noite.

— Eu — Encolhi os ombros. — vou comer alguma coisa.

— Posso fazer uma massa, o que você acha?

— Sério? — Olhei-o surpresa. — Quer dizer, você não parece o tipo de cara que cozinha.

— Ah, não?

— Não.

— E que tipo de “cara” eu pareço? — Daniel perguntou com uma diversão contida.

— Do tipo que enterra meninas no seu jardim, a não ser que você vá me cozinhar junto com a massa.

— Eu forcei a voz em um tom de súplica. — Se você for me enterrar em seu jardim prefiro ser colocada ao lado da fonte, se não se importar, é claro.

Daniel me olhou com a expressão dura e eu senti o estômago gelar quase arrependida da brincadeira e, então, ele gargalhou.

O meu coração riu junto, isso estava ficando óbvio.

— Vamos para a cozinha? — Ele estendeu a mão em um gesto de convite.

Levantei e fui em direção à porta, a poucos passos de distância dele.

— Você está com fome? — Daniel perguntou.

— Sim, um pouco. E você?

— Faminto — ele disse e me olhou intensamente.

Tive quase certeza de que não era da comida que ele falava. Virei o rosto para baixo. Senti os dedos dele erguerem o meu queixo.

— Você não faz ideia.

E ele me beijou até eu estar sem fôlego e sem a menor vontade de nada que não fosse a boca dele na minha. Os lábios que no início se moviam com força, passaram a deixar toques suaves nos meus. Enquanto eu tentava, buscava mais, ele se afastou e colou a testa na minha.

— Nós temos mesmo que conversar — ele disse, sem fôlego.

— Ok — concordei sem capacidade alguma de articular mais de duas palavras.

— Não me olhe assim...

— Como?

— Pare de olhar a minha boca como se quisesse que eu te beijasse outra vez.

— Hum-hum... — murmurei, ainda incapaz de respirar direito.

— Vamos, Nicole, você precisa comer alguma coisa.

— Ok — respondi e aquele lado meu que nem sabia direito que existia me fez continuar olhando para a boca do Daniel.

— Você vai acabar comigo — ele sussurrou e, em seguida, a sua boca estava na minha outra vez, graças a Deus estava. Nossa, como estava!

Conforme o beijo se aprofundou, as mãos dele desceram até meu quadril e com uma vontade possessiva Daniel me pressionou contra o seu corpo. Gememos juntos quando tudo em nós encaixou. Enfiei a mão por dentro da blusa de linho que ele vestia. Eu pressionava os dedos em toda pele que alcançava de suas costas, enquanto Daniel aprofundava mais o beijo, com força, dando tudo de si.

Sem nenhum tipo de aviso, tão abrupto quanto começou, ele rompeu o beijo outra vez.

— Vamos... comer algo e... conversar, antes que eu faça... uma loucura.

Eu queria a loucura. Quase pedi por ela, entretanto, ainda tinha um pouco de razão porque eu fiquei quieta. Ele era o meu diretor, afinal.

Será que era assim que as pessoas apaixonadas se sentiam? Meio idiotas?

O quê?

Por que eu pensei isso? Eu não estava apaixonada, eu nem queria isso. Não, era apenas desejo e olhei pela janela do corredor enquanto o seguia até a cozinha: havia muita neve. O isolamento do mundo estava me confundindo. Seria bom voltar para casa amanhã. Senti o coração pular uma batida. Sim, seria mais do que bom, a volta para casa começava a ser necessária.



Capítulo 20

Capítulo 20

*“We took your rights,
And your mother’s home
I turned but your tomb
Can be your pick
Not pawned
Poisons, blood”
The Wolf – Fever Ray*

Já estávamos na cozinha há uns quinze minutos, Daniel havia me falado que a empresa que retirava a neve iria trabalhar pela manhã na estrada que dava acesso à sua casa. Então, se tudo desse certo, eu poderia ir embora no início da tarde.

Demonstrei um exagerado alívio por causa disso. Teria ensaio no outro dia muito cedo. Ele não falou nada diante do falso entusiasmo que eu quis mostrar.

— Você sempre cozinha? — perguntei tentando quebrar o silêncio chato que se instalou entre nós depois que eu comemorei minha saída da mansão.

— Eu adoro cozinhar, mas não é sempre que tenho tempo.

Eu cortava alguns tomates, enquanto ele temperava dois medalhões de carne. Vermelhos, gelados e macios, os tomates são frutas, difícil de acreditar. Lembrei da maneira profissional com que minha avó deslizava a faca enquanto cortava os ingredientes.

— Quando eu era criança, eu gostava de ficar na cozinha. Enquanto minha mãe e minha avó faziam experimentos com massas e bolos, eu adorava ajudar a misturar tudo.

— Eu cresci no meio de partituras, aulas e ensaios de balé.

— A sua tia... Como ela é?

— Como mãe? — Ele desviou os olhos da carne para os meus. — Ela foi uma boa tia.

— Hum... eu... — Queria perguntar tantas coisas, mas achava que a infância dele não era um assunto fácil de ser digerido antes do jantar.

— Na verdade, não tenho do que reclamar, ela me proporcionou as melhores oportunidades para que

desenvolvesse meu talento com a música.

Ele voltou a trabalhar nos medalhões, eu voltei a cortar os tomates.

— Ela é uma ótima pessoa — Daniel continuou —, muito justa e honrada, foi uma tia carinhosa e tentou, da maneira que conseguia ou sabia, suprir a ausência dos meus pais.

— Eu também não tive pai... quer dizer, eu tenho pai, só que o vi tão pouco, que ele como pai... — Suspirei. — foi um bom tio ausente... Ele mora em uma cidade distante da que eu cresci.

— Onde você cresceu?

— Rio de Janeiro.

— Rio de Janeiro — Daniel disse em um tom pensativo. — Eu estive lá uma vez há alguns anos.

— E gostou?

— Tem como não gostar? Aquela cidade é maravilhosa, não sei como você não morre de saudades.

Eu sorri ao ter uma ideia boba.

— Mas eu morro de saudades, na verdade, morro de saudades mesmo é do Jean. — Soltei o ar de uma maneira exagerada e condoída. — Achei que não fosse aguentar no começo... eu estava acostumada a ficar com ele sempre junto a mim.

Olhei para o lado, o Daniel continuava a trabalhar impassível como se não tivesse ouvido.

Me senti uma tonta ao tentar provocar ciúmes nele. E achei que ele não só deve ter percebido o que fazia, como também certamente me achou uma menina imatura, talvez até convencida. Continuei cortando os tomates em um silêncio constrangedor.

Fui surpreendida pelas mãos do Daniel, que envolveram a minha cintura. Minhas pernas amoleceram quando a boca dele colou na minha orelha.

— É impressão minha ou você estava me provocando?

— O quê? Não... — menti porque na medida em que ele soprou as palavras no meu ouvido, os braços exerceram uma pressão desconfortável na minha cintura e aquilo me desnor-teou.

— Eu não gosto de ser provocado, senhorita Aurora, e vou ter que lhe castigar para que você aprenda a nunca mais repetir isso. — A voz, ao contrário da pressão que todo o corpo dele exercia sobre o meu, era suave e controlada. Percebi que estava tremendo de... medo? Excitação? Ou seria de expectativa ou nervoso?

— Era o gato. Jean é meu gato. Meu bicho.

Os braços dele aumentaram um pouco a pressão e eu perdi parte do ar dos pulmões.

— Tarde demais, eu tinha decidido que não jantaria você, mas depois da sua brincadeirinha, vai virar o acompanhamento para a massa.

Ele mordeu minha orelha e começou a mover os dedos nas minhas costelas como se dedilhasse o piano. Fui invadida por ondas incontrolláveis de cócegas.

— Vou matar você de rir — ele disse com a voz divertida.

Tive certeza de que o Daniel era o mestre das cócegas no universo, nunca um ataque desses me deixou tão desesperada. Eu me debatia e lutava pelo ar...

— Pelo amor — pedi enquanto dava risadas incontroláveis. — me sol... — explodi novamente em gargalhadas, e ele me torturava enquanto detinha o meu corpo. Os dedos longos e insuportáveis continuavam a dedilhar as minhas costelas.

— SOLTA! — Busquei pelo ar e outra onda de risadas me invadiu.

Eu nem enxergava e nem sequer lembrei que estava com a faca que cortava os tomates na mão. Tentava me soltar e respirar de todas as formas possíveis. Contorcia o corpo e as lágrimas rolavam pelo rosto. Com desespero crescente lutava pelo ar entre as gargalhadas. Ouvi o barulho de algo cair no chão. E só então me dei conta de que era a faca que eu usava.

Ele não me segurava mais.

Apoiei as mãos no balcão da cozinha e tomei o ar tão necessário de volta aos pulmões.

Ouvi uma espécie de grunhido às minhas costas.

— Não! — ele rugiu. Girei o corpo e encontrei o rosto lívido do Daniel medindo cada centímetro do meu corpo. Em meio segundo, ele segurava as minhas mãos e olhava-as com uma expressão de horror.

Sentindo o coração enlouquecer e ainda ofegante pelo ataque de riso, eu notei o que tirou a cor do rosto do Daniel. Algumas manchas de... sangue?

Sim, era sangue.

Ele tinha um corte de alguns centímetros no torso da mão.

Eu me cortei também?

Merda! Eu que cortei ele, sem perceber.

— Desculpe, você... eu... te machuquei. — Senti meu corpo sendo puxado para o balcão em direção à pia. Ele abriu a torneira e disse com uma urgência que fizeram os pelos do meu braço se arrepiarem:

— Lava, lava agora!

— Eu... Você... quem precisa lavar — pedi sem entender nada.

— Agora!

Continuei olhando-o sem reação. Será que eu tinha me cortado também?

— Você é surda, Nicole? — dizendo isso ele pegou as minhas mãos e colocou embaixo da água corrente, agarrou o detergente e espremeu meio vidro em cima delas e em uma parte dos meus braços. Eles também tinham algumas manchas vermelhas.

— Mas você... você está machucado. — Olhei para ele enquanto eu me lavava com movimentos atropelados.

Vi o sangue gotejar da mão dele. Fechei a torneira com um nó na garganta e disse com a voz trêmula pela incompreensão:

— Deixa eu te ajudar.

— Você se cortou, você está machucada?

Neguei com a cabeça. A voz ficou presa entre a incredulidade e o nervoso.

— Acho que não... desculpe. Você precisa, deixa eu te...

— Não! — ele rugiu.

Olhei para o chão. Vários pingos desenhavam círculos vermelhos, enquanto outros se abriam conforme o sangue pingava.

— Desculpe, foi sem querer. — Ouvi ele respirar profundamente duas vezes e o encarei.

Daniel estava de olhos fechados. Dei dois passos em sua direção e estendi a mão querendo tocá-lo.

— Deixa eu te ajudar com o cort..

— Não. — Ele abriu os olhos cheios de raiva e culpa. Ele deu dois passos para trás, como se essa raiva fosse dirigida a mim, em primeiro lugar.

— Vá para o seu quarto, Nicole. — Seu tom de voz era baixo. Nunca alguém me deu uma ordem tão fria. Como se não pudesse existir ninguém capaz de contestá-lo.

Fechei os olhos sem entender como tudo podia virar de cabeça para baixo em poucos minutos.

Por que tudo aquilo?

Por quê?

— Está bem — disse, virei o meu corpo ainda trêmulo e saí da cozinha com a maior vontade de chorar que eu já tinha sentido na vida.



Capítulo 21

*“When I look into your eyes
I can see a love restrained
But, darlin’, when I hold you
Don’t you know I feel the same?”*
November Rain – Guns N’ Roses

Estava deitada tentando dormir há mais de duas horas, mas era impossível.

Aquela expressão no rosto dele quando viu o sangue.

O horror na voz do Daniel enquanto mandava eu me limpar.

Os olhos vidrados dele analisando os meus braços.

Por quê? Qual seria o problema desse cara?

Será que podia existir alguém tão louco a ponto de quase enlouquecer por causa de um corte?

A reação exagerada poderia ser pela raiva de ter sido ferido? Será?

Ou ele enlouqueceu, diante da possibilidade de que eu tivesse me cortado?

Não aguentava mais criar um milhão de hipóteses. Nós teríamos “a conversa” que ele anunciou desde cedo. Nem que eu tivesse que obrigá-lo a isso. Decidi ir atrás dele e entender, ao menos tentar entender, o que acontecia.

Saí do quarto e fui até a porta que eu sabia ser a do quarto dele.

Olhei ao redor, a porta do banheiro estava entreaberta. Ele não estava ali.

Desci até a cozinha, não tinha nem rastro da nossa tentativa de jantar.

Fui até a sala de música escura e vazia e obviamente sem o senhor-não-me-toque-existe-sangue.

Respirei fundo.

Ele talvez, estivesse no “lá embaixo” outra vez.

As imagens de quando desci lá, há dois dias, me invadiram. Senti o coração bater mais rápido e empurrei a porta de acesso.

No meio da escada, escutei o que tinha certeza: era o Daniel matando no saco de pancadas e uma trilha sonora — *The Wolf*, do Fever Ray. Sim, ele estava lá, brigando com o quer que fosse que precisasse brigar.

Parei no meio da escada e ponderei se devia mesmo descer e enfrentá-lo ali, enquanto ele parecia possuído por algum tipo de ódio animal. Os degraus eram de cimento queimado como todo o chão do lugar; canos aparentes e uma iluminação de galpão faziam o “lá embaixo” parecer bem frio.

“Suba para o seu quarto, Nicole, agora!”, minha consciência foi tomada pelas últimas palavras dele e a frieza na maneira como mandou eu sair da cozinha.

Dane-se, ele que resolvesse qualquer que fosse o seu problema temperamental e bipolar.

Enchi o pulmão de ar, sabendo que talvez fosse a última respiração profunda que conseguiria dar, enquanto estivesse ali.

Me aproximei do ringue com passos lentos, até entrar na sua linha de visão e... congelei completamente com o que vi.

Não esperava por nada nem parecido com aquilo, não tinha me preparado para... Quem seria o louco que pensaria ser possível, alguém considerado normal fazer tal coisa?

O problema não foi ver o corpo perfeitamente esculpido e os músculos torneando todos os lugares, como da outra vez. Nem o fato dele estar coberto de suor, como se tivesse tomado um banho. O problema é que, junto com o suor, tinha outra coisa que vinha em abundância das suas mãos: sangue!

O louco socava o saco sem luvas ou nenhum tipo de proteção que pudesse amenizar os impactos brutais da pele contra o couro daquele troço pendurado.

Eu soltei um gemido de dor, de choque e de nervoso total pela agonia dele.

Daniel deu mais um e outro soco, enquanto gotículas de suor e sangue espirravam como uma revoada em várias direções. Mais um e outro soco e grunhidos de dor.

Parecia um animal ferido. E o que era pior, se autoflagelando, se punindo por algo.

— Chega! — gritei, horrorizada demais para me dar conta do que fazia. — Pare agora!

Assim que ele deu mais um soco seguido de outro, dei o grito mais alto que fui capaz, junto com alguns soluços que romperam do meu peito:

— Seu louco, pare!

Então, ele me olhou. Continuamos mergulhados no silêncio um do outro por algum tempo. Meus olhos ardiam de lágrimas, minha respiração estava sem ritmo e sentia o corpo inteiro pulsar.

Ele abriu os braços sem parar de me olhar e urrou:

— É isso que eu sou, um monstro, entendeu? Olhe bem para mim... Está vendo isso aqui? — Ele ergueu as duas mãos cheias de sangue na altura do rosto. — É isso que eu sou e ninguém pode mudar. — Ele abaixou os braços em uma postura derrotada e murmurou: — Se mantenha longe de mim, Nicole.

Sem entender como, dei dois passos na direção dele. Eu não queria distância. Apesar de toda a prudência me mandar sair dali, queria entendê-lo, queria estar junto a ele. Nem sei direito o que queria, só sei que não era distância. Quando Daniel percebeu o que eu fazia, ficou ainda mais obcecado de raiva.

— Fora daqui, não quero você atrapalhando a minha vida, não quero você acabando com a minha paz,

entendeu?

Estaquei paralisada com aquela loucura.

— Fora daqui! — ele repetiu obcecado. — Não quero mais olhar para você.

Tentei me mexer, mas não consegui porque cinco toneladas de cimento caíram em minhas pernas.

Ele deu uma risada horrorosa.

— Por que você não se mexe? Não tem um pinga de amor-próprio e orgulho? Ou... — Ele parou como se finalmente entendesse alguma coisa antes de concluir: — você acha que aquela meia dúzia de beijos que trocamos significou qualquer merda para mim?

— Eu... achei que... — A minha boca se moveu sozinha.

— Que o quê, Nicole? O que você achou?

Notei o ar raspar a garganta. Queria falar algo, mandar ele à merda ou qualquer outro palavrão da lista de um milhão que me cruzaram. Só que o bolo na garganta não deixou.

Ele esticou os músculos dos braços, se alongando.

— Aquilo não foi nada, só uma distração idiota. E me avise se você acha que não tem estrutura emocional para continuarmos trabalhando juntos, porque se não tem, terei que falar com o senhor Evans para te substituir.

Respirei uma dezena de vezes, engolindo o choro, e quando voltei a olhá-lo, ele já socava aquela porcaria de saco outra vez.

Ao vê-lo tão transtornado novamente, se ferindo daquele jeito insano, mesmo depois de todas as grosserias que falou, não sentia nada além de uma dor quase física no peito e uma vontade ainda maior de não permitir que ele me empurrasse para fora de sua vida, vestindo outra vez o papel de monstro. O mesmo que ele usou comigo e usava com todos à sua volta para se manter isolado do mundo. Eu podia não ter muita experiência em psicologia, mas sabia, tinha certeza de que era isso que ele tentava fazer ali embaixo.

Munida dessa coragem, talvez meio suicida, cheguei perto do ringue.

— Você pode continuar fingindo ser esse monstro pelo tempo que quiser — falei decidida. — Até equilibrar o que quer que precise aí dentro. Eu sei bem o que está tentando fazer e, não, não vou sair correndo daqui como da primeira vez ou como todos fazem quando acham que você é um maluco psicótico... Nesses poucos dias, eu vi ao menos uma parte sua e... você não vai me fazer mudar de ideia, seja lá o que isso signifique.

Ele já tinha parado de bater no saco e me encarava com os olhos enormes, como se estivesse surpreso demais para ter qualquer reação.

— Nunca encontrou ninguém que te dissesse isso? — perguntei com as mãos na cintura. — Ferre-se, o problema é seu. E se mesmo assim ainda não aguentar me olhar, acho que é você que deve procurar outro balé para reger, porque eu não vou fugir.

Virei as costas e saí.



Entrei no quarto sombreado, a única luz presente era a da iluminação amarelada do jardim.

Era uma noite escura e fria.

Apesar do aquecedor estar ligado, percebi que os meus dentes estavam batendo. Tive certeza de que era o frio interno, aquele com o qual não podemos brigar.

Deitei na cama, puxei o cobertor e senti as lágrimas no rosto antes mesmo de compreender que chorava. Uma vez que comecei, fiz isso até dormir.

Abri os olhos, sentindo dificuldade de entender que horas eram. Notei um braço envolvendo minha cintura. Fui puxada até o meu corpo estar colado em outro muito maior que o meu. Era o senhor Hunter, o maluco. Mas quem achava isso era a minha razão. O coração, ao contrário, batia como um idiota, enquanto os choques devoravam o meu estômago. Senti a respiração subir e ficar presa na garganta. Paralisei completamente, enquanto ele beijava a minha cabeça. Ainda entorpecida pelo sono, demorei a entender que ele agia como se não tivesse sido possuído por alguma força das trevas, pouco tempo atrás.

Com dificuldade, tentei tirar o braço dele de cima e me afastar.

— Não, por favor. Me perdoa — ele disse com a voz baixa.

Será que o perdoo? Estava confusa e com sono demais para responder ou pensar na resposta. Ele continuou:

— Há três anos, quando nos encontramos naquele avião, eu... — Ele respirou profundamente. — Eu tenho uma dificuldade enorme de dormir. Quando durmo muito, não passa de quatro horas. Duas ou três é a média diária, isso em uma cama confortável...

Sacudi a cabeça. *Ele falava sobre média de sono comigo? Meu Deus, o que é isso?*

— Então — continuou ele —, tinha certeza de que naquele voo eu não pregaria os olhos. Quando acontece isso, costuma agravar o meu mau humor e me deixa com dificuldade de concentração. Só que algo aconteceu... Você dormiu e... em pouco tempo apoiava a cabeça no meu ombro. Eu ia mexer em você, ou te acordar, para que voltasse ao seu espaço na poltrona, então virei o rosto e te olhei. Você estava com uma expressão tão serena que... não consegui. Não quis te atrapalhar, ao contrário, me vi fitando seu rosto. E só então notei como você é perfeita.

Ele tocou a ponta do meu nariz.

— O nariz arrebitado.

Daniel escorregou os dedos e tocou nos meus lábios.

— Os lábios meio entreabertos e soltos e o contorno perfeito deles.

Minha respiração acelerou junto com a dele.

— Você tem cílios negros que fazem uma curva e ficam mais grossos no final, eles me lembram uma colcheia... e em algum ponto entre o ritmo de seu sono e os traços do seu rosto, eu dormi. E não dormi

pouco. Quando acordei, atribuí isso ao cansaço acumulado que sentia... e não pensei mais no assunto. Porém, o seu rosto voltou a mim em algumas noites mais difíceis...

Ele colocou as mãos no meu ombro e me virou para encará-lo, a luz difusa do quarto deixava o rosto dele sombrio, porém ainda assim, notei a intensidade dos seus olhos nos meus.

— Eu te reconheci no momento em que você colocou os pés, as pontas naquele palco, no dia da audição. E quanto mais eu te via nos ensaios, mais difícil era não pensar em você. Aí você apareceu aqui, tão envergonhada e arrependida por ter vindo, que eu me irritei, senti muita raiva quando entendi que teria você aqui por um tempo.

Ele umedeceu os lábios parecendo nervoso.

— Eu queria, quero tanto você, mas, porra, eu sou seu diretor e... não é certo por isso e por motivos que agora não consigo falar... eu não quero que você vá embora porque os beijos, os poucos que trocamos, foram os mais foderas que já dividi com alguém... Eu tentei, eu preciso ficar longe. — A voz dele saiu baixa. — Eu não sou bom para você. Eu sou um monstro por estar aqui e por me sentir incapaz de fazer você sumir da minha vida.

Senti meus olhos molharem. Minha mão subiu até o rosto dele, engoli o choro e a vontade de abraçá-lo.

— Eu não quero ir embora... Então...

Ele me abraçou com tanta força que doeu.

— Que bom — Daniel murmurou e deu vários beijos na minha cabeça.

Ainda sentia uma vontade enorme de chorar. Apesar do aconchego de estar nos braços dele, tinha tanta coisa que eu queria e precisava entender.

Em silêncio, continuamos abraçados por um longo tempo. Ele passava as mãos no meu cabelo. Meu coração queria ficar quieto e fingir que nada tinha acontecido, mas a razão não deixou.

— Por que tudo aquilo?

Senti sua garganta descendo e subindo em minha testa.

— Se eu te pedir um tempo... um tempo para conseguir falar sobre isso, você me daria?

Daria? Será que eu queria dar esse tempo? Sabia que a minha cabeça traçaria as possibilidades mais surreais.

— Enquanto eu não te falar — ele começou —, levaremos as coisas mais devagar entre nós, seremos... hum... amigos... e...

Daniel engoliu outra vez, a voz parecia... embargada? Talvez sim. Ele prosseguiu:

— E quando os ensaios e as dez apresentações acabarem, eu não serei mais seu diretor. Isso também estará resolvido, nós teremos uma conversa franca e depois você decidirá como continuaremos, está bem?

Amigos. Durante quase dois meses. Parecia razoável. Prudente era a palavra. Parecia prudente e... merda! Não queria ser amiga dele. Queria todas as respostas e muito mais, queria os beijos e tudo o que vinha depois deles. Senti vontade de dizer não, mas, como não podia agir dessa maneira, respondi:

— Você faz isso com frequência? — Toquei nas mãos dele, elas estavam envoltas por um tipo de

gaze.

— Não, não faço.

— Não faça mais, não tente me expulsar da sua vida daquele jeito horrível por maior que sejam os problemas dessa conversa que teremos... e se você me prometer isso, sim, podemos ser amigos até lá.

— Eu prometo.

Balancei a cabeça concordando com a amizade temporária — bosta, por isso. Senti seus dedos erguerem o meu rosto e a respiração dele na minha boca.

— Posso te dar um último beijo antes de virarmos amigos? — ele perguntou com os lábios quase colados nos meus.

Eu não respondi. Meu peito encheu de ar em um gesto de alívio e minha boca buscou a dele por vontade própria. Queria muito esse beijo. Quando a língua do Daniel invadiu a minha boca e ele gemeu de prazer junto ao beijo, entendi que queria muito esse beijo, muito mais do que devia.



Capítulo 22

*“Oh, father of the four winds, fill my sails,
across the sea of years
With no provision but an open face,
along the straits of fear
Ohh.”*

Kashmir – Led Zeppelin

Daniel veio me trazer em casa, ele fez questão de vir, mesmo eu dizendo umas trinta vezes que não precisava. Na trigésima vez que eu insisti para ele ficar, ele me olhou bravo, bravo de verdade, então concordei. Na parte final da viagem, eu tentei convencê-lo a ficar em Londres. Só que ele era uma das pessoas mais teimosas que conheci. Nós fizemos o caminho abraçados como um casal de namorados, vez ou outra ele passava a mão no meu cabelo, no meu rosto e nos meus lábios, e nossas respirações aceleravam e ficava difícil lembrar que éramos somente amigos, acho que sabíamos que essa era a despedida.

Despedida do quê?

Era o que ainda me perguntava dois dias depois que o vi pela última vez. Porque o que tivemos não podia ser considerado algo que caiba uma despedida.

Agora, explique essa teoria para o meu coração, porque ele não concordava e deixava isso claro.

Toda vez que eu pensava no Daniel e que eu achava que iria cruzar com ele no balé, o idiota do meu coração queria dançar um solo inteiro fora do meu corpo.

Tentei disfarçar com a Nathy, sei lá porquê. Não tinha encontrado ânimo de explicar minha situação: Daniel Hunter; amigos até depois das apresentações do balé; e quem sabe, se não fosse um assassino em série, a loucura dele pudesse ser algo mais.

Então, era para ela ter me deixado em paz e acreditado em mim, afinal, éramos melhores amigas. Mas ela tinha uma espécie de detector interno que sabia o que sentia antes que eu tivesse a chance de falar, por isso Nathy andava meio...

— Então quer dizer que o senhor Hunter mostrou um lado bom e generoso da personalidade dele?

Ela andava fazendo perguntas o tempo inteiro. Se estava com dificuldade de parar de pensar nele, ela

não ajudava em nada. A cada cinco minutos, tinha uma interrogação nova.

— Aham — respondi e mordi a maçã que comia de sobremesa no jantar.

— E essa mudança foi do nada ou aconteceu alguma coisa que operou um milagre no homem das cavernas?

— Ele não é. — Parei, respirei fundo e disse: — Ele está diferente em todos os sentidos.

— Em todos? Como assim?

— Esquece, Nathy, pelo amor de Deus!

— Ah, não... Eu não acredito, você corou... Eu não lembro de ver você assim só de falar em um cara... Eu não acredito!

Virei para a geladeira, guardei a garrafa de suco e o que sobrou do jantar, arrumando as coisas na prateleira.

— Você está louca, eu não corei nada.

— Eu te conheço, Nicole Alves, você só fica assim quando está muito constrangida ou com muita raiva ou... Meu Deus! — ela quase gritou e deu uma gargalhada. — Eu não acredito! Você entregou seu coração inalcançável para o homem barbado?

Fechei a geladeira com um movimento mais seco do que gostaria.

— Eu vou dormir, amanhã cedo nós temos ensaio e, de verdade, pare de me olhar como se eu fosse uma centopeia gigante.

— Desculpe, é que eu... nunca acreditei que fosse te ver assim algum dia.

— Pelo amor de Deus, assim como? — eu disse mais alto, já entrando no quarto.

— Ou você me conta a verdade, ou eu vou ligar para a sua mãe para ter uma aliada.

— Você não seria louca a esse ponto — eu disse, a encarando do batente da porta, com as mãos na cintura.

— Sou sua melhor amiga e se você não pode ou não quer abrir seu coração comigo, acho mesmo que está precisando de ajuda.

Bufei e olhei-a, ela fez com uma expressão de martírio e eu me senti um pouco culpada.

— Está tarde, amanhã após o ensaio nós conversamos e eu te conto tudo, ok?

— Você está louca, louca, se acha que eu vou aguentar até amanhã... ainda mais agora que tenho certeza de que existe algo a ser contado.

Assim que ficamos em silêncio, nos encaramos com uma cumplicidade que ia além das palavras. Fechei os olhos resignada e disse:

— Nós nos beijamos e... foi bom, muito bom. — Merda, minhas bochechas estavam ardendo de novo!

— Só isso?

— Só, só beijo, Nathalia.

— E por que você está toda vermelha de novo?

— Ah, estou? Sei lá, deve ser o frio.

— Certo, aham, o frio. E por que você não me contou antes?

— Porque eu sabia que quando fizesse, você não me deixaria mais em paz até extrair tudo.

— Ahhh, então tem mais? — A Nathalia era realmente insuportável quando queria.

— Não, Nathy, foi só isso, e o fato de termos resolvido que vamos ser apenas amigos até o fim das apresentações.

Eu entrei no quarto e vesti o pijama. Não queria olhar para ela omitindo as coisas. Porque, no fundo, era só isso mesmo. Exceto pelo fato dele poder ser um assassino, ou um tipo de psicopata bipolar, ou... sei lá, já não tinha certeza de nada. Apaguei a luz e deitei na cama. Até que ouvi a Nathy entrar no quarto.

— Como assim, amigos e mais nada?

— Ele é nosso diretor, Nathy, não quis e eu também não quero misturar as coisas, não está certo.

— Hummm, sei não, isso está com um jeito de saída estratégica e educada de uma situação que ele não quer mais.

— Pode ser. Agora, de verdade, deixa eu dormir — disse disfarçando o desconforto que as palavras dela trouxeram. Era bem provável que fosse verdade. O senhor-louco-Hunter se arrependeu de ter me beijado e, como eu sou a bailarina da peça que ele rege e dirige, e como o pé na bunda grosseiro ficou muito chato, ele pode ter tentado... *Ah, meu Deus, chega. Não vou enlouquecer.*

— Como é beijar uma cabeça?

— O quê? — Eu não entendi.

— Ué, ele só tem cabelo no rosto, deve ser igual dar um beijo no cocuruto de alguém.

— Cale a boca, Nathy — disse depois de parar de rir. Não ia contar sobre a barba, não perderia a cara de besta da Nathalia amanhã no ensaio por nada. Meu coração saltou com a certeza de que nos veríamos pela primeira vez em quase três dias.



Capítulo 23

*“And this kind of pain, only time takes away
That’s why it’s harder to let you go
And nothing I can do, without thinking of you
That’s why it’s harder to let you go”
Trying Not To Love You – Nickelback*

Entrei na sala de ensaio junto com a Nathalia e mais dois amigos do corpo do balé, o John e o Simon, eles eram meus parceiros nos *pas de deux* do Adágio da Rosa. Tentei me concentrar a manhã inteira, não pensar no Daniel para não ficar ansiosa sobre como seria a reação dele ao me ver. Ainda tentava, sem conseguir, porque minhas mãos suavam de expectativa e nem preciso mencionar o coração alucinado, né? Isso já estava ficando normal.

Ele entrou junto com o senhor Evans e não cumprimentou ninguém, como sempre fazia.

Nathalia, que estava na minha frente, quando o viu sem a barba, quase perdeu o equilíbrio no movimento de alongamento que fazia. Minha amiga olhou para mim com a boca meio aberta e negou incrédula com a cabeça. Ela moveu os lábios e disse em silêncio:

— *Meu Deus do céu!*

Dei um sorriso amarelo e disfarcei a diversão que a cara abobada dela proporcionou à minha manhã.

Isso é mentira, não precisei disfarçar, porque me sentia um pouco decepcionada pela falta de qualquer coisa vinda do Daniel.

O que eu esperava? Que ele saísse correndo e me desse um abraço?

Não, com certeza era ridículo imaginar que ele mudaria o jeito de ser nos ensaios, pelo que aconteceu entre nós.

Ele estava certo.

Quem eu queria enganar? Ele não estava certo, podia ao menos ter me olhado, dado um sorrisinho, qualquer coisa que demonstrasse que também se sentia como eu.

Mas, como eu me sentia?

Acho que ansiosa demais e talvez com saudades.

— Senhorita Aurora — a sua voz de trovão me sobressaltou —, se queria nos presentear com a sua ausência de movimentos, por que não ficou em casa dormindo?

Abri minha boca por alguns segundos. Pisquei fundo e assumi a posição do ensaio.

Duas horas depois e mais doze, não, quatorze gritos do senhor Hunter dirigidos a senhorita Aurora, entende-se minha pessoa, eu estava confusa, abalada e com um aperto no peito que dificultava e muito o tempo da minha respiração e da contagem mental entre os espaços dos movimentos e da música. Resultado? Eu errava.

Depois de mais um pequeno erro, ele disse:

— Senhorita Aurora, que *merde* está acontecendo hoje? Se você não tem condições de ensaiar, faça o favor de sair daqui e vá para qualquer lugar: empinar pipa, alimentar esquilos, ou qualquer outra porcaria que não seja atrapalhar o ensaio dos outros bailarinos.

Paralisei e fiquei encarando-o, incrédula.

Olhei para o lado, a sala agora estava cheia com parte do corpo do balé, quase todos pararam o que faziam e olharam para mim.

O senhor Evans encarou Daniel sinalizando uma negação com a cabeça. Ele pediu calma em um movimento discreto.

— Nicole, vá tomar um copo de água e volte depois para retomarmos o ensaio, está bem?

Eu assenti e saí da sala.

Fui até o vestiário com dor no maxilar de tanta raiva e confusão que sentia. Chorei, me sentindo uma idiota.

— Filho da puta! — eu disse entredentes e joguei água no rosto. Me encarei no espelho. — Eu lutei minha vida inteira para estar aqui e ninguém, muito menos um louco desequilibrado, vai tirar isso de mim. Ele não vai tirar nada de mim. Eu sou uma bailarina profissional. O balé é a minha vida. Esse porco lunático não vai me desestruturar desse jeito. Não vai.

O problema é que, no fundo, eu sabia que já estava desestruturada.



As outras quatro horas do ensaio correram com natural frequência. Os gritos do senhor Hunter continuaram sendo quase exclusivamente para mim. Entretanto, consegui empurrar para o fundo de qualquer lugar toda a confusão que experimentava.

Voltava sozinha para casa, já que o ensaio acabou antes para a Nathy, mas sabia o que me aguardava em casa: um monstro com os poderes da Medusa. Isso porque, toda vez que o senhor Hunter gritou comigo, ela, se pudesse, o teria transformado em pedra. Senti os olhares mortais que Nathy lançava em

direção ao maestro. Na verdade, eu mesma também o teria transformado se isso fosse possível. Não, não teria, porque naquele momento eu sufocava uma espécie de dor no peito grande demais para sentir raiva. Ele nunca foi tão grosso comigo. Nunca, em três meses, ele me massacrou desse jeito. Se ele já era um monstro antes, imaginem o que esse louco me fez passar durante o ensaio. O clima ficou tão pesado e desconfortável, que alguns bailarinos vieram me consolar no final do dia:

— Eu sinto muito, Nicole, aquele homem é um troglodita! — Ivo falou.

— Nossa, Nicole, como você aguentou tudo em silêncio, você está bem? — John veio me perguntar, enquanto eu andava para o vestiário.

— Caramba, o que deu no senhor Hunter hoje? Ele parece que resolveu descontar em você todos os problemas da vida, tadinha! — disse a vaca falsa da Marie dentro do vestiário e seguiram mais umas dez condolências, até eu conseguir cruzar a porta do balé. Eu me sentia uma viúva de marido inexistente. Passei o final do dia recebendo os pêsames. Desgraçado!

Entrei na rua estreita que conduzia ao meu apartamento. Tudo igual: os prédios de quatro andares, as portas com maçanetas de cobre, os sons da noite na cidade. O frio, a ausência de pessoas na rua e os postes de luz amarelada sempre deixavam Londres soturna no inverno. Tudo estava igual, exceto por um homem que seguia encostado no batente da porta do meu prédio, com as mãos no bolso. Tudo estaria em paz se esse homem não fosse o Daniel Hunter.

Capítulo 24



*“I walk this empty street
On the boulevard of broken dreams
Where the city sleeps
And I’m the only one and I walk alone
I walk alone I walk alone
I walk alone I walk a...”*
Boulevard of Broken Dreams – Green Day

Parei a cinco metros da entrada do prédio. Olhei para ele e para a porta como se ela fosse a salvação e ele um dragão ameaçando a minha segurança.

— Boa noite, Nicole.

Que ridículo esse “boa noite, Nicole”, como se esse imbecil estivesse me vendo pela primeira vez no dia.

Ignorei-o e comecei a procurar a chave dentro da bolsa.

Porcaria de bolsa com oitocentos compartimentos e tudo que uma pessoa precisaria para sobreviver no deserto, durante um ano.

— Quer ajuda? — ele perguntou.

Ignorei outra vez.

Achei. Graças a Deus!

Andei até a porta e parei a pouca distância de onde estava o corpo enorme do Daniel. Não olhei para ele.

— Vai continuar me ignorando? — o louco perguntou novamente.

Com os dedos trêmulos, tentei enfiar a chave na fechadura e a bosta do molho escorregou da minha mão. Passei o olho pelo chão e vi um vulto, com uma velocidade de confundir, engolir as chaves.

Respirei fundo, fechei os olhos e disse:

— Me devolve, por favor. — Abri os olhos e continuei encarando a porta.

— Não enquanto você estiver fingindo não me ver.

— Eu realmente não estou com humor para brincar de adivinhe qual das suas múltiplas personalidades está no seu corpo agora... Então, só me devolva a chave. — Olhei para ele, com raiva, muita raiva. — Por favor, agora.

— Isso é por causa do ensaio de hoje?

— A chave. — Eu estendi a mão.

— Você sabe como eu lido profissionalmente com as coisas, eu notei que hoje, no começo, você estava muito abaixo de suas capacidades.

— A merda da chave! — Ah, se os meus olhos fossem lâminas.

— Eu só quero tirar o melhor de você. Eu sei que você tem muito mais a oferecer do que aquilo que mostrou hoje, no ensaio.

Bufei e estendi a mão outra vez.

— Eu vou pedir pela última vez... me dê a porcaria da chave, por favor.

— Você fica linda quando está com raiva, fica vermelha igual aquela personagem de desenho. — Ele parou como se pensasse em algo e disse: — Como é o nome dela, aquela fada?

— Vai à merda!

— Vamos jantar, Nicole, você se acalma, nós não congelamos aqui fora, conversamos e...

Eu estava tão obcecada de raiva, que nem lembrei que podia pegar o meu celular, ligar para a Nathalia abrir a porta, matar ele e entrar satisfeita em casa.

Fiz aquilo que a minha irritação mandou. Fui para cima do Daniel e passei a tatear os bolsos da jaqueta, da calça e da camisa que ele usava.

— Onde está? Onde você colocou?

Ele tentava me segurar e gargalhava ao mesmo tempo e ainda sem pensar, ou talvez escutando somente a minha parte idiota, eu levei as mãos até os bolsos de trás da sua calça. Mais precisamente, na sua bunda. Na sua bunda muito gostosa. Ao me dar conta do que fazia, Daniel já tinha parado de rir, eu estava com os braços em volta do seu corpo e, claro, estávamos abraçados. Não consegui alcançar o bolo que eu julguei serem as minhas chaves. Ele segurou os meus braços e me empurrou em direção à porta. Vi o rosto dele descer em direção ao meu.

— Não ouse fazer isso!

Mas ele ousou. Sua boca veio na minha e eu tentei lutar. Meus braços subiram para empurrá-lo. O problema eram aqueles lábios duros e insistentes e tudo o que eles despertavam no meu corpo. O idiota parou de lutar muito rápido... e deixou Daniel avançar. E, meu Deus, ele avançou com a língua dentro da minha boca, enquanto suas mãos avançaram na minha cintura e me trouxeram para mais perto do seu calor. As minhas mãos subiram e cavaram a massa de cabelos negros.

— Senti tanta saudades — ele disse e não deu espaço para eu respirar, pois exigiu a minha boca outra vez.

Paramos depois de trocar alguns beijos, que roubavam tudo do mundo, com as testas coladas e ofegantes.

— Seu imbecil! — eu ralhei com a respiração sofrida.

— Sim, nunca disse que não era um.

— Não quero que você me trate mais daquele jeito.

— Eu só quero tirar o melhor de você — ele afirmou baixinho.

— Acredite, fazendo aquilo você tira o pior de mim.

— Vou tentar me conter.

Nós ainda respirávamos com dificuldade.

— Consiga, ou esqueça que somos... amigos?

— Esse era o plano, até você colocar as mãos na minha bunda.

Mas que homem insuportavelmente arrogante!

— Eu quero que a sua bunda se dane, não pedi para esconder as minhas chaves nela.

— Não escute ela — ele disse olhando para trás como se falasse com as nádegas.

Eu não consegui não sorrir.

— Vamos jantar? — ele insistiu.

Olhei para ele e depois para a porta.

— Vamos, vai, senhorita Aurora.

— Se você me humilhar de novo daquele jeito, eu juro que chuto a sua bunda na sala de ensaio.

— Está bem, temos outro acordo. Se eu fizer você se sentir mal de novo, eu abaixo e deixo você chutá-la.

Tremi minha boca devido a minha vontade de rir.

— Vamos jantar antes que eu congele... E ah... de sobremesa eu trouxe chocolate para você, está no carro — ele disse e saiu em direção à rua.

Não soube se ficava irritada ou feliz com a lembrança. Segui-o sem ter certeza de que era isso que devia fazer e sem ter ideia se aguentaria lidar com o Daniel e com o senhor Hunter. Eles pareciam pessoas completamente diferentes que habitavam o mesmo corpo.



Daniel escolheu um restaurante mais afastado do balé e durante o jantar falamos sobre música, política, dança e sobre música outra vez. Mas o clima entre nós dois estava longe de parecer normal. A verdade era que eu ainda me sentia incomodada com o que tinha acontecido mais cedo.

A conta tinha acabado de chegar e ele não deixou nem mesmo eu ver o valor. Sem ânimo para me opor e criar um caso — vamos dividir o jantar — deixei ele acertar com o garçom. Só queria ir embora.

— Obrigada! — disse e tentei levantar, mas a mão do Daniel em meu punho e o puxão de leve que ele deu em meu braço não deixaram.

— Nicole, eu... acho que preciso te explicar. — Ele sacudiu a cabeça. — Acho que eu te devo uma explicação mais sincera sobre o que aconteceu hoje, naquela sala.

Eu o encarei surpresa porque não esperava que ele voltasse a esse assunto, espontaneamente.

— Quando eu te vi, tudo o que eu queria era correr até você e te beijar, estava a ponto de explodir de vontade, de saudades e a única coisa que eu pensava era: “Porra, eu não posso ferrar com tudo e dar bandeira...” — o maestro apertou um pouco minha mão antes de acrescentar: —, aí o ensaio começou e você errou, errou e errou mais uma vez... e eu só conseguia pensar: “Merda, a culpa é minha, ela não pode deixar o que aconteceu entre a gente vir para cá, dentro do balé, e mexer com ela desse jeito...”. E, então, eu fiquei tão preocupado em não agir diferente com você, em não piorar as coisas, que exagerei, perdi a linha. Eu só queria te abraçar e dizer que tudo ficaria bem e fiz o contrário. Sou a merda de um pavio curto e não estou sabendo lidar com o que venho sentindo por você.

Senti meus olhos encherem de lágrimas.

— Você fica lindo quando é sincero.

Entendi que Daniel estava confuso e mexido assim como eu e ouvi-lo abrindo o coração dessa maneira me desmontou.

— Prometo que não vou mais fazer nada parecido... Eu vou me controlar.

Respirei fundo e concordei com a cabeça.

Ficamos nos encarando em um silêncio cúmplice e cheio de eletricidade.

— Podemos esquecer que somos amigos, apenas por essa noite? — ele pediu e olhou para minha boca.

Nossas respirações estavam aceleradas.

— Hum-hum... — concordei ansiosa.

Daniel levantou de uma vez, me puxando pela mão.

— Vamos sair daqui. Porra, como eu quero te beijar! — disse antes de cruzarmos a porta para fora.

Capítulo 25



*“When you cry a piece of my heart dies,
Knowing that I may have been the cause,
If you were to leave, fulfill someone else's dreams,
I think I might totally be lost.”*
The Girl – City and Colour

— Por que você saiu de novo com aquele ogro vestindo o corpo de um deus surreal?

A Nathalia me esperava no sofá, possivelmente para torrar minha paciência durante horas.

O Daniel veio me trazer em casa depois do jantar e as coisas esquentaram entre nós.

Esquentaram tanto, que achei que a ordem dos planetas no sistema solar tinha sido alterada: Sol, porta do meu prédio, Mercúrio, Vênus...

Nada de outro mundo, nós nos deixamos levar e quase transamos na frente do meu apartamento. Quase, eu disse, quase.

Foi um amasso na maldita rua, para ser mais precisa.

Absolutamente tudo do outro mundo.

O cara era meu diretor. Porcaria!

Então, antes de perder o controle, o Daniel — entendam, não eu, porque o meu controle estava perdido — se afastou e disse que nós não podíamos mais levar as coisas naquele ritmo. Não até que as noites de apresentações acabassem e antes da conversa que teríamos.

Concordei, não queria, mas concordei. Agora, entrando em casa, depois da cena de sexo com roupas, na rua de Londres, não queria convencer a Nathalia de nada. Mas tinha que responder, porque ela não me deixaria em paz se eu não respondesse.

— Porque ele beija como um deus do sexo — falei tentando dar uma de boba.

Ela me olhou em silêncio por um tempo, parecia pensar o que falar.

— Ele ficou lindo sem aquela cabeleira facial, mas nada, nada, por melhor que seja o beijo,

compensa aquela grosseria toda.

Eu sacudi a cabeça.

— Ele só é assim nos ensaios, fora... é diferente, gentil e amigo.

— Pago para ver.

— Na verdade, ele disse que queria sair conosco, nós três.

— Ele? O senhor Hunter disse isso, ou você o induziu?

— Não, quando notou que estava escrevendo uma mensagem para você, ele falou espontaneamente que queria sair conosco — contei e apoiei a bolsa no balcão.

— O que ele imagina com isso?

— Como assim? — Meus olhos aumentaram de tamanho.

— Sei lá, Ni, ele não parece ser o cara sociável e simpático que quer fazer um “H” com a amiga da garota que está pegando, vai ver que ele fantasia com duas bailarinas na cama.

— Eu vou deletar essa sua última frase — disse um pouco irritada.

— Ok, eu vou com vocês, até para ver como o maluco se comporta quando não está gritando.

Suspirei.

— Ele é uma boa pessoa, Nathy, de verdade.

Ela ficou em silêncio outra vez, apenas me olhando.

— Deve ser mesmo, porque para merecer o seu coração, um homem tem que ser alguém incrível.

— Coração, Nathalia? Que exagero!

— Hum-hum, admitir para si mesmo que está de quatro é difícil, eu entendo.

— Não seja ridícula, eu não estou de quatro.

Ela bocejou.

— Se você diz... quem sou eu para contestar — disse irônica. Não respondi, porque sabia que se respondesse, nós iríamos discutir como duas irmãs velhas rabugentas e orgulhosas.



Tinha acabado de pegar no sono e despertei com o barulho do celular. Peguei o aparelho, digitei a senha e li: 02:00 AM.

Daniel: Aurora, vc está acordada?

Nicole: Mais ou menos.

Daniel: Como assim? Você escreve dormindo?

Nicole: Não, mas eu estava dormindo.

Daniel: Te acordei?

Nicole: Mais ou menos.

Daniel: Como assim?

Nicole: Eu estava quase dormindo. rs.

Daniel: Não vou pedir desculpas. Fico feliz por você estar me respondendo.

Nicole: Você é meio “mal-educado”, sabia?

Daniel: Você está brincando?

Nicole: Mais ou menos. rs.

Daniel: Não estava conseguindo dormir.

Nicole: Por quê?

Daniel: Sem sono.

Nicole: Quer que eu cante para você dormir?

Daniel: Vou aceitar.

Nicole: Dorme, Daniel, que a Cuca vem pegar.

Daniel: Quem?

Nicole: Haha. É um personagem do folclore brasileiro. Espera, vou dar um print na foto...

Daniel: Um jacaré verde com cabelos?

Nicole: A Cuca.

Daniel: Estou um pouco chocado ainda. Que porra é essa?

Nicole: A Cuca, não brinque com o folclore do meu país.

Daniel: Mas é um jacaré loiro.

Nicole: Cuidado, ela é uma bruxa.

Daniel: O jacaré é fêmea? :o

Nicole: Pare! Vocês também têm coisas esquisitas.

Daniel: Tipo o quê?

Nicole: Tipo... tipo... Robin Goodfellow.

Daniel: Ele não é esquisito, ele é um menino travesso.

Nicole: É, com orelhas de fada.

Daniel: Não, não dá para comparar. Robin Goodfellow é um ícone da cultura inglesa.

Nicole: Um Peter Pan endiabrado.

Daniel: rs. Está certo, folclore é uma coisa meio esquisita, em qualquer lugar.

Nicole: Eu acredito.

Daniel: No jacaré?

Nicole: Haha. Não, em fadas e gnomos.

Daniel: Boa noite, Nicole.

Nicole: Oi?

Daniel: Não vou continuar conversando com uma menina que acredita em fadas, vai que isso é contagioso.

***Nicole:** Daniel, sumo senhor da seriedade, tomara que seja.*

Daniel: Contagioso?

Daniel: Não vai responder?

Daniel: Nicole?

Daniel: Ei, era brincadeira. Juro...

***Nicole:** rs.*

Daniel: Achei que vc tinha ficado brava... Acho bonitinho você acreditar.

***Nicole:** Bonitinho?*

Daniel: E meiguinho.

***Nicole:** Meiguinho? Outra vez... Ah, sério, não me enche o saco.*

Daniel: Chocolate, onde está o seu chocolate?

***Nicole:** Haha. Seu insuportável, acho que não gosto de você.*

Daniel: Eu... gosto de você, muito.

***Nicole:** Eu... também.*

Daniel: São quase três da manhã.

***Nicole:** Nossa, que tarde! Boa noite então.*

Daniel: Durma com os anjos.

***Nicole:** Achei que você não acreditava...*

Daniel: Acho que é contagioso... Bons sonhos, senhorita Aurora.



Capítulo 26

*“This heart, it beats, beats for only you
My heart, my heart is your heart
(It beats, beats for only you. My heart is yours)
This heart, it beats, beats for only you”
My heart – Paramore*

Hoje teremos muito ensaio com a presença do senhor Hunter.

Depois do último jantar juntos, há dois dias, nós vínhamos trocando mensagens sempre. Todos os dias, durante várias horas.

Quando entrei na sala, o senhor Evans e o Daniel já estavam lá.

Era estranho ser tão íntima de uma pessoa, como vínhamos ficando e...

— Bom dia a todos — o senhor Evans cumprimentou enquanto o maestro ficou em silêncio, como sempre.

Ele tinha que manter a postura, não podia mudar a forma de tratar a todos de repente.

Era o que eu queria acreditar, talvez até precisasse. Ou realmente essa era a maneira dele agir profissionalmente.

“Ninguém muda ninguém” minha mãe sempre dizia isso.

A Nathalia se aproximou e disse na minha orelha:

— Quando ele está com você, fora dos ensaios, vocês também conversam só pelo celular?

— Dá para você ser mais chata? — respondi em um tom de voz baixo.

Ela respirou devagar e desviou os olhos para o senhor Hunter, que estava de costas para nós.

— Ni, eu só não quero que esse cara te machuque. Sei lá, ele me assusta um pouco.

— Ele não vai me machucar.

— Aos seus lugares, senhores. — Ouvi a voz do senhor Evans.

— Depois conversamos — Nathy disse e se afastou.

Eu não queria falar sobre isso com ela. Que porcaria, é muito louco como as pessoas que dizem te amar, tem essa mania insuportável de querer controlar a sua vida por acreditarem que sabem dela ou do que acontece nela mais do que você.

No final do ensaio, eu começava a me perguntar se a Nathalia não tinha razão em estar preocupada. Eu estava. Só que não comigo e sim com o Daniel. O que acontecia com ele? O senhor-grito-com-todos-Hunter parecia quieto. Muito quieto. Estranhamente quieto. E mais do que isso, ele andava de um lado a outro da sala. Levantava e sentava, entrava e saía do estúdio. Perdi as contas de quantas vezes fez isso nas últimas horas. Só sei que foram muitas. No intervalo, eu mandei um *WhatsApp* para ele:

“Oi, está tudo bem?”

Ele visualizou e não respondeu.

— Nathy, não precisa me esperar. Eu vou resolver umas coisas por aqui e depois vou para casa — avisei assim que fomos dispensadas.

Ela olhou rapidamente para o Daniel, que pegava as coisas dele, e então para mim.

— Tem certeza?

— Hum-hum...

— Ok — ela disse e se afastou.

Eu esperei ele sair da sala e fui atrás da maneira mais discreta que consegui. Ele pegou o elevador que dava acesso à saída, era apenas um andar e se eu corresse pela escada, poderia alcançá-lo antes dele entrar no carro.

Dois lances de degraus engolidos pelas minhas pernas depois, abri a porta de incêndio. Ofegante, olhei para os lados e vi que Daniel andava em direção à porta. Era tarde, nós ensaiamos até um pouco depois do horário e estávamos sozinhos. Continuei andando rápido até ele, parei quando Daniel colocou a mão na maçaneta, pois já estava próxima, bem próxima.

— Daniel? — chamei-o e notei que ele enrijeceu o corpo, mas continuei sem fôlego. — Fale comigo, está tudo bem?

Ouvi uma respiração longa. Ele abriu a porta. Sem pensar segurei seu braço. Ele virou o rosto e me encarou.

Deus, os olhos dele estavam vermelhos.

— Fale comigo.

Ele olhou para baixo.

— Nicole, me deixe sozinho.

A voz dele me deu um calafrio na espinha: estava baixa, morta, repleta de desespero.

Neguei com a cabeça. Que porcaria que acontecia? Ele tomou um impulso para sair e eu apertei ainda mais a mão em torno do seu braço. Nem notei que ainda o segurava.

— O que aconteceu? Eu quero tentar te ajudar.

Ele deu uma risada triste.

— Me solte, Nicole, alguém pode ver. Você não pode me ajudar... eu preciso ficar só. — E exalou o ar parecendo cansado.

Deixei meu braço cair, ele fechou os olhos, respirou fundo e saiu. A porta era de vidro e não consegui me mexer enquanto o olhava se afastando de cabeça baixa, derrotado. Uns cem metros à frente, ele parou. Achei que fosse virar e me encontrar ali como uma idiota, grudada no chão. Ele encostou a cabeça na parede e seu corpo tremeu.

Meu Deus!

Os ombros dele sacudiam.

Meu Deus!

Eu tinha certeza de que o Daniel convulsionava de chorar. Cobri a boca com a mão angustiada e saí sem pensar duas vezes. Ninguém merecia passar pelo que quer que ele estivesse passando, sozinho. Mas ele já andava outra vez. Acelerei os passos. Ele virou a esquina. Continuei mais rápida. Virei a mesma esquina a tempo de vê-lo entrando em um pub.

O lugar estava lotado, era happy hour e bêbados engravatados enchiam a cara em uma competição ridícula para ver quem era mais idiota. Eu detestava esse ambiente dentro dos bares. Mesmo assim, avancei até o encontrar sentado junto ao balcão. Ele acabara de virar uma quantidade absurda de conhaque ou uísque. Vi ele girar o dedo no ar e o barman serviu-o em seguida de mais uma dose generosa.

Se eu fosse falar com ele, o quanto ele me acharia metida e sem noção?

E se ele me mandasse embora outra vez, o quanto eu me acharia idiota?

Ele virou a segunda dose e abaixou a cabeça em cima dos braços que estavam cruzados sobre o balcão.

Me aproximei devagar. Hesitante, eu levantei a mão e toquei em seu ombro, ele me encarou.

— Oi.

Daniel não falou nada, só negou com a cabeça e soltou o ar pela boca. Então, enfiou a mão no bolso, tirou algumas notas, deixou em cima do balcão, agarrou a minha mão e me puxou para fora do bar.

Continuamos andando em passos largos. Paramos ao encontrarmos uma rua menos movimentada. Ele se deteve e girou até ficarmos de frente.

— Achei que tinha pedido para você me deixar sozinho — Daniel disse, mas não de maneira rude, porque ele estava sofrendo.

Quando percebi, minha mão envolveu o rosto dele.

— Eu não consegui te deixar sozinho.

Ele fechou os olhos e colocou a mão em cima da minha. Senti os seus dedos acariciarem a minha pele antes dele afastá-la com apenas um movimento.

— Eu não estou em um bom dia, Nicole, é melhor você ir embora — dizendo isso ele começou a andar.

Ao seu lado eu me sentia em uma espécie de realidade paralela, onde buracos abriam e me sugavam. Cada um desses buracos provocava uma sensação diferente e incontrollável. Ali, tinha caído no buraco da falta de amor-próprio, porque, apesar de ter sido mandada embora outra vez, minhas pernas me levavam quase correndo atrás dele. Notei Daniel erguer a mão e o farol de um carro preto esporte piscou. Era uma BMW, que deveria ser dele e esse idiota iria dirigir depois de virar duas doses enormes de bebida?

Ah, mas não ia mesmo!

Em poucos passos estava na porta do outro lado. Daniel entrou quase junto comigo.

— O que é isso? — ele perguntou com os olhos estreitos.

Eu em um buraco de imbecilidade.

— Eu salvando a sua vida. Me dá a chave, Daniel. Você não vai dirigir.

Ele ficou um tempo me olhando em silêncio e, pelo jeito que fazia isso, ou ele ia me botar para fora do carro pelos cabelos, ou arrancar minha roupa e transar comigo. O ar ficou denso que nem algodão.

Eu o assisti abaixar a cabeça e apoiar a testa no volante.

— Nicole, sai do carro, por favor.

— Não. Se você quiser dirigir, vai ter que fazer isso comigo do seu lado.

— Que merda, Nicole! — Ele me olhou outra vez daquele mesmo jeito intenso, com a boca entreaberta e a respiração curta.

Passei a língua nos lábios, porque queria a boca dele na minha.

Fechei os olhos, ainda querendo a boca como queria o balé, o ar, a música. Ouvi a porta abrir. Merda, ele ia me botar para fora. Então, eu entrei no buraco da esquizofrenia, porque, quando dei por mim, arrancava a roupa. Tinha muita prática em trocar de roupa em segundos, por causa das apresentações de balé. Quando Daniel alcançou a porta do meu lado, eu já tinha tirado o casaco, a calça de malha e a camiseta. Estava só de calcinha e sutiã. Nem tive tempo de sentir vergonha ou de entender o quanto a minha ideia era absurda, ridícula, e o quanto eu ia querer me matar depois.

Ele abriu a porta. Abaixou resolvido e... parou. Seus olhos saltaram, enquanto notei o movimento da sua garganta ao engolir.

— O que é isso? — A voz do Daniel saiu ainda mais rouca do que era.

— Ou você vai me colocar nua para fora, ou vai ter que me vestir.

Ele me analisou de cima a baixo com os olhos que pareciam duas bolas de fogo, eu busquei o ar com a boca enquanto o olhar dele incendiava o mundo. A respiração do Daniel ficou mais rápida.

— Merda! — ele murmurou.

Não tive tempo nem de piscar, a boca dele estava na minha. Ele estava em cima de mim. A porta do carro foi fechada. Eu montei em cima dele. As mãos do Daniel desceram e subiram pelas minhas costas, abriram o fecho do sutiã, fecharam em punho nos meus cabelos e puxaram a minha cabeça para baixo. Eu arqueei o pescoço dando o acesso que ele exigia. Engoli o gosto de conhaque dos beijos dele, nunca conhaque me pareceu tão bom.

— Eu te quero tanto, porra! — Daniel disse e desceu os lábios no meu pescoço.

Gemi quando as mãos dele fecharam em cima dos meus seios e, em seguida, ele os sugou e lambeu-os enquanto soltava uma espécie de rosnado. Enterrei os dedos na massa de cabelos castanhos pedindo, implorando mentalmente, para que ele não parasse nunca mais.

Minha mão escorregou para dentro de sua camiseta e deixei os dedos correrem por todo abdômen até chegar no cócs da calça. Ele se afastou um pouco e me olhou de um jeito diferente.

— Por favor — pedi e nem sabia o quê. Sim, claro que sabia. Eu queria ele inteiro, queria demais. Meus quadris se moviam em cima dele em um ritmo louco, como se soubessem o que fazer em uma sabedoria instintiva e natural. Daniel gemeu e me beijou de uma maneira que nunca tinha feito, ele tomava tudo de mim com a boca. Abri a calça jeans dele. Pela primeira vez o senti inteiro na mão, e o som que saiu do peito de Daniel devia ser gravado e eternizado como música.

— Daniel... — comecei sem fôlego.

— Hum... — ele gemeu e me beijou outra vez.

— Eu... eu preciso te dizer uma coisa. — Tentei outra vez.

Daniel beijou meu maxilar e deslizou os lábios até minha orelha. Cravei as unhas nos ombros dele e todo o meu corpo formigou de prazer quando ele sugou a minha orelha.

— Eu sou virgem — confessei de uma vez, enlouquecida de desejo —, mas quero... quero que seja você.

Ele endureceu embaixo de mim e não apenas da maneira esperada. Todos os músculos do seu corpo retesaram, como se ele tivesse tomado um choque. Ele tirou a boca da minha e se afastou. Abri os olhos e encontrei um Daniel pálido, que parecia ter visto um fantasma.

— Jesus Cristo! Que loucura é essa? — continuou sem fôlego. — Que merda nós estamos fazendo?

Tive a sensação de que um balde de água gelada caiu em cima da minha cabeça. Ele cobriu os olhos com as mãos.

— Nós não podemos, Nicole, não agora dentro de um carro... Nós tínhamos combinado... Mas que bosta que eu quase fiz...

Então, eu me encolhi e senti meus olhos encherem de lágrimas. Por que algo que nunca pareceu tão certo para mim, podia parecer tão errado para ele. Por quê?

— É porque eu sou virgem? — perguntei, me sentindo ainda mais envergonhada.

— Não, quer dizer, também... Nós não podemos, não aqui, não desse jeito.

Pisquei lentamente e senti as lágrimas descerem pelo rosto.

— Ah, meu Deus! Não chore, Nicole.

Ele percebeu.

— Foi uma merda de dia difícil pra cacete... Se você chorar por minha causa... — A voz dele falhou. — Por isso pedi para você ficar longe... eu sou a porra de um monstro... Só trago merda para a vida dos outros.

Engoli em seco e tentei respirar normalmente.

Ele estava com lágrimas nos olhos e parecia tão ferido.

Somente então entendi que eu tinha invadido o espaço dele de muitas maneiras.

Ele pediu distância, mais de uma vez. E agora estava chorando também, ou estava a ponto disso. Ao invés de ajudá-lo como era minha intenção, eu piorei as coisas.

— Você não é um monstro, Daniel... eu só queria tentar te ajudar, mas é que quando estamos juntos, eu preciso... eu quero tanto você, que acabo fazendo coisas...

— Nicole — ele segurou meu rosto entre as mãos —, sou eu quem tenho que te pedir desculpas. Eu quase... Meu Deus... Nós não podemos, não ainda.

— Eu sei — disse sem saber direito.

— Meu Deus, me desculpe... eu perdi a cabeça. Eu não posso, não desse jeito.

Por que ele se desculpava mesmo?

Olhei algumas pessoas passando na rua, mais à frente. Casais abraçados, grupos de amigos rindo. Outras andando sozinhas. Eu queria tanto que ele se abrisse, confiasse em mim, não tivesse que esperar qualquer coisa para me contar o que fosse.

— Amigos até o fim das apresentações? — ele perguntou, chamando minha atenção e passou as mãos por minhas costas.

Eu levantei o rosto e dei um beijo no seu queixo meio quadrado.

— Amigos contam para os outros o porquê estão tristes e eu só queria te ajudar e entender.

Daniel respirou fundo e ficamos em silêncio por um tempo.

Ele umedeceu os lábios antes de falar:

— Eu vi uma pessoa hoje na rua... uma pessoa que me lembra a maior cagada que já fiz. — A voz dele quase não saiu.

Eu escorreguei a mão no seu peito, o incentivando a continuar.

— Uma pessoa que jamais me perdoará e que... eu jamais me perdoarei pelo que eu trouxe para a vida dela... E não me peça para falar mais nada hoje, por favor.

Ele inspirou o ar pelo nariz de maneira entrecortada. Em seguida, ficou em silêncio.

Acho que isso seria tudo o que elealaria por hoje. E não me sentia no direito de pedir mais. Apesar de querer muito saber, não podia. A verdade era: eu topei ficar com ele nessa condição estranha, já tinha topado ser só sua amiga e esperar o tempo que tinha me pedido. Se havia alguém ali, querendo quebrar com o nosso combinado, era eu.

— É sobre a conversa que teremos quando as apresentações acabarem? — perguntei.

— Sim.

— Tudo bem. Se você quiser ficar sozinho... eu... eu vou embora.

Dois braços fortes envolveram minha cintura e apertaram meu corpo contra o dele.

— Não, fica... fica aqui, por favor.

Eu respirei fundo aliviada, também queria ficar. Queria muito mesmo ficar.

— Deixa eu me vestir — pedi já buscando a camiseta.

Daniel colocou uma música e em pouco tempo estava no colo dele outra vez, com a cabeça no peito largo e quente. A música que começou a tocar era *Enjoy the silence*, do Depeche Mode.

— *Palavras são como a violência* — ele começou a cantar a letra baixinho no meu ouvido. — *Quebram o silêncio, colidindo dentro do meu pequeno mundo doloroso para mim, me perfurando por dentro. Você não entende, minha garotinha?*

Ele está sussurrando a letra para mim para que eu o entenda. Meu coração disparou.

— *Tudo o que eu sempre quis, tudo o que eu sempre precisei está aqui nos meus braços.*

E ele apertou um pouco os braços em volta do meu corpo. Tive que morder os lábios por dentro para não chorar. O que será que o deixou tão triste?

Queria que ele ficasse bem. Queria poder ajudá-lo. Lembrei que quando era criança, minha mãe dizia que o balé fazia mágica. Bastava eu dançar que nada me deixava triste, ou irritada. Então, ela me deu um colar e um pingente de bailarina para que eu nunca mais ficasse triste.

— Eu vou fazer uma mágica — disse erguendo a cabeça do colo dele. Enfiei a mão atrás do cabelo e abri o fecho do meu colar, sorrindo com a ideia que acabara de ter.

— Uma bailarina de ouro mágica — afirmei, já colocando o cordão no seu pescoço.

Suas sobrancelhas grossas arquearam.

— Ela não deixa você ficar triste — concluí tentando soar divertida.

Daniel pegou a corrente pelo pingente. Olhou para ele com a boca um pouco torcida.

— É mesmo? Vamos ver se ela funciona — concluiu com um sorriso torto nos lábios. Aquele sorriso torto que eu amava.

Funciona sim, viu?

Voltei a recostar a cabeça no colo dele satisfeita e a música preencheu o carro outra vez.



Acordei com Daniel beijando minha fronte.

— Bela adormecida — ele disse. — acorde, nós apagamos por quase quatro horas.

— Ai, meu Deus, jura?! — Me ergui assustada em um pulo.

— Calma, está tudo bem, estou sóbrio e posso te levar em casa agora.

Esfreguei os olhos com as pontas dos dedos e fui para o banco ao lado. Estiquei as pernas e os braços.

— Você está melhor? — perguntei depois de bocejar.

— Sim, obrigado. — Ele beijou a minha testa, carinhoso.

— Viu como ela funciona?

— Quem?

— A bailarina.

Ele sorriu.

— Quem funciona na minha vida é você, senhorita Aurora. — Meu coração disparou, foi até a lua e voltou.

— Então me devolve — pedi tentando disfarçar o quanto aquela frase mexeu comigo.

— O quê?

— O colar, meu Deus!

— De jeito nenhum — ele disse e colocou a corrente dentro da camiseta.

— Daniel, é minha.

— Não é mais.

— Foi minha mãe quem me deu, tem um valor sentimental — afirmei e abri as duas mãos no ar.

— Agora ela tem um valor sentimental para mim também.

— É uma bailarina... é coisa de garota.

— É, é uma coisa da minha garota... e eu a quero bem aqui... comigo. — Ele bateu no peito na altura que devia estar o pingente, era quase no coração.

Suspirei e meu coração acelerou ainda mais.

— Você vai ficar ridículo com ela — eu disse sem segurar o sorriso bobo.

— Eu não ligo a mínima... agora, vou te levar para casa.

Concordei sem tem certeza por quanto tempo as coisas entre nós funcionariam daquele jeito: sustentadas em cima de segredos e recheadas de um desejo insuportável que tínhamos que controlar por muitos dias.



Capítulo 27

*“But you only need the light when it’s burning low
Only miss the sun when it starts to snow
Only know you love her when you let her go”
Let Her Go – Passenger*

As três semanas que seguiram foram cheias de ensaios. Natural, já que faltavam uns vinte dias para a estreia. Eu me sentia um pouco ansiosa. Como não estaria? Era minha primeira peça como profissional, em um papel de destaque. As pressões aumentavam dia a dia. Todos, conforme a estreia se aproximava, ficavam no limite físico e emocional, assim como eu.

O único que pareceu não alterar a maneira de lidar com as pessoas foi o senhor Hunter. Isso porque ele andava sob o estresse máximo, em qualquer circunstância, longe ou perto da estreia.

Ele continuava a despejar grosserias na cabeça dos outros.

Naquele momento caminhava de volta para casa após o ensaio. O balé tinha alguns prédios residenciais para atender aos seus funcionários. Pagávamos um aluguel quase de mentira para um imóvel em Covent Garden. Só por isso era possível morar ali, ir e voltar a pé até o balé. Olhei para os meus pés: vestia um tênis de cano alto confortável, conhecia tão bem esse caminho que podia fazê-lo de olhos fechados.

— Respira... Um, dois, três e quatro. E expira... Um, dois, três e quatro.

Contar o tempo entre uma respiração e outra era o exercício que eu fazia para tentar manter a ansiedade no lugar dela. Eu tinha que ser justa: o Daniel nunca mais me tratou daquele jeito estúpido e grosseiro que me fez sair chorando da sala. Ele tratava todos assim.

Estalei a língua com o rumo dos meus pensamentos.

Ele não tratava todos assim.

Ele apenas não mudou a forma de lidar com os outros.

O meu problema com ele era por uma insuportável razão: depois daquele noite no carro, não nos vimos mais. Com exceção dos ensaios. Ele passou a me tratar pessoalmente com um distanciamento mais do que profissional.

Entretanto, havia as mensagens que trocávamos todos os dias, onde a intimidade sufocava qualquer profissionalismo. Era como se o Daniel existisse só no mundo virtual. O que era muito frustrante. Eu sabia que não seria fácil, só não imaginei que seria tão difícil.

Em um dia desses, alucinei e comecei a fazer pesquisas sobre pessoas que tinham fobia de sangue, ou que surtavam ao ver sangue ou que enlouqueciam ao sentir o cheiro, até que cheguei em um site que falava sobre vampirismo e pessoas viciadas em sangue. Fiquei tão angustiada com o que li, que achei que corria o risco de nunca mais dormir, sem ter pesadelos. Me convenci que estava ficando louca e desisti de tentar entender qual era o problema dele, antes da conversa que teríamos.

Não podia falar para a Nathy sobre tudo o que aconteceu. Ela mal me dava descanso, sem saber da metade das coisas. A louca da minha melhor amiga seria capaz de acreditar que o senhor Hunter era uma espécie de vampiro moderno. Ela tentaria me convencer de que ele participava de rituais secretos para beber sangue de virgens; e o pior, Nathalia era a única pessoa viva capaz de me colocar em dúvida sobre esse tipo de delírio. E isso seria agravado porque me sentia tão inquieta envolvida nessa relação virtual, esquisita e insatisfatória.

No primeiro fim de semana, depois do carro, eu o convidei para irmos a uma exposição de dança que acontecia em Londres. Ele deu uma desculpa educada, dizendo que tinha que trabalhar. Não entendi que era uma desculpa, e continuei insistindo como uma idiota:

“Ah, tudo bem, podemos ir amanhã ou depois, a exposição fica por quinze dias ainda.”

Dez minutos depois chegou a resposta:

“Ok, se der eu te aviso.”

Mas ele não avisou.

Esse não foi o único convite que fiz nesses mais de vinte dias. Não, infelizmente. A verdade era: tirando as nossas conversas virtuais, ele não queria uma amizade convencional. Porque amigos convencionais convidam uns aos outros e se veem com uma frequência possível, fora da tela do celular.

Nos dois ensaios semanais junto a ele, toda terça e sexta, eu repetia algum convite, mergulhada no buraco da inconveniência:

“E aí? Vamos tomar alguma coisa depois?”

Está passando um filme que eu queria muito ver, vamos?”

Ele não topou nenhuma vez.

Mas eu não era maluca. Não ficava mandando convites negados há três semanas, e nada além disso! Nós também conversávamos muito. Mais de uma hora por dia. Às vezes, eu caía no sono com o celular na mão trocando ideias com ele sobre tudo, tudo mesmo. Viagens, músicas, filmes... Às vezes, na hora do jantar, enquanto eu cozinhava e ele também. Às vezes, vendo uma mesma série na TV; outras, ouvindo

uma música. Muitas vezes, durante tudo isso, todas as noites.

Nathalia se irritava e dizia que eu namorava o celular. Depois de vinte dias, eu tinha que concordar, porque eu também me sentia frustrada. Olhei para os lados, próximo ao meu prédio, e percebi que o movimento de bares e restaurantes de Covent Garden diminuía. Era sexta-feira e eu queria muito ver uma apresentação de balé moderno que acontecia no Royal Albert Hall.

Logo que eu saí do ensaio, mandei a mensagem:

“E aí, vamos ver aquele balé que te falei?”

Minutos depois, recebi a resposta:

“Adoraria, mas estou com alguns estudos atrasados, vou direto para casa e possivelmente trabalhar em cima de algumas partituras a noite inteira.”

“Ah, que pena! Bom, então, tomara que termine logo e não se canse muito.”

“Nos falamos mais tarde, ok?”

“Ok. Bjs.”

Entrei em casa digerindo a frustração de ter uma pessoa tão presente em minha vida, sem realmente ter. Ele podia mesmo estar muito ocupado essas semanas, não podia? Mas nunca disse como seria essa amizade temporária que teríamos. Sentia saudades e isso era tudo. Queria estar com ele mais do que no celular. Queria que ele também quisesse.

Pendurei o casaco e a mochila na chapeleira.

Nathalia recortava revistas, sentada no chão, enquanto o Paul a abraçava por trás. Essa era a mania dela, que só ficava atrás do balé. Gostava de recortar tudo aquilo que considerava valer a pena, desde lugares que queria conhecer, palcos do mundo onde queria dançar e casas nas quais queria morar. Depois de recortar compulsivamente duas, três ou quatro revistas, ela fixava tudo em um diário. Ou colava em um quadro de camurça em cima da cama. Na maioria das vezes, guardava os recortes em um baú. Achava um desperdício de espaço e papel, mas nunca falei nada. Eu mesma tinha minhas esquisitices, colecionava as fitas das minhas sapatilhas velhas. Não de todas, mas daquelas que considerava importantes. Andava com uma foto do Fred Astaire e da Ginger Rogers na carteira e tinha múltiplas variações de valsas do século XIX no meu HD. Isso porque eu ainda acreditava que um tal senhor Darcy poderia me levar para dançar em um baile em 1800, qualquer dia desses. Gostava de sonhar com isso, então não podia falar nada da mania de ninguém.

— Oi, querida — Nathy disse do chão.

— Oi, Nicole — Paul me cumprimentou em seguida.

Se ele estava junto a ela encostado no sofá, isso significava que o mesmo sofá seria a minha cama hoje. Esse era o nosso acordo. Toda vez que alguém levasse o namorado para o apartamento de um quarto, a outra iria para a sala.

Sem problema com isso.

Quer dizer, tinha um problema sim. Um que nunca houve. Eu que nunca quis brigar pelo direito do uso do quarto nos fins de semana, agora eu queria. Queria muito brigar por esse uso. Mas o cara que eu gostaria que dividisse o espaço comigo, não parecia tão disposto a isso. Nem que fosse só para dormirmos, como amigos. A vontade mal resolvida virava uma obsessão e os carinhos explícitos no chão não melhoravam.

Coloquei a mochila no balcão da cozinha e mexi no celular. Respirei fundo irritada, porque sabia que só mexi no celular para ver se tinha alguma mensagem dele. Outra mania que virava uma compulsão.

— Eu vou pedir comida chinesa para nós, você quer? — Nathy perguntou no intervalo de um dos beijos que eles trocavam.

Mas que droga! Eu estava, o quê? Com inveja da minha melhor amiga? Não, estava é meio irritada com as fugas do Daniel.

Meu celular vibrou.

Daniel: O que você vai jantar hoje?

Nicole: *Estou pedindo comida chinesa.*

— E aí, quer? Ai! Para, Paul! — disse Nathy depois de alguma gracinha que o Paul soprou no ouvido dela.

— Não. Valeu, Nathy, acho que eu vou sair e comer alguma coisa na rua.

Não aguentava mais comida chinesa. Toda semana acabávamos pedindo a mesma coisa. Na verdade, não era muito fã de comida nenhuma, gostava mesmo era de chocolate.

Os olhos da Nathalia cresceram surpresos.

— Você vai sair com o Daniel? Ele parou de ter medo de mulher?

— Não, Nathalia. Eu... vou com o Ivo.

— Ah, tá!

Menti. Fiquei irritada com a brincadeira dela e se eu falasse que iria comer sozinha, ela ia convencer o Paul a ir junto e íamos acabar os três em algum lugar por aí.

Não que eu não curtisse a companhia deles juntos, mas é que não! Não rolaria continuar assistindo ao episódio quente do mês da novela mexicana ao vivo.



Já estava andando há uns quinze minutos e nenhum lugar parecia bom o bastante para matar minha fome. Em uma sexta, à noite, todos os lugares em Covent Garden ficavam entupidos de gente. Queria comer em algum lugar menos entupido. Me senti meio o Zelig, do Woody Allen, com uma certa fobia social. Não era sempre assim, mas naquela noite queria ficar sozinha e comer em um lugar mais tranquilo. Por isso, eu quis sair.

Pensa, pensa, pensa. Onde é que tem um lugar legal e que não é tão cheio, aqui perto?

Hummm... O The Red.

Era um lugar muito bom. Um desses restaurantes bem cotados, mas que pelo preço nunca lotava e eles tinham um segundo andar. Lembrei que, durante as pouquíssimas vezes em que eu fui lá, sempre ficava mais vazio do que cheio.

Não tinha planejado gastar 150 libras para comer, mas também não estava nos planos eu estar a um passo de abrir um garrafa de conhaque e me embriagar até cair na rua. E sabem o que é pior?

Não fazia a menor ideia do porquê eu queria beber.

Então, seria melhor sentar e gastar todo o dinheiro que eu tinha na bolsa para comer bem, tomar um bom vinho, mas assim que cheguei à porta do restaurante olhei para as minhas roupas — usava uma calça jeans preta e por baixo do casaco uma camiseta branca de malha, informal demais para o ambiente — e dei de ombros.

— Dane-se, vai assim mesmo.

Cruzei a entrada. Por dentro era tudo vermelho e preto. Muito couro e madeira escura. A *hostess* veio me receber, porque o andar de baixo parecia lotado.

— Oi, boa noite — eu me adiantei.

— Boa noite, senhorita, mesa para...

— Um — eu disse e sorri, tentando parecer simpática.

Ela olhou na tela do tablet.

— Se desse para ser no andar de cima, que é mais vazio... eu prefiro — pedi.

— Só um minuto... — Ela mexeu um pouco mais na tela e disse com um sorriso tão ensaiado que me arrepiou. — Sim, pode ser no andar de cima... eu vou te acompanhar até sua mesa.

— Ok, obrigada.

Subia os últimos degraus, quando ouvi uma risada feminina. Assim que a escada acabou, tracei um *scanner* visual pelo espaço. Suspirei sinceramente satisfeita ao perceber que, tirando uma mesa grande que estava ocupada, tinha apenas uma mesa a mais com um casal.

A minha mão gelou, o ar deve ter gelado junto porque ficou difícil lidar com ele.

Mas que...

Fiquei tonta.

Mas que filho da puta!

A loira que o acompanhava levantou. Me deu vontade de ser tragada pelo chão e vomitar, não necessariamente nessa ordem.

Ela era uma dessas mulheres irreais, que você acredita que existem só para ferrar com a vida de pessoas normais. A loira passou ao meu lado. Eu só queria sumir.

— Senhorita, a sua mesa é por ali. — A *hostess* apontou com a cabeça.

— Eu... vocês, fazem comida para... levar?

Ela ficou me olhando como se eu tivesse acabado de desenvolver uma tonalidade verde. Eu devia mesmo estar meio verde de ódio. Tentei dar dois passos para sair do alcance da visão dele. Fiquei na frente da recepcionista.

— Desculpe, senhorita, eu não entendi — ao dizer isso ela se afastou, possivelmente em direção ao lugar que seria a minha mesa. Daniel que até então vinha com o olhar perdido, naquele exato momento, ergueu os olhos e... me viu.

Ele sorriu.

Ele sorria?

As minhas pernas sumiram.

Os olhos dele se estreitaram.

O meu coração ficou enorme e queria sair pela boca.

— Eu... acho que...

Ele levantou.

— Eu desisti de jantar. — Não ouvi o que a *hostess* murmurou ao meu lado. Virei as costas e fugi. Dei vários passos largos em direção à escada e trombei com a loira.

— Nicole — Daniel disse às minhas costas.

— Desculpe — eu disse para a mulher e alcancei a escada.

Anos de alongamento, treinamento físico e postural foram por água abaixo diante da confusão que se instalou em segundos dentro de mim. Ou melhor, foram por escada abaixo, eu quase tropecei e caí no final dela.

— Nicole, espere! — Ouvi a voz mais enfática dele atrás de mim.

Mente em branco, porta da saída e rua.

A mente não estava em branco.

Tinha muitos senhores Hunters mortos de maneiras diferentes nela. O ar gelado da noite encheu meu pulmão, mas o que gelou de verdade foi tudo dentro de mim.

Ele mentiu?

Eu já tinha me afastado uns dez metros da frente do restaurante, quando meu passo foi erguido no espaço entre uma pernada e o ar — culpa de uma mão morena e grande fechada em torno do meu braço.

— Nicole, por que você está fugindo?

Respirei fundo. Eu realmente me senti cansada de tudo aquilo, profundamente irritada era mais certo do que cansada. Mas a preguiça de toda aquela situação louca que vivíamos também estava ali. E por causa dela, falei com a voz controlada e baixa.

— Eu não quero que você me explique nada, eu... — Olhei a mão firmemente fechada em torno do meu braço. — Só me solta.

— Meu Deus... como assim? Você não viu a minha mensagem?

— Você disse que iria trabalhar — respondi nervosa.

— Você não está aqui por causa da minha mensagem? — ele repetiu surpreso.

Aí a preguiça virou uma onda eufórica que não consegui entender, até que a onda estourou em uma gargalhada de incredulidade.

— Qual delas?

— Como, qual delas?

— Não perca o seu tempo e vá terminar seu jantar. — Voltei a andar, mas ele me impediu novamente, agora com as duas mãos em meus ombros.

— Eu te chamei para vir para cá, Nicole... Você não viu?

Pisquei fundo, confusa.

— Chamou?

— Olha o seu celular.

Girei de frente para ele, tirei a bolsa do ombro e abri buscando o aparelho. Senti-me meio idiota quando vi a última mensagem do Daniel, enviada há trinta minutos.

“Estou tomando uma bebida com uma amiga no The Red, você não quer vir aqui me encontrar?”

Olhei para ele e, em seguida, para o celular.

Daniel estava um pouco ofegante.

— Você não respondeu.

— Eu nem visualizei. Por que você não me ligou?

Ele olhou para baixo e depois para mim.

— Sei lá, nem passou pela minha cabeça.

Não passou pela cabeça dele?

— Você não ia trabalhar? — perguntei começando a ficar irritada outra vez.

— Ia, mas eu encontrei a Jéssica por acaso na saída do balé, não nos víamos há bastante tempo e... ela é uma amiga de muitos anos e...

— Aí sim te deu uma vontade incontrolável de sair com alguém. — Abri as duas mãos na frente do

peito fazendo um gesto de pausa, irritada. Irritada. Irritada.

— Ela é somente uma amiga, eu não a via há muito tempo e não ia me atrapalhar tomar alguma coisa rápida com ela.

Foi aí que a irritação saiu de cena e deu lugar à raiva.

— É isso, ela é uma amiga e não sou nada além de uma bailarina descompensada que convida seu diretor para sair sem parar, há uns... vinte dias... Estou cansada disso e vou para casa.

Cheguei a sentir o impulso do meu corpo na intenção do movimento, só que aquele homem insuportável era grande e forte demais. Ele continuou me segurando como se eu não fosse nada.

Daniel respirou pesadamente.

— Nicole, a verdade é que eu tenho evitado sair com você, porque... porque já é difícil demais sem isso.

Minhas bochechas arderam. Ele se apressou:

— Você tem ideia do que é ter que ver você duas vezes por semana, movendo cada músculo do corpo dentro daquelas roupas? Você tem alguma maldita ideia de como eu passo mais da metade dos ensaios, enquanto sou obrigado a analisar os seus passos? — ele continuou sem fôlego. — E quando aqueles bailarinos, filhos da puta, colocam as mãos no seu corpo e os lábios nos seus, eu quero matar cada um deles, mesmo sabendo que quase todos são gays.

— Não tente me confundir, isso não explica nada, aliás, eu nem quero ouvir a explica...

— Eu não insisti para você vir porque... sabia que a conversa de hoje, com essa minha amiga, traria o passado, eu não quero envolver você nisso, não agora. Nicole, eu...

— Ah sim, além de você ser meu diretor e de não poder me comer, porque é antiético... afinal, eu sou sua aluna virgem e tem todo esse mistério que ronda a sua vida... Nós vamos sentar um dia para conversar e você... você vai me dizer que é um vampiro, ou que uiva para a lua ou que seu sangue é ácido e você mata por prazer.

Seus olhos arregalaram e parte da cor do seu rosto sumiu.

Os dedos que me seguravam, fecharam na curva do meu braço com mais força.

— Ai! — gemi pelo desconforto.

— Nunca mais fale isso, entendeu, sua menina insolente e malcriada!

— Está me machucando.

— Não fale mais isso, fui claro, senhorita Aurora? — exigiu entredentes. A pressão exercida pelas mãos dele aumentou um pouco mais.

— O quê? Que você não me come porque é meu diretor? Ou porque eu sou virgem? — Tentei me desvencilhar. — Seu merda, me solta!

— Isso também.

E ele me beijou.

Eu nunca fui beijada com tanta raiva, posse e vontade. Tentei me soltar, lutar, bater. Mas as mãos dele estavam em todos os lugares, me detendo, segurando, me levando até o impossível. A boca do Daniel

ainda brigava com a minha. Fechei os dentes com determinação. Senti lágrimas descerem no meu rosto cheia de raiva e desejo com toda essa demência de situação.

— Você acha que pode me beijar e tudo estará resolvido? — tentei dizer com os dentes travados, enquanto os lábios dele corriam, exigiam, buscavam os meus.

Inspirei o ar pela boca de maneira inconsciente e essa pequena abertura foi o suficiente para que sua língua invadisse a minha boca. A mão que me detinha foi até a minha nuca me impulsionando para dentro. Ele gemeu, os meus músculos cederam, amoleceram.

— Entendeu? — Daniel disse ofegante, sem dar espaço para resposta ou para que eu voltasse a lutar contra o beijo que se aprofundou, mais e mais. Os lábios dele soltavam e exigiam como as escalas da música. — Entendeu agora o que você faz comigo?

O beijo voltou ainda mais intenso, sem a pausa necessária para que o pensamento agisse. Sem pausa não era música, era muito maior do que ela. E quando notei, o puxava. Exigia junto, ofegava e gemia. A língua dele brincava com a minha, ia fundo e saía só pelo tempo suficiente para que respirássemos. Uma de suas mãos imobilizava minha cabeça e a outra corria solta pelas minhas costas por baixo da camiseta, distribuindo choques nos meus ossos e cobrindo meu estômago com deliciosas ondas geladas.

Então, ele parou de me beijar.

— Vamos para o restaurante, eu quero te apresentar a minha amiga — Daniel disse ofegante.

Meus músculos enrijeceram outra vez.

— Vamos, Nicole, pare de ser criança.

Respirei fundo. Será que eu estava mesmo sendo criança?

— Vamos, vou só me despedir dela — ele afirmou.

Estávamos com nossas testas coladas, enquanto suas mãos e braços ainda me envolviam, me seguravam.

— Depois nós vamos para a minha casa, levaremos as coisas de um jeito diferente, ok?

— Diferente?

— Não vamos mais ficar sem nos ver, eu sou adulto, você também, podemos nos controlar por três semanas, não podemos?

Quando dei por mim, eu negava.

— Ah, não podemos? — Notei que tinha diversão na voz dele.

Enchi o pulmão de ar e disse tentando disfarçar:

— Sim, podemos, é claro que podemos, só não sei se quero continuar sem saber nada sobre você e essa conversa que teremos, não sei se quero...

— Nicole, eu sou seu diretor, nós nem deveríamos estar falando sobre quando eu vou fazer você minha por inteiro...

O meu estômago gelou. Eu pensando em transar, e ele falando em... Ai, Deus, me fazer dele. Como ele era intenso.

— O meu passado faz parte do que sou e não posso fugir dele... nós teremos essa conversa quando as

apresentações acabarem.

Eu continuei em silêncio e ele veio na minha orelha:

— O motivo da gente não fazer amor a noite inteira é que eu estou tentando manter alguma ética aqui, porque essa conversa que nos aguarda, nós teremos que ter de qualquer jeito.

— Tudo bem — eu disse querendo morrer. Na verdade, queria dizer para a porcaria da ética ir se danar. Acho que ele percebeu.

— Você sabe que se vier à tona que estamos nos vendo, a maior prejudicada vai ser você, não sabe?

— Acho que sim.

Ele ainda falava na minha orelha, e minhas pernas viraram uma geleia. *Ética idiota, eu te odeio!*

— Entenda, esse é seu primeiro papel. Ninguém acreditaria, por mais talento que você tenha e tem, que você o conseguiu por mérito próprio. É pensando nisso também, na sua carreira, que eu tenho feito o sacrifício de me manter afastado, entendeu?

Eu suspirei, ele tinha razão, era ridículo, machista, mas verdadeiro.

— Vamos tomar cuidado e... — ele bufou. — Que se dane, eu também estou morrendo de saudades. Vamos nos ver sempre que for possível.

Mordi o lábio por dentro e assenti sem entender direito qual a diferença de nos vermos sem transarmos, ou transando, de ética e cama ou sem cama e distância. De conversa sem sexo, ou com sexo e com a tal da ética e conversa. Nada fazia sentido e tudo se encaixava, eu estava louca.



Conhecer a amiga do Daniel foi menos estranho do que eu imaginava. Jéssica demonstrou uma simpatia sincera durante o pouco tempo que permanecemos no restaurante. O Daniel não soltou minha mão, como se achasse que eu ainda tentaria fugir de lá a qualquer instante.

Na hora de me apresentar, ele não soube o que dizer, engasgou e eu completei por ele:

— Uma amiga.

Mas os olhos curiosos da Jéssica foram o tempo todo dele para mim e de mim para as nossas mãos dadas. No final da breve conversa que tivemos, após ele pagar o jantar que já tinham comido, a frase que ela falou ficou martelando na minha cabeça todo o caminho até a casa dele:

Eu fico muito feliz, Daniel, por você estar se dando a chance de conhecer alguém outra vez.

Se dar a chance e outra vez.

Essa era a parte da frase que me fez ficar dando voltas nela.

Ele teve alguém e depois disso, nunca mais. Se dar a chance significava talvez que a experiência não tinha sido muito boa para ele. Que ele precisava, para estar com alguém, superar algum bloqueio. Isso

não era novidade para mim, porque era óbvio que ele tinha um ou vários bloqueios com relações. A conversa que teríamos deveria explicar isso também. A curiosidade sobre essa tal conversa não me deixaria em paz.

Ele falou que a Jéssica lembrava o passado dele.

Oh, meu Deus!

Será que era ela a pessoa que ele... Cenas do Daniel com a aquela loira magnífica na cama tomaram minha imaginação. Eu nem precisei abusar da criatividade mental, senti um aperto no estômago e as mãos ficaram úmidas.

Ciúmes.

Ai, que idiotice. Sempre desprezei casais ou pessoas ciumentas demais.

Ali estava eu, ouvindo uma música meio romântica no carro com o Daniel, indo para a casa dele e com a segunda crise de ciúmes da minha vida, pois tive a primeira agora há pouco, no restaurante.

Droga!

— Essa música me lembra o meu ex-namorado. — Ótimo, agora eu voltei a ter doze anos, porque eu queria provocar o mesmo que sentia nele. Queria também tentar extrair outra informação, uma espécie de autotortura admitida.

Ele ficou em silêncio, como se não houvesse escutado. Mas minha criança interna birrenta e insatisfeita, não nos deixaria em paz.

— E você? Tem.. quer dizer, teve muitas namoradas?

Música, pneus contra o asfalto, zunido do ar condicionado.

— Uma só.

Aquilo voltou a contorcer meu estômago.

Já notaram como podemos nos tornar seres completamente malucos? Porque naquele momento eu preferia ouvir que ele teve 100 mil mulheres, que ele era um galinha, cafajeste e que... Uma só? Com 26 anos? Porcaria de louca que eu me transformei, culpa desse sentimento que vinha tendo por ele. A verdade é que se ele dissesse muitas, eu também ficaria insatisfeita.

Sorri e tentei digerir o ridículo das minhas emoções.

— Ela deve ter sido especial...

Música, asfalto, minha respiração acelerada.

— Ela foi especial.

Especial. Qualquer um que marca a sua vida poderia ser especial, ou não? Fechei os olhos brava comigo mesma, porque simplesmente não conseguia me segurar.

— Faz tempo que terminaram?

— Bastante tempo. — A voz dele sumiu no final, como se sentisse dor, e aquilo me desmontou. Ele ainda sofria por essa tal namorada e ela podia ser a mulher com quem ele jantava hoje, quando eu cheguei e interrompi.

Ah não, não, não, não! O que estou pensando? Que atrapalhei alguma coisa?

Que se dane, a verdade é que eu odiava todos esses ciúmes que sentia e queria dividir com ele de alguma maneira.

— Eu também tive um namorado só, quer dizer, tive dois, mas o primeiro não conta porque eu era muito nova... O meu ex é professor lá em Oxford, nós também somos muito amigos até hoje...

Música. Ar do carro, minhas bochechas foram esquentando de vergonha pelo meu comportamento infantil. Ignorando todos os alarmes internos da autocensura que já estavam disparados há algum tempo, eu continuei:

— Ele queria ficar noivo em quatro meses de namoro. Eu não me senti pronta para um passo desses, mas é claro que ele é especial e...

Minha voz freou, junto com o carro.

— Chega, Nicole, mas que porra!

Ouvi o meu cinto abrir. Sem entender como, me vi erguida do banco e logo estava sentada no colo do Daniel. As mãos dele cavaram o meu cabelo.

— Você conseguiu me deixar puto de ciúmes, agora chega! — E aí, ele me beijou.

Estávamos na estrada que levava até a casa dele. E ficamos nela até os beijos perderem a conta, até as árvores que nos assistiam pela janela encolherem, até não tocar nada além dos nossos corações sendo um. Paramos antes de levarmos adiante o que eu sabia: que só aconteceria daqui vários dias e depois de uma conversa que começava a me assustar mais do que era saudável e permitido.



Capítulo 28

*"We are unstoppable
I just can't escape the pull
We are unstoppable"*
Unstoppable – Lianne La Havas

Na noite anterior, o Daniel foi trabalhar e eu dormi sozinha, em algum momento da madrugada o senti deitar junto a mim. Quando acordei estava sozinha outra vez. Tomei o café da manhã com o som do piano sendo minha companhia.

Peguei meu celular que estava em cima da mesa e abri o navegador em um dos maiores sites sobre o cenário cultural de Londres. A primeira notícia que pulou na tela era um vídeo do Daniel regendo em um concerto para convidados especiais da rainha. Sabia que esse concerto tinha acontecido alguns dias atrás, porque ele havia comentado comigo. Nunca tinha visto Daniel reger, então, abri o vídeo curiosa. Bastante curiosa.

Era a 7th de Beethoven, segundo movimento. A reportagem abaixo do vídeo era uma entrevista com ele, então a câmera tinha o maestro como foco principal.

As primeiras notas iniciaram e o rosto do Daniel estava turvo de emoções que pareciam variar entre a raiva e a dor. Ele dava uma bronca na música e não apenas em francês, mas em russo, latim, espanhol, alemão, italiano e em todas as línguas que existiam sobre a Terra. Daniel estava realmente muito assustador. Minha boca secou, enquanto as mãos dele ensinavam a música a se comportar. Então, outros instrumentos entraram e a melodia evoluiu, ele fechou os olhos e a nuvem negra que pairava em sua expressão suavizou, era como se as notas todas tivessem resolvido obedecê-lo e ele estava satisfeito. Agora, o maestro acariciava a música com as mãos, ela entrava no corpo dele o transformando em algo maior, mais complexo, mais bonito e inteiro. Conforme as escalas subiam, o rosto dele mudou outra vez, dando lugar a uma expressão de prazer, os olhos abriram pesados de... desejo? Parecia desejo. Ele e a música estavam em um tipo de ato sexual... meu corpo esquentou. Daniel despiu a música com as mãos, com os olhos, com corpo e com a alma. Minha respiração acelerou e a sinfonia cresceu enquanto os movimentos dos braços dele se tornavam mais vigorosos no ápice do ato ou da foda, alguns fios do cabelo preso dele se soltaram, tinha certeza de que ele transpirava, assim como eu. Daniel respirava as notas com a boca entreaberta e eu nem lembrava mais o que era respirar. Deus, eu queria que ele fizesse

sexo comigo, precisava que ele me possuísse como possuía a música e precisava disso agora. As notas foram diminuindo, ele fechou os olhos outra vez, tentando equacionar a respiração, se recuperando depois do orgasmo. A sinfonia por fim, acabou. Será que era assim que o rosto dele ficava depois de ter um orgasmo de verdade? Acreditei que sim. Eu tive que esperar alguns minutos ainda sentada na mesa do café até conseguir parar de tremer, suar e babar. O som do piano da sala de música voltou a preencher minha consciência. Por fim, um pouco menos abalada, levantei e resolvi ir ao encontro do maestro fodedor de sinfonias.

Cruzei o corredor e entrei na sala, ele me chamou com a cabeça para que eu avançasse. Aproximei-me com passos um pouco tímidos até o banco do piano. Ele parou a composição que tocava e começou uma música que eu logo reconheci: *I want hold your hand*.

A música que me levou até ele naquela noite no balé. Na verdade, as notas responsáveis pela minha ida até ali, quase um mês atrás.

Só que, dessa vez, ele não apenas tocou, ele cantou e fez isso olhando para mim. Ele estava calmo e sua expressão era serena, como se não tivesse acabado de foder durante quinze minutos com uma orquestra inteira. Eu ainda me sentia abalada demais com o que tinha assistido, com a intensidade dele no vídeo e toda vez que a letra que Daniel cantava dizia: “Quando eu te toco, me sinto feliz e você tem esse algo, eu acho que você entende...”, eu sentia o meu coração acelerar. Meio boba? Pode ser, eu não controlava isso faz tempo.

A música acabou.

— Acho que foi essa música que trouxe você até aqui. — Ele riu e negou com a cabeça

Quis perguntar se ele tinha orgasmos enquanto regia, mas em vez disso, respondi:

— Acho que sim.

— Minha mãe cantava ela para eu dormir... É uma das únicas lembranças que eu tenho dela.

— Eu sinto muito. — Minha garganta secou ao pensar no Daniel pequeno tendo que lidar com a ausência da mãe e do pai que ele nunca conheceu. Ele ficou órfão com seis anos e essa realidade triste foi capaz de tirar o sexo da minha cabeça.

— Está tudo bem. — Daniel fechou a tampa do piano.

— Você toca ela sempre?

— Não, às vezes.

Ele levantou abruptamente e eu me sobressaltei.

— Venha, quero te mostrar uma coisa. — Ele me puxou pela mão para fora da sala de música e depois da casa.

Fazia vários dias que não nevava e a temperatura vinha subindo gradualmente. Ainda estava frio, mas a neve tinha baixado, deixando alguns lugares antes brancos mais vivos de terra e pedras. Caminhamos cerca de uns dez minutos pela trilha da propriedade, até chegarmos em frente a uma construção que eu reconheci na hora.

— Um estábulo?

— Sim, aí está, outra das minhas paixões.

— Cavalos?

— Isso mesmo, senhorita Aurora, aceita me acompanhar em um passeio?

Senti o rosto esquentar.

— Eu tenho medo.

— Medo?

— Sim, eles são enormes.

O Daniel achou graça.

— Enormes?

— E... e eles... não gostam.

— Como assim?

— Sei lá, só nunca subi em um, acho que eles não gostam. Bom... eu não gostaria que alguém montasse em mim.

Ele achou graça outra vez.

— Tem certeza, senhorita Aurora? Eu... não ligaria, contanto que fosse você a montar.

Abri a minha boca chocada com a brincadeira e a porta do estábulo foi aberta pelo Daniel. Fui empurrada para uma das baias livres e um beijo me deixou sem respirar.

Era assim, eu nunca sabia quando ele ia esquecer que éramos somente amigos até... até... as mãos dele subirem pelas minhas costas e o beijo se aprofundar, até eu estar tonta e mole e só pensando em sexo com ele outra vez.

— O que você está fazendo comigo? — perguntou ele ofegante e com a testa colada na minha.

— Correspondendo ao beijo?

— Isso também — ele afirmou e se afastou sem soltar a minha mão.

— Venha, quero te apresentar para um dos meus melhores amigos.

Alguns passos dados entre as baias, paramos em frente a uma específica. No interior dela vi um enorme vulto negro sair das sombras em direção à porta, em direção à mão estendida do Daniel. Meu estômago contraiu em um misto de nervoso e admiração: era um animal imponente. O pelo parecia lustrado. Era um cavalo preto com olhos que lembravam uma tâmara. Além do rastro da força e da vida, todo o resto se apagava naquele olhar. Ele fungou quando o Daniel tocou a crina de comercial de xampu estendendo a carícia pelo pescoço.

— Esse é o Mozart. Mozart, essa é a senhorita Aurora.

Entreolhei os dois, que eram dois machos impressionantes. Intuí que eles se respeitavam, como se reconhecessem o domínio e a força que um exercia sobre o outro. Daniel continuou acariciando o pescoço do cavalo.

— Às vezes, quando eu preciso falar algo, tirar algo da cabeça, quando estou triste, eu o monto e converso com ele, eu tenho certeza de que ele me entende... Quando o comprei, ele ainda era um potro. O Mozart me viu crescer — ele falou baixinho —, acompanhou um dos momentos mais difíceis da minha vida.

Estava tão perto dos dois, que escutava suas respirações alternadas e fortes.

— Quantos anos ele tem?

— Dezesseis anos.

— Isso é...

— Um adulto. Quer tocá-lo?

Senti meu coração ir na boca, queria? Neguei com a cabeça.

— Vamos, eu seguro a sua mão junto, não precisa ter medo.

E antes que pudesse responder, ele já levava minha mão até o pescoço do cavalo.

— Você está tremendo — Daniel disse junto a minha orelha.

— Estou? — Já não sentia nada, além daquele pelo quente e macio que se acomodava entre os meus dedos. Então, devagar, me encorajei e arrisquei uns movimentos circulares com as pontas dos dedos, até que algo mágico aconteceu: aquele animal enorme e poderoso soltou uma espécie de suspiro.

— Ai, meu Deus! — eu vibrei entre admirada e apreensiva.

— Sim, ele gostou de você. — Senti os braços do Daniel envolvendo minha cintura e me puxando sem aviso para longe do cavalo e mais junto dele.

— Nem se acostume, Mozart — ele falou com a voz divertida —, ela é minha.

Era? Era dele? Eu queria muito ser. Mas, ao mesmo tempo, eu não sabia. Seria capaz de ser dele, depois que ele me contasse o que o torturava? Ou o que me dava ainda mais medo, ele seria capaz de se entregar para alguém de verdade, de vencer o que quer que fosse que precisasse?

— Daniel — minha voz falhou e limpei a garganta —, o que te atormenta tanto? Do que que você tem tanto medo? Por que que você precisa vir para cá e conversar com o Mozart quando está triste?

Senti o corpo dele enrijecer atrás de mim. Ele ficou alguns momentos em silêncio e acreditei que ele pensava se iria me contar ou não.

— Confia em mim — eu o estimulei —, por favor.

Ouvi uma respiração profunda seguida de outra. Os braços que me seguravam afrouxaram. Perdi o calor do corpo junto ao meu. Virei e encontrei Daniel de costas, com os cotovelos apoiados na porta meio fechada do estábulo. Ele olhava para fora.

— Eu vou te falar... — ele disse. — Só não agora, não hoje.

Fechei os olhos. Meu Deus, que merda que aconteceu na vida dele? Eu queria convencê-lo a se abrir.

— Todos nós passamos por coisas difíceis em nossas vidas, todos nós nos sentimos sujos, ou errados em alguns momentos. Por isso, não se torture por suas escolhas ou por quem você acredita que é... Olhe para mim, Daniel.

Notei os sons naturais de um estábulo: cascos de cavalos em movimento, respirações, relinchos curtos e palha em atrito com corpos grandes. Muitos sons, menos a voz dele me convidando a entrar na sua vida.

— Você não sabe — foi mais um murmúrio do que palavras altas, ele ainda estava de costas.

— Não, não sei... Mas se você não me deixar entrar, nem eu e nem ninguém será capaz de ajudá-lo a sair de qualquer que seja o buraco que você abriu no coração e, pelo que eu posso sentir... tem tanta culpa aí, que parece que nem mesmo você lembra qual é a porta da entrada.

— Nós combinamos que conversaríamos no fim das apresentações. — Então, ele virou para me olhar. Os olhos estavam negros de tão azuis; dor, confusão e um rastro de culpa molhada, refletiam um turbilhão de emoções que eu não entendia.

— As pessoas falam como se soubessem — disse ele. — É muito irônico como quem nunca viveu uma merda de verdade, se sente no direito de tentar ajudar ou mesmo entender, ou acha que é capaz de lidar com o caos dos outros... Ninguém sabe de porra nenhuma, até que uma merda real lhe cobre a ponto de você achar que nunca será capaz de sair dela, sem sujar tudo a sua volta.

Senti a vontade de chorar envolver a minha garganta e engoli para poder falar:

— Eu nem sei do que estamos falando, como posso fazer qualquer coisa se eu não conheço quem...

— Você dançando o balé de um conto de fadas... isso é tão maluco — Daniel riu de maneira estúpida antes de acrescentar: —, porque você se parece mesmo com uma princesa: a Bela. Só que nessa vida, onde não somos um desenho animado.

E bateu no próprio pulso, para reforçar o que dizia.

— Nessa merda de vida de carne e sangue, existe um preço alto a se pagar por suas escolhas e, o pior, muitas vezes pagamos pelas escolhas dos outros também. Aqui nenhum milagre ou magia parece ser grande o bastante para nos libertar do peso do que carregamos.

— Me conta, me deixa entrar, Daniel — falei com as lágrimas descendo pelo rosto.

Ele venceu a distância entre nós e me abraçou com força, me surpreendendo.

— Para quê? Para você nunca mais me olhar do mesmo jeito? Quando eu te contar... Você... eu... eu não quero perder a luz que eu vejo nos seus olhos quando você me olha... Eu não quero, Nicole, que você tenha medo de mim — ele concluiu e me abraçou com tanto desespero, que algo dentro de mim quebrou.

Seja a ferida que for que ele carrega, ela é tão grande a ponto de ele acreditar que eu poderia ter medo dele. Nunca quis tanto sentir a dor no lugar de alguém. Nunca quis tanto que alguém dividisse a culpa por qualquer que fosse o erro ou o mal que o possuísse. Segurei seu rosto entre as mãos e, assim como o meu, o do Daniel estava molhado de lágrimas. Pensar no que poderia deixar aquele homem enorme e, aparentemente invulnerável, quebrado daquele jeito, fazia meu estômago gelar e as mãos suarem frio.

Ali, eu não quis que ele me contasse mais... porque... eu só queria consolá-lo.

Mentira, não quis que ele me contasse porque tive medo. Medo de verdade do que poderia ser. Por ele, por mim, por nós.

E então... eu entendi a fuga dele.

— Está tudo bem, nós conversamos quando as apresentações acabarem — concordei acreditando que só queria estar com ele, queria que nada tivesse a força ou a importância de mudar qualquer coisa entre nós. Entretanto, não sabia, não tinha mais certeza se seria assim, e somente por isso agradeci ao silêncio.

Ele respirou fundo e me beijou. Logo estávamos ofegantes e pedindo com os nossos lábios para que isso fosse o bastante, o suficiente para nos manter seguros e inteiros. Ao menos, durante aquele fim de

semana.

Capítulo 29



*“You’re constantly waiting for life
To start or for love to surround it
If you only looked right by your side
You’d find that it never had left you”*

Humans – The Scene Aesthetic

Daniel: Saudades.

Nicole: *Já? Vc acabou de me deixar aqui.*

Daniel: Eu sei, é que aquela casa parece grande demais sem você.

Nicole: *Mas você ainda não está em casa?*

Daniel: Não, estou exatamente na porta do seu prédio.

Nicole: *Aqui em baixo?*

Daniel: Eu deixei você, dirigi quinze minutos e voltei... Tô me sentindo meio idiota.

Nicole: *Haha, eu gosto de você meio idiota, melhor do que falando francês.*

Daniel: Então...

Nicole: *Então?*

Daniel: Meu Deus, Nicole, não faça eu me sentir mais imbecil ainda, tendo que pedir para você descer.

Nicole: *Haha, desculpe, não tinha me ligado... por que você não dorme no seu apartamento em Londres hoje?*

Daniel: Você está me convidando para dormir no meu apartamento?

Nicole: *Sei lá, se você quiser eu poderia te fazer companhia lá.*

Daniel: Me sentindo bem menos idiota... Desce e vamos jantar fora, depois...

Nicole: *Vou pegar umas roupas e desço em cinco minutos.*



Nathalia: *Cadê você? Eu cheguei em casa e achei que fôssemos ver um filme juntas.*

Nicole: *O Daniel passou aqui e saímos para jantar.*

Nathalia: *Ué, você não estava até agora com o Daniel?*

Nicole: *Estava, mas ele me deixou em casa e depois voltou... talvez eu durma no apartamento dele hoje, te aviso.*

Nathalia: *Oh, meu Deus! De verdade? Vocês já? Ele já?*

Nicole: *Não rolou nada, ainda... Mas...*

Nathalia: *Mas?*

Nicole: *Sei lá, estou me sentindo meio diferente.*

Nathalia: *Diferente? Como? Como? Como?*

Nicole: *Depois conversamos, Nathy, ele está na minha frente me encarando, enquanto eu teclo.*

Nathalia: Que bom, fale para o Daniel que é para ele sentir que ele reduziu a nossa amizade. Agora, quando estamos juntas, eu o divido com celular.

Nicole: Deixa de ser bobinha, minha amiga ciumenta, eu amo você.

Nathalia: Manda um chute na bunda dele para mim.

Nicole: Haha, vou deixar você dar pessoalmente.

Nathalia: Não dá, ele ainda é nosso diretor. Divirta-se.



Eu me sentia tocada durante os ensaios e isso nada tinha a ver com a música ou com a dança e sim com os olhos. Eu tinha que me concentrar para não perder os passos, enquanto notava Daniel Hunter me olhar com algo além da frieza analítica profissional. O dono dos olhos culpados pelo calor me olhava com tesão, eu tinha certeza. E quanto mais eu me entregava à dança, nos movimentos, mais isso parecia mexer com o inabalável senhor-maestro-Hunter. Por vezes, ele levava as mãos aos cabelos, esfregava os olhos e respirava com dificuldade como se fosse ele quem estivesse se exercitando. E perceber o quanto eu mexia com aquele homem com toneladas de cinismo, misturadas com quilômetros de poder, me deixava absolutamente em fogo. E isso me desconcentrava um pouco, então nos últimos ensaios errei mais do que normalmente.

— Senhorita Aurora, precisamos conversar — Daniel disse no melhor tom senhor Hunter dele.

— Está bem — respondi enquanto ele arrumava uns papéis em sua pasta.

— A sós... Espere todos saírem — ele afirmou sem olhar para mim.

— Ok — eu tinha certeza de que levaria uma bronca pelos meus erros no ensaio. Ele estava mais controlado e resolveu não gritar comigo na frente dos outros. Quando todos deixaram a sala, ele largou a pasta na cadeira e me olhou. Que olhar era aquele?

O ar ficou grande, não cabia mais dentro de mim.

Meu Deus, ele iria me matar?

Andei para trás até as costas baterem na parede. Daniel foi devagar para a porta em silêncio e a trancou. O ar aumentou ainda mais e respirar ficou impossível. Em dois passos, ele parou na minha frente, as mãos envolveram completamente a minha nuca. E antes que pudesse inspirar, a boca dele estava na minha, incendiando o resto do mundo. A língua entrava, saía, dava voltas e me enlouquecia tirando a estrutura do meu corpo. Eu não era alta, na verdade era mais baixa do que alta, só que o Daniel era enorme e, pela primeira vez, sem perceber eu o beijava em cima das pontas e isso facilitou o meu acesso

aos seus lábios. Os dois braços envolveram minhas costas e meu corpo se moldou por completo ao dele. Afundei os dedos em seus cabelos e ele gemeu dentro do beijo.

Interrompendo o beijo, enquanto eu lutava por ar, Daniel escorregou os lábios até a minha orelha e sussurrou com aquela voz morna de barítono:

— Você não faz ideia de como eu morro de tesão pelo seu corpo nessas roupas e há quanto tempo eu queria fazer isso com você, dentro delas. — Os lábios contornaram a linha do meu maxilar e abriram trilhas de calafrios pela minha pele. — Sapatilhas... — Daniel continuou. — Nunca achei que fosse ficar duro só de olhar para um par delas.

— Você tem tesão por bailarinas? — perguntei com a voz trêmula enquanto ele mordida e sugava a lateral do meu pescoço.

— Por essa bailarina aqui... e só por ela, morro. — Sufoquei um gemido quando os dedos dele apertaram os meus mamilos entumecidos pelo desejo. — Agora eu vou fazer você subir nessas paredes, sem dançar.

— O que... ahn... — foi tudo o que eu consegui dizer, porque a mão dele entrou na meia-calça e invadiu o meu *collant*.

— Não... vo... você está louco — eu disse sem fôlego.

— Shhhhh... — ele respondeu e me beijou outra vez, enquanto testava o meu equilíbrio com os dedos, virava o meu mundo do avesso e me fazia subir pelas paredes, como prometeu.



Na quarta-feira, recebi uma mensagem do Daniel:

Você estava linda ontem no ensaio. Parabéns, senhorita Aurora, foi perfeita... principalmente depois do ensaio.

O meu corpo esquentou com as lembranças do Daniel me fazendo ter um orgasmo, contra as barras da sala.

Nicole: As barras nunca mais serão as mesmas, você me deu um problema enorme para lidar.

Daniel: Problema enorme? Ahhh, Nicole, você não faz ideia do tamanho do meu problema toda vez que eu entrar em uma maldita sala de ensaio, pelo resto da minha vida.

Eu ri e digitei:

Nicole: Falando em ensaios... estou tão orgulhosa de você. Há duas semanas, você cumprimenta a todos quando chega, parabéns também, senhor Hunter.

Daniel: Não fique tão à vontade, MERDE!

Nicole: Haha, você está em casa?

Daniel: Saindo.

Nicole: Vamos fazer alguma coisa?

Daniel: Indo para a academia de música. Tenho um concerto para reger amanhã, esqueceu?

Nicole: Ah, verdade!

Daniel: Saudades.



Na quinta feira, mandei uma mensagem para o Daniel:

Nicole: Boa sorte no seu concerto, nos vemos amanhã no balé?

Daniel: Oi, meu anjo! Que saudades.

Nicole: (Suspiro). Eu também... Onde você está?

Daniel: Na academia.

Nicole: Hummm, ficando com ciúmes dela... Dizem que ela é imponente e muito chamativa.

Daniel: Haha, sim, ela é mesmo uma beleza.

Nicole: Danem-se vocês e fique com ela, eu vou arrumar algum pas de deux, o balé sempre foi a minha primeira opção mesmo.

Daniel: Senhorita Aurora tão impertinente, tenha mais respeito pelo seu diretor.

Nicole: Eu queria que o meu diretor perdesse todo o respeito e me levasse para um ensaio completo...

Daniel: Ahhh, Nicole.

Meia hora depois...

Nicole: *Você já pensou o que uma bailarina é capaz de fazer entre os lençóis? Imagina até onde eu consigo alongar as pernas?*

Daniel: Eu estou no meio de uma reunião, com outros dez maestros.

Nicole: *Imagine... Mesmo você sendo grande, acho que eu conseguiria jogar as minhas pernas sobre os seus ombros e você poderia me beijar, deitado em cima de mim... Meu alongamento facilitaria essa manobra, eu queria testar.*

Daniel: Sua diabinha, agora estou com uma ereção na frente de três velhos de oitenta anos. Você vai me pagar por isso.

Nicole: *Haha. Não esquece que amanhã tem o aniversário do Ivo.*

Daniel: Quem?

Nicole: *O senhor Florimundo.*

Daniel: Ah, sei, o príncipe encantado, que romântico.

Nicole: *Vamos, vai? Vai ser no Muse, todo mundo, até o senhor Evans, vai e... nós disfarçamos lá, e assim que der escapamos e podemos provar a teoria do alongamento, só nós dois.*

Daniel: Pare com isso, não está ajudando a minha situação aqui.

Nicole: *Haha brincadeira, sei que temos que esperar (cara de tédio) até depois das apresentações, mas estou com saudades.*

Daniel: Muitas saudades também. Por causa dos concertos essa semana, me atrasei com algumas coisas que preciso entregar, e temos o balé. Os ensaios estão a mil por aqui, não sei nem que horas consigo sair daqui amanhã.

Nicole: *Mesmo que saia tarde, eu posso te esperar, se você quiser, é claro.*

Daniel: Vou ver se consigo adiantar as coisas e amanhã fico liberado mais cedo.

Nicole: *Eba, que felicidade... Boa sorte hoje.*

Daniel: Te chamo quando acabar.

Larissa Paizante - Here without you ; Ana Barreto - The Longest Wave
Suelton Lima - Secrets; Tatila Oliveira - With arms wide open
Carolina de Abreu - Open your eyes; Patrícia de Oliveira - Never gonna be alone
Ariane Eleuterio - Memórias; Patrícia Chame - Demons
Fabiana Martino - Blind; Ana Caroline - Fonseca - Enchanted
Elizabeth Nambold - Eu te deixarei; Tatiana Ramos - Somewhere only we know
Janaina Ferreira - Resistance; SimãoOSPALHAK - Let her go

Ato 2 - A Visão

Thaís Morgana Farias - Savin me ; Danielle das santas - Sweet child o mine
Silvia Lima - Shake it out behind blue eyes; Izabel Euclides - Sugar
Ana Branger - Misunderstood; Laudicéia Balbino - Never gonna be alone
Aline Corrêa - Artie Monkeys; Patrícia das Santas - Just give me a reason
Ramila Macedo - Bohemian Rhapsody; Jéssica Medeiros - B.T.S.K
Lu Alves - Luz dos olhos; Erika Sousa - I hate u I love u
Joyce Penedo - This is love; Rubia Giovanella - Far Away
Priscila Souza - She; Andréa Barcellos - Bon Jovi
Fernanda Marques - Always; Olívia Martins - Turn on your light



Capítulo 30

*“We feel the love
Sparks will fly
They ignite our bones
And when they strike
We light up the world”
Firestone – Kygo*

O ensaio de sexta tinha acabado e estávamos em um grupo grande indo para a festa do Ivo. Nós andávamos entre risadas e piadinhas. Alguns abraçados, outros de mãos dadas. O corpo do balé composto por mais de cinquenta bailarinos, mais os seus quatro diretores, caminhando juntos, reforçava o sentido de união que nascia em um trabalho em equipe. A Nathalia vinha ao meu lado abraçada com o Paul. Ele havia nos encontrado na saída do balé. O ar frio entrava e saía fazendo fumaça no nariz. Não estava tão gelado, uns 12 graus mais ou menos. Frio o suficiente para fazer o ar ficar branco.

— O Richard perguntou de você — Paul falou.

— É... estou um pouco sumida, vou ver se ligo para ele.

— A Nicole está namorando o nosso diretor.

— *Shhh*, Nathalia, cale a boca.

— Ai, desculpa, achei que tinha falado baixo.

— Falou, mas isso não se fala aqui no meio — Olhei ao redor e completei: — nem alto, nem baixo, pelo amor de Deus!

— Qual deles? — Paul perguntou em tom de voz contido e apontou com a cabeça para o grupo de quatro pessoas onde os diretores caminhavam juntos.

— Aquele careca barrigudo — Nathalia brincou. Paul não conseguiu disfarçar e arregalou os olhos.

Eu dei risada, teria achado mais graça se Daniel não tivesse me enviado um pedido de desculpas meio sem graça, dizendo que não conseguiria ir hoje.

— Aquele é o senhor Evans — eu disse —, não é ele.

— Ainda bem, senão eu teria que conversar com o Richard para ele vir te socorrer.

Eu teria achado graça outra vez se não sentisse um incômodo e uma tristeza intrusa muito maior do que deveria sentir pelo motivo do Daniel não ter vindo conosco. Queria um namorado normal. Queria viver essa paixão. Sem medo de ser vista. Sem medo do que ele me contaria. Queria um namoro de verdade. Não era justo. Nada na vida parecia ser muito justo, exceto em alguns momentos. Ponderando: não é que a vida era injusta, é que esse lance de estar completamente à deriva, fora do controle das próprias emoções era sufocante, revoltante e meio alucinante. Por isso, nunca quis essa droga de me apaixonar. E quando aconteceu, quando eu poderia encenar e encarnar todos os clichês piegas e melosos de casais apaixonados, eu não tinha isso. Queria os clichês e queria todos eles. Andar de mãos dadas pelas ruas, ter uma música nossa, dividir o meu apartamento apertado em algumas noites com ele, sexo. Sexo. Sexo.

Pelo amor de Deus, eu tinha dezoito anos, queria muito mais do que tinha e queria já. Imediatista? Sim, isso sempre foi um dos meus defeitos, ou qualidades. Queria, na verdade, para ontem, tudo dele e um pouco mais. Estava disposta a entregar tudo. Acho que eu já tinha entregue mais do que gostaria.

Dane-se o passado, o drama que ele carregava, a porcaria da ética, eu precisava dele mais do que algum dia precisei de qualquer coisa, até do...

Balé?

Acho que é por esse tipo de pensamento louco e exagerado que as pessoas apaixonadas são tachadas de cegas e burras.

Dizem que os jovens quando se apaixonam são ainda mais intensos. Não queria resolver e nem comprovar as teorias do amor e do sexo, eu só queria... estar com ele de verdade.

O que toda pessoa apaixonada quer é ser correspondida, estar junto, porcaria! Não ter que mendigar por um beijo. Fazer valer toda essa loucura elétrica que tomava posse do meu sangue só de pensar nele. Fazer valer a falta de ar, o coração tresloucado todas as vezes em que eu o via, as 24 ou 48 horas por dia em que ele me acompanhava dentro dos meus pensamentos, embaixo da minha pele.

Mas não tinha nada disso. Ia para uma festa onde todos, ou quase todos, saíam acompanhados e fariam valer. Enquanto eu voltaria para casa sozinha tendo o senhor Darcy e o Fred Astaire para me fazerem companhia. Eles sempre me bastaram. Não mais. Inferno. Eu era feliz sem saber.

Chegando na festa, resolvi ser... jovem. Não gostava de beber, nunca gostei muito. Não era falso moralismo ou excesso de seriedade por causa do balé, não. A Nathalia mesmo vivia enchendo a cara quando saía. Eu é que nunca curti muito. Mas, naquela noite, frustrada, me sentindo colocada de escanteio outra vez pelos monstros do Senhor Sou Louco Hunter... eu bebi: uma cerveja, duas tequilas, três vinhos, quatro cervejas ou tequilas e...

— E aí, o maestro já regeu a sua sinfonia?

Eu gargalhei.

— Não, Nathy, ele não me comeu. — A música tocava alto e eu já nem ligava mais se alguém nos escutasse, estava puta e bêbada demais.

— Qual será o problema dele?

— Acho que ele é um vampiro.

— O quê? — a Nathy perguntou meio abraçada ao Paul que pedia uma bebida no balcão

— Vampiro, ele tem essa coisa de não me toque e pirou diante da possibilidade de ter me cortado um dia. — Ih, caramba, contei... dane-se. Não aguentava mais essa porcaria toda. Tudo rodava e eu ria que nem uma besta.

— Sério, Nicole, qual será o problema dele?

— É sério, Nathy, acho mesmo que ele é um desses vampiros com medo de xoxota.

A Nathalia estourou em uma gargalhada.

— Você fica engraçada bêbada.

Olhei para meus pés, depois para ela, escondendo a vontade de chorar. Não me sentia mais engraçada.

— Seja o que for, é algo tão horrível, que ele disse que acha que vou ter medo dele. Ele quer ter uma conversa séria e...

— Meu Deus, é sério?

— É.

Nathalia abriu a boca e depois fechou. Então, os olhos dela arregalaram.

— Ai, Nicole, será que ele é um tipo de louco, sei lá, psicótico, ou bipolar, será, será que ele pode te machucar?

— Cale a boca, Nathy! — Fechei os olhos e sacudi a cabeça. — Já pensei em tanta coisa.

— Será que ele foi abusado quando era criança? Ou abusado e torturado e agora não consegue fazer sexo sem ser de maneira perversa?

— Meu Deus, Nathy, pare! — Por isso, nunca contei para ela.

— Sei lá, esses romances que andam fazendo sucesso... a vida imita a arte ou...

— Não, acho que não. — Mesmo bêbada alguém tinha que manter a coerência.

— Talvez a conversa seja para propor um contrato e te colocar em uma coleira e te açoitar até tirar sangue ou então... Ele transa com cadáveres e quer que você participe, como é mesmo o nome disso?

— Para! Chega. Credo, se você continuar com esse filme de terror eu não vou dormir ou vou vomitar... Esquece isso, Nathy, vamos aproveitar e...

Começou a tocar uma música que eu sabia que a Nathy adorava.

— Kygo — eu falei.

— Uhuuuu! *Firestone* — ela vibrou. — Vamos dançar? Vamos, vai! — Nathy já me puxava entre as pessoas. Corpos se movendo, cheiro de fumaça e uma iluminação indireta. Era um desses lugares meio secretos que só entrava com nome na lista e nunca lotava demais. O nome do Daniel estava na lista e ele, idiota, não foi. Senti um toque no meu ombro. Virei e encontrei o Ivo. Ele era um cara bonito. Olhos verdes e intensos. Era um dos melhores bailarinos com quem já dancei e era o aniversariante.

— Dança comigo?

Nem pensei duas vezes, a música tinha um ritmo bem sensual, com uma batida gostosa. Joguei os

braços por cima do ombro do Ivo e começamos a nos mover. As mãos dele sustentavam minhas costas e me guiavam. Nossos corpos ondulavam conforme as escalas subiam. Entrei no clima da dança e no que ela pedia. Comecei a cantar olhando nos olhos do meu amigo, poucos centímetros entre nossos rostos, ele também cantava me olhando. Éramos parceiros de dança. Nossos corpos se conheciam e nossos movimentos se encontravam com uma perfeição ensaiada. Entre piruetas e levantamentos que tínhamos experiência em fazer, nem percebi que dávamos um showzinho para a pequena plateia no local. Só entendi isso quando paramos de dançar e muitos bateram palmas e assobiaram empolgados. Dobrei o corpo em um agradecimento exagerado e o Ivo me seguiu.



Daniel

Estava louco de saudades. E foi só por isso que eu saí da academia de música mesmo sem ter terminado o que precisava fazer. Foi pela vontade que tinha de estar com ela todos os malditos minutos do dia, que larguei alguns músicos antes do ensaio acabar e uma pilha de partituras para revisar. Durante o caminho inteiro até o bar, eu sorria como um adolescente idiota, somente pela expectativa de encontrá-la.

Tinha acabado de entrar, me desloquei tentando chamar o mínimo de atenção possível. Cumprimentei dois bailarinos e Danielle Voguel, uma das coreógrafas da peça. Nunca gostei de misturar a vida pessoal com a profissional, então eu deveria estar dando risada da minha cara na frente do espelho. Só que não era assim, as coisas dentro de mim estavam uma bagunça filha da mãe, não dava nem para achar graça.

Dei alguns passos com a cabeça baixa, queria chegar logo na frente do balcão do bar e tentar achar logo Nicole, sair dali o mais rápido possível e ficar com ela.

Filho da puta!

Sim, era isso mesmo que eu sentia ser toda vez que não conseguia manter as mãos longe dela. Encostei no balcão de madeira e pedi uma cerveja.

Estava com a garrafa a meio caminho da boca quando senti um toque no meu ombro.

— Nossa, você por aqui... que surpresa!

Virei e fiquei de frente para Marie.

— Oi, senhorita Carobasse — disse forçando uma expressão de saco cheio. *Como essa mulher é sem noção!*

— Eu adoro quando você me chama assim, a fada má... é tão sugestivo... Acho essa coisa do senhorita isso, senhorita aquilo super sexy.

Dei um longo gole no chope e ignorei.

— Não esperava te encontrar aqui. — Ela apertou meu braço e se aproximou mais do que devia.

Fechei os olhos e respirei fundo, ela estava bêbada. Merda!

Passei a olhar para frente procurando Nicole.

— A Aurora e o príncipe dela estão dando um showzinho — Marie falou e apontou a pista.

Foi somente aí que reparei que tinha um casal dançando no meio de uma roda aberta de pessoas. Todos assistiam ao tal “showzinho” entusiasmados. O bar era em uma área mais alta, o que dava uma visão de camarote para a dança do casal.

Aquilo não era uma dança, aquilo era...

O filho da puta do Ivo estava com a mão na bunda e a boca junto à orelha dela, enquanto eles se moviam colados.

Nicole sorriu e enroscou os dedos nos cabelos daquele puto.

Meu sangue ferveu.

Ele a virou de costas para ele, as mãos nos quadris dela, guiando-a, e então ela esfregava o traseiro no pau daquele desgraçado!

Minha visão embaçou.

— Nossa, com certeza, se ele não ainda a comeu, vão sair da pista direto pro banheiro. — Alguém disse ao meu lado, nem vi quem.

— A gente podia fazer igual, só que em um quarto — Marie soprou na minha orelha.

O copo quebrou em minha mão, mas era a cara daquele filho da puta que eu queria quebrar. Senti alguns cacos entrarem na pele. Um pouco assustado com meu descontrole, olhei para a minha mão.

Merda, eu me cortei!

Eu precisava sair dali, tinha que sumir rápido, antes que machucasse alguém de verdade.

Olhei para o sangue e senti o cheiro de fumaça misturado a confusão do bar.

— Nossa, você está bem? — Marie perguntou.

— A merda do copo já devia estar trincado — respondi, virei de costas para ela e saí.

Acho que Marie tentou falar mais alguma coisa. Não sei, não consegui ouvir.

Olhei outra vez para a pista, as mãos do Ivo estavam embaixo dos seios dela.

Nicole era uma visão com os lábios entreabertos, as maçãs do rosto coradas e os olhos brilhando. Os mesmos lábios que eu queria beijar, reclamar, possuir. Uma expressão de prazer atravessou o rosto dela e fez meu coração sangrar mais do que o corte na minha mão. Fechei os olhos com força ao entender que aquilo não era errado, era isso que Nicole merecia: alguém como Ivo, cheio de coisas boas a oferecer e não um desgraçado como eu. Meu maxilar travou e os olhos arderam. Mas essa certeza não era o bastante para acabar com a minha loucura por aquela garota. Apertei a mão cortada e nem senti dor. Saí de lá quase correndo com a certeza de que se não saísse, eu faria alguma besteira.

Aproximar-me dela foi a maior besteira que fiz. Sou eu quem estou errado.

Saí o mais rápido que consegui lutando para não matar alguém e para não chorar como uma criança,

lutando contra o maior ciúme que já senti na vida e contra a certeza de que eu deveria ir embora da vida da Nicole, não somente hoje, mas para sempre.

Capítulo 31



*“Oh don’t don’t don’t get out
I can’t see the sunshine
I’ll be waiting for you, baby
Cause I’m through
Sit me down
Shut me up
I’ll calm down
And I’ll get along with you”
You Only Live Once – The Strokes*

Semana da estreia.

Adrenalina solta no sangue.

Concentração, equilíbrio e disciplina.

Ao menos era como deviam funcionar as coisas dentro de mim. A estreia da minha vida. O dia mais importante do universo a apenas alguns passos de distância. E me sentia meio torta por dentro.

Há duas noites não dormia direito, meu apetite foi reduzido ao de uma formiga bulímica.

Queria e precisava ficar sozinha, então quando Nathalia estava em casa, eu deitava na cama fingindo dormir, ou me trancava no banheiro com algum livro durante um tempo. Nathy tentava dizer coisas para me acalmar, trocávamos incentivos e tentávamos parecer duas amigas normais.

Mas nada parecia normal.

Ela também estava ansiosa com a estreia. Então, nos conhecendo e entendendo nosso humor volátil, mantivemos uma distância saudável e necessária naquele momento.

Eu me sentia meio doente, não era uma doença física. Nada tirava o ar do meu sangue e a alma da pele, enquanto eu pontilhava qualquer piso. Afinal, dançaria em um palco enorme, iluminado, um teatro para três mil pessoas. O maior e mais bem preparado teatro de Londres. Talvez do mundo. O piso que as minhas pontas iriam esmagar era perfeito: camadas de texturas anti-impacto, cobertas por uma lâmina especial que tornava desnecessário o uso da parafina era... incrível. As sapatilhas que sustentariam meu corpo eram as melhores do mundo.

Nem sempre tudo pareceu tão certo, tão dentro do lugar e mesmo assim... não estava certo, meu mundo estava errado.

Por quê?

O nervoso extraordinário com a estreia, claro, mas tinha também meu coração masoquista e idiota que escolheu esse momento para experimentar o que era estar apaixonado. Detalhe: o objeto dessa experiência, também conhecida como Daniel, a levava ao limite do suportável. Há exatamente três dias, o senhor-louco-Hunter ignorava minha existência.

O final de semana passou, eu enviei dez, vinte... Perdi a conta de quantas mensagens enviei e não foram respondidas.

Hoje é terça-feira, o nosso antepenúltimo ensaio antes da estreia, marcada para sábado. Era assim que funcionava: três ensaios gerais, com um dia de descanso e estreia. Não tinha nada de errado com o calendário antes da estreia, mas meu mundo virou do avesso porque eu não conseguia entender o que diabos poderia ter acontecido com aquele homem, com aquele louco, com aquele... Deus! Precisava me concentrar, senão...

Ele viria no ensaio de hoje.

Eu andava nos corredores do balé com um café quente nas mãos. Lutava para manter os dedos longe daquela parte do copo sem proteção. Olhei para a Nathalia que caminhava ao meu lado, ela brigou com o Paul no dia da festa do Ivo. Minha amiga ficava de péssimo humor quando isso acontecia. Aquele imbecil do Paul deu um show de ciúmes no meio do bar.

Idiota! Gritou com ela na frente de todo mundo.

Então a briga com o Paul, ou a bebida, fizeram Nathy esquecer ou não dar o grau de importância que ela dava à minha vida amorosa. Ela não tocou mais no assunto do que tinha contado para ela na noite da festa sobre o Daniel.

Eu nem tive coragem de dizer que o maluco do nosso diretor resolveu brincar com meu controle emocional uma semana antes da estreia. Ela iria querer matá-lo. Se isso acontecesse não seria legal, não, não antes das apresentações.

Devia estar exagerando.

Nós éramos o que, afinal?

Nada.

Ou quase nada.

Uma amizade indefinida.

Coloquei o café em cima do balcão do vestiário.

— Você não vai mais tomar seu café? — Nathy perguntou.

— Acho que não.

Peguei o celular de dentro da bolsa. Ele estava desligado desde ontem à tarde. Achei que era melhor fazer isso do que morrer de ansiedade. Eu vinha olhando para aquela maldita tela de dez em dez minutos, esperando que Daniel desse algum sinal de vida. No domingo fiquei tão preocupada que liguei para a casa dele. Senhor Clark atendeu com toda a educação britânica. Disse que estava tudo bem, mas que o

senhor Hunter, psicótico dos infernos, estava em Londres. Ele estava muito ocupado tentando ferrar com a minha cabeça.

— A senhorita quer o telefone dele em Londres?

— Não, obrigada — respondi.

E foi aí que resolvi desligar o aparelho.

Respirei fundo e apertei o botão. Precisava checar se tinha alguma mensagem antes do ensaio... Minha mãe poderia ter ligado ou... ridículo. Queria ver se ele tinha resolvido dar algum sinal de fumaça. Meu coração comprometido disparou. A tela acendeu alguns segundos depois e... o sinal verde subindo a entrada de uma nova mensagem. Era dele. Ontem à noite, só.

“Oi. Boa noite, desculpe, estive ocupado e não consegui te responder, depois conversamos melhor.”

Pronto, era isso, sem beijos, sem saudades. Sem merda nenhuma. Ao menos era algum sinal. Me olhei no espelho ao passar.

Concentre-se, porcaria!



Capítulo 32

*“What a wicked game to play
To make me feel this way
What a wicked thing to do
To let me dream of you
What a wicked thing to say
You never felt that way”
Wicked Game – Stone Sour*

Ivo já me esperava em cima do palco. Nos últimos ensaios dançaríamos com todo cenário, figurino... tudo. Era quase uma apresentação real, com exceção da orquestra, que só ensaiaria junto nos dois últimos ensaios, antes da estreia.

Quando cheguei ele já estava lá sentado com uma prancheta na mão e nem levantou os olhos. E não cumprimentou ninguém. O contato visual mantido nos outros ensaios, um sorriso de aprovação, ou qualquer gesto que demonstrasse que tinha um ser humano vivendo ali sumiram durante as quase três horas de peça.

Esse era meu último *pas de deux*, o ensaio chegava ao fim, o que significava que se fosse uma apresentação normal, a peça também estaria acabando. Algumas correções foram feitas pelo senhor Evans: tempo, posicionamento, pequenos ajustes corporais. Daniel permanecia mudo, vez ou outra rabiscava algo na prancheta. Ele e o vinco enorme entre as sobrancelhas, que era a única testemunha de que havia algo em sua mente.

No final do número, assim que os aplausos diminuíram, a voz do senhor Hunter fez quase todos se calarem e olharem na sua direção:

— Eu tenho algumas observações a fazer.

Ele caminhou até nós dois e disse com toda a calma que eu nem sabia que tinha:

— Não, senhor Florimundo, não está bom. Não é isso que as pessoas esperam ver de um casal apaixonado. Vocês estão apaixonados, não estão?

Senti o estômago gelar e vi o Ivo consentir com a cabeça.

— Ótimo — ele prosseguiu —, mostrem isso, pegue-a de verdade, ela é a princesa dos seus sonhos,

vocês esperaram a vida inteira por isso... Certo?

Ele olhou para o senhor Evans que apenas concordou e fez algumas observações mais técnicas sobre o nosso número. Senhor Hunter voltou a falar:

— Sabe o que queria de vocês? Que mostrassem a mesma vontade e calor de sexta à noite, enquanto dançaram no bar, no aniversário do senhor Florimundo.

Os meus olhos quase saíram de órbita de tão arregalados e isso ficou claro pelo que Daniel disse em seguida:

— Não façam essa cara, mais da metade das pessoas aqui assistiram e devem concordar comigo. Ali, sim, foi perfeito, vocês devem ter saído de lá direto para a cama mais próxima... E é isso que se espera de um casal que expressa a paixão e amor através da dança, é aquela energia sexual que eu quero que vocês transmitam nas noites de apresentação, entenderam? — As sobrancelhas dele arquearam enquanto o ar subia e descia em meu peito.

Ele nos viu dançando na sexta?

É claro que viu, então ele esteve lá. A mão do Ivo apertou de leve a minha. O que o Daniel falou sobre cama? Ah, sim, que saímos de lá para a cama mais próxima.

Filho da puta!

Senhor Evans disse qualquer coisa a respeito, assim como Ivo, mas eu não conseguia ouvir mais nada.

Desgraçado!

Olhei para o senhor Evans e perguntei juntando o pouco de voz que consegui encontrar:

— Estou dispensada?

O diretor concordou e murmurei um “obrigada” para o Ivo e saí. Não olhei para o Daniel novamente. Senti os olhos dele queimarem as minhas costas enquanto me afastava



Eu me vestia para ir embora, quando Nathalia se aproximou.

— Que idiota louco! Nós estamos cercadas de malucos imbecis... Só que o seu consegue ser pior por ser nosso diretor de merda. — Senti a mão dela apertar meu ombro em um gesto de apoio.

— Vou ficar por aqui mais um tempo — disse, pegando minha mochila.

— Tem certeza? — Nathy perguntou.

— Sim... preciso dançar.

— Ok, se cuida, amiga.



Capítulo 33

*“Now the muse she was his happiness
And he rhymed about her grace
And told her stories of treasures
Deep beneath the blackened waves
The Poet and The Muse – Poets of the Fall*

Liguei a música do meu *iPad*, tinha acabado de sair do teatro onde aconteceu o primeiro ensaio geral e onde o psicótico do Daniel, me humilhou outra vez.

Meu Deus!

Não com o balé. Não com ele sabendo o quanto eu lutava para estar onde estava.

Como ele pôde fazer uma coisas dessas? Quem ele achava que era para me tratar daquele jeito na frente de todos? Ai que ódio!

— Senhorita? — Olhei para a porta e vi um dos seguranças do prédio. Eu o conhecia, era o senhor Harrison.

— Está tudo bem, senhor Harrison, vou treinar mais um pouco hoje.

— Ok, deixe a chave da sala na portaria quando sair.

— Está bem, obrigada.

Abri minha mochila e tirei as sapatilhas, as mesmas que usei há pouco. Sentei para calçá-las. Reforcei o esparadrapo em volta dos dedos e fiz uma careta de dor. Precisava de uma bacia de gelo. Precisava dançar até ficar inconsciente. O ar entrava e saía dos meus pulmões. A música começou. Minha pele passou a respirar o som. Era uma versão clássica de *The Unforgiven*, do Metallica.

Eu, o piso, meu corpo e a dança.

Eu, o céu, os movimentos e a música.

Eu, o êxtase, a entrega e a melodia.

Eu, o suor, a liberdade e a alma.

Não sei quanto tempo passou. Podiam ser horas ou dias. Fechei os olhos e outra música começou. Quantas foram? Já não contava. Era *One*, do U2. Meu cabelo estava molhado. Não sentia mais o corpo. O ar me mantinha em pé. Ou era a música? Tinha tirado as sapatilhas e o coque. Fiz movimentos no chão e em pé entremeados de arabescos e piruetas. Eu precisava colocar tudo para fora. Não pararia até a raiva e a dor irem embora. Só o balé podia tirar essa obsessão do meu sangue. A raiva por ter entregue... Um *jeté*, um *entrechat*, algumas piruetas e um *cabriole*... Por ter entregue meu coração para um idiota. Eu seria perfeita na estreia. Nada iria estragar isso. Braços para cima, uma volta com todo o corpo e dois braços na minha cintura me segurando.

— Pare, Nicole, pare! — Abri os olhos e encontrei Daniel com a boca meio aberta, a respiração curta. Ele olhava pálido para o chão. Abaixei o rosto e o motivo: sangue. Meu sangue, dos meus pés. Passei as mãos nos olhos, tudo estava embaçado. Lágrimas ou suor, eu já não sabia.

— Pare! — ele voltou a repetir me apertando em seus braços. Então o mundo esquentou e derreteu. Queria muito bater nele e bati: no peito, nos braços, no peito de novo. Várias vezes, mas Daniel nem se mexeu. Não sentia o corpo, não tinha mais forças para ficar em pé. Ele me ergueu no colo.

— Me solta! — exigi entredentes.

— Estou atrás de você há horas, fui no seu prédio, andei em todos os bares e restaurantes vizinhos, te enviei umas cem mensagens... até que resolvi voltar para cá. Estou há um tempão rodando neste maldito prédio.

— Me solta! — Ele já me levava para fora.

— O que você pensa estar fazendo, Nicole? Olhe para você... olhe seus pés.

Olha o meu coração, seu idiota. Olha o que você fez. Olha para mim e me enxergue de verdade. Era o que eu ia dizer, mas estava exausta como nunca me senti na vida e me deixei apoiar no colo dele.

Sáímos do prédio, nos aproximamos do carro. Daniel abriu a porta e me colocou no banco do passageiro.

— As minhas coisas — consegui dizer.

— Eu peguei.

Fizemos a viagem curta em silêncio. Me sentia confusa, dolorida e com tanta raiva, que tinha medo de explodir se falasse alguma coisa. Ele parou o carro.

— Você precisa cuidar do seu pé, colocar no gelo.

Seu idiota bipolar, eu sei o que preciso. Coloquei a mão na trava da porta. Ele segurou meu ombro.

— Nicole... — Daniel sacudiu a cabeça. — eu...

Minha respiração voltou a ficar curta, mas não era pelo esforço físico e sim pela raiva. Pelo ódio de tudo aquilo.

— É um filho da puta! — explodi e resolvi falar o que tinha vontade. Ele iria ouvir.

Vi as narinas dele inflarem conforme puxava o ar com força.

— Sim, talvez, mas...

— Qual é a sua? Qual o seu problema? Você some três dias e então surta no ensaio, seu cretino imbecil! — Virei de lado para poder encará-lo. — Se você tem merdas na sua vida, parabéns, eu também

tenho, só que não as jogo na cara de todos aqueles que respiram na direção diferente da que eu quero.

Ele ergueu a mão como se fosse me tocar.

— Nicole... me desculpe.

— Estou cansada, Daniel, estou realmente esgotada de tudo isso que tentamos fazer, eu nem sei o que tentamos, se é que tentamos alguma coisa.

— Eu surtei de ciúmes. Ele, aquele idiota do Ivo, estava no banheiro masculino falando que queria te comer e depois da dança que vi no bar... Porra, Nicole, eu...

— Não quero saber! Você não tem o direito de surtar em cima da minha vida, o balé é tudo, entendeu? Tudo para mim! Está vendo isso daqui? — disse apontando para os meus pés. — Isso é o que eu entrego para o balé e ele me dá tudo de volta... enquanto você... você não me dá nada, nem a porcaria da verdade.

— Eu... eu... acho que você está exagerando, eu...

Saí do carro batendo a porta com força. Ele veio atrás de mim.

— Me escuta, Nicole, me deixa falar, vamos conversar. Eu quero, quero te contar tu...

— O quê? Você o quê? Faltou me chamar de puta na frente de todo o corpo do balé.

— Não, eu não...

— Você não sabe nada da minha vida. Você acha que tem problemas? Que sofreu, que sofre? Eu enfrentava duas horas de viagem por dia pela chance de dançar... Eu não tinha dinheiro para comprar sapatilhas, então minha mãe dormia em cima da máquina de costura para que eu pudesse trocar o máximo de pares possível... dancei com roupas remendadas e sapatilhas estouradas — ofegava e tremia de raiva e por toda a revolta que sentia por ele ter, mais uma vez, me humilhado, me machucado. — Sabe por que eu resolvi fazer balé? Bonito dizer que foi o Fred Astaire, né? Sim, eu queria dançar como eles, mas sabe por quê?

Ele negou com a cabeça.

— Porque minha mãe dizia que eles eram como anjos. Eu queria ser um anjo para ela, não porque eles são seres celestiais e sim porque a única lembrança que guardo do meu pai e dela juntos, é ele batendo na cara dela com tanta força que ela caiu no chão... Depois disso, ele saiu, ela me pegou no colo e fugimos de casa. Eu não tinha nem cinco anos. Nós não tínhamos para onde ir e dormimos uma noite na rua... Eu só me lembro dela chorando e pedindo aos anjos que nos protegessem. Foi ali, naquela noite, que eu quis mais do que nunca ser o anjo... Por isso, resolvi que dançaria para sempre.

Tomei o ar pela boca, Daniel me encarava com os olhos enormes.

— No dia seguinte — continuei exaltada —, nós viajamos para o Rio, onde a família da minha mãe morava. Eu nunca tive uma tia rica que sustentasse os meus sonhos. Eu lutei muito, dei tudo o que podia para o balé, tudo.

Senti as lágrimas descerem pelo rosto.

— Você e ninguém mais tem o direito de me enlouquecer, de tentar tirar isso de mim, apesar de você tentar, como você mesmo disse que insistia para que o senhor Evans me tirasse do papel principal.

Ele abriu a boca para falar, mas eu gritei impedindo-o:

— Eu não vou falhar, vou ser muito mais, muito mais perfeita do que você acredita ser possível, vou

te provar e provar para todos que eu mereço estar onde estou.

— Nicole — a voz dele saiu quebrada —, eu nunca disse que...

— Chega, merda, chega! Nós estamos há poucos dias da estreia e eu não quero ouvir mais nada... estou exausta.

Fechei os olhos e senti o coração afundar antes de dizer:

— Acabou, Daniel, o que quer que estávamos tentando fazer acabou. — Völtei a encará-lo.

Vi-o assentir com o olhar baixo.

— Está bem, boa sorte na estreia, eu sei que você conseguirá ter o sucesso que merece. — Ele virou o corpo e saiu.

Conforme Daniel andava, levava junto pedaços da minha alma, parte de tudo o que eu acreditei ser a minha paz e aquilo que batia dentro de mim. Ali no peito, restou só uma coisa: vazio.



Quando entrei em casa, Nathalia veio correndo até a porta.

— Nicole, graças a Deus, que demora! Está tudo bem?

— Acabei tudo e...

— Ah, meu Deus, Nicole! — Nathy olhou para os meu pés. Sem dizer mais nada, ela foi até a cozinha e voltou com uma bacia com gelo e água. Sentamos no sofá e mergulhei os pés na água gélida. Senti muita dor e, então, aos poucos, alívio.

— Ele me encontrou enquanto eu dançava — disse olhando para baixo. — Eu não o deixei nem falar... Terminei tudo.

Ouvi a Nathalia suspirar.

— Talvez tenha sido melhor assim.

Estava tão confusa que já não sabia.

— Talvez...

Ela me abraçou de lado.

— Você vai ficar bem, minha amiga.

— E você e o Paul? — queria mudar o assunto, precisava, na verdade.

— Ele veio aqui... e... — Ela encolheu os ombros. — não aguentei, nós voltamos.

— Fico feliz por vocês terem se entendido.

Eu não estava feliz... o mundo do avesso não me deixaria ficar feliz com nada.

Depois de me ajudar a fazer os curativos nos pés, nós fomos para a cama. Quando Nathy dormiu, me permiti chorar. Não queria preocupá-la. Também não gostava de chorar na frente dos outros. Lembrei do Daniel e da expressão dele quando o mandei embora: os olhos cheios de lágrimas.

Eu nem ao menos o deixei falar.

O balé era minha vida, meu mundo, tudo.

Nunca era o bastante. Nunca bom o bastante.

Nunca o suficiente, mais horas de treino, mais perfeição.

Nunca errar, não podia, não era permitido errar.

Daria tudo, extraía tudo. Morreria se fosse preciso, mas não deixaria de dar tudo.

Dor nos pés, nos músculos por dentro e por fora.

O balé era o meu mundo. Por quê?

Eu só queria ser o anjo. As lágrimas e os soluços abafados pelo tecido e pela espuma, agora estavam mornos. Eu amava a minha mãe. Ela sempre quis que eu fosse perfeita, por quê?

— *Ser alguém, conquistar o mundo — ela dizia —, brilhar de algum jeito.*

Perfeita. Horas de treino. Horas de vida.

Me perdoa, mãe, eu não sei se vou conseguir. Solucei.

Tudo parecia tão certo antes.

Por que ele tinha que entrar na minha vida?

Agora era ele quem exigia a perfeição.

Toda a minha equilibrada disciplina descia em uma umidade quente pelo rosto. Eu já não sabia se o balé poderia remendar qualquer coisa. Dormi sem encontrar o conserto para a dor. Ele queria falar. Era eu quem precisava ouvir. Essa era a única certeza que eu tinha naquele momento.



Pão quente: torradas, baguetes, *croissants*. Essa era a única coisa capaz de despertar meu apetite pela manhã. Com geleia, manteiga ou ovos mexidos. Nunca importou o acompanhamento, pães sempre me deixavam com fome. Mas naquela manhã após a briga com Daniel nem a ideia da Nathy de comprar um pão recém-assado me animava. Minha consciência estava ocupada demais lutando: uma parte dizia que eu tinha feito a coisa certa, acabar tudo foi o certo a fazer. Outra parte — infelizmente a maior naquele momento — fazia eu me sentir triste e arrependida por não ter nem mesmo deixado ele falar. *Eu devia ao menos o ter deixado falar.*

— Vou buscar uma baguete quentinha para você — Nathy disse, já abrindo a porta —, você precisa comer alguma coisa e... — ela parou.

— O que foi?

— Meu Deus! — ela exclamou com um sorriso na voz.

— O quê? — Me ergui do sofá tentando enxergar.

Nathy virou para mim.

— Ele parece um bêbado ou um mendigo na sarjeta.

Me levantei.

— Quem?

Nathy saiu da frente da porta e eu enxerguei: Daniel estava sentado no hall com as costas apoiadas na parede, as pernas esticadas e a cabeça caída para o lado. Ele dormia.

Meu coração acelerou. Há quanto tempo ele estava ali?

Me aproximei devagar. Ele usava a mesma roupa que vestia ontem durante o ensaio, tinha a barba por fazer e olhos sombreados pelo roxo de olheiras. Abaixei junto a ele, estendi a mão incerta e toquei no seu ombro de leve a fim de acordá-lo.

Daniel abriu os olhos, a princípio lentamente, e então os arregalou de uma vez, parecendo assustado como se não soubesse onde estava. Olhou ao redor e depois para mim. Esfregou as mãos no rosto, inspirando o ar devagar. Tive vontade abraçá-lo. De dizer que tudo estava bem, que eu queria consertar as coisas, que o desculpava. Engoli as palavras junto com a vontade de chorar.

— Eu não consegui ir para casa — ele falou.

Concordei com a cabeça.

Ele deixou a mão escorregar pelo chão. Fechei os olhos quando ele cobriu a minha mão com a dele.

— Daniel — comecei sem saber como terminar a frase.

— Por favor, me deixe falar — ele sussurrou —, eu quero te contar tudo, você vai entender que tudo... tudo tem um motivo.

— Agora? — perguntei com um fio de voz e com o coração na boca.

— Sim, chega de fugir, chega de adiar.

Eu o encarei.

— Depois que eu falar tudo, nós... não... — ele se deteve antes de acrescentar: — eu te deixo em paz depois que te contar tudo, eu... só preciso que você saiba que tudo o que fiz, toda a minha fuga e até mesmo o meu ciúme tem um motivo para existirem.

Os dedos dele apertaram os meus e Daniel levantou me puxando junto com ele para cima.

— Por quê? — perguntei precisando entender.

Ele soltou o ar devagar.

— Porque eu sei... porque sei que você merece mais.

Franzi o cenho sem entender e olhei para a porta fechada. Nem percebi que a Nathy havia entrado.

— Você vai entender — ele afirmou triste e meu coração encolheu.

Sentia medo, dúvida, curiosidade, nervoso... Tudo misturado. E como se estivesse movida por uma corda, tipo um brinquedinho irracional, o abracei. Senti os lábios dele beijarem minha fronte e a sua respiração quente se aconchegar em meus cabelos. Ele se afastou devagar ainda segurando minha mão.

— Vamos, vou te levar para um lugar... Eu quero que você entenda e veja com os próprios olhos a história que vou te contar.

— Está bem... vou apenas avisar a Nathy que sairemos.

Ele concordou em silêncio.

Meus ouvidos reclamavam a ansiedade e o nervoso que fazia tudo em mim estalar diante da certeza da conversa que, enfim, teríamos.



Capítulo 34

*“Love is our resistance!
They keep us apart and won’t stop breaking us down
And hold me, our lips must always be sealed”*
Resistance – Muse

Foram vinte minutos de caminho feito em silêncio.

A música era a única companhia do ar condicionado dentro do carro.

Vez ou outra, ele olhava para mim ou segurava a minha mão.

Tinha tantas perguntas na cabeça, muitas delas.

Para onde estaríamos indo?

Eu deveria estar um pouco assustada?

Por que o silêncio no carro parecia obrigatório?

Às vezes, o silêncio entre duas pessoas era confortável. Uma maneira de estar mergulhado em seu próprio mundo, mesmo na companhia do outro. A quietude confortável não era pesada, ela era natural. Essa não era a confortável, era a que antecedia uma conversa séria.

Decisiva. Aguardada. Difícil.

Como se nada mais pudesse ser dito sem ser essa conversa. Não foi um silêncio com ausência total de frases trocadas, mas houve algumas bem espaçadas.

— Você está tranquila com a estreia? — ele perguntou.

— Um pouco ansiosa — respondi.

— Gosta dessa música?

— Hum-hum...

— Não está mais tão frio.

— É verdade.

As trocas existiram, mas o silêncio era maior do que elas. Sabia que nada do que pudéssemos dizer importava, sem ser o que realmente nos dirigíamos para falar.

Entramos no bairro de Highgate. Reconheci o Waterlow Park. Quase nunca vinha para esta região. Senti o coração disparar ao perceber que Daniel diminuiu a velocidade do carro. Era o portão de entrada do Highgate cemetery. Olhei para ele buscando confirmação. Ele encontrou uma vaga. O carro foi desligado.

Minhas mãos tremiam. Acho que minhas pernas também.

— Cemitério?

Ouvi uma respiração longa dele.

— Você vai entender.

Ele virou o rosto e me encarou, os olhos vinham de uma cor azul nova, como se guardassem no fundo algo além do que ele iria me contar.

— Vamos? — Ele abriu a porta do motorista.

Não sabia mais se queria ou não descer do carro. O que ele iria me mostrar ali dentro? Vi Daniel dando a volta e abrindo a porta para que eu descesse. Em seguida, ele estendeu a mão em um gesto de convite. A dele também tremia. Então, percebi que aquilo devia ser infinitamente mais difícil para ele do que para mim. Movida por essa certeza, encontrei a força para segui-lo.

Dizem que era um cemitério histórico, conhecido por suas esculturas vitorianas e egípcias, conhecido por ter pessoas famosas entre as lápides. Havia alguns turistas fotografando.

Meu Deus!

Não conseguia ver nada além dos nossos pés caminhando entre as trilhas, a vegetação sobrepondo-se às lápides e mostrando que a vida seguia e que até mesmo os nomes daqueles que estavam ali eram cobertos.

Daniel parou em frente a uma lápide específica, a minha mão suava frio. Eu já não identificava o que era o chão, os meus pés, o meu coração roubando o raciocínio e a ansiedade que me fazia tremer.

Olhei a lápide. Sentia tanto medo que não consegui unir as letras para ler.

A voz do Daniel chamou a minha atenção:

— A minha mãe morreu quando eu tinha pouco mais de seis anos. A ironia é que ela morreu e, então, anos depois... — ele me olhou —, eu tive que aprender muito cedo a conviver com essa realidade. A fragilidade da vida. A verdade de que ninguém sabe quando será o último dia por aqui. Quando uma criança fica órfã tão cedo como eu, não se aprende pelo amor e sim pela dor, pela falta... por aquilo que nunca ninguém será capaz de preencher ou consertar.

Lágrimas geladas encharcaram o meu rosto. Senti o sopro frio do vento comprovar o molhado da pele.

— Só que, além de todas essas lições que qualquer pessoa órfã tem que aprender, eu também tive que aprender outra coisa mais tarde...

Ele olhou para baixo e, em seguida, para as próprias mãos.

— Eu tinha dezenove anos e era músico, tocava em uma banda nos primeiros anos de faculdade... Eu

sempre gostei de rock... Eu tive uma amiga, na verdade era mais do que uma amiga, ela era alguns anos mais velha e era a vocalista. Nós tocávamos juntos e... também dormimos juntos. E em meio à idiotice da juventude e da bebida, nós transamos sem camisinha algumas vezes.

— Meu Deus! — sussurrei sem perceber.

Ele esfregou os olhos parecendo cansado.

— Então a banda se desfez e algum tempo depois eu... eu namorava outra garota: a Mirela. — Ele apontou com a cabeça para a lápide e eu não tive coragem de olhar.

Daniel estava com os olhos cobertos de lágrimas. Eu sentia a respiração e o corpo tremerem.

— A Mirela tinha dezenove e eu vinte. Nós nos apaixonamos, quer dizer... achávamos que estávamos muito apaixonados. Namoramos durante seis meses... e eu...

O maxilar do Daniel travou, ele fechou os olhos, desolado.

— Nós resolvemos transar sem camisinha. Ela tinha feito todos os exames há um tempo... Eu tinha feito menos de dois anos antes, eu não achei... — A voz dele falhou. — eu não achei que precisava repetir e então... o meu mundo caiu.

Daniel soltou o ar pela boca de uma vez.

— A jovem que eu ficava, a da banda, o nome dela era Eloísa, ela me procurou, assim como todos os seus antigos parceiros.

Ele cavou os próprios cabelos com as mãos enquanto encarava a lapide à nossa frente. Senti como se um buraco abrisse sob os meus pés, tomei coragem e desviei os olhos para ler o que estava escrito na pedra:

Mirela Moore – amada filha e irmã

1990 - 2011

Como um filme acelerado, várias cenas voltaram até a minha memória: ele se aproximando e então se afastando. Todas as vezes que ele recuou, parecendo irritado, nervoso, parecendo estar com medo – minha respiração acelerou – o dia na cozinha, o corte, o sangue. Mordi os lábios por dentro, engolindo um soluço quando a compreensão de tudo me envolveu. Como eu pude ser tão cega? Eu pensei em tantas loucuras exceto na mais humana e provável de todas. Imaginei tudo, eu tinha rondado através de todas as hipóteses fantasiosas e absurdas. Por que isso nunca cruzou a minha mente? Como eu não me dei conta? Tive que buscar o ar com força duas ou três vezes.

— A Eloísa, a menina da banda... era uma jovem incrível, cheia de vida e quem poderia imaginar... nem mesmo ela. Ela ficou doente, e então descobriram que ela tinha o HIV. Quando ela me procurou, eu já estava junto com a Mirela há seis meses.

Ele respirou fundo, devagar, acabado e eu tentei respirar também, mas não consegui... porque começava a entender onde ele iria chegar.

Ele soluçou.

— Nós, eu e a Mirela, fizemos os exames juntos... Foi o pior dia da minha vida. Eu passei esse

maldito vírus para a minha ex-namorada. Ela entrou em depressão, largou a faculdade

Ouvi mais um soluço, que agora foi abafado pelas suas mãos.

— Ela era uma flautista brilhante e nunca me perdoou... Como poderia? O fato é que o vírus nunca se desenvolveu no meu corpo, eu sou apenas portador, minha taxa viral é zerada, eu tomo os remédios, levo uma vida normal, controlo a doença... Já com ela não foi assim. Ela não conseguiu se tratar, pois não aguentou a barra, começou a beber demais, todos os dias, largou os remédios... Nós não ficamos juntos, ela morreu quase um ano depois. Como posso não me culpar? — A voz do Daniel desapareceu.

Não cabiam mais lágrimas no meu rosto, busquei a mão dele. De repente, eu queria ser um anjo, não para consolá-lo, nem mesmo para abençoar qualquer porcaria, eu queria ser de um lugar diferente desse mundo. Onde não haveria escapatória para a vida e a morte. Onde as merdas aconteciam e o que restava era a nossa obrigação de continuar lidando com elas. Queria ser de um lugar onde esse tipo de bosta não existisse e não pudesse destruir tudo à sua volta. Encarei o Daniel tentando passar o que sentia com o olhar.

Os olhos dele estavam cheios de lágrimas.

— A minha mãe sofreu um acidente quando ela era jovem e morreu dois dias depois dos ferimentos, quando eu tinha apenas seis anos... Antes dela partir eu pude vê-la, ela prometeu que não me deixaria... só que a morte não a ouviu e mais tarde, quando a Mirela foi embora, foi que eu entendi que a morte escolhe algumas pessoas para amar e que em seu egoísmo frio, ela não quer que seus escolhidos amem a mais ninguém. — Ele soluçou outra vez.

Olhei para a lápide e reparei que o dia em que encontrei a agenda do Daniel, era o dia do aniversário da Mirela.

Lembrei da frase escrita:

Hoje é o dia em que a morte se apaixonou por mim, mais uma vez.

Meu Deus, eu não encontrava a minha voz para dizer qualquer coisa.

Ele me encarou e parecia não haver fim na dor que eu vi dentro daquele olhar.

— A mãe... — A voz dele falhou outra vez, ele inspirou o ar de maneira entrecortada. — Você lembra aquele dia em que eu fiquei supermal, o dia em que você me deu a sua corrente?

Ele tocou no peito ao dizer, notei o colar dourado que entrava dentro da camiseta e concordei com a cabeça.

— Aquele dia eu tinha visto por acaso a mãe da Mirela. Ela... ela me ligou algum tempo depois que eu e a Mirela terminamos, eu não via a filha dela há quase um ano... Nunca vou esquecer daquele telefonema. — Os dedos dele apertaram os meus, senti uma pressão desconfortável, tudo em mim parecia desconfortável, isso não mudou nada.

— A mãe dela disse que eu era um assassino... Falou que eu tinha matado uma jovem brilhante. A Mirela tinha acabado de morrer... Eu... eu fiquei transtornado, fui até o velório sem conseguir me manter em pé direito. Quando cheguei, a mãe dela estava louca, ela gritou, me xingou e me botou para fora. A Jéssica, a minha amiga que você conheceu, era a irmã mais velha dela.

Ele sacudiu a cabeça, agitado.

— Ela foi a única pessoa que amava a Mirela e que não me culpou. A Jéssica veio me ajudar nesse dia e afirmou que não era culpa minha, que nós dois éramos responsáveis por não termos nos protegido, mas que ninguém era culpado. Foi ela que me contou que a Mirela ficou deprimida e que não se tratou. Ela morreu por complicação de uma gripe. Ela ficou muito fraca, o corpo dela não reagiu... Eu e a Jéssica ficamos amigos ao dividir a dor pela morte de uma jovem que amamos, cada um à sua maneira.

Daniel levou as mãos aos olhos.

— Mas como? Como não me culpar?

Foi a minha vez de apertar o ombro dele com força, porque tudo em mim continuava doendo e eu continuava sem voz.

Ele apontou com a cabeça para a lápide.

— Junto com ela eu enterrei toda e qualquer chance de acreditar que poderia me relacionar com alguém, de maneira normal. Enterrei minha esperança e minha confiança na vida, aqui — a luz do sol fazia as lágrimas nos olhos dele parecerem estrelas —, a sete palmos abaixo de toda a culpa que carrego e de toda a dor que tenho que fingir não existir na minha alma.

Daniel ficou em silêncio encarando a lápide e eu queria ajudá-lo a desenterrar o seu coração que, sabia, estava preso embaixo daquela culpa. Se fosse preciso cavar com as minhas mãos e resgatá-lo, eu faria. Acontece que eu também me encontrei despedaçada e algo dentro de mim foi arrancado e enterrado em algum lugar daquele cemitério, embaixo daquela conversa. Então, fiz a única coisa que podia, queria e precisava fazer: eu o abracei com força, com toda a força que consegui. Nós choramos juntos por bastante tempo enquanto os turistas fotografavam lápides de celebridades. Enquanto a vegetação rasteira cobria as pedras, o meu coração era coberto pela cumplicidade da maior dor e culpa que eu já tinha visto em alguém.



Capítulo 35

*“Remember once things you told me
And how the tears ran from my eyes
They didn’t fall because it hurt me
I just hate to see you cry”*
No Angel – Byrd

Entramos no carro sem trocar nenhuma palavra. O silêncio parecia uma extensão de nossas almas.

— Daniel, eu... — queria falar tantas coisas.

— Nicole, não!

A minha voz ficou presa na exigência explícita dele.

— Não fale nada agora, vá para casa, pense com calma. Não vou pedir nada de você, nunca... Eu quis te levar lá, para que você entenda o tamanho do buraco em que eu estou metido, o tamanho de tudo... Eu nem sei se sou capaz de lhe entregar o que você merece.

Ele passou a mão no cabelo.

— Apenas descanse, se concentre na sua estreia e deixa tudo isso no lugar em que deve ficar.

Como assim? O que ele quis dizer com “deixe tudo isso no lugar em que deve ficar”?

— E onde é isso?

O silêncio foi entremeado pelo barulho do pneu contra o asfalto e do meu coração berrando todos os protestos do mundo.

— Você merece algo diferente, Nicole, algo melhor. Eu sempre soube disso.

— Então, você já decidiu por mim?

— Não, eu só não quero que você me diga nada agora, deixe as apresentações terminarem, leve a sua vida adiante e... — Ele respirou profundamente e completou: — e, então, vamos ver o que acontece.

Vamos ver o que acontece? O que eu queria que acontecesse? O que realmente eu queria? Queria que nada disso fosse verdade. Queria que ele me dissesse que era a porra de um vampiro imortal. Queria que

essa bosta de morte não existisse. Era isso que eu queria que acontecesse.

Queria que o coração dele estivesse limpo desse peso, que ele fosse capaz de estar comigo sem esse fantasma. Queria tantas coisas que eu nem sabia como começar a numerar ou organizar no meu fichero mental. Queria também que existisse aquele troço do Dumbledore, aquele para esquecer as memórias. Queria arrancar dele toda a lembrança ruim e jogar na Penseira. Por esse tipo de genialidade que J. K. Rowling ficou tão famosa. Eu queria a porcaria de uma Penseira, a Varinha das Varinhas ou qualquer outro elemento de magia que tirasse isso tudo dele e que esvaziasse todo medo de dentro de mim. Mas eu não tinha e não disse nada. Respeitei o seu pedido e a minha covardia.

O carro parou na frente do meu prédio.

Antes de descer, eu dei um beijo rápido em seus lábios.

— Obrigada por me contar. — Olhei para ele com vontade de chorar outra vez.

Imaginei Daniel primeiro criança, perdendo a mãe e agora, há anos, sendo acompanhado pela realidade de exames, remédios, o medo, o preconceito e a culpa. E a minha vontade de chorar aumentou.

— Só quis deixar tudo claro, Nicole, sei que não é o jeito mais romântico de se iniciar qualquer coisa, mas para mim, sempre existirão barreiras que serão intransponíveis.

— Eu sei. — Não queria falar mais, mal segurava as lágrimas. Não queria mostrar que ainda estava sofrendo por ele.

— Só não me olhe assim. — Ele percebeu.

— Assim como? — tentei disfarçar.

— Com pena de mim.

— Eu... não estou com pena. — Meu coração afundou um pouco mais.

— Não mesmo?

— Acho que não.

Ele negou com a cabeça.

— Sejam os amigos, ou mesmo que nunca mais nos vejamos, só não mude a maneira que você olha para mim, eu continuo sendo a mesma pessoa que você conheceu — ele falou sem desviar o olhar firme do meu, mas a voz dele saiu fraca.

Não o contestei, porque ele tinha razão. Merda, ele tinha toda a razão, isso parecia mudar tanto as coisas que acho que senti pena dele mesmo.

Não, eu não sentiria isso. Ele, eu, ninguém merecia.

Desci do carro e entrei no hall do meu prédio. Lá dentro, me encolhi no pé da escada e chorei de fazer barulho: confusa, desorientada e perdida.



Três horas depois, quando eu consegui parar com as lágrimas e organizar as ideias, entrei em casa. Já tinha decidido o que fazer. Mesmo com um lado meu mergulhado na insegurança, eu sabia o que faria e isso diminuiu a dor que apertava tudo dentro de mim.

Nathalia estava jogada no sofá assistindo televisão.

Parte da minha decisão era contar a ela e foi o que eu fiz. Naquele momento, eu tentei me isentar ao máximo da emoção. Queria passar segurança para a Nathy.

— Que coisa mais trágica — minha amiga disse no fim do meu relato com a voz embargada.

— Eu só me pergunto como essa possibilidade nunca passou na minha cabeça.

— Eu também não entendo como não me ocorreu.

— Acho que é mais fácil imaginar hipóteses loucas do que uma realidade tão crua.

Ela me abraçou e ficamos um tempo em silêncio. Porém, quando se afastou, minha amiga ainda estava com lágrimas nos olhos.

— Nossa, achei bem mórbido o lance dele te levar no cemitério.

— Acho que na cabeça dele está tudo acabado, acho... que ele tem certeza de que eu não vou topar.

Ela suspirou e pegou na minha mão.

— Pelo menos, ele não foi egoísta, talvez tenha sido melhor mesmo, todo esse quadro horrível que ele quis pintar.

— Como assim? — Eu não entendi de verdade.

— Ele foi sensato em te mostrar a verdade, por mais dura que ela seja. Acho que foi nobre da parte dele fazer isso, porque se fosse feito de um jeito diferente, talvez você ainda considerasse a hipótese de estar com ele.

— Oi? — Eu realmente fiquei confusa.

— Ah, Nicole, ele pode ser louco, completamente traumatizado, mas a atitude dele foi corajosa e honesta. Ele queria acabar com tudo e fez aquilo que, com certeza, assustaria qualquer pessoa inteligente.

— Nathy, eu vou ficar com ele. — Já tinha decidido.

Ela riu sem achar graça.

— Ah, Nicole, claro que você está brincando.

— Como assim? — Eu senti meu coração encolher.

— Ni, ele... você... — Ela franziu o cenho. — você não pode.

— Não posso?

— Como que alguém pode viver em um relacionamento desses, Nicole? É como não querer se molhar e sair sempre em dias de chuva, Por mais apaixonada que você esteja, é claro que você entende que isso seria um absurdo, uma loucura.

A minha boca parou meio aberta e não consegui formar meia palavra.

— Ele sempre será assombrado por esse trauma e você será junto, não existe amor que sobreviva a um clima de horror desses, amiga... Pelo amor de Deus! — ela foi mais enfática.

— Você fala como se eu estivesse assinando a minha sentença de morte.

— Ahhh... e não estaria?

— Você não pode estar falando sério.

— Você é que não pode... Nicole, cai na real, toda vez que vocês transarem, você vai ficar neurótica pensando se foi dessa vez que contraiu a doença e ele ficará neurótico também.

— Eu não acredito que estou ouvindo isso.

— O quê? A verdade?

— Você, por acaso, tem a porra de um atestado garantindo que estará viva, ou inteira, amanhã pela manhã? Porque, pelo que eu saiba, ninguém tem isso.

— Eu sei, Nicole, só que não é por isso que resolvo brincar de roleta-russa depois de fazer sexo.

Levantei do sofá em que estávamos sentadas lado a lado de maneira rude.

— Vou fingir que não ouvi nada disso.

— Se liga, Nicole, ele mesmo sabe que é improvável, impossível, por isso bancou o louco do cemitério.

Eu, que já estava de costas para ela, me virei para dizer:

— Eu amo você, Nathy, mas eu odeio o que você está falando para mim.

— Porque você sabe que eu tenho razão, põe juízo nessa sua cabeça oca e volte a raciocinar.

— Vai à merda! — eu explodi, já tinha sido um dia muito duro, sem todo esse abecedário da moral isenta de sentimentos.

— Não, não vou, vou ligar para a sua mãe, você está precisando de ajuda.

— Se você fizer isso, esquece que eu sou sua amiga, juro que nunca vou te perdoar! — Eu soltei o ar com força pela boca. — Você acha que eu sou uma criança idiota?

— Não, acho que você está abalada e fragilizada demais e acho que esse maluco conseguiu ferrar com o seu emocional, o que é muito legal da parte dele, já que a nossa estreia é daqui dois dias. Aff! — ela bufou. — Se eu encontrasse ele agora, juro que matava esse filho da mãe.

— Eu achei que podia contar com seu apoio, eu estou apaixonada por ele, Nathalia, nunca achei que isso fosse acontecer na minha vida — abri as mãos no ar, nervosa —, mas aconteceu e quero, eu preciso tentar levar isso adiante...

Ela sacudiu a cabeça.

— Ele despejar esse balde de merda na sua cabeça, dois dias antes da estreia, é inacreditável.

— Ele me fez o favor de contar tudo porque o silêncio dele e todo o resto era o que estava acabando comigo. Agora, eu entendo que tudo tem um motivo. Eu não quero desistir sem tentar, eu nunca fiz isso e não vai ser agora. Ele é muito importante para mim e... só queria contar com seu apoio, mesmo você acreditando que eu estou errada, queria que você me dissesse que quer me ver feliz.

— É isso mesmo que quero, te ver feliz e não correndo atrás de exames e psicólogos para segurar o peso da história dele... Aliás — ela arregalou os olhos —, vocês se beijaram... Será?

— Não seja ridícula, beijo na boca nunca transmitiu HIV.

— Sim, eu sei que não... Nicole, porra... eu só não quero ver você dentro de uma relação que já começa com a foice da morte na sua cabeça.

Mordi os lábios por dentro para não chorar.

— Muito obrigada, se existisse um prêmio para a maior cagada que melhores amigas podem fazer, tenha certeza de que você venceria o primeiro, o segundo e terceiro lugares.

Ela ficou me olhando com os olhos estreitos e a boca entreaberta enquanto negava com a cabeça. Esse era o código universal da Nathalia de “Você que se dane então, eu não vou falar mais nada!”. Naquele momento, dei graças a Deus por isso e entrei no quarto batendo a porta atrás de mim.



Horas depois, Nathy entrou no quarto. Eu não tinha parado de passar e repassar toda a minha conversa com Daniel e reafirmar várias vezes minha decisão. Era quase um mantra que começava com “qualquer doença é pequena demais” e terminava com “eu vou provar para ele que podemos tentar encontrar a nossa felicidade juntos”.

Nathalia abaixou ao lado da minha cama. Somente a luz do abajur estava acesa, mas eu consegui ver os olhos inchados dela. Nathy esteve chorando. A pergunta era: Quem não esteve? Alguém no mundo não chorou, hoje?

— Eu sinto muito — Nathy disse e segurou minha mão.

Senti o meu peito encher de ar. Pelo menos, os aliens que abduziram minha melhor amiga tiveram compaixão e devolveram ela para mim.

— Eu também.

— Desculpe a minha reação, eu... só me preocupo com você, eu não queria que fosse assim.

— Eu também não, mas é... e acho que, se quero tentar de verdade qualquer coisa com ele, tenho que tentar olhar isso como uma situação normal... ou o mais normal possível.

— Eu sei. — Ela mexeu no meu cabelo. — Eu fiz uma pesquisa enorme na internet agora há pouco... e descobri muitas coisas que eu nem imaginava sobre o HIV atualmente, mas acho que você já deve ter pesquisado também, né? — Ela pegou na minha mão.

— Sim, pesquisei bastante.

— Mas sabe o que eu acho que pode ser uma boa — ela disse pegando o celular do bolso —, vou ligar para o Paul, ele está se formando em medicina... na verdade, está se especializando em infectologia... Ele deve conhecer bem mais do assunto do que eu, você e a internet.

Neguei com a cabeça.

— Oi, gato. Tudo bem?

Continuei agitando a cabeça numa negação ignorada pela Nathalia.

— Meu amor, tem uma amiga que está enfrentando a maior barra.

— Nathalia, não — pedi em voz baixa.

Não queria conversar com o Paul sobre isso, não naquele momento.

Ela colocou o telefone no viva-voz.

— Então, é uma amiga que você não conhece.

Suspirei aliviada e a Nathy prosseguiu:

— Ela se apaixonou por um cara que vive com HIV e está arrasada... Eu queria ouvir do melhor médico da Inglaterra o que ele tem a dizer sobre isso... e ah, a Ni está ouvindo a gente.

— Oi, Nicole — Paul cumprimentou e comecei a roer as unhas. Entendi que estava com medo daquela conversa. Apesar de ter lido coisas que me deixaram mais segura, era diferente ouvir de um médico.

— Oi, Paul — retribuí o cumprimento.

— Bom, o que vocês querem saber? — ele perguntou.

— Tudo — minha amiga disse e se sentou ao meu lado, segurando minha mão com força.

— Vou falar o que acho que sua amiga precisa saber, ok?

— Ok — eu respondi sem nem dar conta.

— Para começar... ele se trata?

— Sim, ele disse... quer dizer, ela disse que ele mantém a taxa do vírus indetectável e que faz exames sempre e nunca manifestou a doença.

— Ótimo, então fale para a sua amiga que se ele continuar com o acompanhamento médico certo e eles transarem sempre com camisinha, ela estará bastante segura.

Nathy respirou fundo e fechou os olhos, mas eu ainda não respirava direito.

— Veja — disse Paul —, a camisinha é um método com segurança superior a 95%, o fato de ele se tratar e se manter indetectável, diminuiu consideravelmente o risco de contágio em caso de acidentes... e mesmo assim, hoje ainda pode se contar com o tratamento profilático, pós ou pré-exposição para a parceira negativa.

— E isso quer dizer? — Nathy perguntou olhando para mim.

— Que a combinação de métodos preventivos torna o sexo com o namorado dela seguro.

Nathy bateu palmas em silêncio, comemorando.

— Mas eles terão que fazer exames regularmente, ele para saber se a taxa do vírus está sob controle e ela para saber se está tudo bem... e sexo com preservativo, *sempre* — Paul disse com ênfase.

— E sobre a expectativa de vida dele? — perguntei sentindo meus olhos se encherem de lágrimas.

— Se ele continuar se tratando e manter hábitos saudáveis, provavelmente não morrerá de AIDS... A expectativa de vida de um paciente assim pode ser igual a de qualquer pessoa... Hoje temos que driblar os efeitos colaterais do tratamento a longo prazo, mas isso também varia de caso para caso e as drogas novas estão com efeitos colaterais bem menores... Tem pacientes que não sofrem nada e outros que sentem mais.

— Graças a Deus! — eu disse cobrindo os olhos com os dedos.

— E filhos? — Nathy perguntou, arqueando as sobrancelhas.

Eu sorri e balancei a cabeça.

— Sim, hoje é possível — Paul disse e achei graça da cara de felicidade da minha amiga, ela era uma figura.

— É através da reprodução assistida, tem vários casos de sucesso no mundo... Esse é o método mais aconselhável... Eu mesmo conheço um casal sorodiscordante que estão juntos há mais de quinze anos e têm três filhos saudáveis.

Nathy já me abraçava e chorava de fazer barulho junto comigo.

— Oi, meninas. Está tudo bem? — Paul indagou parecendo surpreso.

— Sim.. é que — ela começou afobada. — eu amo tanto essa minha amiga e quero muito que ela seja feliz, que eles sejam e...

— Ei, mas fala para eles se cuidarem, hein? O sucesso tanto do tratamento como da prevenção depende da responsabilidade deles em fazerem tudo que é indicado, nós não queremos nem que ele fique doente, nem que ela se contagie.

— Não, pode deixar... nós, eles vão fazer tudo direitinho — disse ainda abraçada a Nathy.

— Então, ok. Fala para sua amiga ficar mais tranquila e qualquer coisa, ela pode me ligar.

— Obrigada, Paul — eu disse.

— Um beijo para vocês duas.

— Um beijo, meu amor. — Nathy desligou, envolveu minhas mãos com as dela e perguntou com uma expressão indecifrável:— Sabe o que tudo isso quer dizer?

Neguei com a cabeça.

— Que se o Daniel continuar se cuidando como você diz que se cuida, provavelmente você terá que aturar aquele chato pelo resto da vida.

Eu não aguentei e sorri. Senti os meus olhos encherem de lágrimas outra vez.

— Eu nem namoro com ele ainda e você vem me falar de filhos e resto da vida...

— Eu sempre quis te ver apaixonada... para poder rir da sua cara.

Achei graça e a abracei outra vez

— Obrigada minha amiga, obrigada mesmo.

— Você sabe que eu sempre vou estar ao seu lado, não sabe?

— Sei e eu te amo muito

Essa era a amiga que amava e precisava tanto.



Capítulo 36

*"I let the melody shine, let it cleanse my mind, I feel free now
But the airways are clean and there's nobody singing to me now"*

Bittersweet Symphony – The Verve

Estreia.

Ninguém imagina o que é dançar em um dos teatros mais absurdos do mundo em uma das montagens mais extraordinárias já vistas, até fazer isso.

Mais de duas mil pessoas em pé aplaudindo.

Delírio.

Nos dois dias que seguiram depois da conversa com o Daniel, eu tranquilizei meu coração, minha mente e deixei o balé voltar a reger a minha vida. Não foi difícil, porque isso era natural em mim. O que estava acontecendo, toda aquela história mal explicada, é que vinha me tirando do sério. Ninguém pensa como o coração está batendo, ou como será a próxima batida, a não ser que algo não vá bem com ele.

Essa metáfora cardiológica foi bem próximo ao que rolou comigo.

Eu não estava bem e o balé deixou de ser o meu compasso natural.

Por mais estranho que possa parecer, depois da conversa quando eu entendi tudo, principalmente depois que decidi que isso não mudaria nada. Eu queria tentar o que quer que fôssemos tentar juntos, o balé voltou a circular nas minhas células como oxigênio.

Oxigênio que era respirado através do meu corpo pela música do Daniel, em cima do palco. Eu nunca imaginei que dançar poderia ganhar um outro significado, ainda mais forte e incompreensível que antes. Foi como alcançar uma dimensão inexplicável e quase mística, algo impossível de se colocar em palavras. Dançar através da música que Daniel fazia foi muito mais que isso. Ele regia e meu corpo traduzia em movimentos.

Foi o mais próximo ao estado de perfeição que eu já alcancei enquanto dançava. Os aplausos que recebia e a comoção dos outros bailarinos eram a prova disso.

Era como se Daniel tocasse para eu dançar e foi além, era como se o meu corpo tivesse sido feito

para dançar a música que vinha de dentro dele.

Aplausos, lágrimas nos olhos, mais aplausos e assobios e... meu Deus!

Ivo, Nathalia e muitas pessoas me abraçaram e se abraçavam quando as cortinas fecharam.

Flores, eu segurava flores na mão?

Sim, nem me lembro quem as entregou.

Fui cumprimentada por diversas pessoas nos bastidores: diretores, o pessoal do cenário, do figurino e os outros bailarinos, a verdade é que todos se cumprimentavam e se reconheciam — uma entrega ao sucesso.

Entorpecida em meio a uma nuvem de surrealidade e máxima alegria, tinha o maior sentimento de realização da vida.

Me emocionei com cada um dos cumprimentos e elogios, a ponto de não saber quanto tempo havia passado desde que a peça encerrou.

Assim que entrei no camarim, liguei para minha mãe e choramos juntas ao viva-voz no telefone.

Nathy veio me dizer que me esperava na saída.

Eu estava quase pronta para ir embora, quando ouvi duas batidas firmes na porta.

— Entra — disse fechando o casaco de plush que vestia.

Pelo espelho, vi Daniel entrar e ocupar todo o camarim, de fraque e cabelos mais curtos. Acho que ele havia cortado o cabelo mais cedo, antes da estreia. Os fios ainda eram longos, mas o maior deles batia na altura da orelha. Daniel estava lindo. Eu tinha mandado uma mensagem de texto para ele mais cedo, dizendo que queria vê-lo, para conversarmos. Ele respondeu que ficaria em Londres durante os dias de apresentação e que podíamos marcar alguma coisa quando eu achasse mais fácil.

Mergulhei tanto na adrenalina da estreia, que ainda não tinha respondido-lhe que queria conversar hoje, o mais rápido possível.

Teríamos um dia de descanso e só haveria outra apresentação depois de amanhã. Queria conversar agora.

— Parabéns, senhorita Aurora — ele disse. Eu o abracei e ele deu dois beijos tímidos no meu rosto e se afastou com um educado distanciamento. Não entendi o que acontecia, até ver o corpo atarracado e rechonchudo do senhor Evans atrás dele.

— Parabéns, Nicole! — senhor Evans falou e apertou minha mão, entusiasmado. Depois que a soltou, deu dois tapas firmes no ombro do Daniel dizendo:

— Parabéns a você também, meu amigo, já lhe disse o quanto foi extraordinário contar com a sua música nesse balé hoje, não disse?

— Sim, Evans, obrigado mais uma vez.

— Eu é quem agradeço duplamente, porque, afinal, se não fosse a sua insistência, desde o começo, para mantermos a senhorita Alves no papel principal, eu e minha cega teimosia, não permitiria que esse talento brilhante aflorasse no palco... Como ela provou hoje, é mais do que merecido o lugar que ocupa.

Eu perdi o ar e as palavras, acho que o meu coração desviou todo o sangue do corpo para cabeça. Os

meus olhos turvaram. Ele? Daniel? Foi ele quem insistiu para me manter e não ao contrário, como dizia? Busquei a confirmação com o olhar, mas o par azul à minha frente desviou da interrogação.

— Imagina, eu não fiz nada além de tentar dar o meu melhor — ele afirmou contendo um sorriso.

— Você pode não ter herdado o talento da sua tia com a dança, mas certamente herdou a capacidade dela em reconhecer jovens talentos.

O homem soltou o ar pela boca e concluiu com expressão divertida:

— Estou ficando velho e cansado, acho que posso me aposentar, além de um maestro genial, você daria um excelente diretor artístico.

— Não, não, não! Nem pense em uma coisa dessas, eu deixei claro que esse seria o único balé que regeria, fiz isso por minha tia e pelo senhor, antes que me enlouquecessem.

— Eu te garanto, meu rapaz, depois do sucesso de hoje, eu, e se conheço a sua tia, além de toda a crítica e público, não lhe deixaremos mais em paz enquanto você não unir de vez esses dois talentos.

— Chega, Evans, estou de muito bom humor para que você o estrague... E, por falar em minha tia — ele olhou para mim —, ela está no lobby do balé e quer conhecê-la.

Eu sentia alguma dificuldade para articular as palavras porque a informação de que foi o Daniel quem lutou para que eu tivesse o papel principal ainda martelava os meus neurônios. A voz do senhor Evans me chamou a atenção:

— Bom, eu vou deixá-los, estou esgotado e já estive com sua tia hoje, se não se importam.

— Boa noite, Evans — eu disse.

— Parabéns, mais uma vez, Nicole. Você foi sublime!

Meus lábios tinham vida própria e sorriam sozinhos a cada cumprimento.

— Vamos? A senhora Scodelario nos aguarda. — O Daniel me ofereceu o braço.

“Sim, com você vou para qualquer lugar”, eu quis responder. Porém, em vez disso concordei em silêncio, porque minha voz ainda estava tomada de tudo que uma pessoa era capaz de sentir.



Capítulo 37

*“You are the snowstorm
I’m purified
The darkest fairytale
In the dead of night”
Salvation – Gabrielle Aplin*

— Ela é ainda mais adorável assim, a pouca distância — disse a senhora Olívia, enquanto segurava um monóculo entre os dedos compridos, herdados da família do Daniel.

— Obrigada — respondi um pouco tímida, ela era um fenômeno no balé e em tudo o que dizia respeito a ele.

— Não, não, eu quem agradeço, minha jovem, e a você, meu sobrinho, é claro, por ter me dado o privilégio e o presente de assistir um balé regido e dirigido por sua maestria.

— Um dia tinha que acontecer, não é? — Daniel respondeu sem tirar os olhos de mim.

Olívia entreolhou-nos e me examinou mais uma vez sem a menor ponderação. Eu me senti uma escultura viva do Godin.

— Qual é seu nome mesmo, senhorita Alves?

— Nicole, senhora.

— Ah, sim, sim, é verdade.

Ela largou os olhos dos meus e se virou para o Daniel.

— E você, graças a Deus que tirou aquela barba horrível. — Ajustou o monóculo como uma personagem de um livro de suspense antes de acrescentar: — Penso se devemos essa mudança a alguém?!

Não era à toa que Olívia Scodelario era temida e admirada, parecia ler tudo nas entrelinhas, uma pessoa que tinha tecla SAP para entender emoções ocultas. O meu rosto esquentou porque ela agora olhava para mim.

— Devemos a alguém sim, devemos a minha incapacidade com a tesoura que ao invés de aparar umas pontas abriu um buraco no meio dela — Daniel respondeu e eu olhei para o chão.

— Hummm... certo — disse ela. — pena que essa incapacidade demorou cinco anos para aparecer.

Eu ainda olhava para o chão, mas sabia que Olívia me encarava. O meu rosto deve ter deixado mais do que claro que a senhora Scodelario tinha razão nas deduções que fazia, porque ele estava ainda mais quente, entende-se: vermelho.

— O balé do mundo tem uma grande sorte em encontrar talentos como o seu, senhorita Alves.

— Obrigada — respondi e encarei-a.

Ela tinha um resquício de sorriso nos lábios.

— E talvez alguém mais tenha muita sorte também — ela terminou olhando para Daniel, que continuou com a expressão inalterada. Ele devia estar acostumado com a tia.

Após nos despedirmos dela, Daniel me olhou com um sorriso torto nos lábios como se soubesse o que eu pensava.

— Ela é assim — ele encolheu os ombros —, sempre opinando e querendo adivinhar sobre tudo e todos.

— Ela acerta?

O sorriso torto ficou mais visível.

— Muitas vezes... É irritante.

— Daniel, nós podemos conversar? — Eu fui direto ao assunto.

Os olhos dele aumentaram por uma fração de segundos. Mas eu o conhecia. Já tinha percebido que o rosto do Daniel, quase sempre impassível, mostrava as emoções com pequenos gestos, tipo aquele. Acho que ninguém nunca conhece outra pessoa totalmente. E quando essa outra pessoa é assolada por implosões de desgraças na vida e tem que manter a fachada de “está tudo bem”, isso pode se tornar um buraco quase sem fim. Eu mesmo carregava a minha cota de traumas. A vida não faz pessoas fortes; ela te joga os desafios e você escolhe se vai deixar que eles te atropelarem, ou se vai passar por cima. No meu caso, quanto mais a vida tentava me mostrar que eu era ferrada, mais eu mergulhava no balé. Acho que para o Daniel esse mergulho veio na música. Ali, enquanto olhava nos olhos dele, me perguntei em silêncio se havia encontrado outro mergulho. Meu coração disparou e contou que sim. Minha decisão em continuar com isso era outro sintoma de que talvez o mergulho já tivesse sido dado.

Daniel estava pensando, ele não esperava pelo meu pedido, talvez, não tão cedo.

— Agora? — A resposta interrogativa era a confirmação de que ele não esperava mesmo.

— Agora... Eu só preciso me despedir da Nathy que está me esperando lá na frente. — Olhei em direção à porta do balé. — Se você puder, é claro.

— Eu, hum... posso... Posso sim.

— Então, você me encontra na frente da minha casa?

— Ok. E para onde você quer ir?

— Não sei... Qualquer lugar tranquilo... Mas deixa eu escolher porque o último lugar tranquilo que estivemos juntos foi meio... bem pesado. — Tentei sorrir, tudo aquilo ainda parecia loucura demais.

— Não... quer dizer sim, tudo bem, você escolhe.

— Seu apartamento?

— Oi?

— Vamos para o seu apartamento. — Ele me olhou com tantas perguntas que eu senti o estômago gelar.

— Ok, em vinte minutos eu passo na frente do seu prédio e te pego.



Capítulo 38

*“When you were here before
Couldn't look you in the eye
You're just like an angel
Your skin makes me cry
You float like a feather
In a beautiful world
I wish I was special”
Creep – Radiohead*

Eu seria uma baita mentirosa se dissesse que estava supertranquila. Sentia-a tranquila com essa conversa enquanto a estreia ocupava tudo... Mas ali, quem ocupava tudo era esse homem de um metro e noventa, moreno, olhos azuis e que dirigia o carro com um vinco entre as sobrancelhas.

É engraçado como as coisas em nossa imaginação funcionam de um jeito totalmente diferente da realidade.

Tinha imaginado que ao dizer que queria conversar no apartamento dele, Daniel entenderia que eu havia topado passar por cima de todo passado, doença ou qualquer coisa. Achei que fosse ficar radiante e teríamos uma noite de amor, tipo de sonhos, e que nada, nem mesmo a fada má, poderia arruinar essa situação.

Ledo engano.

O vinco de tensão em sua testa era a resposta mais decidida que eu tive por parte do Daniel, até agora. Era como se o vinco contasse: “Eu não tenho certeza de nada, Nicole. Não sei se estou disposto a levar isso adiante e achei que tinha conseguido cumprir com a parte de te aterrorizar, levando você até o cemitério e mostrando o túmulo da minha ex”.

O carro diminuiu a velocidade e encostamos na entrada da garagem. Com ou sem vinco, a conversa iria acontecer e, pelo estado de ansiedade em que eu me encontrava, era melhor não traçar nenhum outro cenário imaginário, cheio de expectativas.

Deixaria rolar. Respiraria e deixaria rolar.

Subimos em silêncio.

O apartamento dele em Londres era em frente ao Parque das Rosas da rainha, junto a academia de música. A esposa oficial do homem que eu estava prestes a pedir que me levasse para a cama. O balé era o meu marido até pouco... talvez ainda fosse meu marido, o que significava que se transássemos, nós dois cometeríamos adultério. *Que ridícula!* Essa era eu tentando tirar o peso da conversa que logo teríamos.

— Que beber alguma coisa? — ele perguntou.

— Não, obrigada.

Eu já tinha estado aqui antes. Sofás de camurça marrom, piso de madeira encerada, piano de cauda, é claro. Uma janela enorme que cobria metade da parede frontal da sala. Quadros de fotos preto e branco: dele regendo, tocando, regendo e tocando de novo. Tapete tipo persa, cozinha americana, porta do quarto — minha respiração acelerou — eu conheci tudo ali, só que naquela noite o apartamento me pareceu diferente, mais...

Masculino?

Daniel parecia mais masculino. Ele tinha tirado o fraque, a gravata e estava somente em mangas de camisa e calça social, sentado com as pernas um pouco abertas e as duas mãos em cima do joelho. Isso fazia os músculos dos seus braços se destacarem. Fazia também uma parte do tribal aparecer. Sem dúvida alguma, tudo ali parecia mais masculino.

Ou será que esse leitor de testosterona eram os meus hormônios querendo jogar em favor do sexo?

Nunca quis transar com alguém desse jeito antes, então, com certeza, deviam ser os hormônios.

— Você esteve incrível, hoje — ele disse.

— Obrigada, você também.. Gostei do seu cabelo — afirmei apontando com o olhar.

— Cortei hoje mais cedo — ele respondeu parecendo desconfortável com o elogio e disfarçou. — Parece que os nove dias já estão lotados.

— É... ouvi falar.

Sabe aquele silêncio constrangedor entre duas pessoas que precisavam conversar assuntos difíceis? Era isso o que rolava, junto com o leitor de hormônios ocupado.

Ninguém sabe direito por onde iniciar e aí as frases idiotas começam a surgir. Coisas que já foram ditas ou que não fariam a menor diferença serem ditas.

— Você está com fome?

— Não, eu comi um pouco entre os intervalos.

Silêncio.

— A noite está bem bonita hoje — Daniel afirmou.

— Está? Quer dizer, eu não reparei.

Perguntas idiotas eram piores que o silêncio.

Resolvi ir direto ao ponto.

— Daniel, eu... bom, eu pensei sobre tudo o que você me falou e... eu, eu... — Engoli em seco, respirei fundo e disse de uma vez: — Tudo bem para mim. Eu quero ficar com você.

Meu coração surrava o peito. Minha respiração transcendia o coração e... nada do que eu imaginei

acontecia, porque, naquele momento, deveríamos arrancar nossas roupas em direção à cama. Mas o que acontecia era ele me olhando como se tivesse nascido pés de rúculas e brotos de beterrabas no meu rosto.

Daniel respirou uma, duas, três vezes.

— Que parte do “eu sou HIV positivo, transmiti para minha única namorada e a vida dela acabou”, você não entendeu?

— Oi? — Fiquei tremendamente chocada e o *oi* saltou da minha boca.

— Nicole, eu... você é jovem e acho que está iludida. Você não sabe direito o que está falando.

— Como assim?

Ele respirou fundo de novo, várias vezes. Parecia derrotado, exausto. Tudo naquela sala estava errado, porque se tinha alguém que era para estar respirando fundo a fim de tentar não sufocar ou surtar era eu.

— Nós conversamos há poucos dias — Daniel começou com os olhos fechados —, você não teve tempo de pensar direito, vou te levar para casa e...

— Eu não estou entendendo. — *Ele estava me dispensando, é isso?*

— Nicole, presta atenção — ele falava como se eu tivesse cinco anos, controlado e ponderado como se estivesse discutindo a lista de compras semanais com uma criança.

— Você está me dispensando? — Precisava ter certeza antes de surtar de vez.

— Não, eu estou sendo sensato.

— Você está sendo um idiota covarde.

— Não, você está sendo impulsiva e...

— E o quê?

— Estou lhe fazendo um favor.

Aí eu gargalhei, de um jeito bem feio na verdade, parte do som saiu pelo nariz e eu me senti uma louca.

— Você está fazendo o favor de me dispensar, é isso?

— Não... eu estou...

— Você é um covarde e mentiroso, você sempre soube, não é? — *Sim, eu me sentia uma louca.*

O Daniel me olhou sem dizer nada, porém, a respiração dele acelerou.

E então... eu entendi tudo e continuei ainda mais exaltada:

— Você sempre soube que nunca levaria adiante, que não queria me dar a escolha, você já tinha tomado a decisão sozinho por isso, seu... seu... imbecil! Por isso você me levou até o cemitério, não é? Para você ali seria o fim, você só me disse para pensar com a ideia de fazer tudo ficar mais bonito... talvez porque...

Eu queria matar ele com o olhar, queria deixar claro a raiva que sentia.

— Porque você tinha certeza de que eu nunca diria sim — terminei segurando no maxilar a vontade de explodir de tanto chorar.

— É errado você dizer sim — ele soltou entredentes.

— Nunca houve uma chance para nós dois, você sempre soube que aquela conversa macabra no túmulo de sua ex-namorada era também o enterro de qualquer chance que pudéssemos ter juntos. — Eu ofegava e gesticulava com as mãos, indignada e muito, mas muito brava.

Ele ficou um tempo em silêncio. Porém, quando falou a voz saiu rouca e baixa:

— Acho que você tem razão, eu sempre soube que não... Apesar de também ter tentado me enganar.

Daniel levantou, eu pulei junto como se o sofá tivesse me queimado.

— Eu nunca, nunca me perdoaria se algo acontecesse com você — ele disse.

— Não tente sair com honra, você é um fraco, é o maior estúpido que eu já conheci, por isso você grita, não é? Para que ninguém perceba a bosta de covarde que você é!

Seus olhos se estreitaram, mas eu nem liguei, porque não via mais nada além da raiva pulsando em cima de mim, tatuando os meus nervos.

— Você me pediu para não te olhar com pena — ri, debochando. — Que patético! É você quem tem pena de si mesmo.

— Pare, Nicole! — Ele segurou os meus dois braços.

— Você morreu junto com a sua ex, ex qualquer coisa, só que não te enterraram.

— Chega! — ele urrou e me apertou com mais força.

Eu estava derrotada de raiva, queria gritar e bater nele até quebrá-lo em dois. O que era uma estupidez impossível pela nossa diferença de tamanho. Mas minha raiva não sabia disso, minha língua também não. Não voltaria para casa derrotada, não depois de vencer um milhão de fantasmas, de passar por cima de todo o medo, de vencer o lance do cemitério. Não iria embora me sentindo uma menina estúpida por ter cometido o erro de me apaixonar pelo cara errado. O mais covarde de todos.

— Faça um favor para a humanidade: nunca, nunca pare de gritar e de assustar as pessoas, você machuca menos fazendo isso do que fingindo ter alguma bosta de sentimento aí dentro. — Eu tremia. Minhas pernas, minha voz e o chão derretia no ódio que aquele idiota me fazia experimentar.

— Cresça, senhorita Aurora, você ainda vai entender o favor que eu te fiz, vou esperar você vir me agradecer por ter tido coragem de fazer o que estou fazendo — dizendo isso ele soltou os meus braços. — Vou te levar para casa. — Terminou dando dois passos para trás.

O mundo desprende dos meus pés. Eu mergulhei no vazio. Nem sabia que podia sentir tanta raiva de alguém e que essa raiva podia tomar o controle da situação. Ela levantou o meu braço. Fez toda a minha força se concentrar nele. Foi a raiva que jogou o meu braço para trás e levou a minha mão espalmada a cortar o ar. Eu só entendi que ele tinha pegado minha intenção de bater nele, quando o meu pulso doeu pela força que o Daniel usava, a fim de imobilizá-lo. Ele segurou a minha outra mão com apenas uma das suas. Com a outra, deteve a minha cabeça e veio na minha orelha.

Quando Daniel falou, entendi que tinha conseguido deixar ele com raiva também.

— O que é isso agora, você vai me bater, sua louca?

Então, eu me senti humilhada e fragilizada e a raiva virou dor e inconformidade. Odiava me sentir frágil. Tinha muito medo de admitir como o controle é uma ilusão ferrada. Nós não temos controle de

nada, talvez, só de como vamos reagir diante das coisas que acontecem e, nesse caso, nem mesmo isso conseguia controlar, porque um soluço saiu no meu peito, passou pela minha garganta e eu comecei a soluçar sem parar.

— Eu... — disse em meio ao choro. — só queria que você... — soluzei —, se machucasse... como eu... como você me machucou agora.

Notei suas mãos afrouxarem a pressão, soltarem as minhas mãos. Ele envolveu minha cintura, abraçou minhas costas e me trouxe para dentro dos seus braços, onde, por qualquer motivo incoerente e masoquista, eu me sentia em casa.

Ele beijou a minha fronte várias vezes antes de falar:

— Nicole, me perdoe. Me perdoe porque... Deus, o que eu acabei de te dizer foi a coisa mais difícil que já fiz na vida. Mas é o certo. Você, nós... eu não posso... Você merece alguém com menos problemas, alguém que te faça sorrir e que não te leve para a merda de um cemitério querendo expulsar da própria vida a única coisa boa que aconteceu.

Eu respirava com dificuldade e não tinha mais pernas, ele me segurava de todas as maneiras que eu podia ser segurada.

Sua voz rouca me puxou um pouco mais para ele:

— Alguém que possa te dar um futuro cheio de vida e... que não tenha medo de te amar, como eu tenho... Você merece, Nicole, alguém completamente diferente de mim... porque a morte me ama e ninguém quer estar perto dela... Eu... eu não quero você perto da morte. — E ele me abraçou com força.

Era isso, eu estava ali, nos braços de um homem tão complicado que me assustava. Um cara que carregava uma bagagem tão grande que devia ser proibida para uma única pessoa fazer. Eu mesma tinha os meus dramas e a minha bagagem, apesar de ser bem menor que a dele, ela também me incomodava, vez ou outra. Não sabia se conseguiria levar a dele junto, se conseguiríamos levar as nossas expectativas e medos em dupla. Ali, nos braços dele, eu me sentia em casa. De uma maneira tão profunda que nem mesmo o balé seria capaz de entender.

Olhei para o Daniel e vi lágrimas nos olhos azuis.

— Eu não quero ninguém melhor do que você. — Segurei o rosto dele entre as mãos. — Você não é a porcaria desse vírus, você é uma pessoa que vive com ele e que vai viver por muitos e muitos anos. Então... — Respirei fazendo uma pausa, as pupilas do Daniel estavam agitadas, deslocando-se rápidas de um lado para o outro. — Então, trate de aceitar isso e viva, Daniel.

Ele fechou os olhos e respirou fundo.

— Você sabe o que tudo isso traz junto, não sabe? Os exames, o medo de ser contaminada, o meu medo de te contaminar.

— Eu sei... Eu pesquisei, conversei com um amigo que é médico, você deve saber. — Busquei os olhos dele sem fôlego. — Você sabe que hoje não é assim. Se nos cuidarmos, eu... estarei segura.

— Por mais que as coisas estejam diferentes... sempre existirá o medo... eu tenho, porra, muito medo — ele confessou e passou as mãos em cima dos olhos parecendo mais velho e abatido.

Encostei a cabeça no peito dele, o sentindo subir e baixar em uma respiração lenta.

— Isso que você está falando é tão pequeno. Você diz que tem medo de que eu pegue esse vírus, caso

algum acidente aconteça enquanto transamos... Quando sabemos que se seguirmos tudo o que é indicado, as chances disso acontecerem são praticamente zero.

Ele respirou fundo outra vez, mas eu continuei:

— Para mim, isso parece uma desculpa para não viver, não sentir, por medo... Ninguém sabe o que a vida nos reservará no próximo instante... Enfim... eu entendi que nunca me apaixonei porque também sentia medo... O exemplo de amor dos meus pais é um fracasso.

Inspirei o ar pela boca e ouvi o coração acelerado do Daniel.

— Sabe — prossegui —, as desculpas para o nosso medo de viver podem assumir muitas formas: um vírus, um trauma, a ilusão de que estamos seguros com o conhecido... Mas, no fundo, tudo isso é uma coisa só: medo. A única coisa que temos de verdade está aqui — Eu toquei no coração dele, senti-o ainda mais acelerado. — eu e você agora. Posso sair daqui e morrer de câncer daqui um ano, enquanto você pode envelhecer e ter uma morte natural e tranquila. Você pode nunca mais se permitir sentir ou se apaixonar, ou até mesmo amar alguém e, de repente, passar o resto de sua vida se arrependendo por não ter... tentado... Nós só temos o agora, aliás, esta vida, então eu quero vivê-la de verdade.

Enchi o peito de ar e coragem antes de continuar:

— Eu não quero passar o resto dessa vida, que eu não sei quanto tempo durará, pensando: *E se eu tivesse tido coragem para me permitir, como teria sido?* — terminei e enxuguei as lágrimas do rosto com as costas da mão.

Senti os lábios dele na minha testa e nas minhas bochechas.

— Eu... não posso. Não consigo... Desculpe. — Os braços que me envolviam caíram.

Eu fiquei um tempo olhando para o Daniel, sem acreditar que tudo acabaria ali, daquele jeito.

Nossas respirações estavam aceleradas, assim como o meu coração.

— Não acredito — murmurei sem me dar conta.

— Me desculpe — ele repetiu e tocou no meu rosto, nas minhas lágrimas.

Dei dois passos para trás, me afastando. Não queria mais nada, nem gritar, nem bater nele. Só queria sair de lá. Só queria chorar até tudo voltar a fazer sentido. Continuei me afastando e peguei minha bolsa em cima do sofá.

— Deixa eu te levar em casa — Daniel pediu com um olhar derrotado.

Neguei com a cabeça.

— Não. Eu vou de táxi.

Virei de costas para ele, coloquei a mão na maçaneta.

— Me perdoe, Nicole — ele disse.

As lágrimas continuavam embaçando minha visão enquanto o meu coração esmigalhado doía demais.

— Sabe? — comecei antes que me afogasse na dor. — Eu também tenho medo, só que eu sempre acreditei que o amor é maior do que qualquer medo. Mas, talvez entre nós, ele apenas não seja grande o bastante.

Ouvi a respiração cortada dele atrás de mim.

— Adeus, Daniel!

Abri a porta meio tonta. Porém, antes que pudesse sair do apartamento, os braços fortes dele me envolveram e me trouxeram para junto do seu corpo outra vez. Nem percebi que ele havia se aproximado.

— Meu Deus... Eu não consigo... Não consigo... — Daniel repetiu desolado.

Virei de frente para ele.

— Não vou conseguir deixar você ir embora — ele afirmou com a testa colada na minha.

Sem pensar retribuí ao abraço e voltei a respirar, meu coração voltou a bater.

Graças a Deus!

— Eu sou tão errado — começou ele —, tão errado que não vou conseguir pedir para você ir outra vez... Eu não consigo.

— Não peça — eu disse e ergui o rosto para encará-lo.

Seus braços me envolveram com mais força e meu corpo se moldou completamente ao dele. Então, seus lábios estavam nos meus. Tudo o que parecia errado foi consumido no nosso beijo. Nada nunca foi tão certo. A boca nele na minha, meu mundo voltando a encaixar, nossos corpos se encaixando. Nos beijamos por muito tempo, nem sei quanto. Eu sentia tanta saudades e, pelo jeito que ele me beijava, como se quisesse me levar para dentro dele, também.

Nos afastamos um pouco, ofegantes.

— Eu quero te levar para um lugar muito especial — ele disse.

Eu quis dizer que já estava nesse lugar, mas ele continuou com os lábios ainda colados nos meus:

— Um lugar que sei você também achará especial... Um lugar especial, como você.

Os nossos dedos se entrelaçaram e quando notei ele me puxava em direção à porta.

— Agora? — perguntei tonta e sem ar, culpa dos beijos.

— Sim, quero que tudo seja o mais perfeito possível.

— Vai ser — eu disse olhando a porta do quarto, não queria mais esperar, meu corpo não queria.

Ele segurou o meu rosto entre as mãos.

— Vai ser o momento mais especial da minha vida e em uma hora e meia a gente chega lá.

— Uma hora e meia?

— Você tem medo de cavalos e de motos? Tem medo também?

— Nunca parei para pensar nisso, por quê?

— Que bom — ele disse abrindo um armário e tirando dois capacetes. — Nós vamos em uma.

— Moto? — Eu quase ri quando me lembrei de que desde o começo o rotulei de motoqueiro.

— Sim... Você tem alguma troca de roupa na sua mochila?

— Tenho.

— Ótimo...

Daniel abriu a porta do apartamento, mas parou antes de cruzá-la e disse com a voz baixa:

— Você... você tem certeza?

— Eu nunca tive tanta certeza na minha vida.

E o sorriso que ele abriu como resposta preencheu tudo o que ainda estava vazio no meu coração.

— Vamos, senhorita Aurora, conhecer o lugar que é meu paraíso na Terra.

As coisas mudavam muito rápido na bipolaridade dele e talvez na minha. Que porcaria, eu nunca me senti mais feliz do que agora e nunca me senti tão miserável há menos de vinte minutos. Se essa era uma mostra do que viveríamos juntos, eu só tinha uma certeza: nunca, jamais, morreríamos de tédio.



Capítulo 39

*“Love me tender, love me true,
All my dreams fulfill.
For my darlin’ I love you,
And I always will.”*
Love me tender – Elvis Presley

Chegamos em um pouco mais de uma hora e meia.

Entramos em um cidade de cenário.

Ruas estreitas cobertas por cruzamentos de tempo.

Nada ali pertencia aos nossos dias e mesmo assim, tudo era atual.

Casas amarelas de pedras porosas, banhos romanos esfumando calor não humano.

Casas de idade com elevadores de ferro a fim de transitar comida de cima a baixo.

Era como mergulhar em um clássico.

Cores georgianas em ruas de passear no século passado, encheram meus olhos de sensações e meu coração de uma alegria distante.

Em algum ponto entre as flores nas janelas e o estilo dos romances, eu entendi o porquê daquela cidade ser um refúgio dos artistas nos dias de hoje e dos imperadores de séculos atrás.

A moto parou, estávamos junto a um parque que descia como um desfiladeiro. Na frente dele, casas iguais montavam um arco como uma lua crescente.

— Chegamos — ele disse depois que tirou o capacete.

— Bath? — eu perguntei depois de tirar o meu capacete também.

— Sim, você conhecia?

— Não, só de fotos.

— Amanhã nós podemos visitar alguns lugares.

— Eu vou adorar — disse olhando ao redor.

— A minha casa é aqui. — Ele apontou com a cabeça para a meia-lua de pedras.

— É lindo.

— É um dos lugares que eu mais gosto... Às vezes, quando eu me sinto meio... sem inspiração, venho para cá — ele contou enquanto andávamos em direção a uma porta, umas das muitas portas iguais.

Durante a viagem eu fui com a mão no peito dele, à medida que entrávamos na cidade, senti o coração do Daniel acelerar mais rápido sob a camisa. A eletricidade entre nós aumentava a cada passo dado. Quando entramos na casa, ainda de luzes apagadas, a tal onda elétrica explodiu em um beijo louco de vontade. Com a língua na minha boca, os dedos do Daniel enroscaram no meu cabelo e me trouxeram para um mergulho mais profundo.

Eu gemi quando ele pressionou o corpo contra o meu acabando de fechar a porta com o nosso beijo. Ele segurou o meu rosto entre as mãos e deslizou as pontas dos dedos desenhando meus lábios, meu nariz e meus olhos com o toque. Minha respiração acelerou. Abri a boca e um dedo dele deslizou para o interior dela; sem pensar, fechei os olhos e o chupei.

Daniel gemeu e puxou minha nuca até nos beijarmos outra vez, ele acariciava minha língua com os lábios com os dentes e com o dedo que ainda estava em minha boca. Um arrepio percorreu minha coluna e eu gemi.

As mãos grandes deslizaram por minhas costas e em um impulso ele me ergueu no colo. Tomei o ar através dos lábios, surpresa, mas o que recebi foi mais do Daniel. Ele não parou de me beijar enquanto subia a escada e nem mesmo quando entramos no que acreditei ser o quarto.

Não abri os olhos, eles pesavam demais. Todo o meu corpo estava sem força e ondas de frio e calor percorriam o meu estômago e contraíam o meu ventre.

— Nicole — ele disse sem fôlego —, olhe para mim.

Obedeci e perdi ainda mais o ar ao ver um amor infinito refletido em um oceano de lágrimas.

— Eu quero que seja especial para você — Daniel confirmou.

— Já está sen...

Não consegui terminar porque ele me beijou com um desespero doce, com uma urgência possessiva. O fecho do meu sutiã foi aberto. Afastamos os lábios e retiramos os casacos e as camisetas.

Gememos juntos dentro do beijo quando nossos corpos se encontraram sem a barreira do tecido.

Daniel deslizou os lábios por todo o meu rosto como se ele fosse música. Gemi baixinho quando os dedos dele se fecharam em um mamilo e o apertaram. Em seguida, ele abaixou e tomou um dos seios com a boca, chupando, mordendo e deslizando os lábios, alternando movimentos rápidos e lentos com a língua com uma pressão perfeita. Logo, eu gemia mais do que respirava. Ele deu a mesma atenção ao outro seio, minhas pernas fraquejaram e eu fiquei tonta. Enterrei os dedos na massa de cabelos escuros. Ele deslizou a língua por todo o seio e eu enrosquei os dedos com força no seu cabelo, puxando os fios longos sem perceber. Daniel gemeu. Ele levantou e segurou o meu rosto entre as mãos. Os olhos azuis agora estavam pesados de desejo.

— Eu não acredito que isso está acontecendo — meu maestro disse e me beijou de leve. — eu quero tanto você, sonho com isso há tanto tempo... já não sei mais se é verdade... Se você é de verdade.

— Sim — confirmei e beijei o maxilar quadrado —, é verdade. — Beijei a orelha dele e o pescoço,

senti seu coração acelerado pulsar em meus lábios e encher meu corpo de calor e vida.

Daniel me ergueu pelas coxas e enrosquei as pernas no quadril dele arrancando mais um gemido de prazer do peito masculino. Ele pressionou os lábios nos meus conforme andava comigo. Dei um gritinho ao cair em cima da cama e, quando ele deixou o corpo tombar sobre o meu, Daniel se apoiou sobre os cotovelos e me olhou de uma maneira tão linda que meu coração triplicou de tamanho.

— Meu Deus, como você é linda, como eu te desejo.

Ele abaixou a boca no meu pescoço, passou pelos meus seios, desceu na minha barriga e desabotoou a minha calça. ergui os quadris e ele retirou a peça de uma vez junto com a calcinha.

Daniel segurou os meus joelhos e empurrou-os para baixo abrindo as minhas pernas.

— Você sabe que isso é seguro, não sabe?

Eu concordei com a cabeça.

— Você sabe que eu nunca faria nada que pudesse te colocar em..

— Eu sei — o interrompi e fechei os olhos.

Daniel abaixou a cabeça entre as minhas pernas e fez uma loucura com os meus sentidos. A língua dele compôs uma sinfonia junto às sensações do meu corpo. Então, ele passou a usar os dentes e os lábios acelerando os movimentos quando eu comecei a tremer. Meu corpo parecia ter perdido a forma. Ele segurou os meus quadris e pressionou os lábios e a língua com mais força em meu sexo que pulsava de prazer. Eu me desfiz e gritei explodindo em um êxtase tão grande que tudo dentro de mim se misturou com ele.

— Eu preciso de você — Daniel afirmou com os olhos em brasa.

— Eu também — confirmei com a voz quebrada.

Ele deu um sorriso torto e tirou a calça. A boca dele subiu por minha barriga, seios e pescoço. Beijamo-nos, dessa vez com uma entrega e paixão tão enormes que eu arquejei e meu corpo foi aceso pelo desejo novamente. Daniel respirava através dos lábios entreabertos.

Ouvi o barulho do plástico da camisinha sendo rasgado, ele se posicionou no meio das minhas pernas.

— Nicole, faz cinco anos que eu não faço isso... Eu nunca mais quis fazer amor com ninguém. — Ele passou os lábios em cima dos meus.

— O quê? — eu disse sentindo que minha voz derretia.

— Você é a primeira em cinco anos.

Meus olhos se encheram de lágrimas e meu coração, mais uma vez, triplicou de tamanho. Então, senti ele lá embaixo, na entrada do meu corpo e os meus quadris o buscaram sem que eu comandasse. Meu ventre contraiu, meu corpo inteiro contraiu.

— Eu vou tentar ir devagar — ele começou com a voz rouca —, pode ser que agora doa um pouco... eu sinto muito — concluiu com o rosto tenso. Daniel se esforçava para manter o controle.

— Porra! — Ele gemeu conforme deslizava lentamente dentro de mim.

Minha respiração acelerou junto com meu coração que agora estava enorme e não cabia mais no peito. Senti ele me abrir e me preencher com um cuidado carinhoso. Daniel escorregou a mão entre

nossos corpos e passou a tocar o meu clitóris com movimentos circulares. Puxei com desespero o rosto dele para baixo e sufoquei um gemido junto aos nossos lábios ao ser invadida por uma pontada de dor e uma sensação tão incrível que não daria para explicar.

Ele estava dentro de mim, ofegante, intenso, lindo. A luz da lua cheia que cruzava a janela fazia tudo ficar aceso, as gotas de suor eram como estrelas na pele dele e o Daniel me olhava de uma maneira quase devocional. Eu queria guardar aquele olhar para sempre. Fechei os olhos e gravei a imagem no coração. Ele acelerou um pouco as investidas enquanto ondas de prazer varriam os meus sentidos. Puxei o seu corpo para mim e ergui o quadril em um movimento que o convidava a ir mais fundo. Daniel abriu as minhas pernas e as levou para cima, minhas panturrilhas pararam nos ombros dele. Então, meu maestro me beijou com a mesma força que passaram a ter as suas investidas.

— Olha para mim... minha Aurora — ele disse e emoldurou meu rosto com as mãos.

Algo crescia no meu ventre, entre as minhas pernas, em todos os poros.

— Meu sonho — ele murmurou e a boca entrou na minha em um beijo vitimado pelos movimentos dele e por minhas ondulações.

Enterrei as unhas com força nas costas largas e arqueei as costas conforme choques de prazer se espalharam por minha coluna. Gritei e exigi que ele aprofundasse o beijo. E quando os choques me viraram do avesso, apertei as nádegas dele e me estiquei inteira. Meu corpo tremeu violentamente de prazer. Daniel arremeteu mais uma vez e outra com força.

— Nicole — ele convulsionou. — Nicole — repetiu e todo o corpo dele foi percorrido por espasmos. Ouvi um gemido alto do Daniel, tipo um rosnado. Ele ainda me tocava em todas as partes. Dobrei meu corpo para cima ao entender que ele atingia o clímax. Acabamos os dois dentro do beijo, ofegantes e molhados de suor.

Ele saiu de dentro de mim e me puxou para um abraço em seu colo.

— Minha Aurora — ele disse e beijou minha testa —, obrigado. — E beijou minha bochecha. — Obrigado por me deixar ser o primeiro — repetiu e beijou os meus lábios. — Você é meu melhor sonho — afirmou baixinho e beijou os meus olhos.

Suspirei satisfeita e emocionada.

— Foi tão bom.

— Foi perfeito — ele sussurrou —, você é perfeita.

Ficamos por um tempo abraçados enquanto Daniel desfiava os meus cabelos com os dedos, vez ou outra apertava os braços em volta do meu corpo, beijando minha fronte.

— Minha Aurora — Senti um beijo na testa. —, vou me lavar e depois venho te pegar para te dar um banho.

Eu me sentia exausta, entorpecida, sonolenta. Notei a perda do calor do corpo do Daniel e acho que resmunguei. Acabei dormindo. Sonhei com um banho quente em uma banheira e com muitos beijos pelo corpo de um Daniel entregue e apaixonado.



Acordei com o Daniel me beijando, parecia ser cedo. O rosa do céu confirmava a aurora. Os lábios macios e quentes dele percorriam as minhas costas, o meu pescoço e desenhavam círculos em meus ombros. Dormia de bruços, como sempre fazia.

Ele veio na minha orelha:

— Eu quero ter você de novo... Está muito dolorida, cansada?

Sentia bastante sono e uma vontade crescente dele, que era despertada pelos lábios na minha pele.

— Não — menti. Paciência, foi por um bom motivo.

— Você nem acordou quando eu te dei banho ontem, tem certeza?

Venci a claridade e olhei para o Daniel, os músculos dos braços, o abdômen definido, a respiração entrecortada, a boca entreaberta. Lindo!

— Não foi sonho?

— Não — ele disse me beijando outra vez e eu não estava mais cansada.



Capítulo 40

*“Come on, keep me where the light is
Away from all the dark
Keep me where the light is
Keep me where, keep me where the light is”*
Gravity – John Mayer

Nós gastamos o dia passeando pela cidade. Conheci os banhos romanos, almoçamos em um restaurante centenário e depois ele me levou para comer fudge de chocolate, que Daniel jurava ser o melhor doce do mundo. Eu achei meio enjoativo. Pouco satisfeito por não ter me agradado, ele entrou em três chocolaterias e comprou uma dúzia de barras. Experimentei meia dúzia delas e já não aguentava mais lembrar do meu vício.

Continuamos o nosso tour pela cidade, ainda sentia o chocolate na boca.

Entramos no prédio histórico da assembleia com ele segurando a minha mão. Olhei com atenção para ele: Daniel parecia estar cheio de expectativa. Aquela expressão de criança que espera o Papai Noel.

Percorremos parte do local e a cara dele não mudava. Notei que era uma construção imponente, cheia de sancas de gesso em tetos tão altos, que elas nem precisariam estar ali. Vez ou outra lançava um olhar para ele tentando entender o porquê da sua aparente ansiedade. Entramos no salão principal e a voz do Daniel tirou minha atenção do enorme lustre central:

— Foi nesse salão que a senhorita Austen dançou alguns bailes, muitos bailes.

— Como? — O meu coração fez uma pausa.

— A senhorita Jane Austen, ela morou aqui em Bath durante alguns anos.

Levei a mão à boca, o coração dava piruetas no meu peito.

— É sério? É sério mesmo? A Jane Austen, minha Jane, escritora?

— É sério. Se você quiser, depois podemos passar na frente da casa dela.

— Você... lembrou, me trouxe em Bath de propósito — era uma confirmação em voz alta, o meu coração já sabia.

— Sim, senhorita Aurora... você me daria a honra da próxima valsa ou do próximo forró?

Ele era incrível. Eu me apaixonei por um cara incrível.

— Sim, senhor Hunter, será uma honra — imitei uma genuflexão da melhor maneira que lembrava dos filmes antigos, ele se curvou e começou a murmurar o ritmo do forró que dançamos juntos, na casa dele, há mais de um mês: *Numa sala de reboco*, do Luiz Gonzaga. Sorri com os olhos, com o corpo e com a alma.

— Você lembra do ritmo? — perguntei entre admirada e surpresa.

— Eu sou um maestro, senhorita Aurora — ele retrucou entre os passos —, você está me ofendendo.

— Desculpe, senhor — respondi com uma forçada seriedade.

E sem avisar, ele mudou o ritmo e começou a cantarolar o *Danúbio azul* enquanto girava comigo em seus braços e o mundo girou dentro de um par de olhos azuis.

Eu parei ofegante e o abracei.

— Já cansou? Ainda nem falamos sobre o tempo, ou sobre como está adequada a iluminação de velas, ou sobre qualquer outra trivialidade que os nobres ingleses falavam ao dançar no século XIX.

— Obrigada — eu disse perdida dentro dos olhos dele e entre as risadas que trocávamos.

— Você me fez muito feliz. — E ele me beijou, não foi um beijo longo e provocador, foi uma carícia com os lábios.

— Eu te amo — afirmei, ainda tonta pela valsa. Só podia estar tonta porque, como eu pude dizer isso? Da onde saiu isso? Senti os músculos do braço dele enrijecerem e achei que ele fosse sair correndo do salão, apavorado. Mas ele veio na minha orelha do jeito que eu já conhecia, e meu corpo também, e disse com a voz rouca:

— Agora vamos voltar para a cama. Se a senhorita não se importar, eu me sentiria muito honrado em estar dentro de você mais uma e muitas, muitas, muitas vezes e, ainda hoje, com o seu obséquio — ele disse forçando o sotaque inglês como um nobre arrogante.

E eu corei até os dedos dos pés como uma donzela afetada do século XIX. O “eu te amo” ficou esquecido embaixo do calor das minhas bochechas.



Capítulo 41

*“Lights will guide you home
And ignite your bones
And I will try to fix you”
Fix you – Coldplay*

Daniel não era mais meu diretor. Estávamos oficialmente namorando. Há um mês, assumimos para o mundo. Pouco mais de uma semana após o término das apresentações. Muito cedo? Sim, com certeza. Mas estávamos muito apaixonados para fingir que não.

Dormíamos todos os fins de semana juntos e durante alguns dias da semana também.

Daniel era... incansável.

Sabem toda aquela fúria que ele colocava no boxe? Tripliquem isso pela potência de um milhão e vocês encontrarão a energia sexual que ele tinha para gastar. Comigo. Ele gastava ela inteira comigo.

Eu não podia reclamar.

Na verdade, nesses quase dois meses desde a nossa primeira noite lá em Bath, eu vinha descobrindo muitas coisas novas.

Entendi, por exemplo, porque que os casais apaixonados pareciam coelhos.

Entendi porque as pessoas engravidavam em idades consideradas inadequadas.

Entendi porque que os homens apaixonados pareciam pensar mais com a cabeça de baixo.

Isso eu entendi na primeira apresentação do balé depois de Bath.

Eu estava no meu camarim me trocando para o próximo ato.

O senhor Hunter entrou de fraque, parecendo um maestro civilizado, e trancou a porta.

— O que você está fazendo?

Ele não respondeu, ao invés disso me encurralou entre a mesa cheia de maquiagens e o corpo enorme dele. Não era um maestro civilizado.

Até tentei trazê-lo a razão naquele dia.

— Daniel, daqui quinze minutos começa o segundo ato.

— Eu sei... Eles precisam de um maestro e de uma solista para isso. — Então, os braços dele envolveram minhas costas e ele me colocou em cima da mesa espalhando as maquiagens com uma das mãos, que caíram no chão.

— Você está lou... — Os lábios dele capturaram os meus, ele exigiu que eu abraçasse o seu quadril com as pernas enquanto sua língua invadiu a minha boca. Pela intensidade do beijo, Daniel queria apenas me possuir com o beijo, mas entrar embaixo da minha pele. Aquele dia ele não removeu nem a casaca e me deixou sem ter a chance de voltar a ser a mesma pessoa que fui até conhecê-lo.

Acho que ele estava tirando o atraso.

E nós estávamos muito felizes.

Talvez, até mesmo irritantemente felizes.

Sabe aqueles casais apaixonados, piegas e irritantes? Sim, éramos nós.

Primeiros da fila.

Fazíamos tudo de mãos dadas, trocando beijinhos pelas ruas, cochichávamos no ouvido um do outro só para fazer cócegas, tínhamos uma lista de, pelo menos, dez músicas nossas. Íamos a cinemas, teatros, restaurantes e nos beijávamos muito em todos eles. Às vezes, a ponto das pessoas ao lado ficarem um pouco... constrangidas.

Eu acompanhava ele em todas as apresentações e ele sempre me pegava depois dos treinos.

Para nos sentirmos mais seguros, ele fez questão de me levar ao infectologista que o acompanhava, decidiu que faria exames mensalmente para controlar a taxa do vírus, ao invés de a cada trimestre.

Porém, mesmo com tudo isso, Daniel tinha dias cinzentos.

Principalmente quando fazíamos amor com a intensidade cabível a uma bailarina e um maestro-boxeador-motoqueiro, como aconteceu naquela madrugada.

Ele me acordou com beijos pelo corpo, quando venci o torpor do sono, a claridade da luz do abajur no quarto me fez perceber a intensidade do seu olhar e meu coração disparou.

— Você confia em mim? — ele perguntou enquanto os lábios brincavam no meu pescoço.

— Sim, hum... — Minha voz falhou, mas espreguicei e disse mais firme: — Sim, confio. — Senti o corpo dele escorregar em direção à lateral da cama e notei ele agarrar duas faixas de tecido brancas.

— O quê? — eu comecei quando ele envolveu uma das faixas em meu pulso direito.

— Eu vou te amarrar — ele confirmou enquanto trabalhava em uma espécie de nó, prendendo o meu pulso à cabeceira da cama.

— São suas gravatas?

Daniel me olhou em silêncio, o peito nu descia e subia em uma velocidade rápida, os olhos escurecidos. O que me fez gelar, não foi o rosto tomado de desejo, pois já tinha me acostumado com isso. Acontece que a expressão dele era uma mistura do desejo conhecido, com uma sede por algo desconhecido que sombreava o seu rosto, quando ele lutava no “lá embaixo”. Eu confiava nele, era ridículo sentir medo, mas... engoli em seco, arrisquei uma risada trêmula e disse enquanto o meu outro pulso era amarrado:

— Eu estou um pouco assustada, devo ficar? — Ele terminou o nó que imobilizou o meu braço em silêncio. Então, me olhou, sacudiu a cabeça negando e me beij... e me deixou sem fôlego com o beijo. Eu lutava pelo ar e o que conseguia era mais dele em mim.

— Não vou fazer nada que você não queira, ok? — A voz de barítono murmurou em meu ouvido.

Eu consenti.

Ele levantou.

Daniel usava só uma calça de malha preta. A visão daquele homem lindo, de cabelos desarrumados e olhos sombrios me fizeram rir pelo volume de tudo o que sentia.

— Dani... Daniel... — Ele mexia no *iPad* e não me olhou, ouvi uma música preencher o quarto: *Old Ways*, de Loreena Mckennitt. Nem sabia que ele gostava desse tipo de música.

— *World Music* — eu arrisquei, ele continuou em silêncio.

Cada vez mais ansiosa, enquanto o via mexer em uma gaveta da cômoda, eu continuei falando:

— Não sabia que você tinha um lado assim, mais... dominador.

Ele não parou o que fazia para responder e o silêncio aumentava as sensações dentro de mim, então prossegui:

— Meu Deus, você está acendendo velas? De verdade? — Sim, é claro que era de verdade. — Eu sempre soube do seu lado mandão, mas amarras de seda e...

Ele virou o corpo em minha direção com um tipo de pote de vidro nas mãos e uma vela dentro. Me olhou daquela mesma maneira insana e toda eficiência do meu sistema nervoso evaporou.

— Vela? Para quê? Você não está pensando em co...

— É uma vela para massagem, ela não queima.

— Você comprou isso? Quando? Você planejou isso? — Na verdade, o que estava acontecendo: eu estava absolutamente tomada por uma excitação sem limites e ela se convertia em perguntas disparadas como uma metralhadora. — Você planeja isso faz tempo? Desde quando?

— Shhhh...

Notei o líquido morno escorrer nas minhas panturrilhas.

— Eu não quero amordaçar você, querida, então fica quietinha — Daniel disse enquanto os dedos dele iniciaram uma espécie de massagem nos meus pés.

— Euu... Hummmm... — Não consegui dizer mais nada.

— Vou tocar você como eu toco o meu piano. — Então, os dedos subiram em movimentos rítmicos e acelerados por toda a minha perna, dentro das coxas e entre as pernas.

— Não, definitivamente muito melhor do que o piano — dizendo isso, ele me beijou com força e de uma maneira tão profunda que todas as palavras do mundo sumiram e renasceram nas voltas da língua dele junto à minha, nas ondas do corpo dele junto ao meu. Daniel prosseguiu me beijando enquanto deslizava os dedos em movimentos alternados em meu sexo excitado. Cada toque dele arrancava um gemido do meu peito. Ele parecia gostar dos sons que estava provocando, porque aprofundava o beijo e grunhia de satisfação junto comigo.

Quando atingi o clímax pela segunda vez, ele afastou os dedos do meio das minhas pernas.

— Eu preciso descansar, me dá um tem...

Só que o maestro estava surdo aquela noite, porque ele voltou a me tocar. A princípio de maneira suave, acalmando a vibração do meu corpo que era varrido pelos choques do prazer alcançado.

— Shhh... calma — ele pediu conforme movia os dedos dentro de mim.

— Eu... eu não aguento — disse com as pernas tremendo.

— Só mais uma vez, eu quero que você chegue junto comigo, agora.

Daniel se colocou entre as minhas pernas. Ouvi o barulho do plástico da camisinha sendo rasgado uma vez e, em seguida, mais uma.

— Duas camisinhas? — perguntei sem fôlego e sem entender.

— Vou amar você com muita força, não podemos arriscar. — E ele me beijou com posse e paixão e, então, deslizou para dentro de mim de uma vez. Eu estava entorpecida, completamente entregue e fiquei assim até Daniel começar a murmurar palavras perdidas no meu ouvido:

— Perfeita... demais... louco... preciso.

Meu corpo obedecia somente ao Daniel, ele tirava de mim tudo o que desejava como um músico experiente enquanto cumpria a promessa de me amar com muita força.

Após o terceiro clímax mais estrondoso do universo, Daniel, que agiu o tempo todo em uma mistura de sutileza e brutalidade, desabou o corpo em cima do meu. Pouco depois, senti os lábios dele nos meus braços e nos meus pulsos conforme os nós que os prendiam foram desfeitos.

— Obrigado — ele disse e somente então notei que ele estava com o rosto coberto de lágrimas.

— Você... chorou? — Eu enxuguei as suas bochechas com as pontas dos dedos.

— Você me deu a melhor experiência, a mais foda e forte de todas. — Ele me abraçou aconchegando a minha cabeça no peito.

Ficamos um tempo olhando para o teto em silêncio enquanto nossas respirações voltavam ao normal.

Apesar de me sentir exausta e completamente relaxada, imaginava o que estava acontecendo: ele devia estar se culpando. Era assim, quanto mais intenso, ou quanto mais prazer ele tinha, mais difícil parecia ser para ele lidar com isso depois. Passados dez minutos de um silêncio estranho, ele levantou e beijou minha testa.

— Durma, meu anjo. Eu já venho.

— Ok. — Às vezes, ele precisava desse espaço só dele para voltar a ser o meu Daniel.

Esperei por uma hora e meia na cama. Quando ele tinha esse tipo de reação, mesmo tentando entender, sentia como se o palco estivesse ruindo embaixo dos meus pés e acabava lutando contra as lágrimas.

Sem conseguir dormir desci resolvida a trazer à tona, a falar a verdade. Estava cansada de criar mil teorias sobre o que se passava na cabeça e no coração dele nessas horas.

Encontrei-o tocando a *Moonlight*, sonata do Beethoven. Acho que era essa música. Era incrível como os músculos dos braços dele trabalhavam enquanto ele tocava de olhos fechados, possuindo a música. Meu estômago gelou sobre o efeito que Daniel sempre provocava em mim, mesmo diante de uma situação

chata e desconfortável como essa.

Antes dele perceber minha presença, eu falei:

— Você disse que voltava logo.

Ele tocou mais algumas notas e parou devagar.

— Desculpe, perdi a noção do tempo.

Engoli a vontade de chorar.

— Você me deu os orgasmos mais fortes que já vivi e saiu quinze minutos depois da cama, me deixando sozinha, como se... como se fosse difícil ficar ao meu lado.

— Não. — Ele levantou do banco do piano e ergueu a mão com a intensão de me tocar.

Eu dei dois passos para trás me afastando.

— Fico pensando se fiz algo de errado, ou se você vai se ausentar sempre depois de dividirmos momentos tão intensos.

Ouvi ele respirar fundo.

— Eu fiz alguma coisa de errado? — perguntei.

— Não, meu anjo, não. — Ele voltou a sentar e escorregou as mãos pelo rosto até o cabelo em um único movimento.

— Então é por causa dela, não é? — indaguei sentindo as vísceras contraírem.

Ele me encarou com a boca aberta sem responder.

— Me diz, merda! O que acontece?

— Eu estou tentando, Nicole — ele confirmou com a voz fraca e minhas pernas amoleceram. *Então era verdade.*

— Você ainda a ama? Vó... Você pensa na Mirela enquanto fazemos amor?

Daniel se levantou em um pulo e a tampa do piano bateu.

— Como você pode dizer uma coisa dessas?

— Até quando o fantasma dela vai estar na nossa cama?

Ele me olhou com a cor do seu rosto fugindo em segundos.

— Ela nunca esteve na nossa cama.

— Então... o que, porcaria, acontece? Por que você se afasta desse jeito?

— Eu tenho medo, Nicole, de perd... Eu tenho muito medo de você se... de você pegar e... de perder você — ele confirmou com a voz embargada.

Então era isso. Medo. Não era culpa, nem falta... Não era comigo o problema.

Eu dei alguns passos até estar na frente dele. Toquei o rosto lindo que amava, as pontas dos meus dedos escorregaram na barba por fazer, ele fechou os olhos.

— Você está sendo incoerente — comecei. — eu me sinto segura, Daniel... Lembra o que o médico falou, mais de uma vez?

— Sim — ele disse olhando para baixo.

Sabia que ele não acreditava, por isso resolvi repetir o que ouvimos do infectologista:

— Você toma os remédios, se cuida, controla a taxa do vírus e nós sempre usamos camisinha. Ainda assim, se algum acidente acontecer, tem o tratamento profilático, eu me sinto segura... Só que você não acredita nisso.

Ele negou com a cabeça.

— Eu tenho medo... Olha o que aconteceu com a vida da minha ex-namorada... Eu...

— Nos perdemos um pouco toda vez em que você acredita que pode me perder e se culpa por isso e se afasta de mim, ou se fecha em seus medos. — Vi o peito dele subir e descer com o movimento longo da respiração. O braço do Daniel envolveu minha cintura e me trouxe dentro de um abraço longo.

— Fala comigo, acredita junto comigo que tudo está bem... tudo ficará bem — insisti ainda dentro do abraço, sentindo a respiração dele marcar minha fronte. — E deixa eu entrar nos seus medos, não me tira deles, vamos enfrentá-los juntos.

Senti o polegar dele no queixo puxar o meu rosto para cima. Quando o olhei, vi rastros de lágrimas desenhando linhas nas suas bochechas. Sabia o que precisava, sabia o que ele precisava ouvir para tentar vencer os fantasmas do passado, pelo menos alguns deles, por isso continuei com firmeza:

— Daniel, você não tem culpa porque sua ex-namorada não se tratou... você não entende?! Ela se matou, Daniel... não foi o vírus que fez isso.

— Eu sei. — O rosto dele voltou a ficar branco.

Eu segurei a sua mão.

— Faz muito tempo, você precisa se perdoar e entender que, provavelmente, se ela tivesse se tratado como você faz, ela estaria bem e, talvez, tivesse uma vida longa e feliz...

— Eu sei — ele disse com a expressão triste, os olhos vermelhos e o cenho franzido.

Ficamos nos encarando por um tempo longo em silêncio, com nossas respirações fora de ritmo.

— Eu sei que é uma merda tudo isso que aconteceu, mas você precisa se perdoar... Faça isso por você... faça isso por nós.

Daniel confirmou com a cabeça e os lábios cobriram os meus. Não foi um beijo quente ou sedutor, havia ali entrega, força, um pedido de desculpas e a sensação de que poderíamos tentar vencer os nossos monstros juntos e assim, talvez, construirmos passo a passo a nossa felicidade.



Capítulo 42

*“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã
porque se você parar pra pensar na verdade não há.”*

Pais e Filhos – Legião Urbana

Daniel nunca tinha ido ao mercado de Nothing Hill, dá para acreditar? Um londrino não conhecer a maior feira de antiguidades a céu aberto do mundo? Sendo que essa feira ficava na sua cidade?

— Vamos almoçar em Nothing Hill? — ele perguntou enquanto andávamos no meio de turistas fuçando em mesas de velharias: discos de vinis, casacos de pele usados, exemplares de livros antigos.

— Não, não precisa me dar um exemplar de *Orgulho e Preconceito*, de 1850 — disse enquanto ele já enfiava a mão na carteira.

— É um presente, não estou perguntando se você quer.

— Não, pelo amor de Deus, custa trezentas libras.

O vendedor olhava para ele com esperança e para mim como se eu fosse uma nazista queimadora de livros.

No fim, ele pagou e não adiantou eu continuar negando.

— Obrigada — agradei e enchi o rosto dele de beijos.

— Achei que você não queria.

— Não disse que não queria, disse que não precisava.

— Olha, eles vendem até *paella* em barraca de feira? — Daniel comprovou com a expressão incrédula.

— Eles vendem tudo aqui.

Paramos em frente a uma banca de vinis.

Foi demais para ele, o maestro se rendeu.

— É, até que é interessante toda essa mistura.

— Eu sabia que você ia gostar.

Enquanto ele olhava uma pilha de discos clássicos, eu fui fuçar na pilha de rock. Sem que ele notasse, escolhi e comprei um vinil de presente. Escondi nas minhas costas, o que parecia bem bobo porque o vinil era enorme. Sabia que ele colecionava vinis e não tinha visto nenhum dessa banda específica que eu segurava para entregar.

— O que você tem aí atrás? — Ele largou o monte dos clássicos, eu devia estar com aquela cara de surpresa estampada.

Ele tentou enxergar.

— O que você comprou?

— Para você. — Estendi o vinil.

— Queen?

— *I was born to love you* — comecei a cantar.

Daniel botou a mão em frente à boca imitando um microfone.

— *Yes I was born to take care of you, every single day of my life.*

Eu o acompanhei e no fim de mais duas estrofes, seguimos abraçados e rindo.

— Sim, eu sei que sim — ele disse junto a minha orelha.

— Oi? — Eu não entendi.

— Você foi feita para mim, você é meu êxtase — ele repetiu parte da estrofe da música que tínhamos acabado de cantar.

Beijei a mão dele em um gesto de carinho e meus olhos pararam em uma banca de flores.

— Você faria uma coisa por mim? — perguntei exagerando na expressão sugestiva.

— O que você quiser — ele respondeu entendendo a sugestão, cheio de malícia.

— Jura?

— Contanto que não te coloque em risco... Tudo o que você quiser.

— Quando eu era criança, toda vez que ficávamos tristes com alguma coisa, eu e minha mãe saíamos na rua e... você vai ver — disse indo em direção à banca de flores. Uma vez lá, comprei cinco lisiantos e entreguei para ele.

— Para mim? — Daniel entreolhou as flores e o meu rosto.

— Agora nós vamos escolher cinco pessoas e você vai dar uma flor para cada uma delas.

— Não, Nicole, nem pensar — ele respondeu com um sorriso tímido.

— Vai, Daniel, é incrível ver a reação das pessoas.

Ele sacudiu a cabeça.

— De jeito nenhum, eu sou homem, vou ser mal interpretado.

— Ah, como você é bobo. E daí?

— Não.

— Você prometeu.

— Eu fui enganado, achei que você estava me oferecendo outra coisa.

— Você prometeu — insisti.

— Não.

— Vai? — Fiz um biquinho de criança mimada. — Por mim.

Ele bufou e negou com a cabeça.

— Você vai ficar ao meu lado.

— Tá bom. — E eu passei o braço pela cintura dele. — Vamos, eu escolho as pessoas.

— Só você para me fazer topar uma coisa ridículas dessas — ele murmurou parecendo mal-humorado de verdade. Eu achei graça, mas ele continuou com um tom de voz seco: — Vamos acabar logo com isso.

Daniel virou e entregou para a primeira mulher que viu. Era uma jovem de uns 15 anos. Ela parou, deu dois passos para trás, olhou para ele e para mim, se fixou na flor e perguntou:

— Para mim?

— Sim — ele respondeu, ainda carrancudo.

Aí o milagre começou: um sorriso tímido apareceu nos lábios dela que voltou a olhar para a flor e, então, um sorriso enorme se destacou no rosto cheio de sardas.

— Obrigada — ela disse corando.

— Tudo bem — ele respondeu na melhor maneira troglodita. Envergonhado, girou o corpo e saiu andando.

Antes de ir atrás dele, ouvi as duas amigas darem um gritinho de alegria e alguns comentários do tipo: “Você viu como ele era lindo? Ah, meu Deus, ganhei o meu dia”.

Isso iria ser infinitamente mais divertido do que quando eu fazia o mesmo com a minha mãe. Corri para alcançá-lo. Ele entregava agora uma das flores para um grupo de quatro senhoras.

A que recebeu o lisianto arregalou os olhos e levou a flor ao coração enquanto perguntava:

— Você está me dando essa flor?

— Sim, senhora.

— Por que, meu jovem?

Ele me buscou com a expressão perdida. Eu abri as duas mãos no ar na típica pose de sei lá.

O Daniel encarou a senhora e respondeu:

— Para... para alegrar o seu dia.

— É sério?

— Sim.

E no mesmo instante as outras três mulheres, que não tinham sido presenteadas, se manifestaram:

— Eu também quero uma.

— Uma para mim também.

— Não se esqueça de mim.

Ele entregou uma a uma até as flores acabarem. Achei que ele fez de propósito, escolheu um grupo com número certo de flores. Mas, com certeza, ele não esperava o sincero entusiasmo que aquelas senhoras demonstraram. Sem avisar, uma delas beijou a bochecha dele. O Daniel deu dois passos para trás assustado e foi cercado pelas outras três mulheres, que agora também o beijavam no rosto e agradeciam. No final do terceiro beijo, ele já havia se rendido e sorria com divertida timidez. Uma delas se manifestou mais entusiasmada:

— É de jovens galantes e educados assim que a Inglaterra precisa.

— Sim, com certeza, vou passar o telefone do meu neto para que você o ensine como se deve tratar uma dama — disse a outra.

— Tira uma foto comigo, meu jovem? — pediu a primeira a receber a flor e logo todas estavam solicitando o mesmo. Eu gargalhava tanto que lutava pelo ar.

— E essa jovem tão bonita e feliz é a sua namorada? — Uma delas perguntou.

— Sim, senhora.

— Sorte sua, senhorita — a mulher respondeu.

— Eu também acho — disse ainda sem fôlego.

Quando nos afastamos do grupo, ou melhor, quando elas largaram o Daniel e nos afastamos do grupo, ele me olhou, cruzou os braços sobre o peito e disse:

— Você vai me pagar.

— Ah, vai... é impossível permanecer triste fazendo isso.

— Sim, você fica sem tempo para pensar em qualquer outra coisa que não seja se desvencilhar das investidas do sexo oposto.

— Convencido.

Ele encolheu os ombros e disse:

— Obrigado, foi estranhamente divertido.



Estávamos sentados no sofá da sala do apartamento do Daniel em Londres. Assistíamos a um concerto de outro grande maestro da atualidade. Tínhamos acabado de chegar da experiência em Nothing Hill. Ele ouvia com tanta atenção, que era como se eu estivesse sozinha, exceto pela mão pousada no meu braço, ela automaticamente desenhava alguns movimentos conforme a música crescia ou abaixava. Ele estava em um mundo à parte, um mundo que eu conhecia muito pouco. Fiquei curiosa para entender, queria entrar nesse local estranho para mim.

— O que realmente um maestro faz?

Ele continuou em silêncio ouvindo a música, em transe.

— Daniel! — fui mais enfática. — O que um maestro faz? — Ele me olhou como se tivesse acabado de perceber a minha presença.

— Desculpe, eu estava tão concentrado.

— Sério? — perguntei com ironia.

— Você não tem ideia?

— Do quê?

— Do que um maestro faz?

— Para falar a verdade, não sei o que mais você faz além de estudar o tempo inteiro ou tocar a outra metade do tempo.

Ele abriu um sorriso entusiasmado.

— Assim como a dança, a música é algo vivo.

— Certo.

— Um maestro pega a partitura que aparentemente é uma coisa estática, desmembra parte por parte, nota por nota e remonta a composição sendo o mais fiel possível à verdade dela. Entende?

— E o que vocês fazem na frente da orquestra?

— Tudo — ele respondeu como se fosse óbvio.

— Tudo?

— Estou brincando, nós marcamos o ritmo certo e equilibramos as dinâmicas indicadas para cada grupo de instrumentos, assim eles não se perdem no tempo, nem nas dinâmicas indicadas nas partituras.

— Então, é o maestro quem toca a orquestra?

— Sim, ele quem arranja o conjunto e o conduz a fim de extrair a maior verdade possível daquela composição... isso, claro, pela sua interpretação ou sensibilidade.

— Concentração a ponto de antecipar a entrada de todos os instrumentistas da orquestra. Meu Deus, por isso que você é meio maluco — eu disse em tom de brincadeira.

— Ah, mas não é só isso — ele falou com uma forçada seriedade.

— Ah, não?

— Não — ele confirmou e virou de uma vez me deitando no sofá. Parou com o corpo em cima do meu antes de acrescentar: — O maestro tem que conhecer cada instrumento particularmente — ele disse dedilhando as minhas costelas —, saber como se toca cada um deles... — Desceu a boca no meu pescoço e eu gemi enquanto ele avançou com os lábios desenhando notas na minha clavícula. — Antecipar e entender os sons que cada parte desse instrumento produz. — Mordiscou a minha orelha e eu gemi de novo, baixinho. — Estudar minuciosamente cada partitura... — Os dedos dele subiram por minhas coxas e ele prosseguiu na minha orelha: — Antecipar todas os possíveis movimentos, entradas e saídas de cada grupo... de cordas — Dedilhou os dedos, eu tremi —, de sopro — soprou na minha orelha e eu ofegava, pois todas as minhas terminações nervosas foram acesas —, de percussão. — Arqueei as costas quando

senti minha calcinha ser invadida pelos dedos dele. — E, acima de tudo, amar, adorar, idolatrar a resposta dada a cada comando e estímulo da interpretação ou variação de cada uma dos acordes tocados. — Ele ofegou ao se acomodar entre as minhas pernas e disse: — Essa é a melhor regência de todas.

Não ouvi mais nada, nenhuma nota ou acorde, só entendia o Daniel brincando de reger meu corpo com absoluta maestria.

— Eu te amo, eu te amo tanto... — ele disse atingindo o clímax, isso eu consegui ouvir.

Foi a primeira vez que ele falou que me amava. Estava sem ar, trêmula e esmorecida pelo êxtase que dividimos no sofá da sala.

— Minha Aurora — ele segurou o meu rosto entre as mãos e concluiu: —, luz do meu coração.

— Eu te amo. — Essa foi a primeira vez que repeti para ele o que já sabia desde aquele dia no salão de baile da Jane Austen.



Naquela noite eu dormi mais cedo do que o normal. Acordei e briguei contra a barreira do sono e do escuro, busquei o corpo do Daniel espalmando o colchão ao meu lado. Ele não estava na cama. Olhei no relógio na mesa de cabeceira: 02:45 AM.

Espreguicei e sentei na cama. Sabia onde ele estaria. Estudando. Sabia disso porque ele não estava na cama e porque o piano estava quieto. Eu nunca deixaria de me surpreender com a quantidade de horas que o Daniel estudava. Levantei e senti um arrepio percorrer a minha espinha, culpa do calor perdido da cama e das poucas peças de roupa que vestia: apenas uma regata e a calcinha. Não queria mais roupas, queria o Daniel ao meu lado. Saí do quarto para chamá-lo.

Encontrei ele sentado na poltrona ao lado da janela e estava tão concentrado no monte de papel em suas mãos, que nem percebeu a minha presença. Pude estudá-lo com determinada calma, enquanto ele estudava o que quer que fosse. Ele era um homem impressionante e sem a camiseta, só com a calça do pijama, era ainda mais. Toda vez que ele lia, surgia um vinco profundo entre as suas sobrancelhas. Eu nunca achei que um vinco pudesse ser tão atraente. Mas ali, fazendo uma moldura para os olhos mais azuis que existiam, o vinco ganhava personalidade e brincava de dar choques no meu estômago. Na verdade, olhá-lo de qualquer jeito era o que desencadeava os choques.

Suspirei.

Ele ainda não tinha notado minha presença.

— No lugar de “você é um CDF”, as pessoas deviam dizer “você é tão maestro”.

Antes de levantar os olhos do papel, um sorriso apareceu nos seus lábios.

— É mesmo? — ele disse colocando as partituras em cima da mesa ao seu lado.

— Hum-hum... — Eu concordei enquanto o olhar dele subiu lentamente, desde os meus pés, até os cabelos? Achei que sim. Senti as bochechas esquentarem e outras partes do corpo também.

— Ao invés de dizer “você fica uma delícia de calcinha e regata”, as pessoas deviam dizer “você é tão Nicole” — falou Daniel já de pé, vindo em minha direção.

— É mesmo? — eu o imitei.

— Eu quero dançar com você.

— Agora? — perguntei surpresa.

— Sim, mas quero aquela música que você dançou com o Ivo, no aniversário dele.

— Kygo?

— Sei lá — Ele envolveu minha cintura com os braços. — eu quero a dança, a mesma dança, na verdade.

— Mas eu não lembro.

— Eu lembro — ele soprou no meu ouvido.

— Você realmente ficou com ciúmes daquilo. — Não perguntei, era possível que ele ainda se incomodasse?

— Eu quis arrancar a pele dele e dar para ele vestir ela do avesso, fora isso... nada.

— Você é louco, o Ivo é... não gosta muito de mulher.

— Ele falou no banheiro que queria te comer.

— O Ivo prefere os meninos, ele mesmo me contou.

Ele não respondeu, no lugar disso me beijou e enquanto os lábios dele avançavam nos meus, as mãos desceram até abaixo do meu quadril. Daniel deixou uma trilha de beijos em direção à minha orelha. Chegando lá, passou a murmurar ordens:

— Mexa o quadril assim. — Ele começou a mover o corpo e eu o segui. A música que tocava era Bolero de Ravel.

— Essa não é a música que eu dancei.

— Shhh, apenas me obedeça e me segue.

Senti os braços dele girarem o meu corpo, as mãos pararam em minha cintura e exigiram que eu movesse os quadris em ondas.

— O Ivo ficou de pau duro enquanto você dançava assim com ele? — ele perguntou ainda com boca na minha orelha.

Eu via o nosso reflexo pelo vidro da janela e... meu Deus, o Daniel era quente.

— Não — foi mais um gemido do que uma palavra firme. Isso porque as mãos dele envolveram os meus seios.

— Ele com certeza é gay. — Daniel virou o meu corpo, ficamos de frente outra vez, nariz com nariz. Bocas quase se tocando.

Ele soprou as palavras entre os nossos lábios:

— Eu vou fazer amor com você no ritmo dessa música, não vou acelerar, nem diminuir, não peça por isso.

A boca dele veio sobre a minha novamente, as mãos ainda mandavam na aceleração dos movimentos. Ele inteiro mandava no ritmo, enquanto eu sentia que era um instrumento. Daniel era um dos melhores maestros do mundo, cada dia que passava o meu corpo e minha alma comprovavam isso.

Aurora Karoliny - Sweet child a mine; Raquel Bueno - Who Know

Maria Thylyta - Heaven; Michela Delgado - True love

Ana Paula Nunes - November rain; Ester Basso da Silva - Sex on fire

Andreza Oliveira - Dream on; Maria Paulina - The scientist

Sidneia Alves - still loving you; Andreza Abreu Santos - Fix you

Rayssa da Fonseca - Dark Paradise; Franciele Dias - Every breath you take

Thabita Oliveira - Sex on fire; Ana Paula Teleda - Far way

Ato 3 - O Casamento

Bruna dos Santos - Chance a thing; Annamaria Lalli - Euphoria

Lu Biaz - I don't want to miss a Thing; Maria L. Luanon - Sarah McLachlan

Sabrina Marcondes - Between the lines; Giuliana Sperandio - Kiss from a rose

Mari Sacramento - With or without you; Fernanda Picchi - Just give me a reason

Luana Souza - The only exception; Soso Rock - Iris - Goo goo dolls

Josiam Ferreira - Sex on fire; Francine Chaves - Lay Your World on me

Ana Paula Lima - Green day; Yasmin Afif - Slow dancing in a burning room

Lourdes Alves - I don't want to miss a thing; Helen Matos - Uninvited

Giseli Bernardes - My wish; Danielle Thamires - The Girl and the Dreamcatcher



Capítulo 43

*“Memory, All alone in the moonlight
I can smile at the old days
Life was beautiful then
I remember
The time I knew what happiness is
Let the memory live again”*
Memory – Epica

Era para ser um ensaio como outro qualquer. Apenas isso, um ensaio.

Circulávamos em um grupo de cinco bailarinos, eu, a Nathalia, o John, a Daniele e a July.

Fazíamos o trajeto normal, até as salas de ensaio. Tudo estaria tranquilo, exceto pela movimentação de uma ópera que estava sendo desmontada.

Nós caminhávamos atrás do palco, em uma área tão grande que parecia uma cidade cenográfica. Empilhadeiras passeavam de um lado a outro, canhões de luz eram deslocados em cabos de aço, enormes caixas de metal eram transportadas por andaimes elétricos. No meio de tudo isso, funcionários de todas as empresas do mundo transitavam entre bailarinos, coreógrafos, marceneiros, engenheiros, eletricitas e estoquistas. Era incrível a quantidade de profissionais que passavam por aqui todos os dias. O tamanho dos cenários, o espaço e a logística que eram necessários para manter tudo funcionando.

Ao mesmo tempo que se desmontava uma ópera gigante, se montava um balé enorme — o Quebra-Nozes, que seria encenado por uma companhia russa.

Eu andava olhando para todos os lados, acho que podia viver uma vida ali e nunca me cansaria de admirar o tamanho das produções e o quanto de trabalho era necessário para se montar uma peça. *Ninguém imagina.*

Naquele momento, eu olhava para dois carrinhos elétricos que passavam com homens de terno e gravata,

— Opa, desculpa. — Distraída, Nathalia tinha acabado de tombar em um cara que carregava uma pilha de roupas do figurino.

Fui fechada por um dos carrinhos elétricos e fiquei alguns metros para trás do grupo. Ouvi um enorme

estrondo em algum ponto à minha direita. Notei assustada os apitos sonoros de aviso de um carrinho de carga em movimento. Tudo se misturou entre estouros, sirenes, gritos de cuidado e explosões.

Caixas de metal caíam como blocos de brinquedo de cima de uma empilhadeira.

Estava perto, muito perto.

Tentei pular. Joguei o corpo com toda força para fora do mundo que desmoronava ao meu lado.

Ouvi gritos, sirenes, senti cheiro de fumaça e o meu corpo no chão.

Olhei rapidamente para cima a tempo de ver que as caixas continuavam a descer como um cachoeira de ferro, fui me arrastando batendo em coisas às minhas costas, sentindo o meu corpo se contorcer. Instintivamente, na tentativa de me proteger, impulsionava os braços e as pernas a fim de me jogar para longe de todo aquele caos que caía em camadas...

Ouvi estouros, estalos. Vi fumaça. Em seguida, cobri o rosto com os braços ao ouvir uma explosão enorme antes de tudo silenciar e sentir a maior dor da minha vida.

Tentei me mover, abrir os olhos, entender o que acontecia.

Ouvia zumbidos. Silêncio. E, em seguida, os sons foram voltando devagar.

Puxei a perna que doía em um movimento involuntário para cima; queria olhar, precisava ver o que tinha acontecido. Não consegui, algo a prendia no chão.

Ela parecia pregada.

O ar, que entrava e saía em uma velocidade frequente, queimava o meu pulmão.

As lágrimas não me deixavam respirar.

Tentei me erguer sobre os cotovelos, vi as caixas que caíram da empilhadeira formarem uma bagunça espalhada pelo chão. Olhei o que eu conseguia: uma caixa em cima do meu pé. A dor inundou os meus sistemas, os meus olhos e o mundo todo dentro de mim

— Ah, meu Deus, Nicole! — Acho que era a Nathalia, não tive certeza.

Tudo ficou preto, no escuro não tinha dor. Me deixei ser tragada pelo conforto, não vi mais nada, ou quase nada.

As coisas começaram a passar em flashes esparsos, a Nathalia segurava minha mão, enquanto alguém mais segurava também,

Eu estava em uma espécie de ambulância?

Sim, dentro de uma ambulância.

A dor voltava quando eu saía do sono.

Eu queria o escuro, lá não tinha a maior dor que alguém pode suportar.

— Eu não vou aguentar — era só o que dizia. — Daniel, alguém chama ele. — Eu queria o breu de volta.

Nas idas e vindas do escuro, cheguei em um hospital.

— Eu preciso de algo para a dor — lembro de ter gritado ou murmurado, não sei. Nada tinha tempo, volume, ou limite. Quando vinha, a dor não tinha ponderação alguma.

Soube que a primeira coisa que me deram foi morfina e só depois dela é que eu vi o Daniel ao meu lado. Ele segurava a minha mão, eu estava em um quarto, um tipo de boxe de emergência.

— O que aconteceu? — perguntei para ele.

— Você sofreu um acidente, lembra?

Fechei os olhos e torci a expressão ao lembrar das caixas, o barulho do metal caindo.

— Eu estou dopada — falei sem sentir quase nada além de uma flutuação constante entre sonho e realidade.

— Te deram morfina... Descansa, minha Aurora — ele falou e me deu um beijo. Eu não tenho certeza se deu. Eu queria o beijo.

Em algum momento entre a flutuação e a realidade, eu vi um grupo de pessoas à minha frente: três delas de jaleco, o Daniel, a Nathalia e a minha primeira professora de balé, a madame Vivan, como ela gostava de ser chamada.

Mas o quê?

— Daniel! — gritei, tentei gritar.

Ele se aproximou em passos rápidos.

— Oi, meu anjo?

— O que a madame Vivan está fazendo aqui?

— Desculpe, meu amor, quem? — Eu o puxei pela camiseta e quando se aproximou reuni todo o esforço que eu precisava para falar:

— Ali, aquela senhora, é minha primeira professora de balé, o que ela está fazendo aqui?

Ele olhou para o grupo que conversava junto com a madame.

— Aquela ali é a enfermeira, querida.

— Não é, Daniel — Eu tinha certeza. — Essa mulher, ela, ela não devia estar aqui.

— Eu sei, meu anjo, agora descansa. — Dessa vez, ele beijou minha testa.

Tudo ficou escuro.

Voltei para a realidade outra vez, vi um homem de jaleco virando umas folhas de papel na minha frente, Daniel segurava a minha mão, Nathalia estava sentada em uma cadeira ao lado da cama e a madame Vivan já tinha ido embora.

— Meu amor — era a voz do Daniel, olhei para ele —, você será levada agora ao centro cirúrgico, esse é o Dr. Robert Cole. — Apontou com a cabeça para o médico. — Ele é o melhor cirurgião ortopedista da Inglaterra.

Senti minha boca seca, mas tão seca, que eu tinha certeza de que as minhas funções internas deviam estar comprometidas.

— Água.

— Desculpe... mas a senhorita não pode beber nada, entrará em cirurgia o mais rápido possível — falou o tal doutor Robert.

— Doutor, por favor — Daniel falou e esfregou os olhos com os dedos.

Eu o conhecia, ele só fazia isso quando estava para perder a paciência. Era uma tentativa de manter o controle.

— Está bem, apenas um gole.

Daniel segurou o copo para eu beber.

— Logo virão buscá-la para a cirurgia, eu vou indo me preparar, com licença — o médico afirmou e se afastou em seguida.

Somente então, a palavra cirurgia despencou na minha razão alterada.

— Minha mãe — foi só o que consegui dizer.

— Já liguei para ela. — A voz da Nathy saiu embargada, eu queria perguntar o porquê, mas o escuro me levou embora outra vez, mas antes de dormir, eu ouvi:

— Eu te amo, minha Aurora, tudo vai ficar bem. — Não sei porque, mas acho que sorri.

Capítulo 44



*“Juliet, when we made love you used to cry
You said I love you like the stars above,
I’ll love you till I die
There’s a place for us, you know the movie song
When you gonna realize,
it was just that the time was wrong, Juliet?”
Romeu and Juliet – The Killers*

Daniel

Removeram meus ossos e me deram para comer, esse era o gosto ruim que estava na minha boca.

E essa era a dor que tomava meu corpo. Moído emocionalmente, destruído, definiria melhor. Nada, nenhuma dor que eu senti na vida se comparava àquela. Não era física apesar de parecer, era puramente emocional. Sete horas, sete malditas horas foi o tempo que ela ficou no centro cirúrgico.

— Senta, Daniel, por favor — disse Nathalia, a irritante fada da alegria.

Ela não era irritante, é só que nós estávamos a ponto de explodir, ao menos eu estava. Já tinha andado aquele quarto, por não sei quantas vezes. Só sei que no chão dele tinham uns quarenta quadrados de piso emborrachado. Vinte centímetros cada um, em 16 m² de quarto. Já tinha contado os botões da parede, quantos passos eu levava para ir até a porta e, sim, 1610 era o código da recepção do centro cirúrgico, tinha ligado umas 385 vezes lá, nessas últimas sete horas infernais.

Me peguei barganhando, implorando, oferecendo tudo mentalmente a Deus:

Deus, por favor, leve tudo de mim, menos a minha Aurora.

Eu sabia que ela não corria risco de vida, mesmo assim barganhei sem parar. Entretanto, eu também sabia o que me fazia barganhar, era a tristeza da realidade à minha frente.

Uma bailarina não podia quebrar o pé. Não desse jeito.

Ouvi a porta do quarto abrir.

Era ela sendo trazida naquelas camas móveis.

Haviam ligado há pouco do centro cirúrgico dizendo que tinha corrido tudo bem e que logo ela estaria no quarto.

— Ela está acordada — falou uma das enfermeiras —, está sob efeito dos sedativos e tem falado bastante, não é mesmo, Nicole? — a mulher perguntou enquanto removiam ela da maca para a cama.

— Daniel, você voltou! — Nicole disse olhando para mim. Ela sorria, meu Deus, ela sorria. Senti meus olhos encherem de lágrimas.

— Nunca saí daqui, meu amor.

— Eu disse para a madame Vivan que você é meu namorado. — Ela apontou com a cabeça para a mulher que insistia ser a primeira professora de balé dela.

Nicole continuou:

— Ela me disse que você era bonito, todas acham você lindo de morrer, isso é muito irritante, na verdade.

Eu já segurava a mão dela, parecia tão pequena e frágil.

— Ainda bem que você é mais bravo do que bonito, isso mantém as mulheres longe de você.

— Não disse? — a enfermeira indagou com um sorriso. — Está assim desde que voltou da anestesia... Eu vou sair e logo volto para olhá-la — dizendo isso, a suposta madame Vivan deixou o quarto com os outros enfermeiros.

— Nathalia, você também está aqui? — Nicole perguntou outra vez.

— É claro que eu estou aqui, onde mais estaria?

— Essa é a melhor amiga que alguém pode ter na vida. — Os olhos dela caíram para o pé da cama. — Alguém avisou ao senhor Evans que eu me machuquei?

— Eu avisei, querida, ele e o Ivo também já estiveram aqui — Nathalia disse com a voz falha.

— Então, quer dizer que eu sou bravo? — Eu engoli o choro na garganta, queria distraí-la, precisava distraí-la.

— Não, você é o homem mais encantador, amigo, e irresistível que existe, mas deixe todas as outras mulheres do mundo sem saber disso, por favor.

Fechei os olhos para espantar as lágrimas, eu tinha que me controlar, Cristo!

— Você está com lágrimas nos olhos? — Nicole perguntou.

— Não, meu amor.

— Está sim, senhor Hunter, não minta para mim.

— Sim, estou.

— Por quê?

— Porque eu te amo.

E aí ela sorriu de novo. Eu tive certeza de que daria o meu mundo para que esse sorriso nunca desgrudasse dos lábios dela. Ela puxou minha camiseta.

E eu debrucei sobre ela.

— Eu te amo também... Você sabia que eu nunca tinha me apaixonado antes?

Neguei com a cabeça.

— A Nathy sabia, não é? — Ela buscou a amiga com o olhar.

— Sim, é verdade, a Nicole achava que o senhor Darcy era o melhor partido do mundo.

— Ele é o segundo melhor... e... eu quero um beijo do primeiro — dizendo isso ela me puxou ainda mais.

Beijei-a com cuidado.

— Não, Daniel — ela disse sobre os meus lábios —, um beijo de verdade.

Eu aprofundei o beijo ainda com cautela e ouvi ela gemer baixinho dentro da minha boca. Ela estava com gosto de remédio, mesmo assim aquela continuava a ser a melhor sensação que eu já tinha experimentado na porra da minha vida. Sempre foi, desde a primeira vez que nos beijamos. Eu me afastei devagar e toquei no rosto dela, o rosto da mulher que encheu meu mundo de calor, ar e de sentido.

— Eu me apaixonei por você desde que te vi naquele avião, só que naquela época eu não percebi isso — afirmei.

Ela suspirou, concordou com a cabeça, fechou os olhos e pouco depois voltou a dormir com um sorriso nos lábios.

— *Meu Deus* — comecei em silêncio olhando para ela —, *sei que eu nunca fui alguém de rezar ou agradecer, parece que só lembramos de fazer isso nas horas difíceis. Mas também sei que não sou o único a fazer esse tipo de barganha não merecida. Porém, aqui, olhando para ela, entendo que eu devo ter feito algo de muito bom para merecê-la em minha vida. Por favor, meu Deus, pegue todos esse créditos que talvez eu tenha e transforme eles em força e em alegria para a minha Aurora. Toda vez que ela sorri, meu coração aquece. Não leve embora o sol da minha vida.*



Capítulo 45

*“When your day is long and the night
The night is yours alone
if you’re sure you’ve had enough of this life
Well hang on
Don’t let yourself go, ‘cause everybody cries
and everybody hurts, sometimes”
Everybody hurts – REM*

— A boa notícia é que depois de concluído o período de reabilitação, você poderá ter uma vida praticamente normal, fazer atividades físicas, no início, com acompanhamento, uma vez que sua musculatura estiver restabelecida, poderá até mesmo voltar a dançar...

Eu demorei cerca de um mês para entender a verdade por trás daquelas palavras.

A verdade me foi oferecida em doses homeopáticas. Todos eles, inclusive o Daniel e a Nathalia e a minha mãe, que chegou em Londres dois dias depois ao meu acidente, não tiveram a coragem de escancarar a dura, crua e insuportável realidade: Eu nunca poderia voltar a dançar profissionalmente.

Minha vida virou um drama mexicano de mau gosto.

Eu protagonizava ele.

Sofri fraturas múltiplas nos ossos do pé direito.

Eu passei por duas cirurgias. O maior problema foram as falanges... Malditas falanges.

Os médicos diziam que eu tinha sorte, porque respondia bem aos tratamentos.

Foram dois meses, entre gesso, cirurgias e fisioterapia.

Mais de sessenta dias em clínicas, hospitais e psicólogos.

O bonito disso é que tudo foi pago pelo balé.

Mais bonito ainda: eu continuaria a receber o meu salário integralmente por muitos e muitos anos.

Não tinha nada de bonito nisso.

Eu morria um pouco a cada momento que entendia o que a porra de uma caixa, caída de uma

empilhadeira em cima do meu pé, faria em toda a minha vida.

Alguns segundos mudam o rumo de tudo.

Brincando de ser madrasta, a vida pode ser muito, muito, muito filha da puta.

Eu briguei com todos que tentavam me ajudar, queria brigar com a vida.

O Daniel disse que não desistiria de mim.

Durante dois meses, ele vinha me ver quase todos os dias, eu só discutia com ele.

Isso também não curava nada. Voltou à minha mente, a última vez que brigamos ou que briguei com ele: foi há dois dias.

Ele chegou com flores, eu tinha raiva de tudo que podia me lembrar que existia vida, eu tinha raiva de todo o gesto de amor e bondade, eles só me lembravam o que eu perdi.

— Vamos sair — ele disse —, vamos entregar essas flores para as pessoas na rua. — Há dois dias, ele me olhou com a mesma esperança renovada que trazia toda vez que me visitava.

— Você só pode estar me sacaneando — eu respondi com a secura que costumava empregar não só com ele, mas com todos a minha volta.

— Foi você quem disse que isso... te fazia ficar feliz — ele respondeu com os olhos enormes, as pessoas não se acostumavam com a minha grosseria gratuita.

— Você pode mudar o passado?

Ele negou com a cabeça.

— Você pode consertar o meu pé e me fazer voltar a dançar profissionalmente?

— Eu daria o que fosse preciso se existisse algum meio...

— É muito irônico como todos querem e dizem compreender o que eu estou passando, só que ninguém, ninguém mesmo, nem imagina.

— Eu sei o que é lutar contra algo que está fora do seu controle.

Aí eu gargalhei com ironia e desprezo.

— Você, o quê? Me poupe, senhor Hunter, você diz lutar contra a porra de um vírus que nunca nem mesmo afetou a sua saúde.

Então, ele ficou pálido e eu prossegui porque estava conseguindo agredi-lo, expulsá-lo, machucá-lo. Só me satisfazia quando notava que minhas palavras causavam estragos. Eu me sentia estragada e queria demolir tudo o que não fosse destrutivo da minha realidade.

— Durante algum tempo, eu lutei contra os efeitos colaterais dos tratamentos — Daniel estreitou o olhar —, eu sobrevivo dia a dia ao medo de ficar doente, eu finjo que não enxergo o medo nos outros e o preconceito quando sabem o que tenho. Não vou deixar você... você fingir que é a única de quem a vida resolveu tirar alguma coisa, testar a sua capacidade de continuar.

— Dá o fora daqui! — eu gritei.

— Eu vou fingir que não ouvi isso.

— Como sempre, não é? Por que você não desaparece e me deixa em paz?

— Você não desistiu de mim. Você, Nicole, não me deixou desistir de nós, é a minha vez de fazer isso.

— Nós? Que nós? — eu disse agitando os braços no ar. — Você ainda não percebeu que não estamos mais juntos desde que aquela caixa acabou com a minha vida?

— Você é quem está acabando com a sua vida.

Gargalhei de novo, inundada de dor.

— Ai, Daniel, você é ridículo, não sobrou nada na minha vida, a porra de uma caixa me tirou tudo.

— Não tudo, ela tirou apenas o balé profissional.

— Cale a boca! — eu gritei e avancei para cima dele, comecei a socá-lo no peito. — Cale a merda da boca, faz o seguinte... — Pulei dois passos para trás, me distanciando e cuspi com raiva. — para de tocar, arranca a música da sua vida e me diz se sobraria alguma maldita coisa.

Ele ficou quieto por um tempo, respirando pesadamente.

— Sobraria o que mais importa, sobraria você — falou com a voz embargada.

Ouvir aquilo fez com que eu me sentisse ainda pior, ver como as outras pessoas continuavam a me amar fazia com que eu me sentisse uma merda ainda maior.

— Arrancaram todos os meus sonhos — eu disse de maneira falha.

Há dois meses, eu não conseguia nem mesmo chorar.

— Crie outros sonhos.

Não existiam outros sonhos para mim. Nesse período, eu dormia ouvindo os sons dos aplausos que nunca mais teria e acordava suando frio com o som de caixas de metal que destruíram tudo o que um dia desejei.

— Eu vou embora, estou deixando a Inglaterra, daqui a três dias — confessei de maneira impassível.

Ele levantou os olhos arregalados, cheios de lágrimas.

— Quando... quando você ia me dizer isso?

— Eu não ia dizer. — Era a facada final, eu sabia que era, mesmo assim continuei, enfiei a lâmina e senti o sangue escorrer. Mas era o meu sangue e não o dele, era eu quem sangrava. Porque ali, em algum lugar escondido pela falta de esperança, sabia que ainda o amava, e machucá-lo doía mais em mim do que nele. Entretanto, virei uma psicopata especialista em me autoflagelar.

— Você ia embora sem me... me dizer? — A voz dele, sempre tão forte, sumiu.

— Ia — encolhi os ombros —, estou dizendo agora, acabou, não sobrou nada dentro mim que valha a pena o seu esforço em tentar consertar.

Daniel fechou os olhos e eu vi rastros de lágrimas no rosto dele, rastros que me queimavam, ele abriu os olhos e me deixou entrar, me deixou ver como eu o tinha machucado.

— Antes de você, eu esqueci que tinha um coração, então você me lembrou dele... Mas sabe o quê? — Ele me encarou por um tempo em silêncio antes de responder: — Eu o dei a você e adivinhe?! É impossível viver sem um. Então, só para constar, não vou desistir de nós... Eu não vou desistir de você.

— Divirta-se tentando! — gritei enquanto ele cruzava a porta do quarto em direção à saída.

Nathalia já tinha desistido de tentar. Ela não falava mais comigo há duas semanas, apenas me olhava com lágrimas nos olhos e sacudia a cabeça em silêncio.

Naquela tarde isso mudou, ela entrou em casa encostando o ombro no batente da porta do quarto.

— Só quero que saiba que eu vou te amar, e vou sempre estar aqui para você.

Eu fiquei em silêncio esperando ela acabar, ir embora e me deixar a sós. Não queria me sentir melhor, e todos a minha volta lutavam por isso, sentia que todos lutavam contra mim.

— Quando eu tinha oito anos e minha mãe deixou a casa, me abandonando... durante anos, eu não entendia o porquê de tudo aquilo e porque a vida podia parecer tão injusta com algumas pessoas e tão boa com outras...

Virei o rosto para não ter que olhá-la, era mais fácil assim. Estava cansada de gritar com os outros para que me deixassem, para que parassem de tentar fazer qualquer coisa, eu só queria ficar sozinha.

Ela continuou:

— Eu pedia diariamente por uma irmã, alguém que pudesse dividir as dores e alegrias da vida comigo, alguém que me entendesse e me amasse do jeito que eu sou. — Ouvi-a suspirar. — A vida me deu você, Nicole, e por mais raiva que você sinta de todos e tudo agora, isso nunca vai mudar... eu estarei sempre aqui para você, da maneira que for.

Olhei para ela, que me encarava em silêncio, e só então notei que ela usava a roupa do treino. Senti raiva.

— Me deixa em paz, Nathalia.

Ouvi a porta do quarto fechar. A verdade é que sentia muita raiva de todos que ainda levavam as suas vidas. Da Nathalia por continuar dançando e chegando em casa após os treinos. Do Daniel por continuar tocando e viajando para concertos sendo aplaudido mundo afora. Da minha mãe por continuar tentando me ajudar e por dizer que compreendia. Ninguém compreendia. Nem eu, porque além de raiva, eu sentia inveja de todos que de alguma maneira ainda eram felizes e produziam algo de bonito e verdadeiro, como eu costumava fazer. E depois eu ficava ainda pior, mais arrasada e destruída por sentir tudo isso das pessoas que eu amava.



Capítulo 46

*“Not really sure how to feel about it
Something in the way you move
Makes me feel like I can’t live without you
It takes me all the way
I want you to stay”
Stay – 30 Seconds to mars*

Voltei ao Brasil há quinze dias. Meu pai veio me ver logo que cheguei e quase se engalfinhou com a minha mãe. Queria que eu fosse morar com ele enquanto ainda me tratava.

Eu fazia fisioterapia diariamente e sessões de análise três vezes por semana. Quiseram me medicar contra depressão, mas não aceitei.

Quiseram também que eu frequentasse a droga de um grupo de apoio, onde pessoas com as vidas estropiadas, iguais ou piores que a minha, se lamentavam durante duas horas uns com os outros. Só consegui ir a dois encontros. Não achava que era de nenhuma ajuda ouvir como a vida podia ser desgraçada com os outros. Nunca encontraria consolo em saber que existiam pessoas ferradas como eu.

Abandonei o grupo.

Meu pai desistiu de me levar para Belo Horizonte. Minha mãe chorava todas as noites até dormir e eu não ia oferecer nenhum consolo, como poderia?

Nathalia me escreveu algumas vezes, pedindo perdão por não ter sido o suficiente. Não era culpa dela. Ninguém seria o bastante. E o Daniel cumpria a promessa de não desistir. Ele ligava para casa todos os dias, minha mãe batia na porta do quarto e dizia:

— Querida, o Daniel está ao telefone.

Eu não respondia, ela esperava uns cinco minutos em silêncio, então eu ouvia a voz abafada dela pedindo desculpas. Acho que eles estavam ficando amigos, porque acabavam conversando sobre minha vida depois do pedido de desculpas. Isso não me irritava, não mais. Agora era apenas vazio; sessão de análises e o único amigo ridículo que eu me permitia ter: o caderno que estava no meu colo.

Eu contava para ele coisas que queria falar com os outros, mas não tinha vontade para isso. Estranho, né? Sim, as coisas estavam muito estranhas dentro de mim. Esse lance de escrever ajudava um pouco, foi

uma sugestão da analista que eu resolvi tentar. Estava no início da primeira linha quando ouvi o celular tocar a entrada de uma mensagem. Olhei o visor e vi que era do Daniel. Coloquei celular de lado e voltei ao caderno. Ele ligava sempre na minha casa, tinha desistido de mandar mensagens há algum tempo. Olhei novamente para o celular.

Sem pensar muito peguei o aparelho e fui surpreendida pela entrada de um vídeo. Coloquei de lado e voltei para o caderno. Escrevi até ter a mão doendo.

Algumas vezes eu escrevia a mesma frase por páginas e páginas: “Eu odeio o meu pé ferrado ou uma caixa filha da puta que acabou com a minha vida”. Psicótico, né? Quando cansei de bancar a louca do caderno, encarei o celular desprezado por uns cinco minutos.

Peguei o aparelho decidida a ver e deletar o vídeo.

O que quer que fosse, com certeza, não mudaria a forma como eu vinha me sentindo, ver ou não ver, não faria diferença. Eu me convencia disso antes de abrir.

Esperei o tempo de carregar e apertei para começar.

Daniel preencheu a tela do celular.

— Nicole — ele disse —, *hoje faz dezessete dias que você deixou Londres. Resolvi fazer esse vídeo, porque precisava de alguma maneira falar contigo. Não sei se você vai ver, espero que sim. Esse é o primeiro vídeo que faço, quero te mandar um por dia. Neles, eu vou usar a música, foi ela que me trouxe você. Tenho esperança de que ela seja capaz, de alguma maneira, de te fazer bem. Não quero te obrigar a se sentir melhor, eu também não sinto bem, não ando muito bem... Penso que os vídeos, as músicas, talvez sejam uma maneira de conseguirmos dar algum significado diferente a tudo o que aconteceu, a tudo o que você tem passado. Tenho esperança de que se for assim, quem sabe, um dia, a música te traga de volta para mim. Vou tocar o que eu quero dizer para você e é isso... Eu te amo.*

Ele estava sentado ao piano e começou a tocar. Meu coração disparou, eu coloquei a mão no peito. Isso não acontecia mais sem estar vinculado ao sentimento de frustração e raiva. Mas ali, o meu coração bateu por uma coisa diferente: ele bateu por... expectativa.

Ele tocou as primeiras notas e meu coração disparou. Ele lembrou do que lhe contei. Era a música de Elvis que minha mãe cantava para mim: *Bridge Over Troubled Water*.

— *Quando você estiver exausta. sentindo-se pequena* — Daniel cantou a primeira frase.

Cobri os lábios com os dedos.

“*Quando lágrimas estiverem em seus olhos, eu irei enxugá-las. Estarei ao seu lado sempre que as coisas ficarem difíceis.*”

E conforme a voz do Daniel cantava, ela trazia reações involuntárias ao meu corpo, às minhas emoções.

“*E quando não encontrar mais amigos.*”

Senti um aperto na garganta.

“*Como uma ponte sobre águas turbulentas, eu me estenderei.*”

Com o coração ainda mais disparado e a música falando com as minhas células, minha boca mexia em silêncio junto com a letra. Senti um gosto salgado... de lágrimas. Minhas lágrimas.

— *Como uma ponte sobre águas turbulentas, eu me estenderei* — ele cantou.

Cerca de dois meses depois, eu chorei de verdade.

Abafei meu rosto no travesseiro e fiz isso até dormir.



Vídeo 2

— *Olá, Nicole. Essa música é do LP que você me deu em Nothing Hill. Hoje, eu me lembrei daquele dia e de como você me fez feliz, me faz feliz.*

Quando ele começou a tocar *Who wants to live forever*, eu soube logo no início qual era e soube também o que, mais uma vez, a música vindo dele me fazia... sentir.

*“Mas toque minhas lágrimas com seus lábios
Toque meu mundo com a ponta dos seus dedos
E poderemos ter para sempre
E poderemos amar para sempre
Para sempre é nosso hoje”*

Quando acabou o vídeo, eu chorava outra vez.



Vídeo 9

— *Olá, meu anjo, essa música virou uma compulsão nos meus dias, quase a minha trilha sonora particular.*

O piano começou e meu coração já tocava alto antes da música. Por algum motivo que eu não tentava entender, as músicas que o Daniel tocava faziam com que eu me sentisse viva outra vez... Reconheci a melodia pouco depois que a voz forte dele cantou a primeira estrofe de *Stay*, de 30 Seconds to Mars:

*“Not really sure how to feel about it
Something in the way you move
Makes me feel like I can’t live without you
It takes me all the way
I want you to stay”*

Eu esperava pelos vídeos dele. Quando percebi, aguardava por isso diariamente. Sem saber, Daniel me dava algo pelo qual esperar novamente. Era a única hora do dia em que eu conseguia chorar.



Capítulo 47

*“And all I can taste is this moment
And all I can breathe is your life
Cause sooner or later it’s over
I just don’t want to miss you tonight”*
Iris – Goo Goo Dolls

— Filha, eu fiz seu bolo favorito, o da vovó.

Estava deitada em minha cama olhando para o teto. Via e revia mentalmente os passos do meu último *pas de deux* na Bela Adormecida. Essa era outra tortura que eu me infligia diariamente. Era mais um masoquismo inevitável. Quando eu fazia isso, meu corpo chorava em silêncio inconformado e eu implorava a Deus por uma explicação. Mas Deus não explicava.

— A Mariana ligou hoje aqui para saber de você, a tia Lu também.

A Mariana era a diretora da minha escola de balé aqui no Rio. Lembrar dela e de tudo o que já devia estar sabendo, fez meu estômago revirar.

— Ah, que bom. E o que ela queria, saber como está a bailarina inválida?

— Não fala isso, Nicole, você não ficou inválida, muito longe disso.

Eu sabia que era verdade, mas não me sentia nem um pouco aliviada. Era como se o acidente tivesse me deixado inválida: inválida para o meu sonho, inválida para a vida que eu tinha e que acreditei que nada nunca poderia tirar de mim.

— Mas foi isso o que aconteceu, a vida ferrou comigo, uma caixa estúpida matou tudo o que quis e tudo o que eu podia querer... então, não venha me dizer que eu não fiquei inválida. — Senti as lágrimas pararem na garganta. — Você, ninguém sabe de nada.

— Eu sei, Nicole, que há mais de três meses você culpa Deus e todo mundo pelo que te aconteceu. Sim, você tem razão, foi uma grande merda, uma fatalidade, uma crueldade tão absurda que é quase inacreditável. Só que sempre existe uma escolha.

— Ah, existe? Que escolha? — eu gritei com raiva e prossegui: — Eu lutei a minha vida inteira para chegar onde estava, eu tenho dezenove anos e tinha acabado de estreiar o papel de destaque em um dos

grandes balés da Companhia, eu tinha um futuro brilhante, eu sonhei e dei meu sangue por ele e cheguei lá — ofeguei de desespero e dor, mas continuei: — E aí, um dia, uma caixa filha da puta destrói tudo o que lutei para construir na minha vida e todos os sonhos que alimentei. — Eu ri irônica. — Eu teria os palcos do mundo, e agora? Tenho que agradecer se um dia puder calçar uma sapatilha de novo.

— Você escolheu a sua vida, lutou por suas escolhas e eu sempre lutei junto com você. — Minha mãe fechou os olhos e disse com choro na voz: — A única coisa que você tem que perceber é que existem outras escolhas, você pode continuar nesse quarto afundando em sua mágoa, em sua raiva pelo que aconteceu, ou você pode abrir a sua janela e ver que tem um mundo de possibilidades lá fora, esperando por você.

Eu fechei os olhos para não gritar ou chorar.

— Nenhuma possibilidade será suficiente para preencher um terço do buraco que aquela caixa abriu.

— Enquanto você continuar acreditando nisso — ela respirou pesadamente e disse: —, não enxergará nada além desse mesmo buraco e dificilmente conseguirá sair dele, por mais que as pessoas ao seu lado estejam estendendo a mão.

— As pessoas querem me ver bem, querem que eu saia... — Eu bati no peito alterada. — e reconstrua minha vida, parece que é uma obrigação ser feliz. Ninguém sabe o que é se sentir destruída para a vida.

— Não, Nicole, ninguém é obrigado a ser feliz e sim, as pessoas que te amam querem te ver bem, mas não te obrigar a isso, querem, pelo menos, te ajudar a tentar.

— Ninguém sabe a dor que eu estou vivendo. — Eu virei o rosto.

— Realmente, minha filha, ninguém sabe e ninguém, exceto você, poderá decidir qual é a hora de começar a curar tudo isso.

Esperei ela sair do quarto para chorar. Não queria que ela me visse chorando, não apenas porque eu quisesse esconder minha dor, e sim porque, naquela noite, eu chorei sabendo que minha mãe tinha razão.



Vídeo 26

— Oi, minha Aurora, eu melhorei a nossa produção, comprei um microfone profissional, a qualidade do som dos vídeos estava me enlouquecendo. — Ele deu um sorriso torto e continuou: — Resolvi também animar um pouco as coisas e eu te contei que fui guitarrista da banda que toquei? — Ele sacudiu a cabeça com os olhos semicerrados, aquele olhar... Meu Deus, eu sentia falta dele. Ouvi: — Bom, o que eu quero te dizer hoje é...

Ele começou a tocar *I'm Yours*, do Jason Mraz.

“Eu tentei ficar frio, mas você foi tão quente que me derreteu.”

Minha boca mexia junto com a música.

“Esse é seu direito, pelo amor de Deus! De ser amada, amada, amada.”

Meus dedos começaram a bater de leve contra a coxa.

“Não precisa complicar, o nosso tempo é curto.”

Fechei os olhos.

“Este é o nosso destino, eu sou seu.”

E sem que eu percebesse, um sorriso se formou no canto dos meus lábios acompanhado por um movimento em meu corpo: a cabeça e os ombros se mexiam no ritmo da melodia.

Eu estava dançando.

Meu Deus!

Com sua música, Daniel... me fez dançar.

Passei as costas das mãos nos olhos, respirei ainda sem acreditar e digitei:

Obrigada.

Nem cinco minutos depois, meu celular vibrou com a resposta do Daniel:

Eu te amo.

Não respondi, ele respeitou o meu silêncio voluntário e longo, muito longo. Já fazia quase trinta dias que ele mandava vídeos de músicas diariamente e, apesar de esperar por ele como uma pessoa a pé espera encontrar abrigo em uma chuva de granizo, aquele *obrigada* foi a única palavra trocada entre nós nesses mais de vinte vídeos.



Capítulo 48

*"I used to be the man for you,
Did everything you wanted me to,
So, tell me, baby,
What did I do wrong..."*
Too Many Tears – Whitesnake

Os dias passaram. Eles eram engolidos entre a fisioterapia, as sessões de análise e a minha espera pelos vídeos do Daniel. Dia a dia eu me sentia um pouco menos morta por dentro. E depois do primeiro “obrigada”, eu sempre enviava a mesma e única palavra para ele. O Daniel sempre respondia: “Eu te amo”.

Estava lendo com o celular na barriga. Sim, eu voltei a ler. Pouco, no começo não conseguia ter ânimo ou vontade de me fixar em nada. Mas, com o passar dos dias, a leitura voltou a preencher parte do meu tempo e a ocupar minha mente com outras coisas que não fossem caixas caindo, mundo despencando, dor e decepção. Lia apenas aqueles romances melosos, que de certa maneira me traziam... esperança. O celular vibrou com a chegada de uma mensagem. Eu sabia que era o vídeo do dia. Então abri:

Vídeo 41

A voz do Daniel preencheu o meu quarto:

— *Estou com muitas saudades, estou com muitas saudades mesmo. Queria falar com você, saber como está, ouvir sua voz porque... sem você, meu coração vive em um eclipse total.*

Notei que o lugar em que o vídeo foi gravado era diferente. A câmera tinha mais distância e movimento. Ele tocou os primeiros acordes no piano e eu reconheci: *Total eclipse of the heart*. Logo a voz de uma mulher encheu o meu quarto, não uma voz qualquer, e sim a da Nathalia. Então, entraram bateria, guitarra e uma banda inteira. A câmera alternava de foco, ora na Nathalia, outras no Daniel que tocava piano, mas quando os *backing vocals* entraram, eu soluzei. Tinham umas vinte pessoas: era parte do corpo do balé cantando e dançando para mim. Era uma superprodução. No final, eu ria e soluçava. Segurava o aparelho com tanta força que os nós dos meus dedos estavam brancos.

Minha mãe entrou, o rosto estampava a surpresa que ela devia sentir.

Eu ainda chorava, ria e soluçava. Ela cruzou o quarto em três passos e me abraçou. Pela primeira vez, em mais de noventa dias, eu me deixei ser abraçada por alguém. Nós sabíamos que talvez fosse um passo em direção à cura de tudo o que me consumia.

— Me perdoa, mãe, me perdoa porque eu...

— Shhhh... Obrigada, Nicole — ela disse me apertando com mais força.

— Eu não sei se algum dia vou conseguir... mas eu... eu quero tentar.

— Vamos tentar juntas.

Eu concordei. Ela soltou os braços devagar e deu um beijo na minha testa .

— Eu vou ser grata e amar o Daniel pelo resto da vida pelo que ele está fazendo.

Concordei com a cabeça. Ela me encarou em silêncio com lágrimas nos olhos e pouco depois saiu do quarto.

Sozinha outra vez, eu deitei na cama e, movida por toda aquela explosão de emoção, digitei no celular, dessa vez mais de uma palavra:

Nicole: Obrigada, você fez com que eu me sentisse dentro de um episódio de musical brega, obrigada de verdade.

Um minuto depois recebi resposta:

Daniel: Estou me recuperando aqui. Foi você quem escreveu tudo isso mesmo? Sou eu quem agradeço e, sim, as saudades têm feito o meu gosto musical e atitudes ficarem um pouco comprometidos, você vai ser responsável se eu virar um diretor brega de musical mela cueca.

E aí, eu gargalhei e chorei em seguida por estar gargalhando.

Nicole: rrsrrs. Daniel, você me fez rir e... obrigada.

Daniel: Sério? Você está mesmo rindo? Eu posso chorar agora? Deixa eu voltar a respirar e aí eu continuo a escrever... Como você está?
Meu Deus, que saudades!

Respirei fundo, limpei as lágrimas e digitei com os dedos trêmulos. Vencida a barreira do somente “obrigada”, escrever para ele era quase um alívio.

Nicole: Eu não estou bem.

Daniel: Eu sei, minha Aurora, eu sei que não...

Nicole: Mas... eu quero tentar.

Daniel: Eu farei o impossível para isso.

Nicole: Obrigada.

Daniel: Eu te amo.

Nicole: E você, como está?

Daniel: Não estou bem, mas acho que vou ficar, também. Agora, por exemplo, eu estou sorrindo de verdade, pois há mais de noventa dias que eu não me sentia assim.

Nicole: Eu sinto muito, sinto mesmo... por tudo.

Daniel: Não faça isso, não me peça desculpas, pelo amor de Deus! Não vou aguentar se você pedir desculpas, eu vou desmontar. Sou eu, meu amor, quem sinto, sinto tanto por tudo. Eu te amo.

Eu não respondi. Ele não insistiu. Entretanto, pela primeira vez em mais de três meses senti algo que não fosse um buraco negro e vazio dentro de mim. Talvez houvesse alguma esperança pela qual valesse a pena continuar tentando. Talvez valesse a pena tentar voltar a ser feliz.



Capítulo 49

*“Just don’t give up
I’m workin’ it out
Please don’t give in
I won’t let you down”*

Whataya want from me – Adam Lambert

Três meses depois...

Seis meses após o acidente recebi alta da fisioterapia. Podia retomar as atividades físicas de maneira gradual, podia até mesmo, com ponderação, daqui a alguns meses, voltar a calçar o sapato mais importante para os meus pés: uma sapatilha de ponta.

Eu sentia que as sessões de análise estavam fazendo algum efeito. Na verdade, o que mudou mesmo foi a minha vontade de tentar consertar as coisas. Vinha conversando com o Daniel quase diariamente. Acho que no final, talvez, nos tornássemos apenas amigos.

Sentia saudades dele. Não como amigo, mas como o meu Daniel Hunter, meu maestro e o único homem que amei. Admitir que talvez nós pudéssemos ficar juntos outra vez foi outra vitória para mim. Admitir que eu queria ficar junto com ele, foi uma vitória real. Mas não tinha certeza... porque há algum tempo o Daniel não falava nada sobre nós. No começo, achei que era para não me pressionar, mas agora era possível que ele tivesse desistido, superado, esquecido e eu não podia culpá-lo e nem cobrar nada.

Já tinha muitas culpas para lidar, então tentava não me culpar por isso também.

A amizade dele podia não ser tudo o que eu queria e, apesar de parecer pouco, eu sabia que era muito e talvez fosse tudo o que sobrou da nossa história.

Naquela noite eu tinha outra culpa para resolver. Sentei em minha cama e disquei o número.

Eu sabia que, pelo horário, ela devia estar em casa. Depois do quarto toque, ela atendeu:

— Estou ligando para pedir perdão — disse antes mesmo do alô.

Ouvi o silêncio junto com respirações longas do outro lado.

— Ahhh, Nicole, é você? — Ouvi um soluço. — Sua vaca, eu achei que nunca mais fosse ouvir a sua voz — ela disse com a voz quebrada pelo choro.

— Desculpe, minha amiga, me perdoe, eu... minha cabeça ficou tão ferrada... Acho... Acho que ainda está, mas agora, pelo menos, eu consigo admitir como estava sendo horrorosa com todos que eu amo. Eu te amo, minha amiga.

— Eu também, Nicole. Muito.

— E como você está? Me conta...

— Eu estou bem, sinto sua falta. — Ela suspirou. — Paul está praticamente morando aqui.

— Eu sabia que vocês iriam acabar assim! Casados?! — perguntei divertida.

— Ainda não, eu disse para o Paul que só aceitaria me casar com ele quando você voltasse a falar comigo... porque eu não posso casar sem ter você como madrinha e...

— Ah, amiga, eu sinto tanto.

Nathy fungou,

— O problema é que o Paul tem certeza de que você só vai voltar a ficar bem quando se acertar com o Daniel, então esses homens resolveram se unir e sair para beber duas vezes por semana...

— Eles ficaram amigos, então?

— Melhores amigos — Nathy contrapôs e deu uma risada.

Ficamos por alguns instantes em silêncio.

— A verdade é que... eu estive triste, principalmente o Daniel, sabe? Eu fiquei bem amiga do chato.

— Você? — perguntei engolindo a vontade de chorar.

— E o Ivo também.

— Jura? — Dessa vez, não consegui segurar as lágrimas.

— Daniel me disse que vocês têm se falado por mensagens.

— Sim, eu... eu sinto muitas saudades dele... de todos.

Nathy respirou devagar.

— Fico muito feliz por você, por ele, por vocês, Ni, mas eu juro que se você ficar tanto tempo sem falar comigo outra vez eu te mato...

Nos falamos por quase duas horas. Eu a amava e sabia que ela sempre seria a minha irmã. A única que a vida me deu. Ela prometeu que me visitaria até o final do ano, eu disse que iria visitá-la também, algum dia.



Capítulo 50

*"I'm not a perfect person
There's many things I wish I didn't do
But I continue learning
I never meant to do those things to you
And so I have to say before I go
That I just want you to know."
The reason – Hoobastank*

Há tempos eu passava três vezes por semana na frente da minha antiga escola de balé.

Dizia a mim que era mais fácil fazer esse caminho para casa, já que o consultório da minha psicóloga era lá perto. Dizia também que eu me sentia mais segura e confortável fazendo o mesmo caminho que fiz durante anos.

Mas eu sabia porque sempre ia lá.

Eu queria ver. Era como se lá estivesse uma parte minha. Um pedaço da minha alma guardado, esperando por algo para ser resgatado. Nem sabia o que era, nem se um dia seria capaz de encontrá-lo. Mas eu tinha certeza de que se fosse possível encontrar esse pedaço seria ali. Não exatamente naquela escola, mas no balé. Só não entendia como.

Era uma tarde de calor no Rio e quando fazia calor nessa cidade, parecia que todas as fornalhas do centro da Terra trabalhavam juntas e abertas. O céu estava nu de nuvens escancarando um azul de inspirar. Em poucos passos, eu estaria em frente ao meu balé.

Nunca passava na mesma calçada, como se isso representasse um risco que eu não podia correr. Naquele dia eu atravessei a rua alguns metros antes de avistar a casa antiga, onde a escola se instalava. Não entendi o porquê, mas fiz mesmo assim. Uma vez na frente senti meu coração disparar conduzido pela lembrança de anos. Tudo parecia tão igual. Eu me sentia tão diferente.

Engoli o choro que entalava a minha garganta. Ela era quente como a areia das praias aqui do Rio.

Alguns passos foram dados em direção à entrada e, quando percebi o que fazia, estava lá dentro.

Fui tomada pelos sons que fizeram parte de tudo o que eu fui e de tudo o que era. Uma música tocava à minha direita, eu sabia que era horário de aula.

Movidos pelo balé de dentro, meus pés seguiram a música, o cheiro da casa, o gosto das memórias que nunca seriam apagadas do meu sangue.

A porta estava aberta.

Era uma turma de iniciantes. Crianças entre oito e nove anos com coques, meias, *collants* e sapatilhas, ainda sem ponta.

As barras laterais e os espelhos de teto ao chão, que eram minhas artérias e meus ossos.

— *Pas de bourrée* — a professora instruiu. Meus olhos fecharam em lágrimas quando tudo o que era vivo acendia em mim como um pavio. O coração vibrava nas veias do pescoço e a pele formigava pela emoção de estar ali, envolvida pelo que movia a minha alma a mais.

Estava de olhos fechados quando ouvi:

— Nicole Alves, é você, não é?

Abri os olhos e encontrei uma garotinha que havia saído da barra, ela estava parada à minha frente.

— Sim — respondi com a voz embargada pelo choro.

— Oh, meu Deus! Eu sabia, você... você me daria um autógrafo?

— Oi? — Notei o sorriso no rosto e no olhar da menina que pareciam cheios de expectativa.

— Você... Eu tenho um pôster seu em cima da minha cama e quando eu crescer quero ser como você, quero dançar tão bem como você.

Levei as mãos à boca e engoli um soluço. As lágrimas desceram totalmente pelo meu rosto, essas foram impossíveis de deter. Notei a professora pedir um momento à turma e vir em minha direção.

— Nicole Alves — ela disse e apoiou as mãos nos ombros da aluna —, que honra ter você aqui. — Em segundos, a sala, que antes estava em silêncio, foi tomada por um burburinho de alunas cochichando e olhando em minha direção. Em pouco tempo fui rodeada por toda a turma de alunas que me cumprimentavam, pediam beijos, fotos, autógrafos.

E ali, cercada uma vez mais pelo balé que eu fui e ainda era, entendi que esse mesmo balé, que parecia morto em mim, estava vivo nos sonhos de outras pessoas.

O meu sonho semeou outros sonhos, inspirava outros sonhos... como um dia eu mesma fui inspirada por anjos a dançar.

Cercada de alunas no meio de sapatilhas e coques, *collants* e barras de apoio, senti o meu coração voltar a bater e enxerguei além da janela as escolhas que a vida sempre nos daria de presente.



Capítulo 51

*"It feels like there's oceans
Between me and you once again
We hide our emotions
Under the surface and tryin' to pretend
But it feels like there's oceans
Between you and me"*
Oceans – Seafret

— Alô, Daniel. — Eu tinha acabado de sair da escola. Pouco depois das fotos e autógrafos, a senhora Mariana veio falar comigo. Conversamos por mais de duas horas. Saí de lá e só queria contar para ele.

— Nicole? — A voz dele soou preocupada, não nos falávamos quase nunca, eu preferia as mensagens de texto e ele não insistia que fosse diferente. — Está tudo bem? — Daniel perguntou.

— Sim — respondi entre soluços. — Quer dizer, acho que vai ficar tudo bem.

— O que aconteceu?

— Acabei de sair da minha escola de balé e... a diretora me convidou para dar aulas. — Ouvi a respiração forte dele ou era a minha? Continuei sem pensar: — Eu aceitei. — Solucei novamente. — Aceitei e acho, acho que posso conseguir.

— Nicole... — A voz dele falhou. — que bom.

— Acho que pode ser um novo começo, não pode?

— Sim. — Ouvi uma respiração longa dele. — É claro que pode, meu anjo, eu sei que pode.

— Começo daqui a quinze dias.

— Você não faz ideia de como isso me deixa feliz.

Eu ainda não tinha processado direito o que tinha acabado de acontecer, mas sabia que se alguém me ajudou nesse novo... começo... foi ele.

— Obrigada por não desistir — eu disse querendo sorrir.

— Eu nunca vou desistir de tentar te fazer feliz — ele respondeu com a voz ainda mais fraca.

— Eu te amo — falei sem perceber. Acho que foi a primeira vez, em seis meses, que eu me permiti dizer isso para ele outra vez.

Depois do silêncio, ouvi sua respiração entrecortada.

— Eu também te amo muito.

Desligamos sem prometer ou combinar nada, como vinha sendo desde o acidente. Oferecemos a verdade e talvez nessa verdade, apesar de nos amarmos, não haveria mais espaço para nada além disso. Eu não consegui ficar triste, porque dentro de mim o mundo voltou a renascer.

Capítulo 52



*“But my dreams, they aren’t as empty
As my conscience seems to be.
I have hours, only lonely
My love is vengeance
That’s never free”
Behind blue eyes – Limp Bizkit*

Há mais de dois meses, eu dava quatro horas de aula todos os dias.

E um mês atrás voltei a vestir uma sapatilha de ponta.

Conseguia dançar cerca de duas horas diariamente, meu corpo dava os sinais da hora de parar, através da dor. Eu sabia que não poderia mais dançar oito ou nove horas seguidas, mas toda vez que subia sobre as pontas eu reconstruía um pedaço de mim que tinha sido quebrado.

Cada aula que dava, eu caminhava um pouco mais, não para onde tinha sonhado, mas para um novo horizonte interior.

As conversas com o Daniel continuaram, mas aumentaram. Nos falávamos todos os dias por cerca de duas horas ou mais. Fazíamos isso pelo Skype. Foi incrível voltar a vê-lo ao vivo, através da tela do computador. Meu coração achava isso ainda mais incrível, já que ele continuava fazendo eu me sentir apaixonada. Talvez até mais do que um dia fui, ou achei ser.

Olhei o computador, era o horário em que nos falávamos sempre. Tinha acabado de ligar e o quadrinho da chamada acendeu.

— Oi, maestro — atendi animada.

— Olá, vamos ligar as câmeras?

— Sim.

Vi Daniel preencher todo o computador, o quarto e meu coração.

— Você está linda.

— Obrigada.

— Como está se sentindo hoje?

— Um pouco melhor que ontem.

— E você?

— Bem melhor do que há cinco minutos.

Meu coração disparava toda vez que ele falava algo parecido.

— Hoje estou com o Jean no meu colo — eu disse.

— Jean? — O cenho dele se aprofundou.

— Diz *oi* para ele, Jean. — Levantei meu gato e mexi a patinha dele imitando um cumprimento.

— Oi, Jean. Tudo bem? — Daniel falou com a expressão mais suave. — É, meu amigo, você é um gato de muita sorte.

— É mesmo?

— O mais sortudo do mundo.

— E por quê?

— Como assim? Por poder estar no seu colo! Nunca achei que fosse sentir ciúmes ou pior... inveja de um gato.

— Estou com saudades — eu disse aconchegando o Jean entre as minhas pernas outra vez.

— Eu também. — Ele fechou os olhos. — Muita.

— Fui almoçar na casa da minha tia Lu hoje. Lembra aquela amiga da minha mãe que eu te apresentei outro dia?

— Sim, claro que lembro.

— Se um dia você vier para cá, você tem que comer a feijoada que ela faz, é a melhor do mundo.

— Hmmm, vou cobrar, hein?

— Vamos ver *Breaking Bad* hoje? — perguntei mudando de assunto. Não falávamos sobre o futuro. Como se houvesse medo de estragar o que restava de bom se esse assunto fosse trazido à tona.

Pelo menos, eu tinha um pouco de medo dessa conversa, mesmo sabendo que um dia ela seria inevitável. Nós construíamos um vínculo cada vez mais forte e uma cumplicidade cada dia mais viva. Falávamos sobre tudo. Daniel contava o que fazia, eu mostrava fotos das minhas turmas de balé. No dia em que subi sobre as pontas, liguei para ele pelo *FaceTime* e dividi aquele momento, ele fez parte de todo o caminho até ali. Compartilhávamos fotos e mensagens o tempo inteiro. Sentia que o amava um pouco mais a cada hora.

— Tudo pronto por aqui. — A voz do Daniel me trouxe de volta para o Skype. — Vamos começar a ver?

— Sim.

Nós víamos séries e filmes com o Skype ligado e comentávamos um com o outro.

Quando acabou o episódio, apesar daquele ter sido um dos mais tensos, eu sentia sono.

— E aí, gostou? — Daniel perguntou.

— Muito — bocejei e respondi.

— Você está bocejando?

— Sim, acho que estou com sono.

— Como você consegue ficar com sono vendo um episódio desses?

— Não sei. — Eu sorri.

— Vou tocar para você, pode ser?

— Vou amar... mas você sabe que...

— Sim, sei que você vai dormir.

Vi a câmera em movimento, ele estava indo para o piano.

— Boa noite, senhorita Aurora, eu te amo — ele disse e começou a tocar.

— Também te amo, maestro.

Os acordes de *Ain't no Sunshine*, de Bill Withers, embalaram o meu sono naquela noite.



Capítulo 53

*“Cause all of the stars
Are fading away
Just try not to worry
You’ll see them some day
Take what you need
And be on your way
And stop crying your heart out”
Stop crying your heart out – Oasis*

Era mais um fim de manhã de muito sol e poucas nuvens no Rio.

Estava saindo da escola de balé e ouvi meu celular tocar. Tirei rapidamente o aparelho da bolsa.

— Oi, meu maestro — atendi animada.

— Bom dia, senhorita Aurora... Como foi sua manhã?

— Cheia de mini-sapatilhas e sorrisos de criança. E a sua?

— Cansativa... Fiz um voo de mais de dez horas e fui direto para uma reunião.

— É mesmo? Que reunião que te fez viajar tantas horas?

— Uma reunião na orquestra sinfônica brasileira.

Minha boca secou, meu coração subiu até a cabeça e eu tive que limpar a garganta para conseguir encontrar a voz.

— A sede não é aqui no Rio?

— Sim, senhorita Aurora.

— Você está aqui?

— Sim.

— Ah, meu Deus! — Sentei na calçada porque minhas pernas amoleceram.

Daniel soltou o ar devagar.

— Você... eu... hã... quer dizer, você viria me ver?

Fiquei em silêncio porque eu ainda respirava, tentando colocar o coração de volta no peito.

— Nicole?

— Sim, claro que sim. Onde você está?

— No Copacabana Palace.

— Ok. — O coração agora devia estar em algum lugar entre Ipanema e Copacabana.

— Você pode... vir agora? — ele perguntou.

— Agora? Quer dizer, sim... lógico, eu estou indo aí.

— Então... até daqui a pouco.

— Um beijo.

Depois de desligar eu tive que ficar sentada por um tempo, enquanto equacionava as emoções e a respiração. Pelo visto, a tal conversa sobre o futuro não esperaria mais para acontecer. A ansiedade, a alegria pelo reencontro e o medo diante da conversa que teríamos me definiam.



Capítulo 54

*"You hold me without touch.
You keep me without chains.
I never wanted anything
so much than to drown in your love
and not feel your rain."
Gravity – Sara Bareilles*

Logo depois que desligamos, Daniel passou uma mensagem dizendo que me esperaria no bar da piscina e que podíamos almoçar juntos. Almoçar? Como? Meu estômago trocou de lugar com as costelas. Acho que eu seria incapaz de comer qualquer coisa pelos próximos dois meses.

Assim que entrei na área do bar, foi fácil encontrá-lo. Ele era um homem grande, moreno e absurdamente atraente. De camiseta polo e bermuda, ele era um desses caras que parecem existir só para brincar com o imaginário feminino. Eu achava isso, minhas pernas bambas também e a meia dúzia de mulheres babando boquiabertas em cima dele concordavam comigo.

Mas o que quase me incapacitava não era a eletricidade sexual que sempre corria entre nós e foi ativada em meu sistema na entrada do hotel, nem a beleza descomunal dele, mas, sim, ele. A presença dele ali, aqui na minha cidade, de surpresa.

Era toda a saudade que sentia e que sabia que era enorme, entretanto, só me dei conta de que ela era quase insuportável olhando para ele, a dez metros de distância. O Daniel já tinha me visto, levantou da cadeira em que estava sentado, abriu um sorriso acaba-com-a-estrutura-e-com-o-equilíbrio e veio de braços abertos em minha direção.

Eu não sei quem alcançou quem, sei que nos abraçamos antes mesmo de estarmos juntos.

Ficamos em silêncio nos braços um do outro enquanto eu respirava toda a presença dele e minhas células se enchiam de calor e vida. Várias perguntas lotaram a minha mente:

Como eu diria adeus, quando ele fosse embora?

Como consegui dizer adeus em Londres, há nove meses?

Como eu respirei durante tanto tempo sem ele?

Como eu pude ser tão fria?

Eu fiquei mesmo muito louca.

Mas agora estava me recuperando, me reconstruindo dia a dia e a prova de que me sentia melhor era a certeza de que morreria outra vez, quando ele partisse daqui.

Engoli todas as dúvidas quando os lábios dele tocaram minha bochecha esquerda e depois a direita de uma maneira longa e carinhosa.

— Que saudades! — ele disse. — Meu Deus, que saudades eu senti de você!

— Eu também.

Ele segurou o meu rosto entre as mãos.

— Você está linda.

— Obrigada — eu disse ainda respirando com dificuldade.

— Vamos sentar? — Ele apontou a mesa com guarda-sol às suas costas.

— Sim.

Fomos de mãos dadas até lá e não soltamos, mesmo depois que sentamos.

— Como essa cidade é maravilhosa — ele disse.

Olhei a vista que tomava toda a extensão frontal da piscina e suspirei.

— Você não disse que vinha.

— Quis te surpreender.

Sorri e olhei para os meus pés.

— Consegui.

Daniel levou minha mão até os lábios e a beijou com ternura.

— Como você está hoje? — ele perguntou após o beijo.

— Surpresa, feliz, meio tonta... E você?

— Agora? Muito bem.

Meu coração deu um pulo, eu disfarcei o calor que sentia nas bochechas.

— Como está tudo em Londres?

— Bem... igual, eu acho. Estou morando somente lá já tem algum tempo.

— É mesmo? Está tão ocupado assim?

— Não, eu vendi a mansão e também o apartamento em Bath... Era muito espaço para uma pessoa sozinha.

— Eu... sinto muito. — Ele apertou um pouco mais a minha mão.

— Ah, sente?

— Quer dizer, eu entendo, mas é que você tinha tanto carinho por aqueles lugares que eu imagino como deve ter sido difícil.

Ele deu um sorriso torto, daqueles que eu amava e que me deixavam sem fôlego.

— Eu só vou sentir se a reunião de hoje não tomar o rumo que eu desejo.

Notei meu coração acelerar tanto que tinha certeza de que Daniel ouvia. Ele era maestro e tinha uma audição supersensível, então tinha certeza de que ele escutava.

— Até... é... quando... — O ar não conseguia cumprir sua função nos pulmões. E, meu Deus, que calor era esse?

— Oi? — ele perguntou.

Respirei fundo e disse:

— Até quando você fica aqui?

— Isso depende.

Ele me olhava profundamente, como costumava fazer.

— Do quê?

— De você.

— De... de mim? — Era isso mesmo? Ele disse que dependia de mim o tempo que passaria no Rio?

— Eu acabei de acertar os termos com a orquestra sinfônica brasileira, eles, quer dizer... eu me ofereci para um cargo e eles aceitaram, fui convidado para ser o primeiro regente. — Seus dedos desceram do meu rosto até o pescoço e pararam em cima da veia onde o coração pulava para fora, e ele prosseguiu: — Fiquei de confirmar hoje no final do dia se concordo ou não com os termos conversados.

Engoli em seco, minha respiração ficou ainda mais rápida. Queria perguntar tantas coisas, mas... ele acabou de dizer o que entendi que disse? A sua mão direita voltou a segurar a minha, ele levou a esquerda até o tampo da mesa, notei que ela tremia. Ou era a Terra que tremia?

— Então, Nicole, você acha que eu devo aceitar a proposta deles?

— Eu? — Depois dessa pergunta-resposta, tive certeza de que acabou, não tinha mais inteligência.

— Sim... para mim, hum... — A voz dele falhou. — só haveria sentido em ficar aqui... — Deu uma risada junto com a respiração antes de concluir: — Qualquer lugar só tem sentido se você estiver junto comigo.

As lágrimas queriam chegar, mas o coração acelerado não deixou.

— Junto, como? — É verdade, eu não raciocinava mais. A boca falava sem que eu comandasse.

Ele tocou no meu rosto e disse:

— Junto, com a mulher que eu amo, com a Aurora da minha vida.

Eu perdi o ar e o que restou de mim se transformou em um sorriso. Meu corpo agiu sem comando, assim como as minhas palavras. Em dois movimentos fui para o colo do Daniel, com a boca na dele, reacendendo a chama que nutria e enchia meu coração de alegria.

Ele demorou alguns segundos para reagir; logo que entendeu o que eu fazia, retribuiu aos beijos devolvendo o ar ao mundo e juntando tudo o que ainda estava quebrado em meu coração.

Eu nem sabia que boa parte dele ficou fora do meu peito até o Daniel estar aqui, na minha frente.

Paramos de nos beijar, ofegantes e alheios a qualquer plateia.

— Você me devolveu tudo, Nicole, você é muito mais do que eu imaginei merecer um dia e... eu te amo tanto que hoje sei... que milagres existem. — Ele limpou as lágrimas dos olhos antes de acrescentar: — Não acreditava mais, só que você, o seu amor, a sua entrega e força me fizeram entender que a vida é muito maior e...

Ele respirou fundo e eu não respirava mais, as lágrimas não deixavam.

— E você é o verdadeiro e maior milagre da minha vida — ele disse e, em seguida, me beijou de maneira profunda, e apenas nossa.

O mar do Rio de Janeiro, de azul pacífico, tornou-se uma testemunha rubra nessa manhã em que fui beijada. Muito mais do que escaldado pelo verão, ele ia iluminado na certeza dos toques que não tivemos pela distância e daqueles nascidos na permissão de que nossas almas se entregaram antes do sim.



Capítulo 55

*“If I could, then I would
I’ll go wherever you will go
Way up high or down low
I’ll go wherever you will go”
Wherever you will go – The Calling*

Daniel comprou uma casa no Jardim Botânico. Nós morávamos juntos há cinco meses.

Era um imóvel de muro médio e árvores altas, nós tínhamos frutas no quintal e brisa na rede no fim de dia. Retornava para lá com a certeza de ter encontrado não um espaço de janelas e pedras que construía uma casa, mas, sim, um lar pelo amor que nutria nossos sonhos e que semeavam raízes além do quintal.

Ele era um amante apaixonado, um amigo de qualquer hora e um porto seguro para segurar tempestades.

Daniel mostrou e reacendeu em meu coração, a certeza de muitas janelas abertas e a esperança de tantas outras que os sonhos plantados veem nascer.

Naquela tarde eu cheguei em casa um pouco mais cedo do que normalmente, sabia que era folga dele na orquestra e ele disse que queria aproveitar o dia comigo.

Abri a porta, cruzei a varanda e deixei os sapatos tomando sol no degrau antes da entrada, senti cheiro de alho e azeite. Ele estava cozinhando.

— Bom dia... hum... isso está com um cheiro delicioso — disse, o abraçando por trás.

Ele virou e deixou os lábios nos meus.

— Você é quem tem um cheiro delicioso... Com fome?

— Ainda não.

— Que bom. Então, vamos. — Ele me puxou pela mão em direção à porta. — Eu quero te mostrar uma coisa aqui perto.

— O feijão... — Apontei para o fogão com a cabeça.— vai queimar.

Ele abaixou o fogo.

— Voltamos logo.

— Ok — respondi sem ter ideia aonde iríamos.

Nem perguntei porque sabia dessa mania que ele tinha de fuçar coisas e descobrir lugares. Como bom maestro que era, ou melhor CDF, em cinco meses ele praticamente falava fluente o português. Fazia questão de tomar caipirinha todo domingo e comer feijoada com uma frequência regular. Fazia ainda mais questão de dançar um forró de pé de serra ou uma valsa do século XIX embaixo do nosso pé de manga toda noite em que as estrelas brincavam de acender o Cristo e o céu de janeiro. Eu o amava com todas as minhas forças e com alguma coisa além do explicável.

Duas quadras depois, nós paramos em frente a uma mansão centenária. Conhecia de vista, sempre achei a casa linda.

— É linda, não é? — Eu tinha certeza de que ele nunca tinha reparado na tal casa e por isso me trouxe para vê-la.

— É, é mesmo muito bonita — ele disse batendo nos bolsos de trás da calça. Tirou um molho de chaves, me olhou com um brilho no olhar e um sorriso travesso. — Vamos conhecer?

Não tive tempo de contestar, fui puxada para dentro da casa.

— O que significa isso, Daniel? — perguntei achando graça sem realmente entender, enquanto subíamos os degraus que levavam à entrada principal.

Ele pegou uma espécie de tecido colocado junto à porta de entrada. O pano estava sobre algo quadrado a alguns palmos acima do chão.

Em um movimento rápido, ele puxou o tecido.

— Significa... isso.

Olhei para ele e para a placa de bronze que trazia um entalhe de letras grandes e claras:

FUNDAÇÃO SENHORITA AURORA

Anjos de Sapatilhas

— O quê? — Meus olhos se encheram de lágrimas.

— Está tudo aprovado junto ao governo, já temos o apoio de duas empresas grandes e agora só precisamos encher essa casa de música e de crianças a quem você ensinará o amor pela dança.

— Mas, como? — eu perguntei, minhas mãos tremiam enquanto meus olhos estavam turvos de tanta emoção.

— Eu comprei a casa... e achei que você fosse gostar de ensinar alguns anjos que não tem nenhuma oportunidade, a dançar.

Eu o abracei sem dizer nada e o beijei com entrega. Ele aprofundou o beijo com uma ternura infinita e os dedos dos meus pés encolheram. Por reflexo passei as mãos pelos seus ombros e arquejei quando a língua do Daniel foi mais fundo na minha boca. Abri os olhos, me afastando um pouco.

Daniel encostou a testa na minha.

— Você quer conhecer lá dentro?

— Hum-hum... — concordei sem fôlego.

— Eu só preciso usar o banheiro — ele disse se afastando um pouco. — Me espera aqui, eu já volto.

— Ok — disse e fechei os olhos, emocionada.

— Não entre *sem mim*, hein? — ele frisou antes de sumir no interior da casa.

Encostei na grade da varanda e olhei, sorrindo, para a casa centenária de cor mostarda e janelas azuis. Inspirei devagar tentando não voltar a chorar. Eu teria uma escola minha para dar aulas a crianças carentes. Lágrimas encheram meus olhos outra vez. Respirei devagar e ouvi o barulho da fonte colocada junto às árvores no jardim.

Então, outro som preencheu minha percepção: era um piano sendo tocado. Meu coração disparou. Arregalei os olhos quando entendi que o som vinha do interior da casa, tinha certeza. Dei alguns passos nervosos e parei no batente da porta principal.

— Daniel, o que vo...? — Parei ao ver uma centena de flores em jarros e luzinhas penduradas do teto ao chão junto a cortinas de tule que pareciam dançar com o vento criando uma atmosfera de conto de fadas. Cobri a boca com os dedos quando notei que junto às flores e as luzes, havia painéis enormes colocados no hall de entrada da casa montando uma espécie de exposição de fotos. Eram fotos minhas ampliadas e do Daniel: eram fotos nossas.

— Meu Deus! — murmurei incrédula.

Eu criança, calçando sapatilhas e Daniel, criança no piano.

Meus olhos embaçaram.

Eu, na barra um pouco mais velha e Daniel tocando violão.

Minhas mãos tremiam.

Continuei andando pelo caminho de fotos, flores e tules.

Eu, na apresentação que me levou a Londres ao lado de uma foto do Daniel regendo em Nova York.

— Santo Deus! — disse depois de fungar.

Sequei as lágrimas com as costas da mão e respirei o ar de maneira entrecortada. E, em seguida, vi fotos dos ensaios do balé da Bela Adormecida e em todas elas os olhos do Daniel estavam em mim. Continuei seguindo o caminho de fotografias sem conseguir parar de chorar e de rir.

Eram fotos nossas em Londres, depois que assumimos o namoro; no apartamento dele; no teatro; em Nothing Hill. Eu dormindo na cama dele e então vi a última foto antes de uma porta dupla que estava entreaberta; era de lá que vinha o som do piano.

Me aproximei com o coração disparado e as pernas bambas, não era uma foto, mas sim um cartaz com algumas frases escritas. Limpei outra vez as lágrimas dos olhos, respirei fundo e li:

“Oi, meu anjo, entre na sala ao lado. Venha, senhorita Aurora, e encha a minha vida com a luz do seu amor.”

Cobri os olhos com as mãos e soluzei junto com uma nova música que começou a ser tocada no piano, a voz do Daniel fez meu coração rodopiar no peito. Com as mãos incertas, abri a porta e lá estava ele ao piano, cantando para mim como sempre fez. Cantando a música que ele sabia, era a que mais amava na vida.

*“Homens sensatos dizem que só os tolos se apaixonam,
mas eu não consigo evitar de me apaixonar por você.
Devo continuar?”*

Ele sorriu para mim antes de acrescentar:

“Seria um pecado, se eu não puder evitar de me apaixonar por você?”

Daniel levantou do piano e deu alguns passos se aproximando de mim. Eu estava encostada na parede junto à porta, minhas pernas tremiam tanto que eu temia não me manter em pé. Ele se abaixou, ajoelhando à minha frente.

Eu não conseguia falar nada e nem parar de chorar. Nunca em minha vida senti uma emoção como aquela, um amor tão enorme que seria capaz de iluminar o mundo inteiro.

Daniel segurou em minha mão e a beijou com ternura.

— Como um rio flui certamente para o mar, querida, é assim que funciona: algumas coisas estão destinadas a acontecer.

— Eu te amo — sussurrei.

— Nicole — Daniel beijou minhas mãos e tirou uma caixinha de dentro do bolso da calça —, você aceita se casar comigo?

Pisquei na tentativa de afugentar as lágrimas que não deixavam os meus olhos.

— Sim — respondi com a voz falha. — Sim — repeti e gargalhei junto ao choro.

Daniel abriu o estojo e deslizou a aliança no meu dedo.

— Eu te amo, minha Aurora.

E agora eu não conseguia parar de sorrir. Ele levantou e me abraçou, beijando os meus lábios com o maior amor do mundo e eu retribuí com todo o amor que um beijo apaixonado deve ter. Sabia que nossa história, assim como qualquer outra, não seria sempre perfeita, que ainda existiriam desafios a serem superados, momentos tristes com os quais teríamos que aprender a lidar e lições a serem aprendidas, mas que no final nós faríamos tudo valer a pena. Sim, eu tinha absoluta certeza que faríamos.



Epílogo

Há seis anos danço na principal companhia de balé moderno do Rio de Janeiro. Ninguém nunca disse que eu não poderia mais dançar, me disseram apenas que eu não poderia mais calçar uma sapatilha de ponta por muitas horas seguidas. Mas sabe de uma coisa?! O balé contemporâneo quase não precisa de pontas.

Eu demorei algum tempo para me ligar nisso e o meu corpo para entender que a dança nunca me deixaria por completo. Já a minha alma demorou um tempo para encontrar outro caminho de expressão. Só que eu encontrei. Achava que nunca mais sentiria um palco sobre os pés e agora?! Me arrumava para entrar no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em uma apresentação especial, onde comemoraríamos o sexto aniversário da Fundação Senhorita Aurora. Como também, já havia passado pelos principais palcos do mundo, assim como sempre sonhei.

Entendo hoje que os sonhos não nos abandonam nunca, somos nós que desistimos deles. E fazemos isso porque na grande maioria das vezes as coisas não saem como esperamos, como planejamos. Hoje sei que os desvios de caminhos que enfrentamos nos levam exatamente onde devemos chegar. E que Deus, a vida ou o universo, nos entregam aquilo que pedimos e queremos, só que muitas vezes isso acontece de uma maneira um pouco diferente daquela que imaginamos. Entendo também que o que nos mata e nos tira a alegria, não são as coisas inesperadas e os desafios que temos que superar e sim, a nossa dificuldade de encontrar nos caminhos inesperados os sonhos dos nossos corações e os presentes que estão ali, somente esperando por nós.

Olho para a foto da minha família na tela do meu celular, eles, sem dúvida nenhuma, são o maior presente que já recebi: eu, Daniel e nossos dois filhos, a pequena Nathalia e seu irmão Dante, que completaram quatro anos na semana passada. Sorrio ao lembrar que eles estarão sentados em uma das fileiras da frente junto com minha mãe e os padrinhos dos dois: a Nathy e o Paul.

Uma vez por ano, Nathalia vem nos visitar. E como nós também vamos para Londres com frequência, não dá nem tempo de sentir saudades dela.

Olho para o lado e vejo o meu grupo de dança se arrumando para entrar no palco. É uma noite especial, a orquestra sinfônica vai tocar para os alunos da fundação dançarem e o corpo de balé moderno do Rio vai dançar junto com eles. É uma noite de gala, patrocinada pelos nossos investidores e com o apoio do governo da cidade.

Retoco o batom e minhas mãos tremem um pouco. Culpa da adrenalina presente antes de qualquer

apresentação. Só que essa em particular faz meu coração disparar mais que normalmente. Daniel estará em cima do palco: ele e uma guitarra acompanhado pela orquestra. O número foi ideia do meu marido e de um amigo que produz o *Cirque de Soleil*, em Las Vegas. Eu vou dançar *While My Guitar Gently Weeps* e...

— Mamãe? — Viro em direção à voz conhecida.

É a minha menininha que acabara de entrar no camarim segurando um arranjo de flores maior do que ela.

— Papai mandou para você — ela diz e estende o arranjo.

Pego o buquê sentindo as lágrimas escorrerem por meu rosto.

— No fim, você realmente conseguiu domar a fera — Nathalia, minha amiga, brinca sorrindo.

Coloco o arranjo sobre a mesa e me levanto abraçando as duas.

Nathy segura a mão da minha filha.

— Merda pra você — diz Nathy, antes de sair. — Vamos voltar para os nossos lugares, daqui a pouco a campainha toca e estaremos aqui dentro e...

A voz da minha amiga se perde pelos corredores de trás do palco. Eu vou até a bancada e pego o cartão que veio junto com as flores. Abro o envelope branco com os dedos incertos. Antes mesmo de ler, eu já estou emocionada:

“Senhorita Aurora,

Para te lembrar que você é a mais amada bailarina do mundo. Para te lembrar também que apesar da plateia estar lotada e mesmo com centenas de olhos admirando os seus movimentos, quero que saiba que, mais uma vez, eu cantarei apenas para você.

Para sempre seu,

Daniel Hunter.”

Querido leitor,

Quando decidi escrever sobre o relacionamento de um casal sorodiferente, não imaginava o quanto aprenderia e quanto eu me envolveria com essa realidade que hoje, graças a esse romance, enxergo de outra maneira.

Mergulhei em um processo de pesquisa grande: li vários estudos publicados, conversei com médicos infectologistas e com pessoas que vivem essa realidade. Fiz isso, para embasar com dados científicos e reais o que foi colocado no livro.

O casal sorodiferente, que é citado pelo Paul, médico e namorado da Nathalia (amiga da protagonista), que vive juntos há anos e tem filhos, foi um dos relatos reais que eu encontrei durante esse trabalho. Sim, hoje é possível através da reprodução assistida, casais sorodiferentes (especialmente homem + / mulher -), terem filhos sem HIV. Os filhos do Daniel e da Nicole são gêmeos, isso pode acontecer quando se insemina artificialmente.

O Daniel se trata com os novos antirretrovirais, assim ele mantém a taxa de vírus no seu sangue praticamente zerada, o que, para pacientes que se cuidam, mantém uma alimentação saudável, fazem exercícios e não se estressam, pode significar uma vida bastante longa e com uma boa qualidade. Daniel teve o diagnóstico precoce e se ele manter o tratamento correto, isso pode igualar a sua expectativa de vida a de pessoas sem HIV. Devo mencionar que os principais problemas da atualidade são os efeitos colaterais decorrentes do uso a longo prazo dos medicamentos e não da doença em si. Esses, vão variar de pessoa para pessoa, de caso para caso. Existem pacientes que mesmo se tratando há muitos anos, não apresentam efeitos adversos ou colaterais.

O que a Nicole fala de se sentir segura junta ao Daniel é a afirmação dos médicos infectologistas na atualidade. Além deles usaram sempre a camisinha, Daniel se tratando com os mais modernos antirretrovirais e mantendo assim, a sua taxa do vírus HIV indetectável, diminui bastante o risco de contágio em caso de acidentes com a camisinha durante as suas relações.

“Além disso, a profilaxia pré-exposição já está em fase de testes e, de acordo com estudos preliminares, reduz em 94,9% as chances de infecção (indicada somente em casos de acidentes). Se tudo correr bem, a terapia com esse medicamento, chamado Truvada, pode representar uma nova revolução no tratamento da doença, por ser mais uma alternativa de prevenção do vírus.” (<http://blogs.tribuna.com.br/amordemae/2015/02/casais-sorodiscordantes-podem-ter-filhos-sem-hiv/>)

Mesmo assim, Daniel faz exames mensais para checar a taxa de vírus no seu sangue e Nicole sabe que terá que fazer exames a cada três meses, para ter certeza de que os métodos preventivos estão dando os resultados esperados, é como eles se sentem mais seguros para viverem essa realidade.

Eles têm esperança de que as coisas possam ficar ainda melhores, isso porque mais de 44 novos remédios e vacinas estão em testes atualmente no mundo. Há, para o meio científico, uma boa

expectativa de que a cura do HIV não esteja muito distante de ser alcançada.

Gosto de acreditar que o Daniel é um dos afortunados, que terá uma vida longa e saudável e que nunca manifestará a doença. Também gosto de acreditar que a cura e a vacina estão próximas a serem encontradas e que as 30 milhões de pessoas que vivem com HIV hoje no mundo, poderão ver isso se tornar realidade, em um futuro não tão distante.

Pude perceber que, apesar de todo o avanço da ciência com relação ao tratamento e a diminuição do risco de contágio, um dos grandes problemas ainda enfrentado por pessoas que vivem com o HIV é o medo de revelar a sua condição às outras pessoas, assim como acontece com o Daniel. O medo da rejeição, do preconceito, de ficar sozinho e de ser visto, não como um ser humano que, por infelicidade da vida ou de suas escolhas, contraiu uma doença grave e sim como o próprio vírus.

Volto a frisar que mesmo diante de todos os avanços com relação ao tratamento e ao contágio do HIV, e apesar de ser considerada uma doença que pode ser controlada (na grande maioria dos casos) e não mais fatal, o HIV é uma doença crônica e a melhor maneira de se evitar o contágio ainda é o sexo com uso do preservativo, ou o sexo seguro, assim como praticam os nossos protagonistas.

Desejo de coração que a informação seja o maior combate a qualquer tipo de preconceito e que o amor seja sempre o maior aliado em todas as escolhas das nossas vidas.

Com carinho,

Babi A. Sette.

Playlist

Escute aqui: [SENHORITA AURORA - Spotify](#)

Bring Me To Life – Evanescence

Falling Slowly – The Swell Season

London Calling- Remastered – The Clash

Don't Stop Me Now – Queen

How Soon Is Now? – 2011 Remastered – The Smiths

Friday I'm in Love – The Cure

Something – Remastered – The Beatles

Wait For Me – Kings of Leon

Hold On, We're Going Home – Drake Majid Jordan

Let's Dance- 1999 Remastered – David Bowie

My Sacrifice - Creed

My Sacrifice – Boyce Avenue

Take Me Out – Franz Ferdinand

Here With Me – The Killers

Runaway – Linkin Park

The Ghost of You – My Chemical Romance

Wish you Were Here – Avril Lavigne

Nothing Else Matters – Metallica

Even Flow – Pearl Jam

Open Your Eyes – Snow Patrol

What's Up? – 4 Non Blondes

Night and Day 1998 Digital Remastered – Frank Sinatra

Falling Slowly – Glen Hansard and Marketa Irglova

Regret – 2015 Remastered Version – New Order

The Wolf – Fever Ray

November Rain – Guns N’ Roses

Kashmir – Led Zeppelin

Trying Not To Love You – Nickelback

Holiday/Boulevard Of Broken Dreams – Green Day

The Girl – City and Colour

My Heart – Paramore

Enjoy the Silence – Remastered – Depeche Mode

Let Her Go – Passenger

Unstoppable – Lianne La Havas

I Want To Hold Your Hand – Remastered – The Beatles

I Want To Hold Your Hand (Glee) – Glee Cast

Shake It Out – Florence and The Machine

Sex on Fire – Kings of Leon

Firestone – Kygo, Conrad Sewell

You Only Live Once – The Strokes

Wicked Game – Stone Sour

The Unforgiven – Metallica

One – U2

Resistance – Muse

No Angel – Birdy

Save Me – Muse

Numa Sala de Reboco – Dominginhos

Danúbio Azul – Gran Orquesta de Viena

The Old Ways – Loreena McKennitt

Sonata nº 14 “ Moonlight” in C-Sharp Minor, Op. 27 nº2: I. Adagio Sostenuto – Ludwig Van Beethoven/ Paul Lewis

Pais e Filhos – Legião Urbana

Romeo and Juliet – The Killers

Everybody Hurts – R.E.M

Stay – Thirty Seconds to Mars

1000 Times – Sara Bareilles

Memory – Study Focus

Total Eclipse of The Heart – Bonnie Tyler

Can't Help Falling in Love – Haley Reinhart

Bridge over Troubled Water – Elvis Presley

Secrets – OneRepublic

While My Guitar Gently Weeps – Remastered 2009 – The Beatles

Wherever You Will Go – The Calling

Gravity – Sara Bareilles

Stop Crying Your Heart Out – Oasis

Behind Blue Eyes – The Who

Whataya Want From Me – Adam Lambert

Too Many Tears – 2003 Remastered – David Coverdale, Whitesnake

Iris – The Goo Goo Dolls

Fix You – Coldplay

Gravity – John Mayer

Love me Tender – Elvis Presley

Salvation – Gabrielle Aplin

Bitter Sweet Symphony – The Verve

Humans – The Scene Aesthetic

Closing Time – Semisonic

Oceans – Seafret

The Scientist – Coldplay

I Was Born To Love You – Queen

Agradecimentos

Esse livro só existe, só chegou até vocês por causa de muitas pessoas.

Obrigada demais, muito mesmo a vocês, meus leitores amados, vocês transformam os sonhos dos meus personagens em realidade, foram vocês que me incentivaram a tirar essa história da gaveta e embarcar no universo da *Amazon.com*, amo vocês.

Thais Turesso, assessora-super-ultra-essencial, você torna esse caminho muito melhor e mais fácil.

Obrigada, Laura Aguiar, por ser muito mais do que uma amiga-beta-leitora, como é fundamental contar com você. Eu, meus personagens, minhas histórias e eu (risos) agradecemos infinitamente.

Cinthia Freire, amiga e autora tão talentosa que eu tenho a sorte, a honra e o privilégio de chamar de amiga. Foi o seu carinho por essa história que ajudou ela a se tornar o que se tornou. Dani é muito seu... você sabe, né?

Ana Paula Lima, Mirela Motta, Silvia Lima, Adriana Barelli, Rubens Gonçalves, Vanessa Nunes, Maria Carolina Cuenca e Vanessa Fiori: Uau, que time de amigos e betas sensacional! Obrigada demais, gente, as ideias e dicas de vocês ajudaram esse romance a existir. Fiori, a playlist que você fez no *Spotify* é minha companhia constante, obrigada.

A cada leitor que me indicou músicas incríveis tendo participado ou não da lista interna do livro, vocês são os melhores e garantiram música boa por, pelo menos, um ano inteiro.

Carla Fernanda, o que dizer para uma editora que pega uma história que (a meu entender já estava mais do que pronta) e faz você extrair dela tudo o que ela ainda tem para dar. Você tem um dom lindo, siga fazendo isso. Obrigada demais por me cutucar, por me instigar, por me desafiar, por me levar a atravessar a zona de conforto, por fazer Dani e Nicole crescerem ainda mais. Muito obrigada mesmo.

A querida e super talentosa Cristiane Saavedra, a diagramadora deste romance. Você foi nota um milhão e deixou o livro mais que perfeito. Obrigada pelas ideias, posts, pelos ajustes e pela paciência. Conhecer você foi um presente.

Marina Ávila, obrigada por ser a melhor capista do mundo.

Ao meu amigo Rafael que tem nome de anjo, obrigada por fazer parte da minha realidade. O seu exemplo inspirou muita coisa nesse romance.

E por fim: Lembro até hoje da noite em que Nicole e Daniel nasceram. Estava jantando em um restaurante com meu marido, enquanto meus pensamentos iam longe.

— O que foi? — meu marido perguntou.

— Uma bailarina e um maestro querendo nascer — respondi distante.

— Hum.. legal.

— Ele é cego.

— Sério? — meu marido perguntou surpreso.

— Só que... não é isso. Ele tem alguma coisa, mas não é cegueira, eu só não sei o quê.

— Câncer?

— Não — respondi. — Deixa, uma hora vem.

— E se ele tivesse... — E o resto você sabe, não é, meu amor?! Obrigada por me inspirar todos os dias e por acreditar na vida dos meus personagens. Te amo cada dia mais.

Malu, você foi a primeira (leitora-ouvinte) do *Senhorita Aurora*. Lembro da sua vibração. Nunca vou esquecer o desenho do Daniel e da Nicole que você fez pouco depois. Você ainda é pequena para entender que a mamãe teve que pular certas partes quando te contava essa história, mas cada segundo das suas reações vão ser lembrados para sempre. Em breve, poderei te ler ele na íntegra, não vejo a hora. Você é minha maior criação. Amo você demais.

E meu Deus, muito, muito, muito obrigada por me inspirar a contar histórias. Eu amo fazer isso com todo o meu coração e com toda a minha alma.

Biografia



BABI A. SETTE autora de sucesso de crítica e público é formada em Comunicação Social. Seus romances já publicados contam com mais de uma edição e diversas reimpressões, arrebatando milhares de fãs por todo o Brasil.

Babi, sente-se metade psicóloga; e outra socióloga. Ama viajar, conhecer pessoas e descobrir lugares. Apaixonada por romances de época, jura que viveria feliz também no século XIX. Atualmente, mora em São Paulo com o marido, a filha, um cachorro, um gato e seus personagens.

Na mídia:

<http://www.publishnews.com.br/materias/2016/08/19/babi-a.-sette-e-o-destaque-da-novo-seculo-nessa-bienal>

<http://todateen.com.br/leretdb/entrevista-babi-sette-autora-entre-amor-silencio/>

<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/08/publico-lota-bienal-do-livro-no-anhembi-neste-sabado.html>

Outros romances da autora: (publicados pela Novo Século Editora)

<http://www.babiasette.com.br/livros/>

Mais informações: www.babiasette.com.br

1 Gamzatti é uma personagem do balé clássico. La Baydére.

2 Merda!

3 Isso não é possível, incompetentes!

4 Movimento do balé clássico.

5 Movimento do balé clássico.